



Victoria Holt

A Máscara da Sedutora

**BEST
SELLERS**

ABRIL
CULTURAL



Victoria Holt

A Máscara da Sedutora

(The Mask of the Enchantress)

Formatação/Conversão ePub:
Reliquia

Digitalização:
Marina

Revisão:
Marlene C

*UM EXTRAORDINÁRIO ROMANCE DE AMOR E SUSPENSE!
UMA ESCRITORA QUE JÁ VENDEU MAIS DE 50 MILHÕES
DE EXEMPLARES EM TODO O MUNDO!*

Título original: *The Mask of the Enchantress*

© Copyright 1980, by Victoria Holt.

© Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural, São Paulo, 1985.

Publicado sob licença de Victoria Holt através de A. M. Heath
and Co. Ltd., Londres, e Distribuidora

Record de Serviços de Imprensa S.A., Rio de Janeiro.
Tradução publicada sob licença da Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S.A., Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

CAPÍTULO 1

Três desejos numa floresta encantada

Caí numa armadilha. Estou presa numa teia de aranha, e me dá muito pouco alívio saber que a teia foi tecida por mim mesma. Quando penso na extensão do que fiz, fico tomada de um terror paralisante. Fui muito má, eu sei; talvez tenha-me comportado de forma criminoso. E toda manhã, quando acordo, sinto uma nuvem pesada sobre mim e me pergunto que novos desastres me estarão reservados para aquele dia.

Gostaria muitas vezes de nunca ter ouvido falar em Susannah, Esmond e os outros... principalmente Susannah. De nunca ter visto o Castelo Mateland, tão nobre, tão gracioso, com seu imponente pórtico, suas paredes e ameias cinzentas, como que saído de um romance medieval. Então nunca teria sido tentada.

No início, tudo pareceu tão fácil e eu fiquei desesperada.

— Aquele velho Demônio ficará nos seus calcanhares tentando você — dissera-me minha velha amiga Cougaba, na Ilha Vulcão.

Era verdade. O Demônio tinha-me tentado, e eu sucumbira à tentação. É por isso que estou aqui no Castelo Mateland, presa e desesperada, buscando uma saída para uma situação que a cada dia que passa torna-se mais e mais perigosa.

Tudo aconteceu há muito tempo — na verdade, começou antes de eu nascer. É a história de meu pai e minha mãe; é também a história de Susannah e a minha. Mas quando comecei a ficar ciente de que havia alguma coisa estranha comigo, só tinha seis anos de idade.

Passei meus primeiros anos em Crabtree Cottage, no vilarejo verde de Cherrington. A igreja dominava a região, com um lago no centro, para onde os homens mais velhos iam, nos dias bonitos, sentar-se nos bancos de madeira para passar a manhã conversando. Havia também um mastro sobre o gramado e, na festa da primavera, os moradores escolhiam uma rainha, em comemorações maravilhosas. Eu observava tudo pelas frestas das persianas de madeira da janela da sala de visitas, quando podia escapar dos olhos severos de Tia Amélia.

Tia Amélia e Tio William eram muito religiosos, e diziam que o mastro devia ser retirado e que aquelas cerimônias pagãs deviam terminar; mas eu gostava de saber que aquela não era a opinião minha ou a dos outros.

Como eu ansiava por estar lá fora, trazendo o verde das matas, segurando um dos cordões e dançando à volta do mastro com os foliões da festa da primavera. Achava que devia ser o máximo da glória ser escolhida a rainha de maio. Mas era preciso ter pelo menos 16 anos para se qualificar àquela honra, e eu, naquela época, ainda não tinha seis.

Aceitei minha forma estranha de vida e supus que continuaria assim por algum tempo, se não fosse pelos movimentos e insinuações que via e ouvia a meu redor. Uma vez ouvi Tia Amélia dizer:

— Não sei se fizemos bem, William. A Srta. Anabel me implorou e eu cedi.

— O dinheiro está aí — lembrou o Tio William.

— Mas é um pecado intolerável, é isso.

Tio William assegurou-lhe que ninguém poderia dizer que eles tivessem pecado.

— Nós fechamos os olhos a uma pecadora, William — insistiu ela.

O marido respondeu que não os podiam culpar de nada. Tinham feito aquilo para o qual eram pagos, e podia ser que conseguissem tirar uma alma do inferno.

— Os pecados dos pais recaem sobre os filhos — lembrou Tia Amélia.

Ele fez que sim e saiu para seu depósito de lenha, onde estava esculpindo uma manjedoura para a igreja, no Natal.

Comecei a perceber que Tio William era menos preocupado em ser bom do que Tia Amélia. Ele sorria vez por outra — na verdade, era um sorriso meio torcido, como se estivesse envergonhado de sorrir, mas que, de quando em quando, ameaçava sair — e, certo dia, quando me descobriu olhando pelas venezianas para os festejos da primavera, deixou a sala sem dizer nada.

É claro que estou escrevendo depois de um hiato de anos, mas acho que comecei a perceber muito cedo que havia alguma especulação sobre mim, no vilarejo de Cherrington. Tio William e Tia Amélia eram um casal incongruente para ficar a cargo de uma criança.

Matty Grey, que morava em um dos chalés da região e que costumava sentar-se à sua porta nos dias de verão, era conhecida como um "personagem" do vilarejo. Eu gostava de conversar com Matty sempre que podia. Ela sabia disso e, quando eu me aproximava, a mulher fazia estranhos ruídos chiados, e seu corpo gordo balançava, com seu modo de rir. Ela acenava e me pedia para me sentar a seus pés. Ela me chamava de "pobrezinha" e pedia a seu neto Tom que fosse

simpático com a pequena Suewellyn.

Eu gostava bem do meu nome. Vinha de Susan Ellen. O *w*, creio, foi colocado por causa dos dois *ee* juntos. Havia muitas Ellens em nosso vilarejo e uma Susan chamada de Sue. Mas Suewellyn, eu era a única.

Tom obedecia a sua avó. Fazia com que as outras crianças parassem de implicar comigo por eu ser diferente. Eu ia à escola que era dirigida por uma senhora que tinha sido governanta de uma mansão, onde ensinara a filha de um nobre; mas quando a moça não precisou mais de seus serviços ela arranhou uma casa pequena, próxima da igreja, e abriu uma escola aonde iam as crianças da aldeia, inclusive o filho da filha do nobre, Anthony. Ele teria um tutor, quando estivesse um ano mais velho, e depois iria para outra escola. Éramos uma comunidade mista, que se juntava na sala da frente da Srta. Brent; rabiscávamos nossas letras em bandejas de areia com pauzinhos de madeira e cantávamos nas mesas. Éramos 20, dos cinco aos 11 anos, e cursávamos anos diferentes; alguns terminavam os estudos aos 11, outros iam mais além. Afora o herdeiro do nobre, havia as filhas do médico, três filhos de um fazendeiro local e outros, como Tom Grey. Dentre eles, eu era a única diferente.

O fato é que havia algum mistério em relação a mim. Eu tinha chegado à aldeia certo dia quando era bebê. A chegada da maioria das crianças era um acontecimento muito discutido antes que o recém-nascido realmente aparecesse. Eu era diferente. Vivía com o casal menos apropriado para ter a guarda de uma criança. Estava sempre bem vestida e, às vezes, usava roupas mais caras do que o *status* de meus guardiães permitia.

Havia também as visitas. Uma vez por mês *Ela* vinha.

Ela era bonita. Chegava ao chalé na charrete da estação, e eu era mandada à sala para vê-la. Sabia que era uma ocasião importante, porque a sala só era usada em ocasiões muito especiais — quando o vigário nos visitava, por exemplo. As persianas eram sempre arriadas para não deixar entrar o sol, de medo que os tapetes pudessem desbotar ou os móveis estragar. Havia uma atmosfera de santidade em tudo aquilo. Talvez fosse o quadro de Cristo na cruz ou o de Santo Estêvão, acho que era, com várias flechas entrando em seu corpo e o sangue saindo de seus ferimentos, ao lado de um retrato da Rainha quando jovem, de ar muito severo, desdenhoso e desaprovador. A sala me deprimia, e era apenas o atrativo de ocasiões como a festa da primavera que me tentava a espiar pelas frestas o regozijo no gramado.

Mas quando *Ela* estava lá, a sala se transformava. Suas roupas eram

maravilhosas. Usava blusas que sempre pareciam ser enfeitadas de fitas e babados, saias compridas em forma de sino e chapeuzinhos enfeitados de penas e laços de fita.

Ela sempre dizia: "Alô, Suewellyn!", como se estivesse um pouco encabulada comigo. Então, estendia a mão e eu corria para segurá-la. Levantava-me em seus braços e me estudava cuidadosamente, a ponto de eu pensar se o repartido do meu cabelo estava certo e se me tinha lembrado de lavar por trás das orelhas.

Sentávamo-nos lado a lado no sofá. Eu, de um modo geral, detestava o sofá. Era feito de crina e pinicava minhas pernas através das meias, mas não notava nada disso quando ela estava lá. Fazia-me uma porção de perguntas, todas sobre mim. O que eu gostava de comer? Sentia frio no inverno? O que estava fazendo no colégio? Todos eram bons para mim? Quando aprendi a ler, ela quis que eu mostrasse se podia ler bem. Punha seus braços à minha volta e me apertava com força, e quando a charrete chegava para levá-la de volta à estação, ela me abraçava e parecia que ia chorar.

Era muito envaidecedor, pois, embora ela conversasse algum tempo com Tia Amélia, ocasião em que eu era mandada para fora da sala, parecia mesmo que suas visitas eram especialmente para mim.

Depois que ela saía, a casa parecia diferente. Tio William ficava com um ar de quem está fazendo força para não sorrir, e Tia Amélia andava e murmurava consigo mesma:

— Eu não sei, eu não sei.

As visitas eram notadas na aldeia, é claro. James, que guiava a charrete, e o chefe da estação cochichavam juntos sobre ela. Mais tarde, dei-me conta de que tiravam suas conclusões sobre o assunto, que quase podiam ser chamadas obscuras, e não tenho dúvida de que eu devia ter sabido mais cedo, mas havia a recomendação de Matty Grey a seu neto, e este tomava conta de mim. Tom havia deixado bem claro que eu estava a seus cuidados, e qualquer um que me ofendesse teria que se entender com ele. Eu gostava de Tom, embora ele nunca se dignasse a falar muito comigo. Para mim, contudo, ele era meu protetor, meu cavaleiro medieval de armadura brilhante, meu Lohengrin.

Mas nem mesmo Tom conseguia evitar que as crianças se juntassem e cochichassem sobre mim. Certo dia, Anthony Felton notou a pinta logo debaixo da minha boca, do lado direito do queixo.

— Olhem só a marca do rosto de Suewellyn — gritou. — Foi aí que o

Diabo a beijou.

Todos ouviram com os olhos bem abertos, enquanto ele lhes dizia como o Diabo vinha à meia-noite e escolhia os que queria. Depois os beijava e deixava a marca onde tinha encostado.

— Bobo — falei, — Montes de pessoas têm pintas.

— Existem umas especiais — retrucou Anthony, sombriamente. — Eu sei reconhecer quando vejo. Uma vez vi uma feiticeira que tinha uma igual a essa, bem perto da boca... Está vendo?

Eles todos me olharam com horror.

— Ela não parece feiticeira — aventurou Jane Motley. E eu estava certa de que não parecia, com meu vestido formal de sarja e meu cabelo castanho alisado para trás da testa e preso no alto da cabeça, formando duas tranças amarradas com uma fita azul-marinho. Estilo bonito e sóbrio, como comentava freqüentemente Tia Amélia, quando eu queria usar cabelo solto.

— As feiticeiras mudam de forma — explicou Anthony.

— Sempre soube que havia alguma coisa de diferente com Suewellyn — disse Gill, a filha do ferreiro.

— Como o... o Diabo é? — perguntou alguém.

— Não sei — respondi. — Nunca o vi.

— Não acreditem nela — disse Anthony Felton. — Lá está a marca do Diabo nela.

— Você é bobo — falei — e ninguém lhe prestaria atenção se você não fosse neto de nobre.

— Feiticeira — disse Anthony.

Tom não estava no colégio naquele dia. Tinha ido ajudar a colher batatas para seu pai.

Eu estava com medo. Todos me olhavam de um modo tão estranho que me senti subitamente isolada, como se fosse diferente do rebanho.

Era um sentimento estranho — exultação, de certa forma, por ser diferente e, de outra, medo.

A Srta. Brent entrou naquela hora e pararam os cochichos, mas, quando terminaram as aulas do dia, saí correndo do colégio. Tinha medo daquelas crianças.

Era devido a alguma coisa que vira em seus olhos. Realmente acreditavam que o Diabo tinha-me visitado durante a noite e posto sua marca em mim.

Corri pelo prado na direção em que Matty Grey ficava sentada. Ao lado dela havia um vasilhame de meio litro, e seus braços estavam cruzados por cima do colo. Ela me chamou:

— Para onde você está correndo... como se estivesse com o Diabo atrás de você?

Um medo frio me atingiu. Olhei por trás dos ombros. Matty caiu na gargalhada.

— É só um modo de falar. Não existe nenhum Diabo atrás de você... Por que está com tanto medo?

Sentei-me a seus pés.

— Onde está Tom? — perguntei,

— Ainda colhendo batatas. É uma boa colheita este ano. — Ela molhou os lábios. — É difícil encontrar coisa melhor do que uma boa batata. Toda quente e farinhenta dentro da casca marrom. Não há nada igual, Suewellyn.

— É a pinta do meu rosto — falei.

Ela me examinou sem se mexer.

— O que é isso? — falou. — Oh, é uma bela pinta, lá isso é.

— Eles dizem que foi onde o Diabo me beijou.

— Quem disse?

— No colégio.

— Eles não têm o direito de dizer isso. Vou contar a Tom. Ele os fará parar.

— Por que está aí, então, Matty?

— Oh, às vezes é de nascença. As pessoas nascem com todos os tipos de coisas. A prima da minha tia nasceu com uma coisa que parecia um punhado de morangos no rosto... porque a mãe dela teve desejo de morangos antes de ela nascer.

— Que desejo terá tido minha mãe para que eu nascesse com uma marca como esta no rosto?

Fiquei pensando: e onde está minha mãe? Essa era outra coisa estranha a meu respeito. Eu não tinha mãe. Não tinha pai. Havia órfãos na aldeia, mas eles

sabiam quem tinham sido os pais. A diferença é que eu não sabia.

— Bem, não se pode saber, pode? — disse Matty, consolando-me. — Todos nós temos essas coisas aqui e ali. Sei de uma menina que nasceu com seis dedos. E aquilo não era fácil de esconder. O que é uma mancha que ninguém reparou antes? Vou dizer-lhe uma coisa. Acho que fica muito bonita aí. Há pessoas que fazem força para ter uma. Escurecem-na para chamar atenção sobre ela. Você não deve preocupar-se com isso.

Matty era uma das pessoas mais confortantes que conheci em minha vida. Estava tão contente com sua sorte, que, afinal, lhe bastava para viver aquele pequeno chalé. "Um canto aqui, outro canto ali, um pequeno quarto nos fundos, onde posso lavar e passar, e uma latrina no fundo do quintal", era como ela descrevia sua casa. Ficava ao lado da de seu filho, o pai de Tom.

— Perto, mas não tão próximo — costumava dizer —, é assim que deveria mesmo ser.

E que os dias fossem bastante secos para que ela pudesse sentar-se à porta e ver o que estava acontecendo, era tudo o que pedia.

Tia Amélia podia deplorar o fato de ela se sentar à porta e dar um tom especial à região, mas Matty vivia a vida que queria e tinha atingido uma felicidade que poucas pessoas alcançam.

Quando fui ao colégio no dia seguinte, Anthony Felton veio a mim e murmurou no meu ouvido:

— Você é uma bastarda.

Olhei fixo para ele. Tinha ouvido aquela palavra como xingamento e estava pronta a lhe dizer o que pensava dele. Mas Tom apareceu naquele instante, e Anthony esgueirou-se logo.

— Tom — murmurei —, ele me chamou de bastarda.

— Não se importe — disse Tom, acrescentando misteriosamente: — Não é o tipo de bastarda que está pensando.

Isso me confundiu muito na época.

Dois ou três dias antes do meu sexto aniversário, Tia Amélia me levou à sala de visitas para conversar comigo. Era uma ocasião muito solene, e eu esperava agitada pelo que ela iria dizer-me.

Era o primeiro dia de setembro, e um raio de sol conseguira penetrar pelas

frestas das persianas, que não tinham sido bem fechadas. Posso ver tudo muito claro agora: o sofá de crina; as cadeiras de crina combinando, que, graças a Deus, eram pouco usadas para sentar, com os paninhos colocados cerimoniosamente no espaldar; a papeleira no canto, com os enfeites que eram limpos uma vez por semana; os retratos de santos na parede e o da jovem Rainha com olhar desagradável, com os braços cruzados e a fita da Ordem da Jarreteira sobre seus ombros altos. Não havia alegria naquela sala, e era por isso que o raio de sol parecia tão fora de lugar. Eu estava certa de que Tia Amélia repararia nele e fecharia a janela logo.

Mas ela não fechou. Estava claramente preocupada e bastante apreensiva.

— A Srta. Anabel vem no dia três — disse ela.

Dia três de setembro era o dia do meu aniversário. Esfreguei as mãos e esperei. A Srta. Anabel sempre vinha no dia do meu aniversário.

— Ela está pensando em lhe fazer um convite.

Meu coração começou a bater depressa. Esperei sem respirar.

— Se você for boazinha — falou Tia Amélia. Era a condição de sempre, por isso não prestei muita atenção. Ela continuou: — Você vai usar suas roupas de domingo, embora seja uma quinta-feira.

Usar roupas de domingo numa quinta-feira parecia uma coisa muito importante.

Seus lábios achavam-se firmemente fechados. Eu podia ver que ela não aprovava o encontro.

— Vai sair com você durante o dia.

Eu estava maravilhada. Quase não podia conter-me. Queria balançar para frente e para trás na cadeira de crina.

— Temos que nos certificar de que tudo vai correr bem — disse Tia Amélia. — Não gostaria que a Srta. Anabel pensasse que nós não a educamos como uma pessoa fina.

Eu disse logo que tudo iria correr bem. Não me esqueceria de nada que me fora ensinado. Não falaria de boca cheia. Teria meu lenço pronto em caso de necessidade. Não iria cantarolar. Sempre me lembraria de esperar para falar depois que falassem comigo.

— Muito bem — disse Tia Amélia.

Mais tarde, ouvi-a falando com Tio William:

— O que ela está pensando? Não gosto disso. Não é próprio para a menina.

O grande dia chegou. Meu sexto aniversário. Eu estava com minhas botas pretas de amarrar e meu casaco azul-escuro, com um vestido de algodão por baixo. Usava luvas azul-escuro e um chapéu de palha com um elástico embaixo do queixo.

A charrete chegou da estação com a Srta. Anabel, e quando voltou eu também estava nela.

A Srta. Anabel mostrava-se diferente naquele dia. Veio-me à cabeça que ela devia ter medo da Tia Amélia. Ria e segurava minhas mãos, dizendo por duas ou três vezes:

— Isso é ótimo, Suewellyn.

Tomamos o trem sob os olhares curiosos do chefe da estação, e logo partimos. Não me lembro de ter estado antes num trem, e não sabia o que me excitava mais, se o som das rodas que pareciam cantar uma canção alegre ou os campos e matas que passavam rapidamente; mas o que me dava mais prazer era a presença da Srta. Anabel bem junto a mim. A todo instante, ela apertava minha mão.

Havia muitas perguntas que eu gostaria de fazer à Srta. Anabel, mas lembrei-me da minha promessa à Tia Amélia de me comportar de modo a parecer uma criança bem-educada.

— Você está quieta, Suewellyn — disse a Srta. Anabel. Então, expliquei que não devia falar antes que falassem comigo.

Ela riu; tinha um tipo de risada borbulhante que me fazia ter vontade de rir toda vez que a ouvia.

— Oh, esqueça disso — falou. — Quero que fale comigo toda vez que tiver vontade. Quero que me diga exatamente tudo que lhe vier à cabeça.

Por incrível que pareça, com a proibição suspensa, minha língua ficou presa. Eu disse:

— A senhora me pergunta e eu respondo.

Ela pôs os braços à minha volta e me apertou.

— Quero que você me diga se está feliz — disse ela. — Gosta do Tio William e da Tia Amélia, não gosta?

— Eles são muito bons — respondi. — Acho que Tia Amélia é melhor do

que Tio William.

— Ele é mau para você? — perguntou ela, rapidamente.

— Oh, não. É melhor, de certa forma. Mas Tia Amélia é tão boa que é difícil para ela ser gentil. Ela nunca ri... — Parei porque a Srta. Anabel riu muito, e parecia que eu estava dizendo que ela não era gentil. Ela simplesmente me abraçou e falou:

— Oh, Suewellyn... você é realmente uma menina tão pequenininha.

— Não sou, não — retruquei. — Sou maior do que Clara Feen e Jane Motley. E elas são mais velhas do que eu.

Anabel me abraçou e me apertou, de modo que não pude ver seu rosto, e acho que ela não queria que eu visse. O trem parou e ela saltou.

— Vamos descer aqui — falou.

Pegou minha mão e saímos do trem. Quase que corremos pela plataforma. Do lado de fora, havia uma charrete com uma mulher sentada.

— Oh, Janet — gritou a Srta. Anabel. — Sabia que você viria.

— Não é direito — disse a mulher, olhando para mim. Tinha o rosto pálido e o cabelo castanho caindo do lado do rosto e preso num coque atrás. Usava uma boina marrom com uma fita amarrada embaixo do queixo, e me fez de repente lembrar o Tio William, porque eu percebia que ela se refreava para não rir. — Então é esta a criança, senhorita — disse ela.

— Esta é Suewellyn — respondeu a Srta. Anabel.

Janet estalou a língua.

— Não sei por que eu... — começou ela. — Janet, vai divertir-se muito. O cesto está aí?

— Como a senhora mandou.

— Vamos, Suewellyn — disse a Srta. Anabel. — Suba. Vamos dar uma volta.

Janet sentou-se na frente, segurando as rédeas. A Srta. Anabel e eu ficamos atrás. Ela segurou minha mão com força e riu de novo.

A charrete partiu, e logo estávamos passando por uns caminhos arborizados. Queria que aquilo continuasse eternamente. Era como que pisar num mundo encantado. As árvores estavam começando a mudar de cor, havia uma leve neblina

no ar que tornava o sol nublado, o que parecia dar um certo mistério à paisagem.

— Você está bem quente, Suewellyn? — perguntou a Srta. Anabel.

Fiz que sim, com alegria. Não queria falar. Tinha medo de quebrar o encanto, medo de acordar na cama e descobrir que estivera sonhando com tudo aquilo. Tentava segurar cada momento e mantê-lo, dizendo para mim mesma, *agora*. É sempre agora, é claro, mas eu queria que aquele momento de agora ficasse comigo para sempre.

Quase não podia suportar minha excitação, quase não podia suportar minha felicidade.

Quando a charrete parou de súbito, dei um suspiro de desaponto. Mas havia ainda mais.

— É este o lugar — disse Janet. — E, Srta. Anabel acho que é muito perto para ser seguro.

— Oh, pare com isso, Janet. É perfeitamente seguro. Que horas são?

Janet consultou o relógio preso à sua blusa de veludo riscadinho.

— Onze e meia — disse.

A Srta. Anabel fez que sim.

— Tire o cesto — falou. — Apronte tudo. Suewellyn e eu vamos dar uma volta. Você quer, não quer, Suewellyn?

Fiz que sim com a cabeça. Gostaria de tudo que compartilhasse com a Srta. Anabel.

— Mas tenha cuidado, senhorita — disse Janet. — Se for vista...

— Não seremos vistas. Claro que não. Não vamos assim tão perto de lá.

— Espero que não.

A Srta. Anabel pegou minha mão e saímos andando.

— Ela parece estar um pouco zangada — falei.

— Ela é precavida.

— O que é isso?

— Não gosta de correr riscos.

Não sabia sobre o que a Srta. Anabel estava falando, mas me achava feliz

demais para me preocupar.

— Vamos até a mata — disse ela. — Quero mostrar-lhe uma coisa. Venha. Vamos correr.

Então ela correu pelo gramado, esgueirando-se pelas árvores.

— Veja se consegue pegar-me — disse a Srta. Anabel. Quase conseguia; então, ela ria e escapava. Eu estava sem ar e ainda mais feliz do que estivera no trem e na charrete. As árvores tinham escasseado e nós estávamos na orla da mata.

— Suewellyn — disse ela, docemente. — Olhe.

E lá estava ele, a meio quilômetro de nós, localizado numa ligeira inclinação, com um fosso à volta. Podia vê-lo claramente. Era como que um castelo de contos de fadas.

— O que acha dele? — perguntou.

— É... de verdade?

— Oh, sim... é de verdade.

Sempre tive uma boa memória visual; podia olhar uma coisa e me lembrar dela com detalhes depois de uma espiada ou duas; e assim levei a imagem do Castelo Mateland em minha cabeça durante muitos anos. Eu o descrevo agora como sei que é. Quando, aos seis anos, o vi pela primeira vez, havia algo de mágico no dia, o qual ficaria na minha memória por vários anos, quase que como num sonho.

O castelo mostrava-se magnífico e misterioso. Era rodeado de paredes altas, e nos quatro ângulos havia torres maciças; em cada flanco havia uma torre quadrada e o tradicional pórtico cheio de balestreiros. Longas e estreitas fendas de janelas localizavam-se nas paredes de pedra de cantaria.

O parapeito da torre lateral que protegia o portal de baixo fazia lembrar bem como antigamente derramava-se óleo fervendo dali sobre as pessoas que ousassem tentar quebrar as defesas. Por trás das ameias, havia seteiras nas paredes, de onde os defensores do castelo soltavam as flechas para baixo. Mais tarde, aprendi tudo isso e muito mais; aprendi a conhecer cada ressalto, cada balestreiro, cada virada das escadas em espiral. Mas, a partir daquele momento, fiquei completamente fascinada. Era quase como se tomasse conta de mim. Gostava de pensar mais tarde que o castelo me comandava a agir como eu agi.

Naquela hora, só consegui ficar de pé ao lado da Srta. Anabel, olhando fixamente, sem fala. Ouvi-a rir e perguntar:

— Gostou dele?

Gostar? Parecia uma palavra fraca para exprimir meu sentimento sobre o castelo. Era a coisa mais maravilhosa que eu jamais vira. Havia um quadro do Castelo de Windsor na sala de visitas da Srta. Brent, e era muito bonito. Mas era diferente. Este era real. Eu podia ver o sol de setembro jogando pequenas fagulhas nas paredes, fazendo-as brilhar. Ela esperava minha resposta.

— É... bonito. É real.

— Oh, é real sim — respondeu a Srta. Anabel. — Está aí há setecentos anos.

— Setecentos anos! — exclamei, num eco.

— Um longo tempo, não é? E lembre-se de que você só está neste mundo há seis anos. Estou contente de você ter gostado.

— Alguém mora lá?

— Oh, sim. Há pessoas morando lá.

— Cavaleiros medievais... — murmurei. — Talvez a rainha.

— A rainha não, e não há mais cavaleiros de armadura agora... nem mesmo nos castelos de setecentos anos.

De repente, apareceram quatro pessoas: uma menina e três meninos. Estavam andando a cavalo pelo gramado, na frente do fosso do castelo. A menina estava num pônei, eu reparei nela especialmente, pois parecia ter aproximadamente a minha idade. Os meninos eram mais velhos.

A Srta. Anabel prendeu a respiração com firmeza. Pôs sua mão no meu braço e puxou-me para trás dos arbustos.

— Está tudo bem — murmurou, como que para si mesma. — Eles vão entrar.

— Moram lá? — perguntei.

— Nem todos. Susannah e Esmond moram. Malcolm e Garth são visitas.

— Susannah — disse eu. — É um pouco como o meu nome.

— Oh, é sim.

Vi os cavaleiros passarem pela ponte sobre o fosso. Cruzaram, depois, por baixo do pórtico, penetrando no castelo.

O aparecimento deles afetou profundamente a Srta. Anabel. Ela pegou na minha mão subitamente, e eu me lembrei das recomendações da Tia Amélia de só falar se falassem comigo.

A Srta. Anabel começou a correr pelas árvores. Tentei alcançá-la e nós duas rimos de novo.

Chegamos a uma clareira da mata, e lá Janet tinha aberto o cesto, e havia esticado uma toalha na grama, onde estava colocando facas, garfos e pratos.

— Esperaremos um pouco — disse a Srta. Anabel.

Janet fez que sim, com os lábios cerrados como se estivesse refreando alguma coisa que quisesse dizer e que não fosse muito agradável. A Srta. Anabel notou, pois falou:

— Não é da sua conta, Janet.

— Oh, não — retrucou Janet, parecendo uma galinha com as penas arrepiadas. — Sei muito bem disso. Só faço o que me mandam.

A Srta. Anabel lhe deu um pequeno empurrão. Depois, falou:

— Ouça.

Nós todas ouvimos. Eu podia ouvir o som inconfundível de cascos de cavalos.

— É — disse a Srta. Anabel.

— Cuidado, senhorita — avisou Janet. — Pode ser que não seja.

Um homem apareceu a cavalo, Anabel deu um grito de alegria e correu em sua direção.

Ele desmontou do cavalo e amarrou-o numa árvore. A Srta. Anabel, que era bem alta, pareceu de repente muito pequena ao lado dele. Pôs suas mãos no ombro dela e olhou-a por alguns minutos. Depois, falou:

— Onde está ela?

A Srta. Anabel estendeu a mão e eu corri em sua direção.

— Esta é Suevellyn — disse ela.

Fiz uma cortesia como me tinham ensinado para pessoas como o nobre e o vigário. Ele me apanhou e segurou em seus braços, examinando-me.

— Ei — disse ele —, ela é tão pequenininha.

— Só tem seis anos, lembre-se — disse a Srta. Anabel. — O que esperava? Uma amazona? E ela é alta para a idade. Não é, Suevellyn?

Eu disse que era mais alta do que Clara Fen e Jane Motley, que eram mais velhas do que eu.

— Bem — disse ele —, isso é uma bênção. Estou contente de você ter passado as duas.

— Mas o senhor não as conhece — falei.

E os dois riram. Ele me pôs no chão, e deu uma batidinha na minha cabeça com a mão. Meu cabelo estava solto naquele dia. A Srta. Anabel não gostava dele com trança.

— Agora, vamos comer — disse a Srta. Anabel. — Janet está com tudo pronto para nós. — Murmurou para o desconhecido: — Desaprovando tudo, eu lhe asseguro.

— Não preciso assegurar-me deste ponto — falou ele.

— Ela acha que é outro de meus planos loucos.

— Bem, e não é?

— Oh, você sabe que queria isso tanto quanto eu.

Ele ainda tinha a mão sobre a minha cabeça. Alisou meu cabelo e disse:

— Acho que sim.

De início tive muita pena dele e Janet estarem lá. Gostaria de ter a Srta. Anabel só para mim. Mas, depois de um tempo, comecei a mudar de idéia. Queria ficar só sem Janet. Ela se sentou um pouco afastada de nós, e sua expressão me fazia lembrar a de Tia Amélia, o que por sua vez me lembrava da verdade desagradável de que aquele dia mágico iria terminar e eu voltaria para casa, lá no campo, só com as lembranças. Mas, enquanto isso, era *agora*, e *agora* era glorioso.

Sentamo-nos para comer, e eu fiquei entre a Srta. Anabel e o homem. Uma ou duas vezes ela o chamou pelo nome, que era um pouco estranho. Havia alguma coisa nele que tornava impossível deixar-se de prestar-lhe atenção todo o tempo, Janet tinha medo dele, percebi. Não falava com ele como com a Srta. Anabel. Quando se dirigia a ele, chamava-o de senhor.

Ele tinha olhos castanho-escuros e cabelos de um tom mais claro. Possuía uma cova no queixo e dentes muito brancos. Suas mãos eram claras e fortes. Reparei nelas em especial, pois vi um anel de sinete no seu dedo mínimo. Parecia

estar observando a mim e a Srta. Anabel; e ela observando a nós dois. Janet, sentada um pouco adiante, tinha tirado seu tricô, e agulhas estalavam, registrando sua desaprovação tão claramente quanto seus lábios cerrados.

A Srta. Anabel me fez perguntas sobre Crabtree Cottage e sobre Tia Amélia e Tio William. Já tinha perguntado muitas delas, e percebi que indagava de novo para que ele pudesse ouvir as respostas. Ele escutava atentamente e, de vez em quando, fazia um sinal com a cabeça.

A comida estava deliciosa, ou talvez eu estivesse tão encantada que achasse tudo diferente da vida de todo dia. Comemos galinha, pão com casca e uma espécie de *pickles* que nunca provara antes.

— Ei — disse a Srta. Anabel —, Suewellyn ganhou o osso do jogo de galinha. — Pegou o osso do meu prato e levantou-o. — Venha cá, Suewellyn, puxe-o comigo. Se ficar com a parte maior, pode fazer um pedido.

— Três pedidos — disse o homem.

— Só um, Joel, você sabe — replicou a Srta. Anabel.

— Hoje são três — respondeu ele. — É um aniversário especial. Você se esqueceu disso?

— É claro que é um dia especial.

— Então, pedidos especiais. Agora, vamos ao jogo.

— Sabe o que tem de fazer, Suewellyn? — indagou a Srta. Anabel, pegando o osso. — Você vira seu dedinho para aquele lado e eu viro o meu para este, e nós puxamos. O que ficar com o lado maior ganha o pedido.

— Faça três pedidos — disse Joel.

— Há uma condição — disse a Srta. Anabel. — Você não pode contar os pedidos. Pronto?

Curvamos nossos dedinhos sobre o osso. Houve um estalo. O osso tinha-se partido e eu gritei de prazer, pois a parte maior estava na minha mão.

— É de Suewellyn — gritou a Srta. Anabel.

— Feche os olhos e faça seus pedidos — disse Joel. Então, inclinei-me para trás segurando o osso na mão e pedi o que queria mais que tudo. Queria que aquele dia durasse para sempre, mas seria bobagem pedir aquilo, porque nada, nem ossos de galinha, poderia tornar aquilo possível. Fiquei pensando muito. O que sempre quis foi um pai e uma mãe, e antes que pensasse, pedi; mas não apenas qualquer pai

ou mãe. Queria um pai como Joel e uma mãe como a Srta. Anabel. Lá se foi meu segundo pedido. Não queria ter de voltar para Crabtree Cottage. Queria viver com meus próprios pais.

Os três pedidos estavam feitos.

Abri os olhos. Os dois me fitavam intensamente.

— Fez seus três pedidos? — perguntou a Srta. Anabel. Acenei com a cabeça em confirmação, e apertei os lábios. Era muito importante que eles se realizassem.

Depois, comemos tortas com geléia de cereja, que estavam deliciosas, e quando mordi um pedaço de torta pensei que não podia haver maior felicidade do que aquela.

Joel me perguntou se eu montava.

Eu lhe disse que não.

— Ela tem que montar — disse ele, olhando para a Srta. Anabel.

— Posso falar sobre isso com sua Tia Amélia.

Joel levantou-se e me deu a mão.

— Venha ver se gosta — disse ele.

Fui com ele até o cavalo; ele me levantou e me pôs em cima.

Puxou o cavalo em direção às árvores. Achei que foi o momento mais emocionante da minha vida. Então, de repente, ele pulou para trás de mim e nós começamos a cavalgar depressa. Atravessamos as árvores, entramos na mata e depois saímos no prado. O cavalo corria a galope, e eu pensei por um momento: Talvez ele seja o Diabo e tenha vindo para me levar.

Mas, por incrível que pareça, não liguei. Queria que ele me levasse embora. Queria ficar com ele e a Srta. Anabel para o resto da vida. Não me importava que ele fosse o Diabo. Se Tia Amélia e Tio William eram santos, eu preferia o Diabo. Tinha a sensação de que a Srta. Anabel não estaria longe de onde ele estivesse, e se eu ficasse com um estaria com o outro.

Mas o excitante passeio terminou, e o cavalo ia novamente devagar pelas árvores, para a clareira onde Janet arrumava os restos do piquenique, pondo o cesto na charrete.

Joel desmontou e me desceu.

Fiquei incrivelmente triste porque sabia que minha visita à floresta encantada, com seu castelo distante, terminara. Era como que um belo sonho, do qual eu tentava não acordar. Mas sabia que acordaria.

Ele me levantou nos braços e me beijou. Coloquei meus braços em volta do seu pescoço e disse:

— Foi um passeio maravilhoso.

— Nunca me diverti tanto num passeio — disse ele. A Srta. Anabel olhava para nós como se não soubesse se ria ou chorava, mas, como sempre, acabou rindo.

Ele montou o cavalo e seguiu-nos até a charrete. A Srta. Anabel e eu entramos no veículo. Ele seguiu numa direção e nós seguimos em outra, para a estação.

Apeamos lá.

— Não se esqueça de esperar meu trem, Janet — disse a Srta. Anabel.

Era uma recomendação triste, que dizia que o dia estava quase terminado, que em breve eu estaria de volta a Crabtree Cottage e que os acontecimentos daquele dia pertenceriam ao passado. Sentamo-nos lado a lado no trem, de mãos dadas, apertadas, como se nunca nos fôssemos desprender. Como o trem voou! Como eu queria detê-lo! As rodas estavam rindo de mim, dizendo: "Logo voltaremos! Logo voltaremos!", repetidas vezes.

Quando estávamos quase lá, a Srta. Anabel pôs os braços à minha volta e disse:

— O que você pediu, Suevellyn?

— Oh, não posso dizer — gritei. — Se dissesse, meus pedidos não se realizariam e eu não suportaria isso.

— Eram pedidos assim tão importantes?

Fiz que sim. Ela ficou quieta por um instante, e depois disse:

— Não é bem verdade que não pode dizer a *ninguém*. Pode dizer a uma pessoa. Se quiser... e se falar baixinho, não fará nenhuma diferença quanto à realização dos pedidos.

Fiquei contente. Era muito confortante poder partilhar coisas, e não havia ninguém com quem quisesse tanto partilhar como a Srta. Anabel. Então, falei:

— Pedi um pai e uma mãe primeiro. Depois, queria que eles fossem a

senhora e o Joel; e, finalmente, queria que nós todos ficássemos juntos.

Ela não falou por um longo tempo, e pensei se ela estava com pena que eu tivesse contado.

Tínhamos chegado à estação. A charrete nos esperava, e em muito pouco tempo estávamos em Crabtree Cottage. A casa parecia mais desanimadora do que nunca, agora que eu estivera na floresta mágica e vira o castelo encantado.

A Srta. Anabel me beijou e disse:

— Preciso ir rápido para pegar meu trem. — Ainda parecia que ia chorar, embora estivesse sorrindo. Ouvi o barulho dos cascos dos cavalos que a levavam embora.

Havia dois embrulhos em meu quarto, que a Srta. Anabel tinha deixado para mim. Um continha um vestido de seda azul, enfeitado de fitas. Era o vestido mais lindo que já vira e era o presente de aniversário da Srta. Anabel para mim. No outro embrulho havia um livro sobre cavalos, e eu sabia que era do Joel.

Oh, que aniversário maravilhoso! Mas o triste sobre ocasiões maravilhosas era que elas faziam com que os dias seguintes parecessem mais vazios.

O comentário da Tia Amélia com Tio William sobre o acontecido foi:

— Inapropriado. Talvez tivesse razão.

Nos dias seguintes vivi num sonho. Ficava olhando o vestido azul pendurado no meu armário. Não o usara. Era muito impróprio, dizia Tia Amélia; e eu chegara à conclusão de que ela estava certa. Era bonito demais para ser usado. Era para ser olhado. Na escola, a Srta. Brent me disse:

— O que se passa com você, Suewellyn? Não se mostra atenta esses dias.

Anthony Felton disse que eu saía de noite e tirava minhas roupas para dançar e beijar a cabra do Fazendeiro Mills.

— Deixe de ser bobo — retruquei. — E acho que os outros concordaram que ele estava romanceando. Tia Amélia nunca me permitiria sair à noite, e tirar minhas roupas, pois era indecente, e beijar uma cabra seria pouco saudável.

Li tanto quanto pude o livro sobre cavalos. Era um pouco adiantado para mim, mas eu esperava sempre que um dia a Srta. Anabel viesse de novo e eu fosse levada à floresta encantada. Gostaria de saber alguma coisa sobre cavalos quando encontrasse novamente Joel. Depois, pensei como tinha sido boba de não ter pedido uma coisa mais fácil de conseguir... como, talvez, um outro dia na floresta, em vez

de um pai e uma mãe. Pais e mães têm de se casar. Não eram nada como a Srta. Anabel e Joel.

Fiquei interessada em cavalos. Anthony Felton tinha um pônei, e eu lhe implorei que me deixasse montá-lo. No início, riu e caçoou de mim, e depois acho que lhe ocorreu que, se eu tentasse montar, certamente cairia e seria muito divertido. Então, fui levada ao picadeiro do lado da casa grande, montei o pônei de Anthony e andei à volta do prado. Foi um milagre eu não ter caído. Fiquei pensando em Joel e imaginei que ele me estivesse observando. Queria muito brilhar a seus olhos.

Anthony ficou muito desapontado e não me deixou mais montar seu pônei depois disso.

Era novembro quando a Srta. Anabel voltou. Estava mais pálida e mais magra. Contou-me que estivera doente; tinha tido pleurisia e era por isso que não viera antes.

— Foi só isso que me manteve afastada — falou.

— Vamos à floresta de novo? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça, muito triste, pensei.

— Você gostou de lá? — perguntou, muito interessada. Apertei minhas mãos e fiz que sim. Não tinha palavras suficientes para transmitir como havia gostado. Ela ficou em silêncio, parecendo um pouco triste, e eu disse:

— É um castelo maravilhoso. Não parecia ser real. Acho que é um daqueles que, às vezes, não está lá. Embora tivesse visto a menina e os meninos entrando. E o cavalo. Montei aquele cavalo... Nós galopamos. Foi incrível.

— Você gostou de tudo tanto assim, Suewellyn?

— Gostei mais do que tudo que já fiz.

Mais tarde ouvi-a falando com Tia Amélia.

— Não — dizia Tia Amélia. — Não posso, Srta. Anabel. Onde o guardaríamos? Não temos situação de poder manter uma coisa assim. Haveria mais falatório do que já há; e já é o suficiente, posso assegurar-lhe.

— Seria tão bom para ela.

— Causaria comentários. Acho que o Sr. Planter não concordaria com isso. Há limites, Srta. Anabel. E num lugar como este... Para começar, há as suas visitas. Em casos assim geralmente não há visitas.

— Oh, eu sei, eu sei, Amélia. Mas você será bem paga...

— Não é uma questão de dinheiro. É uma questão de aparência. Num lugar como este...

— Muito bem, então. Deixe para lá um pouco. Só que eu gostaria que ela montasse, e ela adoraria.

Era tudo muito misterioso. Eu sabia que a Srta. Anabel queria dar-me um pônei de Natal e que Tia Amélia não tinha permitido.

Fiquei muito zangada. Devia ter feito o pedido de um pônei. Isso teria feito sentido. Tinha sido boba, e pedira o impossível.

A Srta. Anabel foi embora, mas eu sabia que ela voltaria em breve, embora ouvisse Tia Amélia dizer-lhe para não vir com tanta freqüência. Não era bom.

Pedi a Anthony Felton para me deixar montar de novo seu pônei, mas ele recusou.

— Por que iria fazer isso? — perguntou.

— Porque quase ganhei um — respondi.

— O que quer dizer com isso? Como *você* podia quase ter ganho um?

— Quase ganhei um — insisti.

Imaginei-me desfilando no picadeiro dos Feltons num pônei muito mais bonito do que o de Anthony Felton, e fiquei com tanta raiva e tão frustrada que detestei Anthony e Tia Amélia. Não podia dizer isso a ela, mas podia dizer a Anthony, e o fiz.

— Você é uma feiticeira e uma bastarda — retrucou ele — e é horrível ser essas duas coisas.

Matty Grey não se sentava mais do lado de fora de sua casa. Estava muito frio.

— Esse vento cortando os prados atravessa meus ossos — dizia ela. — É ruim para meus parafusos. — Seus parafusos eram o reumatismo, e no inverno ficava tão ruim que ela não podia afastar-se do fogo. — Os parafusos velhos estão batendo pino hoje — costumava dizer. — É verdade, estão mesmo. Mas Tom vai arranjar-me um fogo bom, e o que é melhor do que um bom fogo de lenha? Quando a chaleira está apitando na chapa... bem, não se pode chegar mais perto dos anjos do céu, acho.

Habituei-me a ir ao chalé de Matty quando voltava da escola. Não podia ficar muito, uma vez que Tia Amélia não podia saber daquelas visitas. Não aprovaria. Éramos de "classe melhor" do que Matty. Tudo isso me parecia muito complicado, pois, embora não tivéssemos o nível do médico e do pároco, que por sua vez não tinham o nível do nobre, éramos de alguma forma acima de Matty.

Esta me fazia cortar um pedaço de pão caseiro.

— A fatia do fundo, garota.

E eu a enfiava num garfo comprido de tostar que o tio de Tom fizera na forja, e segurava-o em frente ao fogo até que estivesse dourado.

— Uma boa e forte xícara de chá e uma fatia grossa de pão torrado gostoso; nosso próprio fogo e o vento zunindo lá fora, e a gente protegida de tudo isso... Não acredito que possa haver nada melhor do que isso.

Eu não concordava com Matty. Podia haver uma floresta encantada e uma toalha estendida sobre a relva; podia haver ossos de galinha e duas belas pessoas diferentes de qualquer outra que eu conhecia. Podia haver um castelo encantado visto através das árvores, e um cavalo para se galopar.

— Em que está pensando, jovem Suevellyn? — perguntou Matty.

— Depende da pessoa — respondi. — Talvez umas pessoas não gostem de torrada e de chá forte. Poderiam gostar de piqueniques na floresta.

— É isso que quero dizer. É o que você sonha, não é? Bem, este é o meu sonho. Agora, conte-me o seu.

E antes que eu pensasse, estava-lhe contando. Ela ouviu.

— E você viu a floresta? E viu o castelo? Foi levada lá, foi? Eu sei, foi levada pela senhora que vem sempre.

— Matty — falei, excitada —, você sabia que, se quebrar um osso de galinha e ficar com a parte maior, pode fazer três pedidos?

— Oh, sabia, é uma brincadeira antiga. Quando éramos pequenos, de vez em quando ganhávamos uma galinha... era ótimo. Tínhamos que depenar e rechear... e quando terminava tudo havia briga entre os pequenos por causa do jogo.

— Fez alguma vez um pedido? Seus pedidos se realizaram?

Ela ficou quieta por um tempo e depois disse:

— Sim. Considero que tive uma vida boa. Sim, acho que meus desejos se

realizaram.

— Você acha que os meus vão se realizar?

— Oh, penso que sim. Um dia tudo vai dar certo para você. Ela é uma senhora muito bonita, a que vem vê-la.

— Ela é bonita — falei. — E ele...

— Quem é ele, queridinha?

Pensei: estou falando demais. Não devo... nem mesmo para Matty. Tinha medo de que, se falasse, descobriria que nada tinha na realidade acontecido e que eu só estava sonhando.

— Oh, nada — falei.

— Você está queimando a torrada. Não faz mal. Raspe a parte preta na pia.

Raspei a parte queimada do pão e passei manteiga nele. Fiz chá e servi. Depois, sentei-me por algum tempo para observar as figuras formadas pelo fogo. Vi a madeira ficando vermelha, azul e amarela. E vi o castelo.

Então, subitamente, as cinzas caíram na grelha e a figura desmoronou-se.

Sabia que era hora de ir embora. Tia Amélia estaria dando por falta de mim e faria perguntas.

O Natal estava quase chegando. As crianças iam para a mata juntar azevinho e hera para decorar a sala de aula. A Srta. Brent arrumou uma caixa de correio no corredor da casa e nós jogávamos nossos cartões ali para os amigos. No dia anterior à véspera de Natal, quando acabassem as aulas, a Srta. Brent fingiria ser carteiro, abriria a caixa de correio forrada de papel para tirar os cartões e, sentando-se na carteira, chamaria os nomes para que fôssemos lá e pegássemos os que nos eram endereçados.

Estávamos muito agitados. Fizemos nossos próprios cartões na sala de aula, e houve muito cochicho e risadinhas quando pintávamos o papel e dobrávamos o cartão em grande segredo, escrevendo os nomes daqueles a quem pretendíamos oferecê-los, e depois jogávamos tudo na caixa.

À tarde, haveria um concerto. A Srta. Brent iria tocar piano, nós cantaríamos juntos, e aqueles que tinham boa voz fariam solos de canto; os outros recitariam.

Era um grande dia para nós e ansiávamos por ele durante várias semanas.

Porém, mais excitante para mim foi a visita da Srta. Anabel. Ela veio no dia

anterior ao da festa da escola. Trouxe um embrulho para mim em que estava escrito "Para ser aberto no dia de Natal". Mas fiquei mais excitada com a própria Srta. Anabel do que com o que trouxera.

— Na primavera — falou — faremos outro piquenique. Fiquei encantada.

— No mesmo lugar — gritei. — Vamos ter ossos de galinha?

— Vamos — prometeu ela. — Então, poderá fazer outros pedidos.

— Pode ser que eu não fique com o pedaço maior do osso.

— Acho que vai ficar — disse ela, sorrindo.

— Srta. Anabel, ele... Joel vai estar lá?

— Acho que talvez esteja — respondeu. — Gostou dele, não gostou, Suewellyn?

Hesitei. Gostar não era exatamente a palavra que se podia aplicar a deuses. Ela ficou alarmada.

— Ele não... assustou você?

Mais uma vez fiquei quieta, e ela continuou:

— Quer vê-lo de novo?

— Oh, quero — gritei ardentemente, e ela pareceu satisfeita.

Fiquei triste quando a charrete veio pegá-la para levá-la de volta à estação; mas não tão triste como de costume, pois, embora a primavera estivesse muito longe, ela chegaria, e então eu teria a gloriosa perspectiva da floresta diante de mim.

Tio William tinha terminado a manjedoura de Natal que fizera no seu depósito de lenha, e a levara para a igreja, onde colocaram um Jesus menino deitado. Três dos meninos do colégio seriam os reis magos. O filho do vigário era um deles, porque acho que seria natural que o vigário quisesse que ele fosse; Anthony Felton era o outro, pois era o neto do nobre, e sua família dera permissão à igreja de fazer os jogos e vendas nos jardins da casa, ou, caso estivesse chovendo, no saguão; e Tom era o terceiro, porque tinha uma bela voz. Ouvir aquela voz angelical vinda daquele menino desarrumado parecia um milagre. Eu ficava contente por Tom. Era uma honra. Matty estava encantada.

— O pai dele tinha voz. Meu avô também — contou-me ela. — É de família.

Tom havia fincado um enorme ramo de azevinho no *A Volta do Marujo*, no

quarto de Matty, dando-lhe um ar festivo. Sempre observava *A Volta do Marujo*, pois era o tipo de quadro que não teria esperado que Matty tivesse. Havia qualquer coisa de melancólico nele. Era uma estampa e muito sem cor. O marujo estava de pé na porta da cabana com um embrulho nos ombros. Sua mulher olhava para o vazio, como se fosse enfrentar um grande drama e não a volta do amado. Matty falava do quadro com lágrimas nos olhos. Era estranho que alguém que ria sobre as provações da vida real pudesse derramar lágrimas com as provações imaginárias de alguém num quadro.

Eu a tinha atormentado para que ela me contasse a história.

— Bem — disse ela —, é assim. Você está vendo a cabana. Lá dentro tem um bebê. Este não deveria ter nascido porque o marujo estivera ausente por três anos, e ela teve o bebê enquanto ele estava fora. Ele não vai gostar disso... e ela também não.

— Por que não vai gostar? Imaginei que fosse ficar contente de chegar em casa de novo e encontrar um bebezinho.

— Bem, quer dizer que o bebê não é dele, e ele não vai gostar disso.

— Por quê?

— Bem, ele é o que se poderia chamar de ciumento. Havia dois quadros. Minha mãe dividiu-os quando morreu. Ela disse: "*A Volta é para* você, Matty, e *A Partida é para* Emma." Emma é minha irmã. Casou-se e foi para o norte.

— Levou *A Partida* com ela?

— Levou. Ela nem gostava muito dele. Mas eu gostaria de ter ficado com os dois. Embora *A Partida* fosse muito triste. Ele a matou, e a polícia estava lá para levá-lo e enforcá-lo. É isso que queria dizer *A Partida*. Oh, eu teria adorado ter ficado com *A Partida*.

— Matty — perguntei. — O que aconteceu com o bebezinho da cabana?

— Alguém tomou conta dele — respondeu.

— Pobre bebê! Ficou sem pai e sem mãe depois disso.

Matty disse, rapidamente:

— Tom esteve aqui e me falou sobre a caixa de correio que vocês têm na escola. Espero que tenha feito um bonito cartão para Tom. É um bom menino, nosso Tom.

— Fiz um lindo — disse. — De um cavalo.

— Tom vai gostar. Ele é excelente com cavalos. Estávamos pensando em mandá-lo trabalhar com o ferreiro Jolly. Ferreiros têm muito a ver com cavalos.

As sessões com Matty sempre acabavam cedo demais. Eram sempre sombreadas pelo fato de eu saber que Tia Amélia estaria esperando em casa.

Crabtree Cottage era muito sem vida, depois de ter vindo da casa de Matty. O linóleo do chão era lustrado ao máximo, e não havia azevinho pendurado nos quadros de Cristo ou de Santo Estêvão. Teria certamente parecido fora de lugar lá, e enfiar um galho no quadro da rainha desagradável seria um crime de lesa-majestade.

— Que sujeira — seria o comentário da Tia Amélia. — Gotas por toda parte e sementinhas sendo pisadas.

Chegou o dia da festa. Cantamos nossas canções, e os mais talentosos de nós — eu não estava entre eles — recitaram e fizeram os solos. A caixa de correio foi aberta. Tom havia-me enviado um bonito desenho de um cavalo, num papel que dizia: "Feliz Natal. Do seu Tom Grey." Todos na escola haviam enviado cartões a todos, ocasionando assim uma grande entrega. O que recebi de Anthony Felton pretendia mais magoar do que desejar boas-festas. Era o desenho de uma bruxa na vassoura. Ela tinha cabelos pretos esvoaçantes e uma pinta preta no queixo. "Desejando-lhe um Natal encantado", estava escrito. Era muito mal desenhado e fiquei feliz de notar que a bruxa parecia-se mais com a Srta. Brent do que comigo. Tinha-me vingado, ao mandar-lhe o retrato de um menino enormemente gordo (Anthony era obviamente guloso e tendia muito à obesidade) segurando um pudim de Natal. "Não fique gordo demais para montar neste Natal", havia escrito. E ele saberia que o cartão tinha a intenção de que ele engordasse.

Uns poucos flocos de neve caíram na véspera de Natal, e todos esperavam que viessem para ficar. Ao invés disso, derreteram-se assim que tocaram o chão, voltando em breve a chover.

Fui ao culto da meia-noite com Tia Amélia e Tio William, o que devia ser uma aventura, por estarmos saindo tão tarde; mas nada podia realmente ser uma aventura quando eu andava entre meus dois guardiães severos e me sentava rigidamente com eles no banco da igreja.

Estava meio dormindo durante o culto, e contente de voltar para a cama. Depois veio a manhã de Natal, excitante, apesar de não haver uma meia de Natal para mim. Sabia que as outras crianças tinham meias e pensava que devia ser o máximo de prazer ver a meia de alguém entupida de coisas boas, e enfiar a mão para tirar dali as delícias.

— É bobagem de criança — dizia Tia Amélia — e ruim para as meias. Você já está muito velha para essas coisas, Suewellyn.

Assim mesmo, tinha os presentes de Anabel. Roupas de novo — dois vestidos, um muito bonito. Só tinha usado o azul que ela me dera uma vez, quando ela veio ver-me. Agora, era mais um de seda e outro de lã, e um lindo regalo de pele de foca. Havia também três livros. Fiquei encantada com aqueles presentes, e minha grande tristeza foi que Anabel não estivesse lá para mos dar em pessoa.

De Tia Amélia ganhei um avental, e de Tio William, um par de meias. Não podia realmente me sentir muito entusiasmada com eles.

Fomos à igreja de manhã; depois, voltamos e almoçamos. Era uma galinha que me trouxe recordações, mas não houve menção ao jogo do osso. O pudim de Natal veio depois. De tarde, li meus livros. Foi um dia muito comprido. Ansiava por ir até a cabana dos Greys. Matty tinha ido passar o dia no vizinho e havia sons de alegria transbordando pelos prados. Tia Amélia ouviu e resmungou, dizendo que o Natal era uma festa solene. O nascimento de Cristo. As pessoas deveriam ser solenes, em vez de se portar como pagãos.

— Acho que deveria ser feliz — expus — porque Cristo nasceu.

— Espero que você não esteja adquirindo idéias estranhas, Suewellyn — disse Tia Amélia.

Ouvi-a comentar com Tio William que havia toda espécie de gente na escola e que era uma pena que permitissem que pessoas como os Greys mandassem seus filhos para se misturarem à gente melhor.

Quase gritei que os Greys eram as pessoas melhores que eu conhecia, mas sabia que não adiantava explicar aquilo à Tia Amélia.

Em seguida, veio o Dia do Carteiro... outro feriado, e ainda mais calmo do que o Dia de Natal. Estava chovendo, e o vento sudoeste fustigava o prado.

Um dia comprido. Só podia deleitar-me com meus presentes e imaginar quando usaria o vestido de seda.

No Ano-novo Anabel veio. Tia Amélia havia acendido a lareira na sala de visitas — um raro acontecimento — e tinha levantado as persianas, pois não podia queixar-se de o sol prejudicar os móveis.

A sala ainda parecia desbotada com a luz do Sol de inverno. Nenhum dos quadros tinha ganho vida com a luz. Santo Estêvão parecia ainda mais torturado, a rainha mais desagradável, e Cristo não mudara em nada.

A Srta. Anabel chegou na hora de sempre, logo depois do almoço. Ela estava linda, com um casaco enfeitado de pele e um regalo de pele de foca, como se fosse minha irmã mais velha. Abracei-a e agradeci-lhe os presentes.

— Um dia — disse ela — você vai ganhar um pônei. Vou insistir.

Conversamos como sempre. Mostrei-lhe meus livros e discutimos sobre a escola. Não cheguei a lhe contar sobre a implicância de Anthony Felton e de seus companheiros comigo, pois sabia que iria preocupá-la.

Assim, o dia passou com Anabel e, na hora certa, a charrete veio buscá-la para ir até a estação. Parecia exatamente uma das outras visitas de Anabel, mas não era bem esse o caso.

Foi Matty quem me contou sobre o homem da Estalagem King William.

Tom estava trabalhando lá depois da escola, carregando bagagem para os quartos e fazendo outros trabalhos em geral.

— É o segundo cordão para o laço dele — dizia Matty. — No caso de não dar certo o trabalho com o ferreiro.

Tom lhe tinha falado sobre o homem da estalagem, e Matty me contou.

— Uma típica confusão lá na King William — disse. — Ele era um homem muito alto e um verdadeiro cavaleiro. Ficou no melhor quarto. Chegou de mau humor. Foi por causa de não haver uma charrete para levá-lo à King William quando ele saiu do trem. Bem, como podia haver? Ela estava sendo usada, não estava? — Matty me cutucou. — Você teve visita ontem, não teve? Bem, o Sr. Alto e Poderoso tinha de esperar, e isso é o tipo da coisa que os cavaleiros não gostam de fazer... é ficar esperando.

— Não leva realmente muito tempo para a charrete ir a Grabtree Cottage e voltar à estação.

— Ah, mas os cavaleiros ricos e importantes não gostam de esperar um minutinho enquanto os outros são servidos. Quem me contou foi Jim Fenner. (Ele era nosso chefe da estação, carregador e... tudo o mais.) "Lá estava ele de pé, na plataforma, falando enraivecido, enquanto a charrete levava a sua jovem senhora. Ele dizia: 'Onde está ela? É muito longe?' E o velho Jim, todo preocupado, porque via que se tratava de um verdadeiro cavaleiro, dizia: 'Bem, senhor, não vai demorar muito. Foi só a Crabtree Cottage, no campo, com uma senhora', Crabtree Cottage", resmungava ele, 'e onde é isso?' 'É lá no campo, senhor. Perto da igreja. Não muito mais longe do que uma pedra pode alcançar. A jovem senhora poderia ir andando em dez minutos. Mas ela sempre toma a charrete e contrata-a para buscá-la para pegar o

trem de volta'. Bem, aquilo pareceu satisfazê-lo, e ele disse que esperaria. Perguntou uma porção de coisas a Jim. Passou a ser um cavalheiro conversador, quando não estava mais zangado. Ficou muito gentil e deu cinco *xelins* a Jim. Não é todo dia que Jim vê a cor de uma moeda. Disse que esperava que o cavalheiro ficasse bastante tempo."

Não pude ficar conversando com Matty, é claro, então saí e corri de volta para casa. Estava ficando escuro cedo agora, e nós saíamos do colégio na penumbra. A Srta. Brent tinha dito que devíamos sair às três horas no inverno, porque daria tempo às crianças que moravam mais longe de chegar em casa antes de ficar escuro. No verão, acabávamos às quatro horas. Começávamos às oito da manhã, em vez de nove, como no verão, e era bem escuro às oito.

Tia Amélia estava juntando umas folhas. Ela falou:

— Vou levar isso à igreja, Suevellyn. São para o altar. É uma pena que não haja flores nesta época do ano. O vigário estava dizendo que o altar parecia nu depois que acabaram as flores do outono, então eu disse que encontraria umas folhas e que poderíamos usá-las no altar. Parece que ele achou uma boa idéia. Pode vir comigo.

Coloquei minha pasta do colégio no meu quarto e desci as escadas obedientemente. Atravessamos o prado, em direção à igreja.

Lá havia muito silêncio. As janelas de vidro pintadas pareciam diferentes sem o Sol ou mesmo a luz de gás brilhando nelas. Eu ficaria um pouco assustada se estivesse ali sozinha, com medo de que a figura de Cristo na cruz pudesse descer e me dizer como eu era má. Achava que as figuras pintadas nas janelas de vidro podiam ganhar vida. Havia uma grande dose de tortura nelas, e meu antigo conhecimento de Santo Estêvão lá no alto, que parecia ter tido tanto sofrimento na Terra. Nossos passos soavam estranhos no pavimento de pedra.

— Temos de nos apressar, Suevellyn — disse Tia Amélia. — Vai ficar bem escuro daqui a pouco.

Subimos os três degraus de pedra do altar.

— Isso! — disse Tia Amélia. — Vão fazer uma boa vista. Acho melhor colocá-las na água. Olhe, Suevellyn, pegue este jarro e encha-o na bomba.

Peguei-o e corri para fora da igreja. O cemitério era logo do lado de fora. As lápides pareciam homens e mulheres velhas ajoelhados, com os rostos cobertos de capuzes cinzentos.

A bomba ficava a alguns metros da igreja. Para chegar lá eu tinha de passar

por algumas sepulturas. Tinha lido as inscrições nelas várias vezes, quando saíamos da igreja. As pessoas jaziam ali há longo, longo tempo. Algumas datas eram do século XVII. Corri por elas até a bomba e comecei a bombear a água com força, até encher o vasilhame.

Quando fazia aquilo, ouvi de repente passos. Olhei por trás do ombro. Estava mais escuro do que quando Tia Amélia e eu tínhamos entrado na igreja. Senti um calafrio na espinha. Tive a sensação de que alguém... alguma coisa me observava.

Voltei à bomba. Tinha-se de trabalhar rápido para se conseguir água, e não era fácil bombear com uma das mãos e segurar o jarro com a outra.

Minhas mãos tremiam. Não seja boba, dizia a mim mesma. Por que outra pessoa qualquer não poderia também estar no cemitério? Talvez fosse a mulher do vigário indo de casa ao vicariato ou um dos trabalhadores devotos da igreja que também tivesse tido idéia de decorar o altar.

Eu tinha enchido o jarro demais. Joguei um pouco da água fora. Então, ouvi o som de novo. Arfei, horrorizada. Uma figura estava de pé lá entre as sepulturas. Tinha certeza de que era um fantasma que se erguera do túmulo.

Dei um grito de susto e corri para a igreja a toda velocidade. A água do jarro se derramou e molhou a frente do meu casaco. Mas eu tinha chegado ao santuário da igreja.

Lá, parei por um instante para olhar por trás do ombro. Não vi ninguém.

Tia Amélia estava esperando, impaciente, no altar.

— Venha logo, venha — disse ela.

Passei-lhe o jarro. Minhas mãos estavam molhadas e frias e eu estava tremendo.

— Não é suficiente — ralhou ela. — Ei, menina descuidada, você derramou quase tudo.

Finquei pé firme.

— Está escuro lá fora — falei, com teimosia. Nada me faria voltar até a bomba.

— Acho que a água tem que dar — disse ela, com má vontade. — Suewellyn, por que será que você não consegue fazer nada direito?

Ela arrumou as folhas e nós saímos da igreja. Fiquei muito perto dela,

quando atravessamos o cemitério e saímos para o prado.

— Não era o que queria para o altar — disse Tia Amélia. — Mas tem de ser assim mesmo.

Não pude dormir aquela noite. Fiquei cochilando e pensando que estava na bomba, no cemitério. Imaginei que o fantasma saía do solo e vinha para fora assustar as pessoas. Tinha-me assustado mesmo. Sempre pensara em fantasmas como seres transparentes e enevoados. Quando voltei a pensar nele, tanto quanto minha melancolia e medo permitiam, vi que aquele estava inteiramente vestido. Era homem, um homem muito alto, com um chapéu preto brilhante. Não tinha tido tempo de reparar muito mais nele, a não ser na firmeza de seu olhar. E tinha sido dirigido a mim. Finalmente, dormi tão profundamente que acordei tarde na manhã seguinte.

Tia Amélia me examinou com uma expressão dura, quando descí para o café da manhã. Ela não me tinha chamado. Nunca me chamava. Esperava que eu acordasse na hora certa por mim mesma e fosse para a escola na hora marcada. Tinha alguma coisa a ver com disciplina, pela qual Tia Amélia mostrava tanto respeito quanto pela decência.

Eu estava, portanto, atrasada para a escola, e a Srta. Brent, que acreditava em ensinar a necessidade da pontualidade, disse-me que já que eu não pudera chegar na hora deveria ficar mais meia hora no colégio, escrevendo o Credo.

Isso queria dizer, é claro, que eu não teria tempo de visitar Matty.

O dia passou, e, às três horas, eu estava sentada na carteira, escrevendo "Creio em Deus Pai..." Terminei em 20 minutos. Depois, levei a cópia à sala de visitas da Srta. Brent, lá em cima. Bati na porta e lhe entreguei. Ela deu uma olhada, acenou com a cabeça e disse:

— É bom ir depressa. Para você chegar em casa antes do escuro. E, Suewellyn, tente chegar na hora. É falta de educação não chegar.

— Sim, Srta. Brent — falei, com muita brandura, e saí correndo.

Se pegasse o atalho pelo cemitério, o que me economizaria uns minutos, ainda teria tempo de dar um pulinho na Matty e contar-lhe sobre o fantasma que eu vira lá no dia anterior. Se chegasse tarde em casa, podia dizer à Tia Amélia que ficara retida para escrever o Credo. Ela faria um sinal impiedoso com a cabeça, mostrando que aprovava a atitude da Srta. Brent.

Atravessar o cemitério depois da experiência do dia anterior parecia um pouco estranho. Mas era típico de mim — e talvez isso possa explicar um pouco o que aconteceu mais tarde — o fato de meu medo dar ao cemitério um fascínio

especial. Não estava bem escuro. O dia tinha sido mais bonito do que o anterior, e o Sol era uma grande bola vermelha no horizonte. Eu estava com medo; estava vibrando, com um misto de apreensão e excitação, mas, de alguma forma, sentia-me levada quase que involuntariamente ao cemitério.

Assim que entrei, chamei-me de estúpida por ter vindo por ali. O medo tomou conta de mim, e tive um grande desejo de voltar e correr. Mas não o fiz. Iria margear a parte antiga e atravessar pelas pedras mais brancas, cujas inscrições não tinham ainda sido apagadas pelo tempo.

Estava sendo seguida. Sabia. Podia ouvir os passos atrás de mim. Comecei a correr. Quem quer que fosse, também se apressava.

Que bobagem ter ido lá. Estava murmurando para mim mesma. Tivera meu aviso na véspera. Como havia ficado com medo então, sendo que Tia Amélia não estava longe. Só tive que correr até ela. E ainda assim voltara... sozinha.

Podia ver as paredes cinzentas da igreja. Quem quer que me estivesse seguindo, era mais rápido do que eu. Estava... ele... estava bem nos meus calcanhares.

Olhei a porta da igreja. Lembrei que tinha ouvido falar que as igrejas eram santuários por serem lugares santificados. Os maus espíritos não podiam existir lá.

Hesitei na porta da igreja... devia entrar ou correr?

Uma mão me alcançou e me tocou.

Dei uma pequena arfada.

— O que aconteceu, menininha? — disse uma voz musical e muito amistosa.
— Não precisa ter medo, você sabe.

Dei uma volta e encarei-o.

Era um homem muito alto e eu notei o chapéu preto que usara no dia anterior. Ele estava sorrindo. Seus olhos eram castanho-escuros e seu rosto não tinha nada a ver com o que eu imaginava que um fantasma fosse. Era um homem vivo que me confrontava. Tirou o chapéu e fez uma reverência.

— Só queria falar com você — continuou.

— Você estava no cemitério ontem — acusei.

— Estava — disse ele. — Gosto de cemitérios. Gosto de ler as inscrições nos túmulos, você gosta?

Eu gostava, mas não disse nada, estava tremendo de medo.

— Aquela bomba estava um pouco dura, não estava? — continuou ele. — Eu estava vindo ajudá-la. Precisava de alguém para segurar o jarro enquanto bombeava. Concorda?

— Sim — falei.

— Mostre-me a igreja, está bem? Sou muito interessado em igrejas antigas.

— Tenho de ir para casa — respondi. — Estou atrasada.

— É, mais atrasada que os outros. Por quê?

— Fiquei de castigo... para escrever o Credo.

— Creio em Deus Pai. Você acredita, meninazinha?

— Claro que acredito. Todo mundo acredita.

— Acreditam? Então você sabe que Deus a guiará e protegerá de todos os perigos e riscos da noite... até mesmo de estranhos no cemitério. Venha... só por um instante. Mostre-me a igreja. Creio que devem ser muito orgulhosos de seus vidros pintados aqui.

— O vigário é — repliquei. — Já escreveram sobre eles. Ele tem um monte de recortes. Pode vê-los, se quiser. Ele lhe mostrará.

Ele ainda segurava minha mão, puxando-me para a porta da igreja. Olhou rapidamente os anúncios das várias reuniões no portal.

Senti-me melhor dentro da igreja. Aquele ar de santidade restaurou minha coragem. Achei que nada de ruim poderia acontecer ali, com a cruz dourada e as janelas de vidros pintados retratando a vida de Jesus em lindos tons de vermelho, azul e dourado.

— É uma bela igreja — disse ele,

— É, mas eu preciso ir. O vigário a mostrará.

— Num minuto. E é melhor ver durante o dia.

— Vai já escurecer — falei. — E eu...

— É, você deve chegar em casa antes de escurecer. Qual é o seu nome?

— Suewellyn — respondi.

— É um nome bonito e fora do comum. De quê?

— Suewellyn Campion.

Ele fez que sim, como se meu nome o tivesse agradado.

— E você mora em Crabtree Cottage?

— Como é que sabia?

— Eu a vi indo para lá.

— Então você me observou antes.

— Acontece que estava por perto.

— Preciso ir ou Tia Amélia ficará zangada.

— Você mora com Tia Amélia, não é?

— Moro.

— Onde estão seu pai e sua mãe?

— Preciso ir. O vigário lhe contará sobre a igreja.

— Sim, mais um minuto. Quem era a senhora que a visitou há dois dias?

— Sei quem você é — falei. — Foi você quem ficou zangado por causa da charrete.

— É, você está certa. Disseram-me que ela tinha ido só até Crabtree Cottage. É uma senhora muito atraente. Qual é o nome dela?

— Srta. Anabel.

— Oh, sim, e ela vem vê-la com frequência?

— Vem, sim.

De repente, ele segurou meu queixo e olhou meu rosto. Achei então que ele era o Diabo e que procurava a pinta no meu queixo.

— Sei o que você está procurando — falei. — Deixe-me ir. Preciso ir para casa agora. Se quiser ver a igreja, peça ao vigário.

— Suewellyn — disse ele. — O que aconteceu? O que estou procurando? Diga-me.

— Não tem nada a ver com o Diabo. É uma coisa com a qual se nasce, É como ter um morango no rosto, se sua mãe teve desejo de morango.

— O quê? — perguntou ele.

— Não é nada, estou-lhe dizendo. Muitas pessoas têm isso. É só uma pinta.

— É muito bonita — disse ele. — Muito bonita mesmo. Bem, Suewellyn, você foi muito gentil comigo e vou levá-la em casa.

Quase saí correndo da igreja. Ele estava ao meu lado. Andava rapidamente pelo cemitério em direção ao prado.

— Lá está Crabtree Cottage — disse ele. — Corra. Fico olhando daqui até que você entre em segurança. Boa-noite, Suewellyn, e obrigado por ser tão gentil comigo.

Eu corri.

Quando estava entrando no meu quarto, Tia Amélia saía do dela.

— Você está atrasada — falou.

— Fiquei de castigo.

Ela fez que sim, com um sorriso de satisfação.

— Tive de escrever o Credo.

— Isso lhe ensinará a ficar na cama — comentou ela.

Entrei no quarto. Não lhe podia contar sobre o estranho. Era tudo tão esquisito. Por que ele me tinha seguido? Por que queria que eu lhe mostrasse a igreja? Pois quando entrou, parecia pouco interessado nela. Era muito misterioso. Pelo menos eu não tinha cedido ao meu medo. Tinha enfrentado o cemitério e descoberto que o fantasma era apenas um homem, afinal de contas.

Imaginava se o veria de novo.

Não o veria.

Quando fui ver Matty no dia seguinte, ela me contou que o cavalheiro tinha saído da Estalagem King William. Tom havia carregado sua mala até a charrete e ele partira no trem, viajando de primeira classe.

— Ele era um verdadeiro cavalheiro — disse Matty —, viajando de primeira classe e tendo tudo do bom e do melhor na King William. John Jeffers não tem muitos como ele, e o homem deu a Tom um *xelim* para carregar suas malas e outro para tirá-las. Um verdadeiro cavalheiro.

Ponderei se devia contar a Matty sobre meu encontro no cemitério com aquele cavalheiro real e característico.

Hesitei. Não estava bem certa se devia. Talvez um dia eu lhe conte, mas ainda não... não, ainda não.

No final da semana parei de sentir aquela vaga apreensão que me assolara desde a primeira vez que vira o homem no cemitério. Afinal de contas, ele parecia bom na igreja. Tinha um dos rostos mais bonitos que já vira. Lembrava-me um pouco Joel. Sua voz era parecida e ele sorria da mesma forma. Era um visitante da igreja e que pensou que eu, como vivia na aldeia, podia contar-lhe alguma coisa sobre ela. Era só isso.

Eu sabia que ele não tinha ido ao vigário no dia seguinte, porque partira de manhã.

O dia estava frio. A Srta. Brent tinha acendido o fogo na sala de aula; mesmo assim, nossos dedos estavam duros de frio e isso não era bom para nossa caligrafia. Ficamos todos contentes quando bateram três horas; podíamos voltar para casa. Passei na Matty, que estava sentada diante de um fogo flamejante. A chaleira, coberta com fuligem preta, achava-se na chapa, e logo ela iria fazer o chá.

Ela me recebeu bem, como sempre, com sua risada arquejante que fazia com que seu corpo volumoso se balançasse.

— Hoje é um dia e meio — disse ela. — O vento está vindo direto do leste. Até mesmo um cachorro não sairia num dia como este... a não ser que tivesse de sair.

Aconcheguei-me a seus pés e desejei poder ficar ali toda a noite. Não seria tão acolhedor em Crabtree Cottage. Sabia que havia uma camada de poeira na prateleira e farelos de pão debaixo da cadeira de Matty; mas havia um aconchego nessas coisas que eu não tinha em casa. Pensei no meu quarto enregelante, eu subindo para me despir, andando cuidadosamente sobre o linóleo lustrado e pulando para a cama tremendo. Ao lado da lareira de Matty havia uma garrafa de pedra de água quente que ela levava para a cama com ela. Tom entrou e disse:

— Alô, Vovó. — Fez um aceno de cabeça em minha direção. Era sempre tímido comigo.

— Não estão precisando de você na King William? — perguntou Matty.

— Tirei uma hora para mim antes de ficar muito ocupado. Não que vá haver muita coisa... numa noite como esta.

— Oh, vocês não têm bons cavalheiros todos os dias.

— Antes tivéssemos.

Vi-me contando a eles sobre meu encontro no cemitério. Não tinha a intenção de contar, mas de alguma forma me sentia importante contando. Tom carregara suas malas e tinha os *xelins* dele. Queria que soubessem que eu também havia travado conhecimento com ele.

— Esse tipo de gente está sempre interessada em igrejas e coisas assim — disse Tom.

Matty fez que sim.

— Houve um homem que veio aqui certa vez... procurando os túmulos. Sentava-se lá... ao lado da imagem gravada de Sir John Ecclestone e a esfregava com um pedaço de papel. É mesmo, há essa espécie de gente.

— Quando fiquei retida até mais tarde, fui para casa pelo cemitério. Ele estava lá... esperando.

— Esperando? — falou Tom, em eco. — Para quê?

— Não sei. Queria que eu entrasse na igreja com ele, e eu lhe falei que o vigário lhe contaria tudo o que quisesse saber.

— Oh, o vigário gostaria disso. Depois que ele começa a falar dos arcos e das janelas ninguém o faz parar.

— Foi engraçado — continuei. — Era como se ele quisesse mesmo me ver... não a igreja.

Matty olhou para Tom, bruscamente.

— Tom — falou severa —, eu lhe disse para ficar de olho na Suewellyn.

— Eu fico, Vovó. Ela ficou de castigo naquele dia, não foi, Suewellyn? E eu tinha de ir trabalhar na estalagem.

Eu fiz que sim.

— Você não tem de estar olhando as igrejas com homens estranhos, garota — disse Matty. — Nem igrejas nem nada.

— Eu não queria mesmo, Matty. Mas ele, de alguma maneira, me fez ir.

— E quanto tempo você ficou na igreja? — perguntou Matty.

— Aproximadamente cinco minutos.

— E ele só conversou com você, não foi? Ele não... não...

Eu estava intrigada. Matty tentava dizer-me alguma coisa e eu não estava

certa do que era.

— Tudo bem — continuou ela. — O Alto e Poderoso Nibs já foi embora, creio. Assim não haverá mais visitas à igreja com ele.

Houve um silêncio no chalé. Então, o centro do fogo desabou e espalhou uma chuva de fagulhas na lareira. Tom pegou o atizador e ajoelhou-se, atizando o fogo. Seu rosto achava-se muito vermelho.

Matty estava silenciosa como nunca.

Eu não podia ficar mais; porém, resolvi que, quando ficasse sozinha com Matty, iria perguntar-lhe por que ela tinha ficado tão preocupada com aquele homem.

Mas nunca houve tal oportunidade.

O dia tinha sido fresco e enevoadado. Estava quase escuro logo depois das três horas, quando voltei da escola. Ao alcançar o prado vi a charrete da estação do lado de fora de Crabtree Cottage e pensei no que aquilo podia significar. A Srta. Anabel sempre nos avisava quando vinha.

Por isso não fui à casa de Matty como pretendia, mas corri tão rápido quanto pude para minha casa.

Tia Amélia e Tio William saíam da sala de visitas quando entrei. Estavam perplexos.

— Ótimo que você já tenha chegado — disse Tia Amélia, sem necessidade, engolindo em seco e ficando em silêncio. Depois falou: — Aconteceu uma coisa.

— A Srta. Anabel... — comecei a perguntar.

— Está lá em cima no seu quarto. É melhor subir. Ela lhe dirá.

Corri pelas escadas. Meu quarto estava um caos. Minhas roupas achavam-se em cima da cama e a Srta. Anabel começava a colocá-las dentro de uma mala.

— Suevellyn! — gritou, quando entrei. — Estou tão contente de você chegar cedo. — Correu para mim e me abraçou. Depois, falou: — Você vai partir comigo. Não posso explicar agora... compreenderá mais tarde. Oh, Suevellyn, você quer mesmo vir!

— Com a senhora, Srta. Anabel, é claro!

— Eu estava com medo... afinal de contas, você está aqui há tanto tempo... pensei... não faz mal... peguei suas roupas. Há mais alguma coisa?

— Meus livros.

— Muito bem, então... apanhe-os.

— É para o feriado?

— Não — disse ela — é para sempre. Você vai viver comigo agora e... e... Mas eu lhe conto mais tarde. Agora, quero pegar o trem.

— Para onde vamos?

— Não estou certa. Para longe. Suewellyn, ajude-me.

Achei os poucos livros que tinha, e eles e minhas roupas foram para a mala de viagem que a Srta. Anabel trouxera.

Encontrava-me bastante confusa. Tinha secretamente esperado sempre que alguma coisa assim acontecesse. Agora que acontecera, sentia-me atordoada demais para aceitar.

Ela fechou a mala e me deu a mão.

Paramos por um instante para dar uma olhada pelo quarto. O aposento de pouca mobília, que tinha sido meu durante todo o tempo. Linóleo lustrado, textos nas paredes... todos instrutivos e um tanto ameaçadores. Aquele de que me lembro mais era: "Oh, que teia complicada nós tecemos, quando iniciamos a prática de mentir."

Eu me lembraria daquilo nos próximos anos.

Olhava a cama pequena de ferro coberta com a colcha de retalhos feita por Tia Amélia. Cada retalho cercado por um ponto de agulha delicado, sinal de um trabalho caprichoso.

— Você devia começar a juntar retalhos para uma colcha — dizia Tia Amélia.

— Agora não, Tia Amélia! Vou afastar-me de colchas de retalho, quartos frios e caridade ainda mais fria para sempre. Vou embora com a Srta. Anabel.

— Dizendo adeus a tudo? — perguntou a Srta. Anabel. Fiz que sim.

— Um pouco de pena? — perguntou, angustiada.

— Não — respondi, com veemência.

Ela riu com a risada que eu me lembrava tão bem, embora fosse um pouco diferente agora, mais aguda, um pouco histérica.

— Está na hora — disse ela —, a charrete está esperando.

Tia Amélia e Tio William ainda estavam no corredor.

— Gostaria de dizer, Srta. Anabel... — começou Tia Amélia.

— Eu sei... eu sei... — replicou Anabel. — Mas tem de ser. Vocês serão pagos...

Tio William olhava com um ar desamparado.

— O que estou imaginando é o seguinte — continuou Tia Amélia. — O que as pessoas vão *dizer*?

— Eles dizem coisas há anos — redargüiu a Srta. Anabel suavemente. — Deixe-os continuar falando.

— Para eles está tudo bem, mas para nós não — disse Tia Amélia.

— Não faz mal. Não faz mal. Vamos embora, Suewellyn, ou perderemos o trem.

Olhei para Tia Amélia.

— Adeus, Suewellyn — disse ela, com os lábios repuxados. Abaixou-se e encostou meu rosto no dela, o máximo que conseguia fazer de carinho. — Seja boazinha... não importa onde vá. Lembre-se de ler a Bíblia e de crer no Senhor.

— Sim, Tia Amélia — respondi. — Vou fazer isso.

Depois, foi a vez do Tio William. Ele me deu um beijo de verdade.

— Seja boazinha — disse, apertando minha mão. Então, a Srta. Anabel me apressou para entrar na charrete.

Naturalmente, estou voltando vários anos no tempo, e nem sempre é fácil lembrar do que aconteceu quando não se tem ainda sete anos. Creio que o quadro fica um pouco colorido; esquece-se de muita coisa. Mas estou certa de que fui possuída de uma excitação selvagem e de que não tive pena de deixar Crabtree Cottage, a não ser por Matty, quando vim a pensar nela, e Tom, é claro. Teria gostado de me sentar mais uma vez com Matty à lareira e contar-lhe que tinha encontrado a Srta. Anabel na casa emalando minhas coisas, e que a charrete estava esperando para nos levar à estação.

Lembro-me bem do trem andando pela escuridão e, de vez em quando, as luzes de uma cidade aparecendo, e de como as rodas mudavam de sonoridade. Indo embora. Indo embora. Indo embora com a Srta. Anabel.

Ela segurou minha mão com firmeza e disse:

— Está feliz, Suewellyn?

— Oh, estou — respondi.

— E não se importa mesmo de deixar Tia Amélia e Tio William?

— Não — respondi. — Gostava muito de Matty, um pouco de Tom, e também do Tio William um pouquinho.

— É claro que eles tomaram conta de você muito bem. Sou-lhes muito grata.

Fiquei em silêncio. Era tão difícil para eu entender.

— Nós vamos para a mata? — perguntei. — Vamos ver o castelo?

— Não. Vamos para muito longe.

— Para Londres? — perguntei. A Srta. Brent falava muito de Londres, que era marcada no mapa com um grande ponto preto para que eu pudesse encontrá-la logo.

— Não, não — disse ela. — Muito, muito longe. Num navio. Vamos sair da Inglaterra de navio.

Num navio! Estava tão excitada que comecei a me balançar para cima e para baixo no assento, sem querer. Ela riu e me abraçou, e eu então me lembrei de que Tia Amélia me teria dito para me sentar quieta.

Sáímos do trem e esperamos na plataforma por outro. A Srta. Anabel tirou umas barras de chocolate da bolsa dela.

— Isso vai enganar a angústia — disse ela rindo. Embora eu não entendesse o que ela queria dizer, ri também e finquei os dentes no delicioso chocolate. Tia Amélia não permitia chocolate em Crabtree Cottage. Anthony Felton, às vezes, levava um pouco para o colégio e tinha grande prazer em comê-lo diante de nós, mostrando-nos como era bom.

Já era noite quando descemos do trem. Anabel tinha malas dela e, com a minha, a bagagem ficava bem grande. Uma charrete nos levou a um hotel onde ficamos num quarto grande de luxo, com uma cama de casal.

— Devemos acordar cedo amanhã — disse a Srta. Anabel. — Você acorda cedo de manhã?

Fiz que sim com satisfação. Trouxeram uma refeição ao quarto — sopa quente e presunto frio — que estava deliciosa. E, naquela noite, a Srta. Anabel e eu dormimos juntas na cama grande.

— Não é divertido, Suewellyn? — disse ela. — Sempre quis que fosse assim.

Eu não queria cair no sono. Estava tão feliz, mas tão cansada que dormi logo. Acordei e me vi sozinha na cama. Lembrei-me de onde estava e dei um grito de alarme porque pensei que a Srta. Anabel tinha-me deixado.

Então a vi. Ela estava de pé na janela.

— O que aconteceu, Suewellyn? — perguntou.

— Pensei que a senhora tivesse ido embora. Pensei que me tivesse deixado.

— Não — disse ela. — Nunca mais vou deixá-la. Venha cá.

Fui até a janela. Vi um cenário estranho diante de mim. Havia muitos edifícios e uma coisa que parecia um navio grande no meio deles.

— São as docas — falou. — Está vendo aquele navio? Vai partir esta tarde e nós estaremos nele.

A aventura estava ficando cada vez mais excitante. Não que qualquer coisa pudesse ser mais maravilhosa do que estar com a Srta. Anabel.

Tomamos o café da manhã no quarto, e depois o carregador levou nossas malas e fomos de carruagem até as docas. Toda nossa bagagem foi embarcada, e nós subimos por um passadiço. Apertando minhas mãos contra as dela, a Srta. Anabel fez-me subir um lance de escadas até uma longa passagem. Chegamos a uma porta, na qual ela bateu.

— Quem é? — disse uma voz.

— Estamos aqui — gritou a Srta. Anabel.

A porta se abriu e Joel apareceu.

Pegou a Srta. Anabel nos braços e apertou-a com força. Depois, me levantou e me apertou. Meu coração batia muito depressa. Só pensava no jogo do osso de galinha da floresta.

— Tive medo de que vocês não conseguissem... — começou ele.

— É claro que conseguiria — disse a Srta. Anabel. — E eu não viria sem Suewellyn.

— Não, é claro que não — disse ele.

— Estamos seguros agora — disse ela, um pouco angustiada, pensei.

— Não até as próximas três horas... quando partirmos...

Ela fez que sim.

— Ficaremos aqui até chegar a hora.

Ele olhou para mim.

— O que você acha disso, Suewellyn? Um pouco surpresa, não é?

Fiz que sim. Olhei à volta da sala, que depois soube chamar-se cabine. Havia duas camas, uma em cima da outra. A Srta. Anabel abriu a porta e eu vi outro quarto muito pequeno que saía dali.

— É lá que você vai dormir, Suewellyn.

— Vamos dormir no navio?

— Oh, vamos... vamos dormir aqui por muito tempo.

Achava-me perplexa demais para falar. Então, a Srta. Anabel me pegou pela mão e sentamo-nos na cama de baixo. Eu estava entre os dois.

— Há uma coisa que lhe quero contar — disse a Srta. Anabel. — Eu sou sua mãe.

Ondas de felicidade me varreram. Eu tinha uma mãe e essa mãe era a Srta. Anabel. Era a coisa mais maravilhosa que podia acontecer. Era ainda melhor do que andar de navio.

— Há ainda outra coisa — falou a Srta. Anabel; e parou.

Então, Joel disse:

— E eu sou seu pai.

Houve um profundo silêncio na cabine. Depois, a Srta. Anabel disse:

— O que você acha disso, Suewellyn?

— Estava pensando que os ossos de galinha *são mágicos*. Todos os meus três desejos... se realizaram.

As crianças se acostumam tanto às coisas. Muito rapidamente me senti como se tivesse sempre estado num navio. Acostumei-me depressa com o balanço e as guinadas, os arrancos e as sacudidas, que não me afetavam, embora fizessem as outras pessoas se sentirem doentes.

Assim que o navio passou um dia no mar e que a Inglaterra ficou para trás,

notei a mudança em meus pais. Tinham perdido um certo nervosismo. Mostravam-se mais felizes. Percebi vagamente que estavam fugindo de alguma coisa. Mas esqueci daquilo depois de algum tempo.

Parecia que tínhamos estado no navio eternamente. O verão havia chegado muito de repente e rápido, quando não devia ser de modo algum verão. Estava, basicamente, muito quente. Navegávamos num mar calmo e eu ficava no convés com Joel ou a Srta. Anabel... ou às vezes com os dois... olhando as toninhas, baleias, golfinhos e os peixes-voadores, coisas que nunca vira fora dos livros de gravuras.

Eu tinha um novo nome. Não era mais Suevellyn Champion. Era Suevellyn Mateland. Podia chamar-me Suevellyn Champion Mateland, sugeriu a Srta. Anabel. Assim não perderia o nome que tinha usado por sete anos.

Anabel era a Sra. Mateland. Ela disse que achava que eu não devia chamá-la mais de Srta. Anabel. Discutimos sobre como deveria chamá-la. Mãe parecia formal. Mamãe, muito severo. Ela falou, afinal:

— Chame-me só de Anabel. Tire o senhorita. Parecia melhor assim, e chamei Joel de Pai Jo.

Eu estava tão feliz de ter um pai e uma mãe! Gostava de Anabel submissamente. Eu a adorava. Joel? Tinha muito respeito por ele. Ele era tão alto e parecia muito importante. Acho que todos tinham um pouco de medo dele... até mesmo Anabel.

Que ele era o homem melhor e mais forte do mundo eu não tinha dúvida. Era como um deus. Mas Anabel não era uma deusa. Era o ser humano mais encantador que já conheci e nada podia comparar-se a meu amor por ela.

Descobri que Joel era médico, pois, quando uma das passageiras ficou doente, foi curada por ele.

— Ele salvou a vida de muita gente — disse-me Anabel. — Então de uma...

Esperei que ela continuasse, mas não continuou, e eu estava muito ocupada para perguntar, pensando como tudo se tinha tornado tão maravilhoso para mim. Tinha ganho esses dois pais, e não pais comuns. Era, na verdade, um milagre, depois de não ter tido pais alguns.

A viagem continuou. Era sempre quente, e eu tinha que pensar muito para me lembrar como era quando o vento leste soprava pelo prado e como, no inverno, tinha de quebrar a fina camada de gelo para conseguir água para me lavar no jarro do meu quarto.

Tudo isso achava-se muito longe e tornava-se cada vez mais nebuloso em minha cabeça, à medida que minha nova vida se impunha sobre a antiga.

Depois de certo tempo, chegamos a Sydney, uma cidade bela e excitante. Quando passávamos pelas Cabeças, fiquei observando tudo com meus pais a meu lado, e meu pai me contou há quantos anos os prisioneiros tinham sido levados para lá ao serem retirados da Inglaterra. Aquela costa era bem parecida à que tínhamos na Inglaterra... ou melhor, no País de Gales, e por isso tinha sido chamada de Nova Gales do Sul.

— A mais linda baía do mundo — disse meu pai. — Foi assim que a chamaram e a chamam até hoje.

Era demais para uma criança de minha idade absorver. Uma nova família; um novo país; uma nova vida. Mas por eu ser tão criança, só vivia o passar dos dias, e toda manhã, quando acordava, tinha uma sensação de excitação e felicidade.

Aprendi um pouco sobre Sydney. Ficamos lá por três meses. Descobrimos uma casa perto da baía, que alugamos por um curto período, e lá vivemos uma vida tranqüila. Surgiu uma vaga inquietação em casa que não existia quando estávamos no navio. Anabel foi mais afetada do que meu pai. Era quase como se ela estivesse com medo de tanta felicidade. Eu sentia uma ponta de medo também.

— Anabel, se uma pessoa está feliz demais alguém pode tirar essa felicidade dela? — indaguei, certa vez.

Ela era muito perceptiva. Compreendeu imediatamente que um pouco de sua ansiedade havia passado para mim.

— Nada vai nos separar — respondeu, finalmente. Meu pai foi embora por um longo tempo, a meu ver.

Todo dia observávamos a volta do navio que deveria trazê-lo. Anabel ficou triste, eu sabia, embora tentasse não me deixar notar. Continuamos a viver como antes, quando os três estávamos juntos, mas podia ver que era diferente. Ela sempre olhava o mar.

Então, num certo dia ele voltou.

Estava muito contente. Apertou-a com força em seus braços e, depois, me levantou, ainda abraçando-a com o outro braço.

— Iremos embora — disse ele. — Encontrei o lugar. Vocês gostarão dele. Podemo-nos estabelecer lá... a muitas milhas daqui por mar. Você se sentirá segura lá, Anabel.

— Segura — repetiu ela. — Sim... é isso o que quero... sentir-me segura. Onde é?

— Onde está o mapa?

Nós o estudamos. A Austrália era como que um círculo de massa moldada um pouco sem forma. A Nova Zelândia era como que dois cachorros brigando. E lá fora no oceano viam-se diversos pontinhos pretos. Meu pai apontava para um deles.

— Ideal — dizia ele. — Isolado... a não ser por um grupo de ilhas iguais. Essa é a maior. Pouca coisa se passa lá. As pessoas tendem a ser amigas... tranqüilas... exatamente como eu esperava. Havia uma razoável plantação de coco, mas agora há menos. Há coqueiros por todo canto. Chamei-a de Ilha das Palmeiras, mas seu nome na verdade é Vulcão. Precisam de um médico lá. Não há nenhum na ilha... nenhuma escola... nada... É um lugar onde a pessoa pode perder-se... um lugar para se desenvolver... um lugar para se oferecer alguma coisa. Oh, Anabel, eu gostei de lá. Você também vai gostar.

— E Suevellyn?

— Pensei em Suevellyn. Você pode ensinar-lhe durante alguns anos e depois ela pode ir ao colégio em Sydney. Não estamos assim tão longe. Passa por lá um navio de vez em quando para buscar compra. É o lugar, Anabel. Soube assim que vi.

— De que precisaremos? — perguntou Anabel.

— De muitas e muitas coisas. Temos um mês e pouco. O navio passa cada dois meses. Quero pegar o próximo. Enquanto isso, estaremos ocupados.

Ficamos ocupados. Compramos todo tipo de coisas: móveis, roupas, e provisões de toda espécie.

— Meu pai deve ser um homem muito rico — falei. — Tia Amélia dizia que sempre pensava duas vezes antes de gastar um vintém.

Cuide do centavo e as libras cuidarão delas mesmas, era um de seus ditos favoritos. Não desperdice, não queira, era outro. Cada migalha de pão devia transformar-se num pudim de pão e manteiga, e eu tinha sempre problemas em alimentar os passarinhos no inverno.

Meu pai falava muito sobre a ilha. Os coqueiros cresciam em abundância, mas havia outras árvores como fruta-pão, bananeiras, laranjeiras e limoeiros.

Existia uma casa lá que tinha sido construída pelo homem que fizera uma indústria próspera do cultivo de cocos. Meu pai ficara com a casa por uma bagatela.

Toda nossa bagagem foi colocada a bordo do navio e nós partimos. Não me recordo que época do ano era. Esqueci-me porque não havia estações como as que eu conhecera. Era sempre verão.

O que nunca irei esquecer foi minha primeira olhada na Ilha Vulcão. Reparei imediatamente num enorme pico que parecia erguer-se do mar e que era visível muito antes que se chegasse à ilha.

— Tem um nome estranho aquela ilha — disse meu pai. — É chamada de uma forma que, traduzida, quer dizer Gigante Resmungão.

Estávamos de pé no convés, os três de mãos dadas, olhando pela primeira vez para o novo lar, E lá estava ele... um grande pico erguendo-se para fora do mar.

— Por que ele resmunga? — perguntei, com curiosidade.

— Sempre resmungou. Às vezes, quando fica realmente zangado, ele lança algumas pedras e calhaus. Eles saem fervendo.

— Ele é realmente um gigante? — perguntei. — Nunca vi nenhum.

— Bem, você vai travar conhecimento com o Gigante Resmungão, mas não é um gigante de verdade — respondeu meu pai. — Acho que é apenas uma montanha. Domina a ilha. O nome verdadeiro é Ilha do Gigante Resmungão, mas alguns viajantes vieram aqui há muito tempo e chamaram-na de Ilha Vulcão. Por isso, no mapa lê-se assim.

Ficamos lá olhando, e depois de algum tempo a terra parecia formar-se em volta da grande montanha. Via-se uma areia amarela e coqueiros ondulantes por toda parte.

— É como um paraíso — disse Anabel.

— Vamos transformá-la nisso — respondeu meu pai. Não pudemos chegar diretamente na ilha; tivemos de ancorar a aproximadamente uma milha de distância. Havia uma tremenda atividade na praia. Gente de pele escura remava numas embarcações leves e esguias, que mais tarde soube serem chamadas canoas. Gritavam e gesticulavam e, principalmente, riam.

Nossos pertences foram carregados em alguns dos escaleres, e eles levaram-nos para a praia em suas canoas.

Quando os objetos tinham sido todos desembarcados, nós fomos levados.

Depois, os pequenos escaleres foram levantados e o grande navio zarpou, deixando-nos em nossa nova casa na Ilha Vulcão.

Havia tanto a fazer, tanto a ver. Não podia acreditar inteiramente que aquilo estivesse acontecendo. Parecia tudo pertencente a uma história de aventura.

Anabel percebeu minha perplexidade.

— Um dia você compreenderá — falou ela.

— Conte-me agora — implorei. Ela sacudiu a cabeça.

— Você não compreenderia agora. Quero deixar para quando você for mais velha. Vou começar a escrever agora para que possa ler quando estiver mais velha e puder compreender. Oh, Suewellyn, quero mesmo que compreenda. Não quero que nos culpe nunca. Nós a amamos. Você é nossa filha e, pelo modo como aconteceu, passamos a amá-la mais ainda.

Ela pôde notar que eu estava intrigada. Beijou-me e, chegando mais perto de mim, continuou:

— Vou contar-lhe tudo. Por que você está aqui... por que estamos todos aqui... como aconteceu. Não podíamos fazer outra coisa. Você não deve culpar seu pai... nem a mim. Não somos como Tia Amélia e Tio William. — Deu uma risadinha. — Eles vivem... em segurança. É esta palavra que estamos procurando. Nós não vivemos. Não está em nossa natureza. Tenho a impressão de que você talvez seja como nós. — Depois, riu de novo. — Bem, é assim que somos. E assim mesmo... Suewellyn, vamo-nos estabelecer aqui... vamos gostar daqui. Vamo-nos lembrar disso sempre que tivermos saudades de casa... que estamos juntos e que este é o único meio de estarmos juntos.

Pus meus braços em volta de seu pescoço. Estava tomada de amor por ela.

— Nunca, nunca vamo-nos separar, não é? — perguntei, com medo.

— Nunca — respondeu ela, com veemência. — Só a morte poderá separar-nos. Mas quem quer falar de morte? Aqui está a vida. Não sente isso, Suewellyn? Aqui está transbordante de vida. Só se tem de levantar uma pedra e lá está ela... — Fez uma careta. — Cuidado, eu bem que dispensava as formigas, cupins e coisas assim... Mas há vida aqui... e é a nossa vida... os três juntos. Seja paciente, minha querida filha. Seja feliz. Vivamos cada dia que passar. Você consegue fazer isso?

Fiz que sim com a cabeça, e caminhamos juntas pelo coqueiral, para onde a água quente tropical batia na praia.

CAPÍTULO 2

A história de Anabel

Jessamy teve um papel muito importante em minha vida. Ela sempre estava lá. Era rica, mimada e filha única de pais extremosos. Nunca invejei suas roupas bonitas e suas jóias. Não sou, acredito, invejosa por natureza. É uma de minhas virtudes, e como tenho poucas outras é aconselhável registrar esta. De qualquer modo, sempre acreditei que tinha muito mais do que ela.

É verdade que eu não morava numa mansão cercada de empregados. Não tinha vários pôneis que pudesse montar conforme me aprouvesse. Eu morava num vicariato modesto com meu pai viúvo — minha mãe morrera ao me dar à luz — e tínhamos duas empregadas apenas: Janet e Amélia. Nenhuma delas era exatamente louca por mim, mas creio que Janet gostava de mim à sua maneira, embora nunca admitisse isso. Ambas eram rápidas e eficientes quando se tratava de apontar meus defeitos. Mas eu era mais feliz, acho que sim, muito mais feliz do que Jessamy.

O fato é que Jessamy era decididamente o que as pessoas chamam de "feinha", e pessoas desagradáveis como Janet, que nunca dizem mentira embora possam evitar que o outro fique magoado, chamavam-na assim diretamente.

— Não faz mal — costumava dizer Janet. — Seu pai lhe comprará um belo marido. A senhora, Srta. Anabel, terá de encontrar o seu.

Janet apertava os lábios quando dizia isso, como se tivesse certeza de que minhas esperanças em encontrar um fossem poucas. Pobre Janet, ela era a melhor criatura do mundo, mas era obcecada por sua indestrutível veracidade, da qual jamais se afastava.

— Foi uma boa coisa você não ter sido criada antes da Inquisição — disse-lhe certa vez. — Você se prenderia à menor e mais tola verdade até mesmo diante da fogueira.

— De que está falando, Srta. Anabel? — replicou ela. — Nunca conheci ninguém que tivesse tanta fantasia. E, grave minhas palavras, a senhora dará com os burros n'água qualquer dia desses.

Ela tinha visto aquela profecia se realizar; mas era tarde demais.

Então, lá estava eu na casa paroquial com meu pai aluado, a honesta e

terrena Janet, e Amélia, que era tão virtuosa quanto Janet e ainda um pouco mais consciente disso.

Algumas pessoas poderiam imaginar como eu conseguia usufruir a vida completamente, mas eu o fazia. Havia tanto que fazer. Tinha interesse em tudo à minha volta. Ajudava bastante meu pai. Escrevi até um sermão para ele uma vez e ele estava começando a lê-lo quando percebeu que aquele não era o tipo de sermão que seus paroquianos gostavam de ouvir. Era sobre o que constituía uma boa pessoa, e eu tinha inconscientemente ilustrado minha exposição descrevendo algumas falhas das pessoas que estavam sentadas nos bancos ouvindo. Felizmente, mudou para um que tinha guardado na gaveta, sobre os dons de Deus na Terra, que era realmente ótimo para o festival da colheita; e, como ele mudou antes que minhas palavras revolucionárias tivessem acordado a congregação de seu marasmo habitual, ninguém percebeu.

Depois daquilo não me permitiu mais escrever sermões. Era uma pena. Eu teria gostado.

Lembro-me bem dos domingos. A família Seton estava sempre lá, bem no banco da frente, embaixo do atril. Era uma família que vivia na mansão, e era a eles que a minha família devia seu sustento. Eram aparentados conosco. Lady Seton era minha tia, irmã de minha mãe. Amy Jane tinha-se casado "bem" quando se ligou a Sir Timothy Seton, pois ele era um homem rico que possuía uma vasta quantidade de terras e, creio eu, tinha muitas outras posses. Era um partido muito satisfatório, para início de conversa. Não tiveram um filho para perpetuar o ilustre nome Seton, e suas esperanças repousavam em sua filha única, Jessamy. Faziam sempre as vontades de Jessamy, mas, por estranho que pareça, ela não foi estragada. Era uma criança bastante tímida e eu sempre levava a melhor quando estávamos sozinhas. Naturalmente, quando isso não se dava, e havia adultos presentes, eles sempre faziam um jogo limpo, o que significava pôr Jessamy em boa situação.

Quando éramos crianças e antes de Jessamy tivesse uma governanta, ela vinha ao vicariato para tomar aulas, pois meu pai tinha um cura que nos ensinava.

Mas deixem-me começar do início. Havia duas irmãs — Amy Jane e Susan Ellen. Eram filhas de um pároco, e quando cresceram a mais moça das duas, Susan Ellen, apaixonou-se pelo cura que veio ajudar seu pai. Ele era pobre e não tinha situação para se casar, mas Susan Ellen nunca fora de considerar o lado prático da vida. Agindo contra os conselhos de seu pai, de toda a comunidade da aldeia e de sua forte irmã, ela fugiu com o cura. Eram muito pobres, pois ele não tinha nenhum meio de vida; abriram uma escolinha e ensinaram lá por algum tempo. Enquanto isso, Amy Jane, a virgem prudente, tinha conhecido o rico Sir Timothy Seton. Ele era

viúvo sem filhos e queria muito ter uma descendência. Amy Jane era uma moça bonita e muito capaz. Por que não se casaria? Ele precisava de uma dona-de-casa e de filhos. Amy Jane parecia apta a prover as duas necessidades.

Amy Jane acreditava que seria uma mulher conveniente para ele e, o que era mais importante, que ele seria o marido certo para ela. Riqueza, posição e segurança eram três metas muito desejáveis aos olhos de Amy Jane. E depois do casamento desastroso de sua irmã, devia haver alguém que restabelecesse a fortuna da família.

Assim, Amy Jane casou-se e, com seu modo forte, começou a se encarregar das tarefas a que se propusera. Em pouco tempo, a casa de Sir Timothy estava sendo cuidada com a maior habilidade, para sua alegria e alegria um pouco menor de seus domésticos, pois aqueles que Amy Jane não considerava dignos das despesas que davam eram dispensados, e os outros, vendo que seus destinos dependiam de quanto agradavam Amy Jane, procuravam fazê-lo a contento.

Não demorou muito para que surgisse um meio de vida para o cura e sua noiva imprudente; e eles acabariam morando bem sob a sombra da Mansão Seton.

Amy Jane então encetou o novo projeto, que era dar filhos à Mansão Seton.

Nesse particular, ela foi menos bem-sucedida. Teve um aborto, que acreditou ser um descuido da parte do Tudo-Poderoso às suas orações por um filho, acrescidas às de toda a aldeia. Mas quase logo depois ficou grávida, e daquela vez a gravidez foi levada a termo, embora não totalmente satisfatória, e foi pelo menos um início.

Sir Timothy ficou encantado com o chorinho da criança, que, segundo a enfermeira Abbott, tinha precisado de uma boa palmada no traseiro para começar a respirar.

— O próximo será um menino — declarou Amy Jane, numa voz que intimidaria até mesmo os céus.

O médico se opôs; Amy Jane arriscaria sua vida tentando ter outro filho. Deixassem-na sossegada com a filha. A criança estava respondendo ao tratamento e iria sobreviver.

— Não arrisque de novo — dissera o médico. — Não me responsabilizo pelas conseqüências.

E como nem Amy nem Sir Timothy desejassem enfrentar uma tal desgraça, não houve mais crianças; e Jessamy, depois de se prender à vida de um modo um tanto precário por algumas semanas, subitamente começou a exigir comida e a agitar os pés e chorar da mesma forma que as outras crianças.

Uns meses depois do nascimento de Jessamy, a vida e a morte chegaram de mãos dadas no vicariato. Amy Jane ficou chocada. Minha mãe tinha sido sempre um desapontamento para ela. Não só havia feito um casamento desastroso como também, quando Amy Jane a estava ajudando a se reerguer com um meio de vida muito agradável que Sir Timothy lhe tinha assegurado com esforço (pois havia outros que mereciam na verdade mais do que meu pai), ela deu à luz uma criança e morreu. Um bebezinho no vicariato com um homem mais inútil do que o habitual era inconveniente, para falar de modo pouco exagerado, mas uma mulher com a capacidade de Amy Jane não seria vencida. Encontrou Janet e instalou-a. Daí por diante, eu fui cuidada, e Amy Jane, sendo a parente mais próxima de minha mãe, naturalmente me dava uma supervisão.

Isso ela fez, sem dúvida, e a sua própria preciosa Jessamy foi parte de minha infância e adolescência. Eram as roupas de Jessamy que chegavam no vicariato e eram arrumadas para mim. Eu era ligeiramente mais alta, o que deveria fazer com que elas ficassem mais curtas, mas Jessamy tinha ombros mais largos e as levantava mais. Janet dizia que era muito fácil diminuí-las um pouco e que o tecido era melhor do que qualquer outro que entrava na casa, vindo das lojas.

— Você fica muito melhor nelas do que a Srta. Jessamy — dizia Janet, e dito por ela, que não podia mentir, era muito gratificante.

Então, habituei-me a usar roupas aproveitadas. Lembro-me de muito poucas que não vieram através de Jessamy. Passando muito tempo com ela, usando seus vestidos velhos, fez com que eu me tornasse uma parte da sua vida.

Houve certa vez em que tia Amy Jane achou estar na moda mandar meninas ao colégio, e houve um comentário de que nós iríamos. Fiquei excitada com a idéia. Jessamy ficou apavorada. Então, o Dr. Cecil, que tinha sugerido não se acrescentar outra criança à família Seton além de Jessamy, foi de opinião que ela não era forte suficiente para ir para o colégio interno.

— O pulmão dela — foi tudo o que disse. Assim, não houve escola, e como o pulmão de Jessamy era fraco demais para que ela fosse, o meu, por forte que pudesse ser — e nunca dera a mim ou ao Dr. Cecil nenhuma indicação de não ser — não me mandou para lá. As mensalidades teriam de ser pagas por Sir Timothy, e não seria de se esperar que eu fosse mandada para lá com despesas pagas enquanto sua filha ficava em casa.

Quando havia festa na Mansão Seton, Tia Amy Jane sempre cumpria seu dever, convidando-me. Quando chegava no vicariato vinha de carruagem, com um aquecedor de pé no inverno e uma sombrinha no verão. Nos dias de inverno, pegava

seu bonito regalo de zibelina e descia da carruagem, enquanto o boleeiro dos Setons abria a porta com a máxima deferência, e ela entrava na casa. No verão, ela trazia a sombrinha, e o boleeiro a abria solenemente e segurava-a com uma das mãos enquanto ajudava-a a descer com a outra. Eu costumava apreciar aquele ritual da janela de cima, com um misto de hilaridade e respeito.

Meu pai a recebia de uma forma um tanto encabulada. Procurava desesperadamente seus óculos, que tinha posto no alto da cabeça. Eles sempre ficavam muito para trás, e ele pensava que os pusera em algum outro lugar — o que acontecia de vez em quando.

O objetivo da visita dela era certo para mim, porque era sua obrigação. Ela não tinha nenhuma razão para se preocupar com um homem que devia seu sustento à benevolência dela... ou à de Sir Timothy, mas todas as bênçãos que chegavam à nossa casa provinham dela, é claro. Mandava buscar-me e me estudava atentamente. Janet dizia que Lady Seton não gostava realmente de mim porque eu parecia mais saudável do que a Srta. Jessamy, e que eu lhe fazia lembrar do peito fraco e de outros achaques de sua filha. Não estava certa se Janet tinha razão, mas sentia mesmo que Tia Amy Jane não me apreciava muito. Sua preocupação com meu bem-estar provinha de obrigação e não de afeição, e eu nunca tive prazer em ser objeto de dever. Duvido que alguém tenha.

— Vamos ter uma noite musical na próxima sexta-feira — disse ela um dia. — Anabel deve ir. Ela pode vir para passar a noite, pois terminará tarde, e assim fica muito mais simples, Jennings tem o vestido que ela deve usar, na carruagem. Ele o trará para ela.

Meu pai, lutando com seu auto-respeito, falou:

— Oh, isso não é necessário, você sabe. Afirmo que podemos comprar um vestido para Anabel.

Tia Amy Jane riu. Notei que sua risada era excepcionalmente alegre. Pretendia geralmente afastar ou denegrir a tolice da pessoa a quem era dirigida.

— Isso seria bem impossível, meu caro James. — O seu "caro" era freqüentemente um termo de reprovação. Eu me ressentia daquilo. Risada deveria expressar alegria; termos afetivos eram destinados a carinho. Tia Amy Jane os transformava. Creio que pelo fato de ela ser uma pessoa tão eficiente, altamente respeitável e sempre correta. — Não se pode esperar que você compre roupas apropriadas com seu salário. — Mais uma risada, enquanto seus olhos varriam nossa humilde sala de estar e mentalmente comparava-a ao lindo *bali* da Mansão Seton, que pertencera à família Seton por centenas de anos, com as luzidias espadas nas

paredes e as tapeçarias que estavam na família há muitas gerações e eram reputadas por ser Gobelins. — Não, não. James, deixe comigo. Devo isso a Susan Ellen. — O tom abafado de sua voz indicava que ela estava falando da falecida. — Ela teria desejado assim. Não queria nunca que Anabel fosse criada como uma selvagem.

Meu pai abriu a boca para protestar, mas, àquela altura, Tia Amy Jane já se tinha virado para mim.

— Janet pode ajustá-lo. Será muito simples. — As tarefas dos outros estavam sempre na mira de Tia Amy Jane. Exigia muito daqueles de quem ela própria cuidava. Ela me olhava de certa forma maldosa, pensei. — Espero, Anabel — continuou —, que você se comporte com decoro e que não perturbe Jessamy.

— Oh, sim, Tia Amy Jane, não a perturbarei e vou comportar-me.

Senti um desejo irresistível de dar uma risadinha, o que parece que me acontecia freqüentemente na presença de muitas pessoas. Minha tia pareceu perceber aquilo. Falou com uma voz de enterro:

— Lembre-se sempre de que sua mãe teria desejado.

Estava a ponto de dizer que não tinha certeza do que minha mãe teria desejado, pois eu era polêmica por natureza, e nunca pudera resistir à tentação de esclarecer uma situação. Ouvira de alguns dos empregados de Seton Hall que minha mãe nunca tinha sido a santa que Tia Amy Jane falava. Minha tia parecia ter esquecido que ela era tão cabeça-dura a ponto de fazer um casamento com um pobre cura. Os empregados diziam que a Srta. Susan Ellen tinha sido "um pouco estouvada. Sempre enfiava o dedo em alguma torta e fazia graça disso. Pensando bem, Srta. Anabel, a senhora é a imagem esculpida dela". Isso era bastante terrível.

Bem, fui à noitada de música com o vestido de seda de Jessamy, que era realmente muito bonito. Jessamy falou:

— É, você fica mais bonita nele do que eu, Anabel.

Ela era uma menina meiga, o que torna tudo o que lhe fiz mais repreensível. Eu a levava sempre a fazer artes. Houve o caso das ciganas, que lhe vai dar uma boa idéia do que quero dizer.

Não nos era permitido passear na mata sozinhas, mas o simples fato de a mata ficar fora da fronteira fazia com que fosse especialmente fascinante para mim.

Jessamy não queria ir. Ela era o tipo de menina que gostava de fazer exatamente o que lhe diziam; achava que era tudo para seu bem. Deus é quem sabe que essa explicação nos era dada muito freqüentemente. Eu era o exato oposto, e me

deliciava em tentar provar quem era a mais forte... meus poderes de persuasão ou o desejo de Jessamy em manter o caminho da correção.

Eu invariavelmente ganhava, pois a amolava tanto até que ela cedia. Então, a longo prazo, persuadi-a a aventurar-se na mata onde uns ciganos estavam acampando. Poderíamos dar uma olhada rápida, falei, e ir embora antes que nos vissem.

O fato de haver ciganos em volta dava mais razão para que não nos aventurássemos a ir lá. Contudo, eu estava determinada, e disse tanto a Jessamy que ela era covarde que, no fim de algum tempo, ela concordou em me acompanhar.

Chegamos ao acampamento. Havia um fogo queimando perto, com uma panela fervendo. O cheiro era muito bom. Sentada próxima ao acampamento estava uma mulher com um xale vermelho rasgado e brincos de latão. Era uma cigana típica, com um cabelo preto emaranhado e grandes olhos escuros e brilhantes.

— Bom-dia para vocês, belas senhoritas — gritou, quando nos viu.

— Bom-dia — repliquei, agarrando no braço de Jessamy, pois tive o pressentimento de que ela iria virar-se e correr.

— Não se assustem — disse a mulher. — Meu Deus! São duas senhoritas bonitas. Acredito que uma sorte venturosa as espera.

Eu estava enfeitiçada pela perspectiva de saber meu futuro. Sempre estive. Nunca pude e não posso resistir a uma pessoa que me leia a sorte.

— Venha cá, Jessamy — falei, puxando-a para a frente.

— Acho que devíamos voltar — murmurou ela.

— Venha — falei, agarrando-a com firmeza. Ela não gostava de protestar. Teve medo de parecer grosseira com os ciganos. Jessamy estava sempre considerando as boas e más maneiras, e tinha horror de ser grosseira.

— Vocês duas vieram da casa grande, presumo — disse a mulher.

— Ela veio — respondi. — Eu sou do vicariato.

— Oh, santo, santo — disse a mulher. Seus olhos fixaram Jessamy, que usava uma bonita corrente de ouro com uma presilha de ouro em formato de coração. — Bem, minha linda — continuou. — Tenho certeza de que tem uma sorte venturosa à sua espera.

— Tenho? — perguntei, estirando minha mão. Ela pegou-a.

— Será você quem fará sua própria sorte.

— Todo mundo não faz? — perguntei.

— Oh, inteligente, não é? Está bem. Sim, nós fazemos... com uma pequena ajuda do destino. Você tem um grande futuro... Conhecerá um estranho alto e moreno e viajará com ele pelo oceano. E ouro... sim, vejo ouro. Oh, você tem um grande futuro, tem, senhorita. Agora, deixe-me olhar a outra mocinha.

Jessamy hesitou, e eu segurei a mão dela. Notei como a mão da cigana era escura e encardida comparada com a de Jessamy.

— Ooooh. Você vai ter sorte, vai. Vai casar-se com um lorde e ter lençóis de seda para dormir. Terá anéis de ouro nos dedos... mais bonitos do que esta corrente aqui. — Ela segurava a corrente na outra mão e a examinava. — Oh, sim, você terá um futuro belo e promissor diante de si.

Um homem estava passando. Era escuro como a mulher.

— Estava lendo a sorte das senhoras, Cora? — perguntou.

— Que os corações delas sejam abençoados — respondeu ela, suavemente. — Elas queriam ouvir a sorte. Esta aqui vem da casa grande.

O homem fez que sim. Não gostei muito do aspecto dele. Seus olhos eram aguçados como os de um animal, enquanto a mulher era gorda e de aspecto agradável.

— Espero que cruzem a palma de sua mão com prata, Cora — disse ele.

Ela sacudiu a cabeça. Os olhos dele brilhavam.

— Oh, isso dá má sorte, dá. Vocês devem cruzar a palma da mão da cigana com prata.

— O que acontecerá se não fizermos isso? — perguntei, com curiosidade.

— Tudo viraria de pernas para o ar. Todo o bom seria mau. Oh, dá muito azar... não cruzar a palma da mão da cigana com prata.

— Nós não temos prata nenhuma — disse Jessamy, aterrada.

O homem estava de olho na corrente. Deu um puxão nela e o fecho se abriu. Ele riu, e eu notei seus dentes feios; eram pretos como se fossem presas.

Ocorreu-me que os mais velhos tinham razão e que *não era* prudente passear pela mata.

O homem segurava a corrente e a olhava intensamente.

— É minha melhor corrente — disse Jessamy. — Foi meu pai quem me deu.

— Seu pai é um homem muito rico. Sei que lhe dará outra.

— Foi do meu aniversário. Por favor, me devolva. Minha mãe vai ficar zangada, se eu perdê-la.

O homem deu uma cotovelada na mulher.

— Acho que Cora ficaria zangada se não ficássemos com ela — falou. — Sabe, ela lhes fez um serviço. Leu o destino de vocês. Agora, têm de lhe pagar alguma coisa. Vocês têm de cruzar a mão da cigana com prata... se não o fizerem, um terrível desastre acontecerá. É isso, não é, Cora? Cora sabe. Ela tem poderes. Tem contato com aquele que sabe. O Diabo é grande amigo dela, também. Ele lhe diz: "Se alguém não a tratar bem, Cora, avise-me!" Bem, pedir para ler a sorte sem cruzar a palma da mão da cigana é contra a regra. Mas ouro serve... ouro serve do mesmo jeito.

Jessamy estava de pé como que transfigurada de horror. Olhava fixamente para sua corrente na mão do homem. Pressenti o perigo. Via os olhos dele avaliando nossas roupas, especialmente as de Jessamy. Ela usava também uma pulseira de ouro. Felizmente achava-se escondida embaixo da manga.

De repente, percebi que tínhamos de escapar rapidamente. Agarrei a mão dela e zuni, correndo o mais depressa possível, puxando-a comigo. Do canto do olho podia ver o homem correndo atrás de nós.

— Deixe-as em paz — gritou a mulher. — Não seja louco, Jem. Deixe-as ir e ponha os cavalos no caminhão.

Jessamy estava arfando. Eu parei e escutei. O homem tinha seguido o conselho de Cora, e não estávamos sendo seguidas.

— Ele foi embora — falei.

— Minha corrente também — disse Jessamy, lamentosa.

— Diremos que o homem veio até nós e a arrancou.

— Isso não é bem verdade — retrucou Jessamy.

Ó, meu Deus, pensei, essa mania da verdade, como era chato!

— Ele arrancou mesmo — insisti. — Não temos de contar-lhes até que ponto da mata entramos. Diremos apenas que ele veio até nós e a arrancou.

Jessamy estava muito infeliz. Entretanto, fui eu quem contou a história, atendo-me o quanto pude à verdade, não lhes dizendo até que ponto tínhamos entrado na mata e eliminando a mulher e a predição do futuro.

Houve grande consternação — mais porque tínhamos sido incomodadas, como disse Tia Amy Jane, do que pela perda da corrente. Mandaram homens até a mata, mas a caravana tinha partido, embora houvesse marcas de roda e sinais do fogo, mostrando onde eles tinham estado.

Tia Amy Jane, que mandava na maior parte das coisas na aldeia, assim como na Mansão Seton, mandou colocar tabuletas com "Os transgressores serão punidos" por toda a mata, e daí por diante não era permitido aos ciganos acamparem lá. Fiquei pasma de ver que aquilo tinha acontecido por minha desobediência, mas consolei-me em pensar que não fiz o cigano tornar-se ladrão; ele já era ladrão, e por isso achei que não tinha de me preocupar muito.

Era a pobre e inocente Jessamy quem se preocupava. Ficava vermelha toda vez que se mencionavam ciganos ou cartomantes. Tínhamos pregado uma mentira, disse ela, e o anjo registrador anotaria aquilo. Teria de ser respondido quando chegássemos no céu.

— Ainda falta muito tempo para isso — confortei-a. — E se Deus é o que penso que é, Ele não vai gostar desse registrador intruso. Não é bonito vigiar os outros e anotar o que eles fazem num caderninho.

Jessamy estava sempre esperando que os céus se abrissem e que Deus me infligisse alguma coisa de terrível. Costumava assegurar-lhe que Ele tinha tido muitas oportunidades e que, se nunca fizera isso até agora, certamente pensava que eu não era tão má.

Jessamy não estava segura disso. Sua vida era cheia de medos e indecisões. Pobre Jessamy, que tinha tanto e nada parecia adiantar.

Sempre fui muito interessada em Amélia Lang e William Planter. Eles, por muito tempo, fizeram parte do movimento do vicariato, e eram os mesmos ao longo dos anos. Então, descobri que havia, como Janet dizia, "alguma coisa entre eles". Assim que ouvi aquilo fiquei consumida de curiosidade para descobrir o que era. Costumava discutir com Jessamy e inventar toda sorte de histórias incríveis sobre eles. O nome de William me encantava. William Planter, disse a Jessamy, era um nome perfeito para jardineiro. Será que se tornara jardineiro porque seu nome era Planter (Plantador) ou era apenas uma brincadeira de Deus... ou de quem lhe tivesse dado o nome, afinal de contas? Pois William vinha de uma longa linha de flanters e todos eles eram muito habilidosos em jardinagem.

Eu rolava de alegria e fazia com que Jessamy fizesse o mesmo, esquecendo as regras de compostura, escolhendo nomes para as pessoas como o de William Planter. A cozinheira, dizia eu, deveria ser Sra. Bakewell (Assa bem), em vez de Sra. Wells. Thomas, o copeiro, deveria ter um nome óbvio. Ninguém parecia saber seu nome de verdade. Chamavam-no sempre de Thomas. O servente deveria chamar-se Jack Foot (Jack Serve em Pé). O boleiro, George Horsemare (George Cavalo-Égua). Quanto a Jessamy, deveria chamar-se Jessamy Good (Jessamy a Boa).

Tudo parecia hilariantemente engraçado para mim.

Fiquei muito interessada neste "alguma coisa" entre William e Amélia. Numa rara ocasião, induzi Amélia a falar sobre isso... Sim, havia um entendimento entre eles, mas William nunca tinha falado e, até que o fizesse, as coisas permaneceriam como estavam..

Não podia entender aquilo, pois tinha ouvido dizer que William falava muitas vezes. Ele não era mudo, lembrei. "Ele não falava", insistiu Amélia, e foi tudo o que disse.

Servi de instrumento para que ele "falasse". Consegui reuni-los uma certa tarde. Tinha atraído Amélia para o jardim a fim de colher rosas, quando soube que William estava trabalhando no canteiro de rosas. Assim, com os dois juntos, falei:

— William, você não fala. Você tem de fazer isso agora mesmo. A pobre Amélia não pode fazer nada até que você *fale*.

Eles simplesmente olharam um para o outro, e Amélia ficou roxa, assim como William. Em seguida, ele disse:

— Você quer então, Amélia?

— Quero, William — respondeu Amélia.

Observei-os com satisfação, embora ambos não parecessem tomar conhecimento de mim. Mas William tinha "falado", e agora eles podiam ficar noivos.

O noivado continuou por vários anos, mas era sabido que William e Amélia estavam apalavrados desde aquele dia, e quando Janet me contou que aquilo queria dizer que ninguém mais podia tê-los, eu lembrei-lhe que achava que ninguém mais os queria. Contei-lhe como fizera William "falar".

— Srta. Interferência! — disse ela; mas eu sabia que Janet estava rindo.

Havia sempre razões para que Amélia e William não pudessem casar-se. William vivia num pequeno quarto do vicariato. Era pouco mais do que uma choça, e não havia espaço para dois lá. O casamento teria de ser adiado até que eles

encontrassem um lugar para viver.

Amélia irritava-se com a demora, mas estava feliz por William ter falado. Eu sempre lhe lembrava que tinha sido consequência de minha alfinetada.

Vários anos se passaram e então, num dia de outono, William levou uma queda. Tinha subido numa escada para colher maçãs dos galhos mais altos e perdeu o pé. Quebrou a perna e nunca mais foi o mesmo depois daquilo. Mancava e fitou com reumatismo no membro atingido, e meu pai falou com Sir Timothy sobre o problema.

Sir Timothy era um homem bom que tinha orgulho de cuidar do pessoal que trabalhava com ele e, naturalmente, os nossos — através de Tia Amy Jane, é claro — estavam sob sua jurisdição.

Logo ficou claro que alguma coisa tinha de ser feita por William Planter. Sir Timothy, que parecia ter propriedades por todo o país, possuía um chalé no prado de Cherrington. Chamava-se Crabtree Cottage por causa da árvore de *crabapple* (maçã ácida), em frente a ele.

William quase não podia trabalhar. Teria de ter uma soma por ano e casar-se com Amélia, a quem tinha deixado esperando por tanto tempo. Iriam morar em Crabtree Cottage, que seria deles até o fim de suas vidas.

Assim, William e Amélia se casaram e partiram com certo esplendor para Cherrington e Crabtree Cottage.

Amélia mandava-nos um cartão todo Natal, e os dois pareciam ter encontrado estabilidade no casamento e um certo conforto em Crabtree Cottage.

Tínhamos outro jardineiro, que trabalhava também na Mansão Seton, e uma das viúvas da aldeia veio ajudar-nos, no lugar de Amélia.

Estávamos crescendo. Jessamy era uns meses mais velha do que eu, mas sempre me considerei a mais velha.

Tínhamos 17 anos e começou o assunto de "debutarmos". Isso só aconteceria quando tivéssemos 18 anos, e o objetivo era encontrar maridos adequados para nós. Antes desse grande evento, conforme eu denominava, havia festas de preparação, e uma delas, que não pareceu muito significativa na época, mudou todo o curso de nossas vidas.

Tia Amy Jane estava convidando umas pessoas para uma reunião em casa. Iria haver "uma dancinha", como dizia ela. Não, um baile não, apenas uma noite agradável, uma espécie de ensaio, calculei, pois a campanha mesmo iria ser iniciada

quando Jessamy fizesse 18 anos.

Eu usaria um dos vestidos de Jessamy, reformado. Meu pai protestou e falou que iria à cidade comprar pano e pediria à costureira para fazer um vestido novo para mim. Então, descobri que qualquer pano que pudéssemos comprar e qualquer trabalho da habilidosa Sally Summers não se compararia a um vestido reformado do guarda-roupa de Jessamy, pois as roupas dela vinham de Londres ou Rath, eram da última moda, sem qualquer semelhança com os trabalhos de Sally Summers; e os tecidos eram muito delicados e caros e não podíamos fazer tal despesa.

Então, convenci meu pai de que ficava muito feliz em usar a roupa de Jessamy, e que depois de Janet tê-la reformado ninguém notaria que tinha sido adaptada para mim.

Era um lindo vestido, com um corpete justo preso na cintura e a saia descendo em vários babados. Ficara muito apertado para Jessamy e era ideal para ser reformado.

Jessamy tinha cabelo escuro e um pouco opaco; parecia-se com o pai, tinha herdado seu nariz, que era bem grande. Possuía, porém, uma expressão meiga, e belos olhos escuros. Eu achava que, se ela fosse um pouco mais animada, seria bastante atraente. O vestido era rosa e não combinava com a cor de pele dela. Eu tinha cabelo louro, olhos castanho-claros e cílios muito longos e dourados; minhas sobrancelhas eram firmemente definidas e de um tom mais escuro do que o cabelo, o que fazia com que realçassem bem. Minha pele era clara, a boca, larga, e o nariz, ligeiramente arrebitado. Sabia que era atraente, porque as pessoas sempre me olhavam e depois olhavam de novo. Não era bonita, mas tinha muito entusiasmo e não conseguia refreá-lo. Sempre encontrava alguma coisa tão terrivelmente engraçada na vida que tinha de partilhar a graça com alguém. Para umas pessoas — como Tia Amy Jane e Amélia — isso era decididamente um defeito; meneavam a cabeça e faziam tudo o que podiam para me reprimir, mas outras consideravam isso divertido e atraente. Eu sabia pelo modo como sorriam quando me olhavam.

Bem, lá estávamos nós na festinha que veio a ser tão fatal para meu destino.

A carruagem foi buscar-me, uma consideração de minha tia, pois seria estranho eu ir andando, toda arrumada, do vicariato até a casa grande.

Cheguei antes dos outros convidados e fui para o quarto de Jessamy. Ela estava com um vestido de seda azul, cheio de babados e pregas. Meu coração afundou, pois era a cor errada para Jessamy; babados não lhe assentavam bem. Ela ficava melhor com sua roupa de montaria cinza, com o casaco de corte severo e o

boné com a fita cinza em volta.

Ficou encantada como sempre em me ver tão bonita com sua roupa.

— Está linda — falou. — Por que minhas coisas sempre ficam mais bonitas em você do que em mim?

— Querida Jessamy, isso é o que você imagina — menti, pois nunca fora assaltada pela filosofia de verdade-a-qualquer-preço de Janet. — E você está linda.

— Oh, não estou não. Está tudo muito justo. Por que eu engordo? Você é esguia como um caníço.

— Eu me mexo mais do que você, Jessamy. Deus sabe que como o mesmo que você. É só um pouco gordinha. Mary Macklin disse que os homens gostam de mulheres gordinhas, e ela deve saber. — Dei uma risadinha, pois Mary Macklin era a senhora leviana local, a quem Tia Amy Jane estava tentando despachar da aldeia.

— Ela lhe falou isso? — perguntou Jessamy.

— Oh, não, só ouvi dizer.

Naquele justo momento entrou Tio Timothy. Ele trazia duas caixinhas brancas de papelão.

— Para minhas meninas — falou, olhando-nos com orgulho.

Dentro das caixas havia orquídeas. Gritei de alegria. Aquilo era exatamente o que precisava para dar um tom de elegância ao meu vestido reformado. As orquídeas tinham ido escolhidas com cuidado, pois combinavam com nossos vestidos à perfeição.

Tio Timothy ficou de pé, parecendo um feliz menino de colégio e de repente eu pensei como ele era bom. Tinha dado Cabtree Cottage aos Planters e a mim, uma bela orquídea que combinava perfeitamente com meu vestido.

Coloquei minha flor em cima da mesa de Jessamy e pus meus braços em volta do pescoço do Tio Timothy. Beije-o ardentemente. Bem nesse instante minha tia entrou.

— O que está acontecendo aqui? — indagou.

Retirei meus braços e falei:

— Tio Timothy nos deu umas orquídeas muito lindas.

Tio Timothy ficou um pouco vermelho e como que pedindo desculpas, e minha tia prosseguiu:

— Você parece estar agindo de forma muito arrebatada. Agora, vou prender a flor no seu vestido, Jessamy. Existe um lugar certo e um lugar errado.

— Bem, vou indo — falou Tio Timothy. — Tenho que preparar muita coisa.

— Tem mesmo — retrucou minha tia com frieza.

Fui ao espelho e preendi minha orquídea. Estava encantada com ela, e notei Tia Amy Jane me dando algumas olhadas maliciosas.

O Capitão Lauder era um de nossos convidados. Estava na faixa dos 20 anos, calculei, era alto, elegante e desembaraçado. Era filho de Sir Geoffrey Lauder, e estava claro que ele e sua família eram as pessoas mais importantes da festa, pois Tia Amy Jane mostrava-se muito gentil com eles.

O Capitão Lauder foi apresentado a Jessamy, e eles dançaram juntos. Ele era muito charmoso e pôs Jessamy à vontade imediatamente, o que não foi fácil, pois eu sabia que ela sempre se julgava inferior em algum sentido. Entretanto, ela desabrochou com o Capitão Lauder, e ocorreu-me que Jessamy era realmente muito atraente; tudo o que precisava era alguém que a convencesse fortemente a acreditar em si mesma.

Dancei muitas vezes, e de quando em vez notava Tia Amy Jane me observando com cuidado. Esperava não ter feito nada impróprio, pois adorava reuniões assim e não gostaria de ser afastada delas. Havia tanto com que se divertir na hora e rir depois. Dancei a valsa da ceia com um rapaz agradável que era soldado, e quando entramos para cear fomos até onde estavam Jessamy e o Capitão Lauder.

— Esta é minha prima — disse Jessamy.

O Capitão Lauder virou-se e olhou para mim. Surgiu um brilho de admiração em seus olhos, quando tomou minha mão e beijou-a.

— Você é a Srta. Anabel Champion — disse ele. — A Srta. Seton estava me falando de você.

Fiz uma careta, e Jessamy disse rapidamente:

— Só coisas boas.

— Obrigada por manter o resto em segredo — repliquei.

Todos riram.

Nós quatro nos sentamos juntos e a festa foi muito divertida, mas toda vez que eu olhava para cima via os olhos do Capitão Lauder em mim. Quando saímos da

sala de jantar, ele estava a meu lado.

— Gostaria de dançar com você — falou.

— Bem — respondi —, vão começar uma música. Dançamos juntos.

— Você é bonita — disse ele.

Isso não era verdade, mas tinha aprendido há muito que, se as pessoas têm uma boa opinião sobre você, embora errada, é melhor deixá-las com ela.

— Gostaria de tê-la encontrado antes — continuou.

— Mas estou certa de que estive se divertindo, apesar da falta de minha companhia.

Ele riu.

— Você é a filha do vigário, ouvi dizer.

— Oh, meu Deus, Jessamy andou-lhe dando informações.

— Ela gosta muito de você.

— E eu dela. É uma pessoa encantadora.

— Sim, sei disso. Mas ainda assim continuo pensando que gostaria de ter encontrado a envolvente Srta. Champion mais cedo.

— Que coisas bonitas você diz.

— Parece que duvida da minha sinceridade.

— Devia? Tenho uma opinião tão boa a meu respeito que não me ocorreu deixar de aceitar todas as coisas bonitas que está dizendo sobre mim.

— Não está quente? Vamos dar uma volta lá fora?

Àquela hora deveria ter dito que não. Mas não disse.

Estava com muito calor e queria saber quão extravagante o querido convidado da Tia Amy Jane podia ser. Via-se uma meia-lua entre as estrelas.

— Você fica encantadora à luz do luar — disse ele.

— A gente não aparece tanto — respondi. Tinha-me puxado para a sombra de uma árvore e posto os braços à minha volta. Desvencilhei-me.

— Considerando bem — falei —, acho que deveríamos voltar ao salão.

— Considerar bem é impossível, quando você está perto de mim.

Ele de repente me agarrou com muita força, e não pude libertar-me. Então, seus lábios se encostaram nos meus.

Tudo sucedeu muito mais rapidamente do que pensei que pudesse acontecer. Eu não queria estar no jardim, ser beijada à força por um homem a quem mal conhecia. Mas ele era mais forte do que eu.

Então, ouvi uma tosse, e ele também, pois me soltou. Para meu horror, Tia Amy Jane vinha em nossa direção.

— Oh — disse ela com uma voz assustada, quando viu quem tinha apanhado se beijando debaixo das árvores. Depois, falou. — Capitão Lauder... e... Anabel. Minha filha, você vai pegar uma gripe. Entre imediatamente.

Fiquei muito contente de escapar. Quando saí, ouvi minha tia continuar, imperturbável:

— Quero mostrar-lhe minhas hortênsias, Capitão Lauder. Enquanto estamos aqui...

Fui direto para o quarto de Jessamy. Estava amarrotada e ligeiramente corada. Tinha uma marca vermelha na bochecha. Esfreguei-a com força. Logo iria desaparecer.

Arrumei-me e voltei ao salão. Jessamy estava lá dançando com um dos nobres da vizinhança.

No dia seguinte, eu esperava uma repreensão de Tia Amy Jane. Realmente vira o capitão me beijando e estava certa de que, como ele era um de seus convidados favoritos, eu levaria a culpa do que acontecera. O Capitão Lauder era de uma família muito boa, muito rica, para estar errado.

Era um solteiro aceitável, e a descoberta de um cavalheiro ideal daquela categoria era o próximo projeto dela, projeto esse que perseguiria com idéia fixa. Portanto, se se considerasse que ele se portara de forma imprópria, só poderia ter sido levado por imprudência.

Fiquei espantada de não me ter dado uma palavra, embora a tivesse pegado olhando-me de forma estranha de vez em quando.

Por algum tempo, quis acreditar que ela se tivesse esquecido. Mas Tia Amy Jane jamais se esqueceria.

Assim, quando Jessamy e seus pais foram fazer uma visita ao Castelo Mateland, não fui convidada, embora, se não fosse por aquele incidente, estava certa de que seria, pois freqüentemente saía para fazer companhia a Jessamy durante as

visitas, e minha prima sempre me implorava para ir com eles. Tenho certeza de que pediu naquela ocasião, mas Tia Amy Jane foi inflexível.

Portanto, não fui ao Castelo Mateland. Se tivesse ido, as coisas se teriam passado de modo diferente. *Sei* que teria sido diferente, e não devia estar-lhe escrevendo isto, Suewellyn. Sua vida e a minha teriam tido caminhos mais suaves. Como os grandes acontecimentos de nossas vidas prendem-se a circunstâncias tão tênues! A sua e a minha poderiam ter sido tão diferentes... e tudo por causa de um beijo indesejado debaixo de um carvalho.

Jessamy voltou do Castelo Mateland num estado que só posso descrever como estupidificado. Por algum tempo não pude entender nada dela; depois, uma espantosa realidade começou a emergir.

Jessamy acordava; começava a se animar, o que era o que sempre pensei que precisava para tornar-se atraente. No lugar da menina desengonçada, surgiu uma moça de personalidade.

Naturalmente, não perdi tempo em tirar a história dela.

O Castelo Mateland, ao que parecia, era um lugar encantado. Uma combinação de El Dorado, Utopia e dos Campos Elísios. Era habitado por deuses e pela deusa ocasional; e nada seria mais o mesmo para Jessamy agora que tinha atravessado aqueles portais mágicos.

— Nunca me esquecerei da primeira vez em que o vi — disse ela. — Descemos do trem e a carruagem dos Matelands nos esperava para levar ao castelo. Jamais me esquecerei da passagem por aquelas estradas...

— Aceitarei o fato de que isso se gravou em sua memória para sempre. Já mencionou isto duas vezes. Continue, Jessamy.

— Bem, é exatamente o que se pensa que um castelo deve ser. É medieval.

— A maioria dos castelos é. Esqueça dos castelos. E as pessoas?

— Oh, as pessoas... — Cerrou os olhos e suspirou. — Egmont Mateland...

— Egmont! Um nome medieval para combinar com o castelo.

— Anabel, se vai interromper-me e caçoar, não lhe contarei.

Fiquei espantada. Sinais de revolta na nossa doce Jessamy! Sim, alguma coisa tinha na verdade acontecido.

— Existe Egmont — falei. — Prossiga a partir daí.

— Ele é o pai.

— Pai de quem?

— De David e Joel. David tem um menininho lindo chamado Esmond. Ele, naturalmente, será o herdeiro do castelo.

— Que interessante! — falei, friamente, fingindo uma falta completa de interesse.

— Naturalmente, se não quiser ouvir...

— É claro que quero ouvir. Mas você é tão lenta.

— Está bem, são dois irmãos. David e Joel. David é o mais velho e é casado com Emerald.

— Gosto dos nomes.

— Está interrompendo de novo, Anabel. Se quiser ouvir...

— Oh, quero, quero — disse, humildemente.

— David cuida da propriedade, que é considerável. Joel é médico...

Ah, pensei. É Joel. Conhecia Jessamy muito bem para não notar a mudança de sua voz quando pronunciara o nome dele. Também notei uma ligeira contração emocional em seus lábios.

— Conte-me sobre o médico.

— Ele é um homem muito bom, Anabel. Quero dizer, ele realmente faz o bem... para muitas pessoas.

Notei meu interesse diminuir um pouco. Pessoas que faziam o bem a muita gente eram, descobri, geralmente indiferentes a indivíduos. Gostavam das pessoas em massa, não individualmente. Basicamente, ficavam tão envolvidas em suas boas ações que se tornavam um pouco monótonas por fora. Meu único interesse por Joel foi o efeito que ele tinha produzido em Jessamy.

— Como? — perguntei.

— Com seu trabalho, é claro. Ele tem um emprego na cidade. O castelo fica fora da cidade... bem no campo. Ele mora no castelo com a família, é claro. Os Matelands vivem lá há séculos.

— Desde o tempo do Conquistador, aposto.

— Você está rindo deles novamente. Não, *não* foi desde o tempo do

Conquistador. O castelo foi construído cem anos depois que ele veio para a Inglaterra.

— Vejo que sabe a história da família na ponta da língua. Muito recomendável, depois de uma pequena visita.

— Sinto como se tivesse conhecido Mateland por toda a vida.

— O castelo ou seus fascinantes habitantes?

— Você sabe o que quero dizer.

— Acho que sim, Jessamy. Conte-me mais sobre o maravilhoso Joel Mateland.

— Ele é o filho mais moço.

— Sei, já me contou isso, que ele tem um irmão mais velho, David, que, por sua vez, tem um lindo filho, Esmond, concebido com a cooperação da irradiante Emerald. Já registrei todos e o Vovô Egmont na cabeça. Agora, conte-me sobre Joel.

— Ele é alto e bonitão.

— Claro.

— Quis sempre ser médico. Houve alguma oposição da família, porque os Matelands nunca tiveram antes um médico na família.

— Certamente, não. Aristocratas demais, estou certa, para se conspurcarem com uma profissão.

— Oh, deixe de implicar, Anabel. Você não sabe nada a respeito dessa gente.

— Felizmente seu conhecimento é tão grande que positivamente flui de você. Quantos anos ele tem?

— Não é tão mocinho.

— Pensei que fosse o irmão mais moço.

— É. David é mais ou menos dois anos mais velho. Casou-se dez anos antes de Esmond nascer. Joel casou-se antes, mas não teve filhos. Como todas as famílias grandes, queriam ter um herdeiro.

— O que aconteceu com a mulher de Joel?

— Morreu.

— Um viúvo, hem?

— Ele é o homem mais interessante que já conheci.

— Estou vendo.

— Minha mãe gostou muito dele. Meu pai encontrou-os em algum lugar... esqueci onde. Foi por isso que os visitamos.

— Foi nitidamente uma visita de êxito.

— Oh, sim — disse Jessamy, com ardor.

Muito significativo, pensei. Um viúvo. Talvez a melhor espécie de marido para Jessamy. E o Castelo Mateland! Havia grande possibilidade de a Tia Amy Jane aprovar aquilo.

Parece que aprovara, pois transcorrido mais ou menos um mês, houve outra visita ao Castelo Mateland. Estava prevista para uns dias, mas estendeu-se, e Jessamy e seus pais ficaram fora por duas semanas.

Quando voltaram, uma Jessamy radiante veio ver-me.

Adivinhei quais eram suas novidades, antes de ela me contar. Estava noiva de Joel Mateland. Tia Amy Jane ganhara a batalha quase antes desta ser iniciada. Nada de bailes para Jessamy... e descobri, com tristeza, que significava que eu também não teria. Compartilharia dos de Jessamy, mas não podia esperar ter festas especiais para mim.

Dei de ombros.

Jessamy, com sua doçura habitual, tinha tempo para pensar em mim.

— Quando eu estiver no Castelo Mateland, você irá morar lá — disse ela.

Podia ver os planos formando-se em seus olhos límpidos. Jessamy estava sempre disposta a dividir sua boa sorte. Iria ter o melhor marido do mundo e teria prazer de encontrar o segundo melhor para mim.

Beijei-a. Desejei-lhe toda a felicidade deste mundo.

— É o que você merece, doce Jessamy — disse eu, falando sério pela primeira vez.

Os Matelands não tinham vindo à Mansão Seton. Joel estava muito ocupado no trabalho, dissera-me Jessamy. Ela e a família podiam sempre ir a Mateland.

O casamento, contudo, seria em Seton. Tia Amy Jane jogou-se no afã da

preparação, pois aquela seria a ocasião para sobrepujar todas as outras. Nenhuma despesa seria poupada. O casamento muito desejado da filha única deveria merecer toda honra e dignidade.

Uma tarde, logo depois da participação do noivado, ela veio ao vicariato de carruagem. Era o começo de maio — nem aquecedor de pé nem sombrinha. O criado ajudou-a a descer da carruagem, e ela veio diretamente para a casa. Janet levou-a à nossa gasta sala de estar, onde meu pai recebia os paroquianos, quando vinham despejar seus problemas sobre ele.

Fui chamada também.

Tia Amy Jane achava-se confortavelmente sentada na poltrona, cujas molas estavam de fora. Podiam fazer ruídos sibilantes de protesto quando alguém se sentava, e fiquei imaginando como agüentariam o peso considerável de minha tia. Ela deu sua habitual olhada de desdém pela sala, mas não estava realmente pensando naquilo. Encontrava-se muito entusiasmada; certamente o casamento da filha seria um dos grandes acontecimentos de sua vida, só rivalizando em triunfo com seu próprio casamento com Sir Timothy, no qual a opulenta fortuna dela foi montada.

— Como sabem — anunciou — Jessamy vai casar-se.

Não pude resistir a dizer:

— Já ouvimos falar.

Tia Amy Jane preferiu ignorar minha impertinência e continuou:

— O casamento será a maior festa que pudermos fazer. — Sorriu de lado. O que muito demonstrava o poder dos cordões da bolsa de Tio Timothy, e era bem sabido quem tinha o controle deles. — Timothy e eu estamos decididos que será um dia que nem Jessamy nem qualquer outro se esquecerá. Há muito a fazer de agora até o dia do casamento. Como irão fazer o vestido dela a tempo não sei. Mas, falando da cerimônia em si... Jessamy fez um pedido. Quer que você seja a dama de honra dela, Anabel.

— Oh, que gentil da parte de Jessamy. Ela sempre pensa nos outros.

— Jessamy foi muito bem-educada. — Uma olhada severa para meu pai, que quase não notou a indireta, pois estava preocupado em encontrar os óculos que se encontravam mais para trás da cabeça do que nunca. — O fato é que você vai ser a dama de honra. Vamos então ter de vesti-la adequadamente. Vou chamar Sally Summers para fazer um vestido para você.

— Talvez possamos encontrar alguma coisa... — começou meu pai.

— Não, James. O vestido não pode ser encontrado. Tem de ser feito. Tem de ser absolutamente apropriado para a ocasião. Pensei em amarelo-ouro.

Eu não gostava de amarelo-ouro. Não era das cores que assentavam melhor e eu tinha idéia de que Tia Amy Jane devia tê-la escolhido por essa razão.

— Jessamy queria rosa-pálido ou azul-celeste — continuou.

Pobre Jessamy! Ela sabia que essas cores me ficavam muito bem.

— Imagino que, sendo noiva, ela será o juiz nessa ocasião — falei.

Minha tia não respondeu à minha ponderação. Ao invés disso, falou:

— Sally virá com o tecido dentro de alguns dias. Não pode haver atraso. Disse-lhe para ficar aqui e fazer o vestido. Só levará um ou dois dias. Teremos muitos hóspedes para o casamento, por isso não haverá lugar para você ficar na mansão. Você vai officiar o culto, naturalmente, James; Anabel pode ir à cerimônia na igreja, e depois virá à mansão para as celebrações. A noiva e o noivo irão para Florença em lua-de-mel. Mandarei a carruagem apanhá-los.

— Oh, Tia Amy Jane, que organizadora maravilhosa você é! — falei. — Tudo planejado até o último detalhe. Estou certa de que tudo correrá muito bem.

Ela me deu uma olhada de rara aprovação; e quando saiu, pensei como a vida seria diferente com Jessamy casada, como nunca lhe tinha dado valor, e como gostava realmente dela.

Iria vê-la, porém, naquele seu maravilhoso castelo encantado, e conheceria seu marido que conseguira produzir um milagre tão grande nela.

Dois dias depois, o tecido do meu vestido chegou. Era uma seda *chiffon* azul-celeste. Pobre Jessamy!, pensei.

Estava uma manhã linda. Junho era o mês para se casar. O dia seguinte seria o do casamento de Jessamy.

Haveria grande atividade e excitação na mansão com todos os convidados chegando.

— Estaremos com a casa cheia — declarava com orgulho Tia Amy Jane. — Os Matelands todos estarão lá e naturalmente toda a família do noivo ficará lá em casa.

Tinha-me oferecido para decorar a igreja, e de manhã cedo as rosas tinham sido enviadas do jardim dos Setons. Estavam agora em baldes, com água na porta da igreja. Sally Summers arrumava flores tão artisticamente quanto costurava, e foi designada para cuidar delas pela minha inflexível tia. Pobre Sally, seus olhos pareciam estar desaparecendo da cabeça de tanto trabalho excessivo e correria nas últimas duas semanas.

— Vou começando — disse-lhe. — Você pode vir mais tarde e arrumá-las melhor. Mas será uma grande ajuda, se eu as deixar separadas em vários recipientes.

Sally ficou agradecida e, portanto, naquela manhã de junho, na véspera do casamento de Jessamy, fui para a igreja imediatamente depois do café da manhã e comecei a decoração.

A manhã era linda, e eu estava radiante. Amanhã seria o grande dia. Quem acreditaria na possibilidade de Jessamy casar-se tão cedo? A tímida Jessamy encontrara o homem de sua escolha, cuja casa era um castelo... embora dividido entre David, Emerald, o pequeno Esmond e o Avô Egmont. E o noivo era médico. Uma profissão tão confortadora. Não se precisaria sofrer com doenças misteriosas, pois ele sempre saberia o que houvesse de errado; e a quem deveria cuidar mais assiduamente do que de sua querida mulher? Oh, sim, Jessamy era uma rainha de romance. Nunca teria acreditado que fosse possível. Na verdade, sempre pensei que, apesar da minha incrível desvantagem, eu seria a primeira a casar.

Bem, o destino — ou Tia Amy Jane, que eu começava a acreditar serem uma mesma coisa — tinha decidido de outra forma. E aqui estava eu diante de baldes cheios de belas flores cheirosas que enchiam a porta da igreja com seu perfume raro, e pronta a iniciar a tarefa... para a qual não era na verdade totalmente qualificada; mas daria uma ajuda à pobre e exausta Sally.

Carreguei os baldes para a igreja e encontrei recipientes na sacristia. Então, iniciei a tarefa. Separei as flores pelas cores, busquei mais água da bomba e coloquei nelas.

Estava trabalhando há uma hora, pegando cuidadosamente as hastes com espinhos e ajeitando as flores o melhor que podia.

Elas eram tão bonitas — só os melhores botões serviriam para Tia Amy Jane — e imaginei como os jardineiros deveriam ter sido atormentados desde que ela soube que ia haver um casamento. Decidi que as gloriosas rosas cor-de-rosa, que tinham ainda mais aroma do que as outras, deveriam ficar no altar. Havia um jarro especial usado para isso. Era de metal e bem pesado. Cometi o erro de enchê-lo com água e ajeitar as flores e depois carregá-lo pelos três degraus atapetados até o altar.

Deveria, é claro, tê-lo levado para o altar e enchido de água lá. Era um esforço supremo da minha parte e eu não queria estragá-lo. Estava certa de que nunca mais conseguiria aquele efeito. Então, apanhei-o e comecei a subir os degraus do altar.

Não estou certa agora do que aconteceu. Se ouvi a porta da igreja ranger e abrir, virei-me e caí, ou se tropecei e caí e depois a porta se abriu. Virei-me para olhar a porta e vi um homem de pé lá, assim que senti o jarro escorregando de minha mão. As rosas estavam caindo, batendo nas minhas mãos, e fiz um esforço supremo para salvar o jarro, sem conseguir. Caí estatelada dos três degraus. Tudo aconteceu em menos de um segundo. Lá estava eu deitada, com o avental que pusera em cima do vestido ensopado, as flores todas espalhadas à minha volta e o jarro rolando pelas escadas — bum, bum, bum — espalhando os vitoriosos botões dos Setons.

Um homem me olhava.

— O que aconteceu? Acho que a assustei — ouvi-o dizendo.

Sempre ouvira falar desses dramáticos momentos em que se encontram pessoas que causam um efeito devastador à primeira vista. Nunca acreditara naquilo. Seria necessário conhecerem-se as pessoas antes que se pudesse julgar se se iria gostar delas. Foi nisso que sempre acreditei. Sentimentos profundos tinham de ser desenvolvidos. Mas alguma coisa me aconteceu naqueles degraus do altar. Significava que me aproximava rapidamente do final de minha adolescência descuidada, quando, embora quisesse ser séria, tudo podia transformar-se em brincadeira. Estava para acontecer uma coisa que não era brincadeira nenhuma.

Notei que ele era alto, que tinha cabelos escuros e sobrancelhas bem fortemente marcadas. Era um rosto de certo modo impenetrável, mas para o qual tinha vontade de ficar olhando sem parar.

Devo ter ficado deitada lá apenas por uns segundos olhando para ele, mas pareceu ter durado a vida toda. Depois, ele se ajoelhou a meu lado e me ajudou a ficar de pé.

— Derramei a água no tapete — falei.

— Sim, derramou. Mas vamos ver se você está bem. Venha cá. Fique de pé.

Fiz o que ele disse.

— Tudo bem? — perguntou.

— Meu pé está doendo um pouco.

Ele se ajoelhou e tocou no meu tornozelo. Tinha um toque firme, mas mesmo assim delicado.

— Force para baixo — falou. — Agora... ponha seu peso nele. Tudo bem?

— Tudo bem — disse.

— Nenhum osso quebrado. E seu pulso? Você caiu sobre ele, creio.

Olhei para minhas mãos. Estavam cheias de sangue.

— Só umas duas espetadas de espinhos — falei, pegando minha mão e virando-a.

Sorriu para mim pela primeira vez. Lembrei-me de como eu devia estar com um ar desarrumado naquele avental, que era grande demais para mim, e com meu cabelo soltando dos grampos.

— Obrigada — falei.

— Vamos pegar isso? — perguntou. Abaixou-se e levantou o jarro. — Não houve estrago — comentou.

— Espero que não. É um dos melhores jarros da igreja.

— É bem bonito. Onde quer que o ponha?

— No altar. Mas vou ter de enchê-lo de água agora e pôr as rosas de volta.

— Não tentaria carregá-lo cheio pelos três degraus, se fosse você.

— Foi bobagem minha, mas acho que já tinha feito isso antes.

Ele colocou o jarro no altar e eu me abaixei para apanhar o balde de água. Ele tirou-o de mim e carregou-o para o altar. Enfiei as flores de um modo que teria chocado completamente Sally Summers.

— Vai haver um casamento aqui amanhã — falei. — Estou decorando a igreja. Não sou muito boa nisso, como vê, mas tudo ficará bem arrumado antes da hora. Imagino que tenha entrado para ver a igreja.

— Sim, é um lugar lindo e antigo.

— Normando. Pelo menos parte dela. Meu pai teria muito prazer em lhe mostrar tudo. Ele sabe toda a história na ponta da língua.

Ele me examinava atentamente.

— Então você é a filha do vigário.

— Sou.

— Bem, muito prazer em conhecê-la. Só sinto que minha chegada lhe tenha

causado tal inconveniente.

— Pode atribuir isso a meu descuido.

— Sente-se bem agora?

— Bastante bem, obrigada.

— Um pouco abalada?

— Não. Já caí muitas vezes quando era garota.

— Tem muito mais a fazer com as flores? — indagou ele, rindo.

— Muito, mas tenho de ir. A costureira vai chegar a qualquer momento e não posso deixá-la esperando. Ela tem muita coisa a fazer e é também a arranjadora de flores local, de modo que não só tem de se assegurar de que estarei bem no dia, como tem de tornar meu trabalho aqui apresentável.

— Bem — disse ele —, não posso prendê-la.

— Gostaria muito de mostrar-lhe a igreja — falei, com pena; pois até àquela altura ainda não tinha conseguido disfarçar meu sentimento, e estava incrivelmente estimulada por alguma razão que não compreendi naquele momento. Embora ele tivesse um ar atraente, já vira outros homens bonitos, e nossa conversa não tinha sido particularmente brilhante. De fato, senti-me com a língua mais presa do que em qualquer outra ocasião. Só sabia que me achava emocionada e muito contente que ele tivesse entrado na igreja.

— Talvez uma outra vez — disse ele.

— Você vem sempre por aqui?

— Esta é a primeira vez. Mas virei de novo. E então a encontrarei e farei com que cumpra sua promessa.

Saímos da igreja juntos. Ele fez uma reverência e botou o chapéu, que tinha tirado quando entrou na igreja. Estava de traje de montaria e foi para seu cavalo, que estava amarrado no portão.

Fui para o vicariato. Sally Summers já estava lá olhando ansiosamente o relógio.

— Tudo bem, Sally — falei. — Estive na igreja. Peguei a água para você e pus umas flores nos recipientes. Não de forma correta, é claro, mas será mais fácil para você.

— Oh, obrigada, Srta. Anabel. Agora, deixe-me ver se este vestido está

bom. Estive na mansão ontem para ver a Srta. Jessamy. Ela parece uma pintura.

Tirei meu avental e minhas roupas velhas, e pus o vestido de seda azul.

— Oh, meu Deus, Srta. Anabel, suas mãos estão com sangue — gritou Sally.

— Espetei-as nas hastes das rosas. Tropecei nos degraus e deixei cair o jarro com flores e tudo.

Sally resmungou e disse:

— Não quero sangue neste vestido, senhorita.

— Parou de sangrar agora — respondi, sonhando.

E lá estava eu resplandecente no vestido de dama de honra, querendo que o homem estranho pudesse ver-me agora.

Imaginei uma cena futura, e o vi chegando na igreja.

— A filha do vigário está aqui? Ela me prometeu mostrar a igreja.

E nós passearíamos juntos, e ele voltaria outras vezes.

Podia imaginar como se encontraria a mansão naquela manhã. Todos estariam correndo para baixo e para cima e Tia Amy Jane agiria como um capitão na ponte do navio, cuidando que suas ordens fossem executadas.

E Jessamy? Acordaria cedo, se é que dormisse. Trariam uma bandeja para ela. O vestido de noiva — orgulho do coração de Sally Summers — estaria pendurado no armário. O ritual de vestir teria início, e a pequena Jessamy seria transformada numa bela noiva.

Eu devia estar lá. Foi mesquinho da parte de Tia Amy Jane manter-me afastada. Eu era a confidente natural de Jessamy. Tinha partilhado dos segredos de infância dela. Era natural que quisesse falar comigo. E havia tanta coisa que eu queria saber. Estava segura de que Jessamy era inteiramente ignorante dos deveres do matrimônio. Eu própria não era muito versada nesses assuntos, mas mantinha os olhos e ouvidos abertos e tinha compilado uma boa quantidade de informações.

A manhã terminou. Meu pai estava nervoso. Teria a importante tarefa de dirigir o culto e realizar a cerimônia.

— É apenas um casamento como qualquer outro — consolei-o. Lembrei-me daquelas palavras mais tarde.

Fiquei contente de me ver no espelho. O vestido de dama de honra era muito

atraente. Raramente tinha um vestido feito especialmente para mim. Senti-me bem importante.

Finalmente, chegou a hora de irmos para a igreja. Eu deveria estar esperando lá quando a noiva chegasse. E lá estava ela radiante, com o Tio Timothy, em seu vestido de cetim branco e com o véu comprido e flores de laranjeira no cabelo.

Ela me viu e sorriu, quando saí do banco de trás para segui-la com Tio Timothy até o altar.

Os convidados estavam chegando — os da noiva de um lado e os do noivo do outro. — Nossa igreja estava cheia de pessoas importantes.

Então o noivo chegou. E não preciso dizer-lhe, Suewellyn, quem era ele, pois você adivinhou. Era o mesmo homem que tinha encontrado na igreja na véspera. Era Joel Mateland, que seria o marido de Jessamy.

Não pude entender minhas emoções naquela hora, mas as analisaria mais tarde. Só percebia uma pesada nuvem de depressão descendo sobre mim. Sempre que cheirar rosas me lembrarei daquele momento na igreja, quando ele veio para a frente ficar do lado de Jessamy. Ouço suas vozes fazendo seus votos.

E daquele momento em diante, soube que nada jamais seria igual de novo.

Lembro-me vagamente de vê-lo sair pela nave com Jessamy pelo braço. Lembro-me da recepção do casamento na mansão. Todas aquelas pessoas, todo o esplendor; e Jessamy lá, linda e feliz; e por todo lado o dominante aroma de rosas. Ele veio a mim e falou:

— Não teve más conseqüências?

— Oh, a queda — gaguejei. — Não, obrigada, tinha-me esquecido.

Ele ficou de pé me olhando, sem sorrir, só olhando.

— Seu vestido é muito elegante — disse.

— Obrigada. Bem diferente do meu avental.

— Ele também era elegante — falou.

Era uma conversa estranha entre um noivo e uma dama de honra.

— Não tinha idéia de que você fosse o noivo.

— Eu tive uma vantagem injusta. Sabia quem você era.

— Por que não se apresentou?

Ele não respondeu, pois Jessamy apareceu.

— Oh, vocês estão-se conhecendo — disse. — Esta é minha prima Anabel, Joel. — Ela disse o nome dele com muita timidez, pensei.

— É, eu sei — respondeu.

— Espero que gostem um do outro.

— Já gostamos. Mas talvez não devesse falar por Anabel.

— Pode — concordei. — É verdade.

Tia Amy Jane se interpôs entre nós.

— Ei, vocês dois...

Ela era astuta, a sogra, um novo papel para ela. Em vez de me divertir um pouco com ela, como sempre fazia, detestei-a.

Não era justo, pensei. Ela devia ter-me deixado ir ao castelo. Deveria tê-lo conhecido antes. O que estava eu pensando? O que tinha sucedido comigo? Eu sabia, é claro. Às vezes essas coisas acontecem. Havia alguma coisa nele que me atraía e fazia com que tivesse vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Era uma coisa que acontecia, às vezes ou raramente. E para mim tinha acontecido tarde demais.

Os dias se arrastaram depois do casamento. Achava-me deprimida. Sentia mais falta de Jessamy do que julgara possível. Fui à biblioteca de meu pai e li um livro sobre Florença. Imaginei-me lá... com ele. Tentei imaginar Jessamy lá. Eli nunca fora muito interessada em obras de arte. Imaginei-os andando ao longo do Arno, onde Dante encontrou Beatriz. Imaginei-os comprando largas pulseiras de pedras na Ponte Vecchio.

— O que aconteceu com você de repente? — disse Janet. — Anda com cara de quem passou um mês de domingos chuvosos.

— É o calor — respondi, pois tinha ficado vermelha.

— É a primeira vez que a vejo afetada por ele — replicou. — Acho que está com ciúme.

Ó, meu Deus, Janet pôs o dedo na verdade e não hesitou em falar.

— Não diga bobagem — retruquei, bruscamente.

Agosto se passou. A festa da igreja durou muito tempo.

Foi feita nos jardins da Mansão Seton.

— No ano passado — disse Tia Amy Jane, com complacência — Jessamy estava aqui ajudando.

Tentei jogar-me na vida da aldeia, mas meu coração não estava lá. Não que tivesse alguma vez estado, mas no passado tudo parecia engraçado. Agora, era apenas infinitamente monótono.

No início de setembro, Jessamy veio em casa por uma semana. Eu sabia que ela ia chegar e mal podia esperar para vê-la. Fiquei imaginando o que sentiria quando visse Joel novamente.

Não fui convidada para ir à Mansão Seton.

— Jessamy vai querer ficar com os pais por um tempo — disse Tia Amy Jane. — Sem gente de fora... nem mesmo a família.

Ela estava encantada com o casamento.

Mas era próprio de Jessamy procurar a primeira oportunidade para vir verme. Veio a cavalo, muito bonita, com uma roupa de montaria azul-escura e um chapéu vistoso com uma peninha azul. Não havia dúvida de que estava feliz. Abraçamo-nos.

— Oh, Jessamy, tem sido tão horrível sem você.

Ela ficou surpresa.

— Verdade, Anabel?

— Aqui estou eu, grudada, distribuindo xícaras de chá no *garden party*... um *penny* por xícara, mas tudo por uma boa causa, e lá esteve você na romântica Itália com seu príncipe encantado. Deixe-me olhá-la, minha bela adormecida, que foi acordada com um beijo.

— Você fala tanta bobagem, Anabel... sempre falou. Eu estava bem acordada, posso assegurar-lhe. Estava alegre. De outra forma não teria visto Joel.

— E ele é tudo o que sua fantasia criou?

— Oh, é... é.

— Por que não o trouxe para nos ver?

— Ele não está aqui. Tem seu trabalho.

— É claro. E não se importa que você venha?

— Oh, não. Foi ele quem sugeriu. Falou: "Vão querer vê-la, seu pai, sua mãe e sua prima..." Ele mencionou você, Anabel. Acho que causou uma impressão bastante boa nele. Foi por ter caído dos degraus do altar. Acredite-me.

— Sim, acredito. Devia estar com um ar bem estranho com um daqueles aventais de Sally, bem molhado, com o cabelo caindo e rodeada de rosas.

— Ele me contou. Riu muito. Disse que achava você muito...

— Muito o quê?

— Divertida e... atraente.

— Vejo que se casou com um homem de discernimento.

— Deve ser, para ter-me escolhido.

Oh, sim, Jessamy tinha mudado. Tinha equilíbrio e confiança. Ele deve ter-lhe dado isso. Oh, Jessamy de sorte!

— Há tanta coisa que quero ouvir — falei. — Quero ouvir sobre Florença e luas-de-mel, e sobre a vida no castelo encantado.

— Você *está* interessada, Anabel.

— Claro que estou interessada.

— Vou sugerir uma coisa.

— O que é?

— Quando eu voltar, você vem comigo.

— Oh, Jessamy! — gritei. Era como se luzes se estivessem acendendo à minha volta. Alegria... alegria indescritível, e depois avisos. Não, não. Você não deve. Por que não? Você sabe por quê.

— Não quer vir, Anabel? — Sua voz achava-se vazia. — Pensei que estivesse bastante interessada.

— Estou, mas...

— Achei que adoraria ir. Estava exatamente dizendo que monotonia era aqui...

— Bem, é só que... Acha que devo?

— O que quer dizer, afinal de contas?

— Recém-casada e tudo mais. A terceira pessoa se intrometendo. A companhia de dois...

Ela caiu na risada.

— Não é nada assim. Não estamos sozinhos na nossa própria casa. Estamos no castelo e há todos os outros lá. E não vejo muito Joel.

— Oh, você não o vê muito?

— Ele tem seu consultório na cidade. É lá que trabalha. Às vezes fica lá. É um pouco solitário.

— Solitário? E David e Emerald, além de Esmond e Vovô?

— O castelo é grande. Você nunca morou num castelo, Anabel.

— Não, nunca. Nem você até que fez esse casamento brilhante.

— Não fale assim sobre isso.

— Como?

— Como se estivesse caçoando.

— Conhece meu modo irreverente, Jessamy. Não significa nada. A última coisa que faria seria caçoar do seu casamento. Você merece ser feliz. Você é uma pessoa muito *boa*.

— Oh, bobagem — disse Jessamy.

Beijei-a.

— Você ficou sentimental — falou ela.

— Jessamy — respondi — vou voltar com você.

Havia, naturalmente, muitas coisas para arrumar.

— É, você deve ir — disse meu pai. — Vai-lhe fazer bem. Você não tem andado como sempre é, ultimamente.

— Pode arrumar-se sem mim?

— É claro. Há muitas pessoas na aldeia com boa vontade em ajudar.

Era verdade. Sendo viúvo, meu pai sempre tinha uma quantidade de senhoras de meia-idade e mais velhas ansiosas para cair nas boas graças dele. Nunca percebeu as intenções delas e pensava que estavam interessadas na igreja. Era um homem muito inocente. Não puxei nada dele.

Eu precisaria de roupas novas, disse Jessamy, e veio com uma pilha de vestidos.

— Estava separando-os — disse ela. — Ia passá-los adiante.

Janet ficou satisfeita e disse que estava louca para pôr as mãos neles. Era a favor de minha visita a Mateland. Creio que gostava de mim sem saber demonstrá-lo, e achava que minha única chance de conseguir o tipo certo de marido seria através de Jessamy. Tivera esperança de bailes de debutantes para mim e Jessamy, é claro, tendo a certeza de que eu é que teria os pretendentes.

Tia Amy Jane estava insegura.

— Espere um pouco — falou. — Deixe Anabel visitá-la mais tarde.

Mas Jessamy foi inflexível uma vez na vida, e assim, numa dourada manhã de setembro, ela e eu sentamo-nos lado a lado num vagão de primeira classe e partimos rumo a Mateland.

Havia uma parada feita especialmente para Mateland e uma tabuleta indicando o Castelo Mateland, na plataforma. Descemos, e uma carruagem acompanhada de um homem de Libré estava-nos esperando. O homem fez uma reverência e pegou nossa bagagem, dizendo para Jessamy:

— O resto será apanhado no vagão, madame.

E logo estávamos passando pela estrada que levava ao castelo.

Nunca me esquecerei da primeira visão que tive dele. Você o viu, Suewellyn. Mostrei-lhe, e você ficou tão impressionada com ele como eu. Assim, não me alongarei em detalhes descrevendo-o. Não precisa que lhe conte da grandeza das paredes de pedra, do imponente pórtico, das torres de balestreiros e das esguias fendas de janelas.

Fiquei encantada. Havia uma névoa dourada no ar, e me senti como se estivesse às portas de um drama importante, no qual eu desempenharia um papel de destaque.

— Vejo que ficou impressionada com o castelo — disse Jessamy. — Todo mundo fica. Quando o vi pela primeira vez, pensei que ele tivesse saído de um conto de fadas que costumávamos ler, lembra-se?

— Lembro-me. Havia sempre uma princesa presa nele e que tinha de ser salva.

— E as princesas eram todas bonitas, com cabelos louros compridos. Da cor

do seu, Anabel.

— Não acho que me encaixe no papel completamente. Você é a princesa, Jessamy. Acordada depois de anos de entorpecimento em Seton, pelo beijo do Príncipe Joel.

— Oh, estou contente de você ter vindo, Anabel.

Passamos pelo pórtico e fomos para o pátio. Os criados se apressaram para fora do castelo e nós descemos da carruagem.

— Obrigada, Evans — disse Jessamy, muito digna. Achei que a vida no castelo combinava com ela.

Viu o lado de fora do castelo, Suewellyn, mas não o seu interior. Acredite-me, o interior era igualmente fascinante. O passado parecia vir até a pessoa e envolvê-la, quando se entrava no *hall*. Não me surpreende o fato de os Matelands todos reverenciarem o lugar. Existe há séculos. Foi construído por um de seus ancestrais muitos anos antes, embora no século XII, fosse apenas uma pequena fortaleza. Tinha sido ampliado através do tempo. Creio que amavam cada pedra. Era a loucura deles, a sua glória. Era o lar do qual se orgulhavam. Até mesmo eu comecei a sentir um pouco do seu magnetismo, embora minha ligação com ele fosse através de Jessamy, que se tinha casado na família.

O *hall* era majestoso, com as paredes de pedra esculpida, na qual as armas estavam penduradas. Havia várias armaduras que tinham pertencido a diversos membros da família. Pareciam sentinelas em pé, de guarda. Seu teto de madeira era muito bonito e havia uma galeria de menestréis num canto; no outro, havia painéis, e perto da galeria, uma bela escada. Jessamy me olhava de lado para ver o efeito que o lugar produzia sobre mim, mas até eu estava de boca aberta.

— Vou levá-la a seu quarto — disse-me. — É perto do meu. Venha.

Atravessamos o *hall* e subimos a escada. No alto, havia uma galeria longa.

— É a galeria dos retratos, onde estão pendurados os membros da família, os ilustres e os não-ilustres.

— Não me diga que há Matelands "não-ilustres"!

— Pilhas deles — retrucou, rindo.

Eu queria ficar por ali, mas ela me apressou.

— Vai ter muito tempo para olhar — falou. — Venha. Quero mostrar-lhe seu quarto.

— Eles sabem que você está de volta? Sabem que eu vim?

— Sabem que eu cheguei. Não a mencionei. Lembra-se de que não se decidiu imediatamente?

— Talvez não me queiram aqui.

— Eu quero — disse ela, abraçando-me.

— É um tipo estranho de casa, não é?

— Acho que dá este ar por ser tão grande. Cada um vive sua própria vida. Ninguém interfere com ninguém. Funciona, muito bem. Achei que você não gostaria de ficar isolada no castelo, por isso escolhi seu quarto junto ao meu.

— Tem razão. Não gostaria. Ficaria imaginando que todos aqueles Matelands mortos há tanto tempo, bons e maus, estariam descendo sobre mim.

— Você sempre imaginou alguma coisa. Mais tarde vou mostrar-lhe tudo... a biblioteca, a galeria comprida, a sala de armaduras, a sala de jantar, de visitas, de música... tudo.

— Não me surpreende que sua mãe tenha gostado deste lugar e pensado que seria digno de sua preciosa filha.

— Oh, minha mãe ficou encantada com ele no momento em que botou os olhos aqui.

— Faz a Mansão Seton parecer um chalé de um empregado de fazenda.

— Oh, assim também não.

— Não, claro que não. Injusto com o velho Seton. Sua casa é linda. Não sei se não preferiria morar lá ao invés de num castelo. Há alguma coisa com este lugar. Ele parece quase que vivo.

— Chega de fantasias... Este é seu quarto.

Olhei à volta. Tinha formato circular. Havia três janelas estreitas, onde se viam cortinas de veludo escarlate. A cama era de dossel com *bandeaux* dourados e uma colcha dourada. Havia uma alcova com uma bacia e um jarra. Tapetes persas cobriam o chão de laje. Havia uma mesa e uma pequena escrivaninha, algumas cadeiras e diversos armários. Achei tudo muito bem distribuído.

— Estamos na torre oeste da frente — disse Jessamy. Olhei para fora da janela. Via os gramados, colinas cheias de relva e matas a distância.

— Eu... nós estamos bem no fundo do corredor.

Eu disse de repente:

— Posso ver seu quarto? — E imediatamente desejei não ter pedido. Não queria ver o quarto deles. Queria esquecê-los completamente.

— É claro. Venha vê-lo.

Segui-a três degraus abaixo até um corredor. Ela escancarou uma porta. Era um grande e majestoso quarto, que tinha uma cama grande com um lindo *bandeaux* de seda. Havia uma penteadeira, algumas cadeiras e dois grandes armários, e uma alcova semelhante à minha.

Fiquei imaginando-os juntos lá, e tive vontade de me desligar daquela imagem. Fazia-me sentir infeliz. Virei-me e me encaminhei de volta a meu quarto.

— Onde ficam as outras pessoas? — perguntei.

— Oh, David e Emerald ficam no lado este. Encontramo-nos às refeições.

— E o avô?

— Ele tem seus apartamentos próprios. Não sai de lá muito freqüentemente. Anabel, tenho que avisá-la de uma coisa.

— Sim.

— É Emerald. Ela é inválida. Há alguns anos. Tem uma dama de companhia.

— Oh, não imaginava que fosse inválida.

— Teve um acidente de montaria mais ou menos há dois anos. Fica na cadeira a maior parte do tempo. Elizabeth é muito dedicada a ela.

— Elizabeth?

— Elizabeth Larkham. Ela é na verdade mais uma amiga. É viúva. Tem um filho... Garth. Ele está sempre na escola. Vem aqui nas férias para ficar com a mãe. Você sabe... ela é como uma pessoa da família. Você vai conhecê-la na hora do jantar.

— E... seu marido?

— Acho que estará lá.

Ouviu-se uma batida na porta.

— Oh, estão trazendo suas coisas para cima. Quer lavar-se? Eles podem trazer água quente. Depois, talvez queira descansar um pouco. Vamos comer na sala de jantar pequena. Vou levá-la lá quando você estiver pronta. A princípio, você se

perderá no castelo. Eu me perdia.

Minha bagagem foi trazida e com ela veio uma empregada com água quente.

Tirei o vestido — azul com um colete justo e uma saia farta —, um dos reformados que fazia parte do meu guarda-roupa. Era um guarda-roupa bastante variado, e o único vestido que tinha sido feito expressamente para mim era o de seda *chiffon* azul, de dama de honra.

Depois de me lavar deitei um pouco na cama, e pensei na estranheza de tudo e como tudo tinha acontecido tão rapidamente. Nessa época, no ano anterior, não conhecíamos o nome Mateland. Agora, cá estávamos nós ligadas à família.

E durante todo o tempo em que fiquei deitada fiquei imaginando como seria ver o marido de Jessamy de novo. Só o tinha visto duas vezes — uma quando estava arrumando as flores na igreja e a outra no casamento; ainda assim podia lembrar-me de cada detalhe de seu rosto, como ele olhara para mim, imaginosa e atentamente, como se eu tivesse tido o mesmo efeito sobre ele que ele teve sobre mim.

Minha ansiedade em vê-lo era quase insuportável, e, ao mesmo tempo, estava consciente de vozes que me aconselhavam dentro de mim.

Não devia ter vindo, diziam elas.

Mas naturalmente tinha de aceitar o convite de Jessamy de vir a seu novo lar. Nem mesmo Tia Amy Jane desaprovava minha viagem.

Ouvi uma batida na porta.

— Está pronta? — indagou Jessamy. — Como está bonita!

— Está reconhecendo? — perguntei.

— Estou, mas nunca pareceu tão bonito em mim.

— Pareceria agora. Você está muito bonitinha. O casamento lhe fez bem, Jessamy.

— É — disse ela. — Acho que sim. — Passou o braço pelo meu.

— Amanhã vou levá-la para percorrer o castelo.

— Você é como o monarca que vistoria tudo?

— Oh, não. Eu não. Vovô Egmont é que é o senhor do castelo... e depois dele, David. Depois Esmond. São eles os monarcas. Nós estamos de fora. Lembre-se de que Joel é o filho mais moço.

— Acredito que gostem muito do seu castelo antigo.

— Gostam, você sabe, Anabel. Talvez não consiga sentir... por não ser uma Mateland, mas o sentimento existe. Eles lutaram por ele no passado... deram a vida por ele.

— Tenho certeza que sim. Bem, você se tornou um deles, cara prima. Que caminho longo.

— Disse-lhe que era um castelo muito grande.

— Estou ansiosa por explorá-lo.

— É horrível em algumas partes. Masmorras e tudo o mais.

— Querida Jessamy, ficaria terrivelmente desapontada se não houvesse masmorras.

Tínhamos chegado a uma porta emoldurada por um arco pontiagudo de pedra, e ouvi vozes atrás dela. Jessamy levantou o trinco e entrou. Eu a segui.

Não era uma sala grande. Havia fogo na trempe, que dava um ar de aconchego à sala. Vi que havia várias pessoas lá, e quando entramos um homem se levantou e veio em nossa direção.

Não era exatamente como Joel, que me tinha perseguido em meus pensamentos desde que o vira, mas possuía alguma semelhança; e então soube logo que era David, o irmão mais velho e herdeiro do castelo. Tinha cabelos escuros e olhos brilhantes. Pegou minha mão e apertou-a com firmeza.

— Bem-vinda a Mateland — falou. — Soube logo quem você era. Srta. Anabel Campion. Jessamy tem falado de você.

— E você deve ser...

— David Mateland. Tenho a honra de ser o cunhado de sua prima.

Ele tinha passado o braço no meu. Suas mãos eram quentes, quase acariciantes.

— Aqui está ela, minha querida — disse ele. — A prima de Jessamy, Anabel. Acho que podemos chamá-la de Anabel. Você é parte da família agora.

Aquela era Emerald, com seu nome brilhante. A pessoa menos parecida a uma pedra preciosa. Era pálida e o cabelo castanho opaco. Seus olhos azuis-claros eram afundados, e fiquei imaginando se ela sentia muita dor. As pernas estavam cobertas com um tecido azul de uma espécie de lã, e as mãos finas e cheias de veias

caíam molemente sobre elas. Sorriu para mim com um sorriso bondoso.

— Estamos contentes de tê-la no castelo — disse ela. — Será bom para Jessamy. Elizabeth, minha querida, venha conhecer Anabel.

Uma moça alta e jovem tinha entrado na sala. Imaginei que deveria ter pouco menos de 30 anos. Era esguia, com cabelo preto e liso partido no meio, preso num coque na nuca. Tinha olhos azuis grandes e sonolentos, e lábios vermelhos e cheios, que não combinavam totalmente com o restante do rosto. O nariz era bem fino, o que lhe dava um ar mal-humorado. Era um rosto interessante. Estendeu a mão e apertou a minha com força.

— Ouvimos falar muito de você por Jessamy — disse.

— Ela estava determinada a trazê-la aqui há muito tempo.

— Sempre fomos boas amigas, além de primas — falei.

Seus olhos me buscavam, e achei que havia um brilho de curiosidade naqueles olhos azuis sonolentos.

— Onde está Joel? — perguntou David. — Ele vem?

— Ele sabia que eu estava voltando para casa hoje — respondeu Jessamy. — Espero que venha.

— Espero que sim — disse David. — Não é marido há tanto tempo para ficar longe. Vamos tomar um drinque enquanto esperamos. Será que a Srta. Anabel gostaria de provar nossa bebida especial Mateland? É uma mistura especial, posso assegurar-lhe, Srta. Anabel.

— Obrigada — falei. — Vou provar.

— Não beba muito, Anabel — avisou Jessamy. — É muito forte.

— Não devia tê-la avisado — disse David. — Queria ver as portas da restrição abertas e a verdadeira Anabel emergindo delas.

— Posso garantir-lhe que estou sendo eu mesma agora — Falei. — Não há nenhuma outra para sair.

Ele veio ficar junto de mim. Podia perceber seus olhos analisando-me. Fazia-me sentir muito sem jeito.

— É verdade? — falou. — Percebi de início que você era uma moça muito diferente.

Elizabeth Larkham trouxe-me um cálice de estanho no qual estava servida a

bebida Mateland.

— Estou certa de que vai gostar — disse ela. — David é quem a prepara. Não deixa ninguém fazer isso.

— Só eu tenho a fórmula mágica — falou ele, olhando nos meus olhos.

— Estou interessada em provar — disse eu, pondo-a nos lábios.

— Estou esperando suas palavras.

— É boa... muito boa.

— Então, tome tudo e beba outra.

— Fui avisada — lembrei-lhe.

Ele fez uma careta, e Jessamy veio para meu lado.

— Nunca bebo muito disso — falou ela.

— Também não vou beber muito.

Ela sorriu para mim, com um pouco de ansiedade. Querida Jessamy, pensei. Ela merece tudo de bom. Um castelo, um marido que a ame e a quem ela ame. E certamente todos têm de gostar de Jessamy.

Quando estávamos entrando na sala de jantar, Joel chegou.

Pegou minha mão e eu senti um tremor de excitação correr por meu corpo. Parece que ficamos mais tempo do que o normal nessa situação, olhando um para o outro, mas talvez aquilo fosse minha imaginação.

— Estou contente de você ter vindo — falou ele.

— Obrigada. Estou contente de estar aqui.

Então, ingressamos na sala de jantar. Sentei-me a seu lado, e poucas vezes me senti tão excitada em toda minha vida.

— Espero que não tenha havido complicações — disse ele.

Por um instante, fiquei estupidificada, e ele continuou:

— A queda. Seu tornozelo... seu pulso.

— Oh, não. De jeito algum. — E depois pensei: Não é verdade. Houve complicações, mas não do tipo que pudesse ser comentada, pois não creio que nada fosse ser igual de novo.

Ele falou aos demais:

— A primeira vez que encontrei a Srta. Campion ela se encontrava deitada nos degraus da igreja.

— Há algum significado nisso, certamente — disse David.

— Eu estava rodeada de rosas.

— Uma espécie de cordeiro imolado?

— Quase. Estava com um avental grande. É decorar o altar.

— Ah, voltada para boas ações.

— Para o casamento de Jessamy — continuei.

— As flores estavam lindas — falou Jessamy. — Nunca me esquecerei do aroma daquelas rosas.

— Tenho certeza de que estavam arrumadas artisticamente — disse David.

— Estavam, mas não por mim. Meu talento nesse sentido é nulo.

— Mas você é muito boa em cair nos degraus do altar, já que se saiu dessa prova sem machucar o tornozelo ou o pulso.

Não podia entender David Mateland. O fato de que estava obviamente interessado em mim fazia-me sentir muito desconfortável. Ele parecia ansioso em ser amigo e, ao mesmo tempo, havia qualquer coisa de zombeteiro em sua atitude.

— Espero que se sinta confortável no castelo — disse Emerald.

— Vou fazer o possível para isso — falou Jessamy.

— Ele é um pouco ventoso — observou Emerald. — Não tanto nesta época do ano.

— Dizem que no inverno, quando o vento sopra do leste, pode-se navegar um navio de guerra nos corredores — acrescentou David.

— Não é assim tão mau — disse-me Joel, debruçando-se sobre mim e pondo ligeiramente a mão no meu braço. — Ainda mais que não é inverno.

— Lembro-me de quando vim aqui pela primeira vez — disse Emerald. — Achei muito desconfortável. Eu vinha da Cornúlia, Anabel, que tem um clima muito benigno.

— Mas úmido — acrescentou Elizabeth Larkham. — Prefiro aqui.

— Oh, Elizabeth gosta muito deste lugar e de tudo que esteja ligado a ele.

— Só posso pensar que tenho sorte de estar aqui — disse-me Elizabeth. — Emerald é muito boa para mim. E é um tal alívio ter meu filho aqui nas férias escolares.

— Querida Elizabeth — murmurou Emerald.

A conversa prosseguiu naquele tom durante a refeição. Eu tinha consciência de uma certa tensão no ar. A cena me era muito estranha. Estar numa sala de jantar com tapeçarias nas paredes e armaduras no canto, estar num castelo medieval com estranhos... todos menos Jessamy... era certamente uma nova experiência para mim. Mas era mais do que isso. Tinha a sensação de que aquelas pessoas levavam vidas complicadas, que não eram bem como pareciam ser.

Lá estava Emerald na cadeira, cuidada assiduamente por Elizabeth Larkham, que era quase como uma gata ao se movimentar, com aqueles olhos estranhos que pareciam tão sonolentos e ainda assim tão aptos a perceber tudo à volta. E David. Achei que o entendia um pouco melhor do que os outros. Era claro que era um homem que gostava da companhia de mulheres. Seus olhares eram audaciosos demais para que eu ficasse à vontade, e havia uma ponta de crueldade em sua boca; e isso, pensei, transparecia de sua conversa. Havia um toque de aspereza em suas palavras, e eu acreditava que ele tirava certo prazer em dizer coisas que magoavam. Talvez fosse errado fazer julgamentos apressados, mas eu sempre fizera isso. Quantas vezes tinha sido obrigada a refazer minha avaliação de alguém! Ele tinha uma mulher inválida, e aquilo devia ser uma provação para um homem com sua, pelo menos eu imaginava assim, natureza sensual. Mas, em primeiro lugar, na minha cabeça estava Joel. Este era um enigma. Ele se trata pouco. Parecia afastado dos outros. Era médico, e parecia estranho encontrar um médico exercendo sua profissão num lugar como aquele. Tinha suas acomodações na cidade, que concluí ficar a uns três quilômetros do castelo. Segundo Jessamy, ele era dedicado à profissão, e às vezes dormia em sua casa na cidade. Não podia entender bem por que se tinha casado com Jessamy.

Estava de novo tirando conclusões. Quem pode saber o que é que atrai as pessoas às outras? Que Jessamy o adorava era óbvio, e a maioria dos homens gosta de ser adorada. Quando ele estava presente, eu descobria minha atenção concentrada nele. Tinha consciência de toda vez que falava comigo, toda vez que olhava em minha direção; e não acho que imaginasse que o fazia bastante freqüentemente.

Ele me excitava. Queria estar perto dele. Queria atrair sua atenção, falar com ele, descobrir tudo sobre ele. Queria saber como era ter nascido num castelo,

ter vivido a vida num lugar como aquele, ter sido criado com o irmão David. Estava obcecada por ele.

Fomos para uma pequena sala tomar café. Conversou-se muito. No dia seguinte, seria apresentada ao Avô Egmont e conheceria o pequeno Esmond. Ele tinha quatro anos e, soube, nascera um ano antes do acidente de Emerald.

Às dez horas, Jessamy falou que me levaria para meu quarto. Disse que estava cansada da viagem e tinha certeza de que eu deveria estar também. Amanhã me mostraria o castelo.

Dei boa-noite, e Jessamy me levou para meu quarto, iluminando as escadas com uma vela num castiçal de bronze.

Achei muito estranho subir as escadas atrás de Jessamy. Seguimos pela galeria. Os quadros pareciam diferentes à luz da vela, e podia-se imaginar que eram pessoas vivas olhando para nós.

— Não podemos ter luz de gás no castelo — disse Jessamy. — Seria bem incongruente, não acha?

Concordei.

— Em algumas ocasiões temos tochas no *hall* principal. Confesso-lhe que fica muito bonito.

— Aposto que sim. Jessamy, você gosta muito do castelo, não gosta?

— Sim. Você não gostaria?

— Creio que sim — respondi.

Chegamos ao quarto da torre, e ela acendeu duas velas na penteadeira.

Não queria que ela se fosse ainda. Sabia que não dormiria bem aquela noite.

— Jessamy, você gosta de morar aqui com toda essa gente?

Ela abriu bem os olhos.

— Mas é claro que gosto. Joel está aqui.

— Mas é como que partilhar um lar, não é? David e Emerald... São duas casas. Você sabe o que quero dizer.

— Famílias como esta sempre viveram juntas. Antigamente, havia um número maior delas. Quando Esmond crescer e casar-se vai morar aqui com a família.

— E os filhos dele também, imagino.

— É claro; é a tradição.

— E você se dá bem com David e Emerald?

Ela hesitou por um momento.

— Sim... sim... é claro. Por que não me daria?

— Acho que você protesta demais. E por que não se daria?, diz você. Acho que há várias razões para não se dar. As pessoas não têm necessariamente de se dar bem porque são forçadas a estarem juntas. Na verdade, é mais provável que não se dêem do que se dêem.

— Oh, Anabel, isso é bem você. Não posso dizer exatamente que goste de Emerald. Ela é muito distante e voltada para si mesma. É pelo que lhe aconteceu. É terrível. Estava sempre montando antes. Não deve ser muito agradável para ela. E David... bem, não o compreendo inteiramente. Ele é esperto demais para mim. Diz coisas cortantes... às vezes.

— Coisas cortantes?

— Coisas que ferem. Ele e Joel não se dão bem. Nem sempre irmãos se dão, não é? Às vezes, penso que David tem ciúme de Joel.

— Ciúme? Por quê? Ele tem desejo por você?

— Claro que não. Mas é outra coisa... E depois... Elizabeth.

— Ela parece ser uma pessoa muito contida.

— Ela é maravilhosa para Emerald. Acho que David é muito grato a ela pelo que faz por Emerald. E ela, naturalmente, é muito feliz por estar aqui. Sabe, ela é viúva com um filho. Ele tem mais ou menos oito anos... quatro anos mais velho do que o pequeno Esmond. Está na escola e ela fica grata por ele poder vir para cá nas férias. Resolve um grande problema para ela. Anabel, você *gosta* mesmo de Joel, não é?

— Gosto — respondi, suavemente. — Gosto mesmo dele. Gosto muito dele.

Ela pôs um braço à minha volta.

— Estou contente, Anabel — falou. — Contentíssima.

Na manhã seguinte, Jessamy me levou para fazer uma excursão pelo castelo. Disse-me que Joel já tinha ido para a cidade.

Fiquei encantada com tudo o que vi.

Ela falou que começaria de baixo, como fez, descendo por uma escada de pedra em espiral com um corrimão de corda, ao qual se tinha de segurar firmemente, quando as escadas não eram muito largas e estreitavam até um mínimo de um lado.

As masmorras eram horríveis com suas pequenas celas, mínimas e sem ar, muitas delas até sem mesmo a minúscula janela gradeada. Jessamy falou:

— Detesto isso aqui embaixo. Ninguém vem aqui... exceto para mostrar a alguém. Todo castelo de antigamente possuía masmorras. Havia um Mateland, no tempo de Stephen, creio, quando o país estava em tumulto, que costumava tocaiá viajantes e prendê-los aqui para conseguir resgate. Seu filho era ainda pior. Ele os torturava.

— Vamos ver o resto — falei, tremendo.

— Concordo com você. É horrível. Sugeri que emparedassem as masmorras, mas eles não querem ouvir falar nisso. Egmont fica roxo à simples menção disso ou qualquer alteração no castelo.

— Posso compreender, de certa forma. Mas quanto a este lugar... Acho que o que aconteceu aqui deveria ser esquecido.

Subimos as escadas com a ajuda do corrimão de corda e chegamos a um *hall* de pedra.

— Aqui — explicou Jessamy — é bem embaixo do *hall* principal. Desce-se por aquela escada de pedra e encontra-se uma pequena passagem, e lá na sua frente fica a porta para o *hall* principal. Isto é uma espécie de cripta. Quando as pessoas morrem o caixão é mantido aqui por algum tempo.

— Cheira a morte — falei.

Ela fez que sim.

— Olhe como é construído com blocos de giz duro. E preste atenção nestes pilares maciços.

— Impressionante — falei. — Esta é a parte mais antiga do castelo, imagino.

— Sim. É parte da primeira estrutura.

— Como devia ser duro viver naqueles tempos.

Não conseguia tirar as masmorras da cabeça. Tinha certeza de que pensaria nelas, mesmo quando subisse para meu quarto luxuoso.

Voltamos para o *hall*, onde Jessamy chamou a atenção para o bonito trabalho de pedra esculpida e as madeiras realmente magníficas no teto abobadado. Mostrou-me um extraordinário pano de linho que tinha sido usado pela Rainha Elizabeth quando visitou o castelo e as rebuscadas esculturas no pé da galeria dos menestréis, que mostravam cenas da Bíblia. Depois, fomos para a galeria longa onde estudei os retratos dos Matelands antigos e modernos. Era interessante ver o Avô Mateland lá e ter alguma indicação do homem que eu iria conhecer. Era parecidíssimo com David. Tinha as mesmas sobrancelhas grossas e olhos penetrantes. Havia um retrato de Joel e de David.

— O menininho ainda não foi retratado — falei.

— Não. Só são retratados quando completam vinte e um anos.

— Como é excitante poder olhar para todos seus ancestrais. Oh, Jessamy, talvez seus descendentes venham a herdar isso um dia.

— É pouco provável — disse ela. — Primeiro que tudo eu teria de ter o filho... e depois, naturalmente, existe Esmond. Os filhos dele herdarão. O filho mais velho de David.

— Suponha que Esmond morra... ou não se case... e portanto não tenha herdeiros legítimos.

— Oh, não fale de Esmond morrer! Ele é uma delícia de menino.

Ela parecia louca para sair da galeria de retratos.

Exploramos o resto da casa. Havia a sala de recepção, a sala de jantar na qual tínhamos comido na noite anterior, a biblioteca, a sala de armaduras, a sala de armas — nunca vira uma coleção tão grande de armas — a sala Elizabeth, a sala Adelaide — as duas rainhas tinham honrado o castelo com suas presenças — e todos os quartos. Na verdade, fiquei pensando como alguém podia aprender a encontrar seu caminho no castelo.

Finalmente, fomos ao quarto de crianças, e lá conheci Esmond. Ele era, como dissera Jessamy, um lindo menininho. Estava sentado num canto da janela com Elizabeth Larkham, e esta lia para ele, apontando as palavras com o dedo enquanto o fazia.

Ele ficou de pé quando entramos. Veio até nós, e Jessamy falou:

— Este é Esmond. Esmond, esta é a Srta. Champion.

Pegou minha mão e beijou-a. Foi um gesto encantador, e pensei como ele era bonito com seu cabelo preto e belos olhos escuros... indubitavelmente um Mateland.

— Você é a prima de Jessamy — declarou. Disse-lhe que sim, e que estava olhando o castelo. — Eu sei.

Elizabeth pôs a mão em seu ombro:

— Esmond tem perguntado por você — falou ela.

— É gentil de sua parte estar interessado — falei ao menino.

— Sabe ler? — perguntou ele. — Esta história é sobre três ursos.

— Creio que a conheço — respondi. — Quem tem sentado na minha cadeira? Quem tem comido meu ensopado?

— Não era ensopado. Era mingau — corrigiu-me, solenemente.

— Devo dizer que mudou com o tempo — respondi. — Ensopado ou mingau, que diferença faz?

— Faz diferença — insistiu. — Ensopado não é mingau.

— Esmond é maníaco por detalhes — disse Elizabeth.

— Sou maníaco? — perguntou Esmond. — O que é um maníaco?

— Digo-lhe outra hora — respondeu Elizabeth. E continuou: — Já estava saindo com ele. Está na hora de ele dar uma volta.

— Ainda não — disse Esmond.

Ela segurou-o firmemente pela mão.

— Você terá mais tempo de conversar com a Srta. Campion.

— Bem, continuaremos nossa excursão — replicou Jessamy.

— É um lugar fantástico, não é? — Elizabeth olhou direto para mim, e novamente senti que me estava examinando. Cheguei à conclusão de que estava.

— Iremos até as ameias — anunciou Jessamy. — Quero mostrar-lhe o muro de pedra.

— Vejo-o mais tarde, então — falei a Esmond, que balançava a cabeça e dizia um tanto triste:

— Não era ensopado.

Jessamy e eu subimos pela escada de pedra, outra daquelas em espiral, e chegamos às ameias.

— Esmond é um menino muito sério — falou ela. — Devia estar mais com meninos de sua idade. É só quando Garth e Malcolm estão aqui que ele vê outros meninos. E são todos dois mais velhos do que ele.

— Já ouvi falar em Garth — disse. — Quem é Malcolm?

— É um primo. Seu avô era o irmão mais moço de Egmont. Você pode fazer seus cálculos. Ouvi dizer que houve uma rixa entre Egmont e o irmão. Brigaram por alguma coisa. Egmont abrandou-se, e Malcolm faz visitas periódicas. Acho que Egmont o vê como um herdeiro não provável mas possível do castelo. Sabe, se Esmond morresse e Joel e eu não tivéssemos filho, imagino que Malcolm seria o próximo da linha. Malcolm é quase da mesma idade de Garth... às vezes, ficamos com os dois aqui juntos. É bom para Esmond. Elizabeth é naturalmente dedicada a ele. Acho que fica com ciúme, se ele dá atenção a outra pessoa.

— Ela não tem de ter ciúme de mim. Sou apenas uma dessas ovelhas que passam pela noite.

— Não diga isso, Anabel. Quero que você venha sempre aqui. Não sabe como sua vinda me anima.

— Anima você! Será que está precisando ser animada?

— O que quero dizer é que você dá mais vida a tudo.

Mas ela tinha alertado meus sentidos. As coisas não eram bem como pareciam no castelo. Jessamy não estava completamente feliz. Tinha certeza como isso tinha alguma coisa a ver com Joel.

Encotrava-me no castelo há três dias. Tinha conhecido Egmont, um velho de olhar um tanto feroz, com as sobancelhas grossas dos Matelands já grisalhas. Foi afável comigo:

— Encantou-se por você — disse Jessamy.

Ela me contou que ele tinha a reputação de gostar de mulheres e que, na sua juventude, tivera amantes por todo lado. Havia numerosos Matelands por toda a região.

— Não creio que ele tenha tentado alguma vez negar a paternidade — disse ela. — Tinha orgulho de sua virilidade. Estava sempre atrás delas, também.

— E sua mulher? Como reagia a esses bastardos por toda a região?

— Agüentava e aceitava. Não havia outra coisa a fazer. Naturalmente, naquela época tal coisa era levada como um fato a ser esperado, mais do que hoje.

A Rainha dá um exemplo muito bom.

— Ela dita a moda pela virtude — comentei. — Mas isto, às vezes, é mais cobrir a imoralidade com um véu do que suprimi-la.

Ela franziu a testa levemente, e fiquei imaginando o que estaria pensando. Encontrava-me muito sensível a seus humores. Pela primeira vez em sua vida, Jessamy escondia-me algo. Estava certa de que nem tudo era como parecia na superfície. Porém, por mais que tentasse, não conseguia que me contasse seus pensamentos íntimos, e quanto mais tempo eu permanecia no castelo mais certa ficava de que havia segredos lá.

Via Joel freqüentemente, mas nunca sozinha. Às vezes, achava que ambos planejávamos para que as coisas fossem assim. Mas chegou o dia em que fomos colocados frente a frente.

Tinha feito um pequeno passeio a cavalo pelo castelo. Jessamy montava bastante. Ela sempre montava em Seton, e Tia Amy Jane tinha deixado, com relutância, que eu partilhasse as aulas. Adorava montar, e alguns de meus dias mais felizes de minha infância foram passados galopando e trotando pelos campos e passeando pelas estradas com as roupas de montaria reformadas de Jessamy. Não havia nada tão excitante naquela época como galopar, com um cavalo embaixo de mim e o vento me fustigando.

Assim, era agradável montar em Mateland, onde havia, é claro, uma grande estrebaria e cavalos de sobra. A montaria certa era escolhida para mim e para Jessamy, e eu montava todos os dias.

Certa vez, quando Jessamy e eu estávamos montando, encontramos David. Ele estivera percorrendo a propriedade Mateland, que passava os dias supervisionando, e quando nos viu juntou-se a nós.

Conversou amigavelmente, queria saber o que eu achava das estrebarias Mateland e a montaria especial que tinha sido escolhida para mim, quanto tinha andado, e daí por diante.

Houve um momento em que Jessamy foi mais devagar para falar com uma mulher na porta de uma das cabanas. Consegui captar um estranho sorriso nos lábios de David. Ele apressou um pouco o passo, e eu o segui. Virou numa estrada, e então percebi que estava tentando ficar à frente de Jessamy.

— Ela sabe que você vai por aqui? — perguntei.

— Descobrirá — respondeu.

— Mas...

— Oh, venha, Anabel. Nunca tenho uma chance de conversar com você.

Havia alguma coisa no seu tom de voz que me dizia para ter cuidado.

— Vamo-nos perder dela — protestei.

— Podia ser esse o objetivo da aventura.

— Não o meu — lembrei-lhe.

— Anabel, você é uma moça muito atraente. Você sabe. E não é tão formal como me faz crer. Você nos enfeitiçou a todos.

— Todos?

— Meu pai, a mim e meu irmão recém-casado.

— Sinto-me envaidecida de ter causado tão boa impressão em sua família.

— Anabel, você causaria essa impressão em qualquer lugar que fosse. Possui alguma coisa além de beleza. Sabia disso?

— Não, mas estou interessada em ouvir uma lista de minhas virtudes.

— Há vitalidade em você... uma resposta...

— Resposta a quê?

— Ao que você faz surgir nos homens.

— Estou aprendendo uma porção de coisas, mas acho que devo dizer que acabou aqui a primeira lição e que ela será a última.

— Você me diverte.

— Outro talento? Realmente, vai deixar-me muito convencida.

— Não lhe estou dizendo nada que você não saiba. Desde que chegou aqui ao castelo tem estado constantemente em minha mente. Pensou em mim?

— Naturalmente que penso nas pessoas em companhia de quem estou. Agora, acho que devíamos encontrar Jessamy.

— Deixe-me mostrar-lhe a propriedade. Há muita coisa que iria interessá-la, Anabel...

Virei-me e gritei por Jessamy, que nos estava procurando. Voltei até onde ela se encontrava.

— Não vi que vocês tinham ido por aquela estrada — disse ela.

Senti-me muito perturbada. Pensei que obviamente não podia ficar naquele castelo. Parecia-me que havia alguma coisa sinistra naquele homem. Queria afastar-me dele.

Pensei muito no que David havia falado. Os homens da família estavam todos impressionados comigo. Era aquilo que dissera. Sabia que *ele* estava. O que estava procurando? Um ligeiro flerte, um caso passageiro? Era casado com uma inválida e, para um homem como ele, aquilo devia ser difícil. Eu não tinha dúvida de que ele tentava seduzir toda mulher com quem entrava em contato, de modo que não devia dar muita atenção à sua abordagem. Só tinha de mostrar-lhe que eu não era do tipo de aceitar casos ligeiros de amor com homens casados... e mesmo que fosse, ele não me atraía.

Gostava de me sentar ao lado do Avô Egmont e conversar com ele. Também me elogiava e dizia claramente que me considerava uma mulher atraente. Nunca tinha pensado muito naquilo antes, e era como se eu tivesse mudado quando pisei no Castelo Mateland. Tinham posto feitiço em mim. "Todo homem que a vir vai desejá-la!" Era esse tipo de coisa. O Avô Egmont tinha um brilho mau nos olhos, e subentendia que, se fosse 30 anos mais moço, estaria pronto para me cortejar. Isso me divertia e eu respondia com uma espécie de flerte inocente, que o deliciava. Não reparei que sua atitude com Jessamy, Emerald e Elizabeth era bem diferente. De modo que parecia realmente que havia alguma coisa em mim que fazia surgir uma faísca nos Matelands.

Sabia que Joel tinha consciência de minha presença, mas ele parecia evitar-me. Mas encontrei-o certo dia, quando eu estava montando sozinha. Jessamy tivera alguma obrigação e me perguntara se me importava de montar sem a sua companhia naquele dia.

Falei que naturalmente não me importava e, quando tinha passado o portão grande e descido a ladeira em direção da mata, Joel me encontrou.

— Alô! — disse ele, como se estivesse surpreso. — Montando sozinha hoje?

— É, Jessamy está ocupada.

— Vai a algum lugar em especial?

— Não. Só andando a esmo.

— Você se importa se lhe fizer companhia um pouco?

— Gostaria muito — respondi.

Assim, andamos pela mata. Estava excitada, como tinha ficado desde nosso primeiro encontro na igreja e, depois, no casamento. Era um tipo particular de excitação que só ele conseguia inspirar-me.

Perguntou se estava gostando da minha visita, e depois falou sobre o vicariato e a igreja, que o tinham impressionado tanto, e me vi matraqueando sem parar. Estava feliz; queria segurar e prender os minutos para evitar que passassem.

— Creio que todas as filhas e mulheres de vigário têm o mesmo tipo de vida — falei. — Há sempre uma grande preocupação. É claro que pode ser o telhado, o campanário ou os sinos... Este é o século das igrejas fragmentadas na Inglaterra, o que é muito lógico, imagino, uma vez que a maioria delas foi construída pelo menos há quinhentos anos. Você deve ter problemas com o castelo.

— Constantemente — assegurou-me. — Nosso grande inimigo, o besouro da morte, está continuamente nos chamando a agir. Ganhamos uma batalha ou duas, e depois ouvimo-lo bater em outro lugar. Isso é realmente problema do meu irmão.

— E o seu é sua profissão. Há muitos médicos na família?

— Não. Sou o primeiro. Foi uma luta, mas fui insistente.

— É — falei. — Deve ter sido.

— Oh, você tem-me estudado, não tem?

— Tenho. Vejo-o como o tipo de homem que, quando resolve fazer uma coisa, consegue.

— Não acho que seja bem assim, mas não houve quem me impedisse de abraçar a carreira da Medicina. É que isso nunca tinha sido feito antes, e se souber de uma razão mais tola para não se fazer uma coisa como esta, por favor diga-me.

— Não sei de nenhuma — respondi. — Então, estudou e finalmente se formou.

— Foi. Não seria assim, se eu fosse o herdeiro. Os segundos filhos têm mais liberdade do que os herdeiros. Às vezes, não é mau ser o segundo.

— Certamente, no seu caso não foi. Conte-me sobre seus estudos. Especializou-se em alguma coisa?

— Não... só em clínica geral... — Contou-me de seu aprendizado e como, finalmente, tinha montado um consultório na cidade. — Só fiz isso quando, foi necessário. Há muita escassez de médicos nesta área. Tenho muito que fazer, posso

assegurar-lhe. — Virou-se de repente para mim: — Quer ver o lugar onde trabalho? Gostaria de lhe mostrar. Espero em breve construir um hospital na cidade. É disso que precisamos.

— Sim — respondi. — Gostaria muito de ver.

— Então, venha comigo. Estamos quase lá.

Estávamos nas portas da cidade e continuamos o caminho em silêncio. Pensei se ele conversava muito com Jessamy. Ele tinha muito prazer em discutir seu trabalho.

Mateland era uma cidadezinha, e quando passamos por ela várias pessoas o cumprimentaram. Senti-me contente por ele ser obviamente popular. Falou sobre as pessoas comigo.

— Aquele tem um coração dilatado. É difícil de tratar. Ele tem energia demais... Rins — disse, de uma mulher magra que falou: "Bom-dia, doutor", quando passamos.

— Então são corações e rins e tudo o que estiver errado com eles — falei rindo.

— É nisso que estou interessado.

— Os outros são corpos em conjunto, imagino, até, é claro, que um de nossos órgãos tenha interesse para você.

— Isso resume tudo, creio.

Tínhamos chegado a uma casa de três andares. Ficava afastada do resto das casas da rua. Tinha uma entrada e um caminho semicircular que levava até a casa e um portão em cada ponta. Entramos, desmontamos e ele prendeu nossos cavalos.

Quando entrávamos na casa, apareceu uma mulher no *bali*. Achei no mesmo instante que devia ser a governanta.

— Dorothy — disse ele. — Esta é a Srta. Champion, prima da minha mulher.

Dorothy me deu um olhar examinador.

— Bom-dia, senhorita — falou.

— Há algum recado? — perguntou Joel.

— Jim Talbot esteve aqui. Disse que, se o senhor puder ir ver a mulher dele esta tarde, ele agradecerá. Está melhor, disse ele, mas ainda não está bem.

— Irei esta tarde, Dorothy. — Virou-se para mim. — Quer um pouco de chá ou café? Há tempo, acho, Dorothy, antes de começar a cirurgia.

— Quero um pouco de café — falei, e Dorothy saiu. Aquela hora foi encantada para mim. Ele brilhava de entusiasmo pelo trabalho e ocorreu-me que não achava fácil conversar com muita gente como conversava comigo. Sua vida era tão diferente da dos outros membros da família. Um médico moderno naquele cenário medieval! Enquanto tomávamos café, ele me explicava algumas coisas.

— Se eu fosse o mais velho, nunca teria podido fazer isto, e significa muito para mim. Não posso explicar como, é emocionante. Nunca se sabe quando se vai descobrir uma coisa de importância vital... um sintoma estranho, uma cura... uma coisa que dê uma pista de como prosseguir. Foi um velho médico quem me inspirou, quando eu era menino. Foi ao castelo ver minha mãe e eu costumava observá-lo e ouvi-lo. Meu pai ria quando eu falava que queria ser médico. "Por que não?", dizia ele. "David está aí para cuidar das terras do castelo." De fato, eles teriam gostado que eu ajudasse. Mas David e eu nunca tivemos a mesma opinião. Teria havido atrito. Não sei quem é o mais teimoso, se ele ou eu. Cada um de nós quer seguir a seu modo e, quando duas pessoas como nós começam a seguir direções diferentes, acontece alguma coisa. Por que não veio logo para o castelo com Jessamy? Você não disse que estava sempre na Mansão Seton?

— Não fui convidada — falei.

Ele me olhou por algum tempo e depois disse uma coisa que me alarmou e me deliciou, ao mesmo tempo. Foi apenas:

— Que pena!

Ouvi minha voz dizer rapidamente:

— Bem, afinal, vim.

Ele ficou calado por um instante. Depois, falou:

— Somos um grupo estranho no castelo, não é?

— São?

— Não nos considera assim?

— Todas as pessoas são imprevisíveis quando se chega a conhecê-las.

— Então não acha que haja alguma coisa de especialmente diferente em nós?

— Não. Só que podem saber quem são seus ancestrais há centenas de anos

e que vivem num castelo.

— Vivo uma boa parte do tempo aqui. — Hesitou.

— Jessamy gosta daqui? — perguntei.

— Ela... não tem vindo muito. Fico aqui quando quero começar cedo no dia seguinte ou quando trabalho até tarde.

— Não é muito longe do castelo.

— Mas, às vezes, é mais fácil ficar.

Achei estranho que Jessamy nunca tivesse mencionado aquilo.

— Falando em sermos diferentes — continuou. — Já existem boatos sobre nós; você sabe. Parece haver alguma maldição sobre a gente, que afeta as mulheres Matelands.

— Oh, qual é a maldição?

— É uma longa história. Resumindo, no tempo da Guerra Civil houve uma discórdia entre o castelo e algumas pessoas daqui. Elas foram ao Parlamento. O castelo era, naturalmente, estritamente monarquista. O Exército do Rei estava dominando a região por um certo período, e eles aparentemente invadiram a cidade. Um dos cidadãos fugiu e foi ao castelo com sua jovem mulher, que estava grávida. Pediram auxílio, que lhes foi negado, e um de meus ancestrais ameaçou entregá-los aos homens do Rei. Eles foram embora; a mulher morreu numa vala e seu marido amaldiçoou os Matelands. Eles tinham matado sua mulher, disse, e não teriam sorte alguma com as mulheres deles.

— Bem, devo dizer que foi provado não ser verdade várias e várias vezes — disse eu.

— Não sei se foi. A coisa estranha sobre estas lendas é que volta e meia elas se realizam, e quando isto acontece ficam fortalecidas.

— E quando não se realizam, imagino que fiquem esquecidas.

— Minha mãe entrou em declínio quando eu tinha dez anos — falou. — Você sabe que Jessamy é minha segunda mulher. Nunca me esquecerei da noite em que Rosalie morreu. Era minha mulher... minha primeira mulher. Tinha dezoito anos. Tínhamo-nos conhecido desde crianças. Ela era graciosa e bonita e um tanto frívola. Gostava de dançar e era muito vaidosa... um tanto vaidosa e charmosa, compreende?

— Sim — falei. — Compreendo.

— Ia haver um baile no castelo. Ela falava há dias no seu vestido. Estava encantada com ele, e experimentou-o na noite anterior ao baile. Dançou à volta da sala com o vestido e aproximou-se demais da chama da vela. Tentamos salvá-la... mas era tarde demais.

— Que coisa horrível. Sinto muito.

— Não houve nada que se pudesse fazer — disse, baixinho.

Estendi a mão e coloquei-a sobre a dele.

— Mas você está contente agora.

Ele tomou minha mão e segurou-a, sem responder.

— Depois — continuou —, houve o acidente de cavalo com Emerald, você sabe. Minha mãe... Rosalie... Emerald.

— Mas agora você tem Jessamy e a sorte vai mudar.

Ele ficou olhando-me e continuou sem dizer nada. Mas alguma coisa acontecia conosco. Havia tanto que não precisava ser dito. Compreendi. Tinha encontrado certa paz com Jessamy, mas queria algo mais.

Como é que eu sabia? Por uma certa ansiedade em seus olhos, por eu corresponder a isso, e minha consciência de que ele sabia disso.

Pus minha xícara de café na mesa.

— Seus pacientes devem estar chegando — falei.

— Estou contente por você ter vindo.

— Foi tudo muito interessante.

Levou-me até os cavalos.

Fui embora pensativa, e estava quase entrando na mata quando ouvi o barulho de cascos de cavalos atrás de mim. Logo depois um cavaleiro achava-se a meu lado.

— Bom-dia para você. — Era David.

— Bom-dia — falei. — Estou mesmo voltando para o castelo.

— Nenhuma objeção a que vá com você, espero. Também estou voltando.

Fiz um aceno com a cabeça.

— Será que percebo uma falta de entusiasmo? Vejo que não tenho tanta

sorte quanto meu irmão. O que achou da casa dele?

— Estava-me seguindo? — perguntei.

Seu sorriso era malicioso.

— Aconteceu de vê-la saindo com Joel. Os dois pareciam muito satisfeitos.

— Encontrei-o por acaso, e ele se ofereceu para mostrar-me sua casa na cidade. Não parece haver nessa ocorrência natural nada que lhe possa divertir.

— Certo — falou. — Tudo muito apropriado e natural. Por que nosso nobre doutor não mostraria à sua prima o lugar onde trabalha? Só pensei que devia dar uma palavra de aviso a seus ouvidos inocentes. Não há nada a escolher entre nós dois, você sabe. Somos iguais. Os homens Matelands têm os mesmos olhos sonhadores... sempre tiveram... são conhecidos sob este aspecto desde os tempos do Rei Stephen. Não mudam seu modo de ser mais do que os leopardos mudam as pintas. Cuidado com os Matelands, querida Anabel, e particularmente com Joel.

— Você está mesmo deixando sua imaginação voar. Você e seu irmão são casados e felizes.

— Somos? — perguntou.

— E — disse eu — acho esta conversa muito desagradável.

— Neste caso — falou, inclinando a cabeça, fingindo respeito —, não devemos continuá-la.

Voltamos para o castelo em silêncio. Achava-me bastante preocupada. Sabia que devia afastar-me de lá e que não devia voltar.

Como era monótono no vicariato. Meus pensamentos estavam no castelo.

Jessamy me escreveu.

Sinto falta mesmo de você, Anabel. Devia vir no Natal. Haverá um Natal tradicional no castelo. Vai ser como era celebrado há muitos anos... com bebedeiras e tudo, e a grande vasilha no *hall* com ponche fervendo. Quem me contou foi Esmond. Ele e eu estamo-nos tornando bons amigos. Vai haver um culto com canto no *hall*, na véspera do Natal, e depois distribuição de cestas de Natal para todos os pobres da aldeia. Vêm ao castelo buscar seus presentes. Os jardineiros estão começando as decorações. Vamos fazer uma festa em casa. Venha mesmo, Anabel. Vai estragar tudo para mim, se não vier. Joel tem estado muito ocupado, quase não o vejo há várias semanas. Ele disse que há muita doença na cidade. Tem trabalhado

muito. Vovô Egmont não gosta disso. Falou que nunca aconteceu antes de um Mateland receber dinheiro dos outros pelo que faz. Acha isso degradante. Veja bem, Joel não recebe dinheiro dos pobres. Realmente, não precisa disso. Todos os Matelands são ricos... muito ricos, acho. Joel é realmente um homem muito bom, Anabel. Ele é, de verdade...

Parei aí. Achei que ela era um pouco enfática demais. Depois, continuei a pensar nele. Estava clinicando e ajudando os pobres, o que era muito louvável. Mas havia um certo aspecto no seu rosto... Não podia descrevê-lo, mas mostrava que ele não era nenhum santo. Era um homem que procurava o que queria e não descansaria, estava certa, até que conseguisse. Podia ser que fosse cruel. Ele me obcecava. Antes nunca o tivesse visto. "Somos todos iguais", David tinha dito. Será que queria dizer que eram todos namoradores?

Pare de pensar neles, disse a mim mesma.

Havia muito a fazer no vicariato, mesmo decidindo não ir a Mateland no Natal. Tia Amy Jane e Tio Timothy tinham sido convidados para ir ao castelo e estavam de viagem.

— Será muito interessante passar um Natal num castelo — disse Tia Amy Jane. — Espero que tudo corra bem aqui, James. — Ela queria dizer, é claro, que seria o primeiro Natal que não estaria presente para supervisionar as festas. — Estarei aqui para a festa das crianças — continuou. — E dei permissão à Liga das Mães para fazerem seu encontro anual em nosso *hall*. Já cuidei de tudo. Posso deixar o resto a seu cargo e sair com a consciência tranqüila.

Como desejei ir também! Boba, disse-me para mim mesma. Era minha própria culpa. Tinha sido convidada.

Pareceu um Natal muito longo. Choveu todo o tempo na véspera. Janet cozinhou o pato com a ajuda de uma das mulheres da vila. Era coisa demais para fazer sozinha, dissera ela, agora que Amélia tinha ido para Crabtree Cottage.

O médico, sua esposa e duas filhas jantaram conosco no Dia de Natal. Parecia calmo, comparado ao nosso Natal de sempre na Mansão Seton. O dia parecia sem fim, e depois haveria o Dia dos Carteiros.

Saí para uma volta a cavalo. Tinha permissão de montar um dos cavalos da estrebaria dos Setons. O empregado que o tinha selado para mim falou:

— Não parece a mesma coisa sem a Srta. Jessamy. Ela era uma ótima moça.

— É, Jeffers — concordei. — Não fale dela como se estivesse no passado.

Estava deprimida. Não conseguia divertir-me nada naquela manhã, embora o dia estivesse lindo, bastante perfumado, com uma ligeira névoa no ar. Reparei que o azevinho estava cheio de frutinhas, sinal de inverno rigoroso, segundo aqueles que eram versados na ciência do campo.

Estava preocupada com Jessamy. Não sabia por quê. Ela tinha tudo. Por que teria eu receios sobre seu futuro? Devia parar de pensar no Castelo Mateland e nas pessoas de lá. Minha vida seria traçada numa direção diferente.

Levei o cavalo de volta para a estrebaria dos Setons e andei a pé até o vicariato. Meu pai não estava em casa.

— Ainda não voltou — disse Janet. — Estou esperando por ele há uma hora. Quero pôr a comida na mesa.

— Ele ainda está na igreja?

— Disse que ia fazer alguma coisa... não me lembro o quê.

— Ele se esqueceu da hora — falei. — Vou encontrá-lo.

Fui até a igreja. Não conseguia mais entrar lá sem pensar em mim mesma esparramada nos degraus do altar e Joel Mateland de pé. Eu era uma pessoa diferente até aquela época.

Chamei meu pai. Não houve resposta.

Deve estar na sacristia, pensei. Ou na capela de Nossa Senhora.

Então o vi. Estava deitado muito próximo ao lugar onde eu tinha caído. Corri para ele.

— Pai, o que aconteceu?

Ajoelhei-me a seu lado. Primeiro, pensei que estivesse morto. Depois, vi suas pálpebras se moverem. Corri para pedir ajuda.

Tinha tido um derrame, estava paralisado de um lado e perdera a fala.

Cuidei dele ajudada por Janet. Um vigário veio substituir meu pai enquanto ele estivesse doente, assim diziam; mas eu sabia, e Janet também, que ele nunca mais pregaria.

Tom Gillingham era um jovem sério e solteiro. Janet achava que ele tinha sido mandado com um objetivo.

— Objetivo de quem? — perguntei. — De Deus ou do bispo?

— Imagino que um pouco dos dois — respondeu ela. Janet, habituada a só falar a verdade, teve de falar no assunto abertamente comigo.

— Seu pai não vai ficar melhor — disse ela. — Reze a Deus para que não piore. E o que vai ser de você? Tem de pensar em si própria. Oh, sim, pode olhar-me como se tivesse vontade de dizer para eu cuidar da minha vida. É minha vida. Trabalho aqui, não trabalho? O que vai acontecer com você e comigo, quando seu pai morrer?

— Pode ser que ele viva muitos anos.

— Você sabe que não vai viver. Pode ver como piora a cada dia que passa. Dois meses... três no máximo, acho. Então, você vai ter de começar a pensar. Duvido que o vigário deixe uma fortuna para você.

— Suas dúvidas estão confirmadas, Janet.

— Bem, então o que vai fazer? Companhia a uma senhora velha? Não posso imaginá-la fazendo isso, Srta. Anabel. Governanta de umas criancinhas... um pouco mais provável, mas, assim mesmo, não daria certo. Será isso ou continuar aqui.

— Como poderia fazer isso?

— Simples como água, isto é, o fato de Tom Gillingham ser solteiro.

Não pude deixar de sorrir.

— Imagino o que ele não diria se soubesse que você está organizando o futuro para ele.

— Não se importaria... se visse *como* estou organizando. Ele é carinhoso com você, Srta. Anabel. Não me surpreenderia se ele já tiver pensado alguma coisa nesse sentido.

— Ele é um homem bastante agradável — concordei.

— E você foi criada num vicariato... sabe todos os detalhes e outras coisas mais.

— Parece muito satisfatório, com exceção de um ponto.

— Qual?

— Não quero casar-me com Tom Gillingham.

— Dizem que o amor aparece.

— Pode também diminuir, e se não existe de início não pode nem mesmo

desaparecer. Não, Janet, teremos de pensar em outra coisa.

— Não é com o meu futuro que estou preocupada. Tenho minha irmã Marian, para onde eu poderia ir passar um tempo. Nunca nos demos bem, mas seria um lugar para ir até que achasse outro.

— Oh, Janet — gritei. — Detestaria ter de dizer adeus à você.

Seu rosto torceu-se, mas ela sempre controlava suas emoções.

Ficamos em silêncio. Estávamos prevendo um futuro desanimador.

Quando Tia Amy Jane e Tio Timothy voltaram, ficaram chocados ao saber da doença de meu pai.

— Isso a deixa numa posição muito difícil, Anabel — falou Tia Amy Jane.

— Você terá de vir para a Mansão Seton — disse-me, bondosamente, Tio Timothy.

Tia Amy Jane olhou-o com frieza. Nunca gostara que ele se mostrasse afetuoso comigo.

— Anabel não gostaria de viver de caridade — disse ela, com firmeza. — Ela é orgulhosa demais.

— Caridade — gritou Tio Timothy. — Ela é nossa própria sobrinha.

— *Minha* sobrinha. Portanto, Timothy, eu é que sei o que é melhor para ela. Acho que ela pode encontrar alguma coisa para fazer.

— Saberei que rumo tomar quando chegar a hora — falei, friamente.

Os olhos de Tia Amy Jane começavam a especular. Podia sentir que ela tramava um plano de ação para decidir meu futuro.

Quando descobriu que Tom Gillingham já estava no vicariato e que tinha sido indicado para ficar quando meu pai morresse, ela achou a solução que Janet já tinha encontrado. Tom Gillingham devia casar-se comigo... quisesse ele ou não. Mostrar-lhe-iam a razão, que era sempre compreendida por todos que participavam dos esquemas de Tia Amy Jane.

Eu sabia que Tom não se oporia. Estava interessado em mim, e eu só teria de corresponder, eu sei, e ele sugeriria casar-se.

Eu não podia fazer isso. Seria como que escrever *Fim* na história de minha vida, pois tudo o que se seguiria seria muito previsível.

Se ao menos Jessamy não tivesse ido embora. Se eu nunca tivesse visto o Castelo Mateland, se não tivesse percebido que há outras metas no mundo sem ser existir num certo grau de conforto, poderia estar disposta a aceitar o que parecia ser inevitável. Mas eu tinha vislumbrado uma vida diferente. Encontrara Joel Mateland e, embora ele fosse o marido da minha prima, eu ainda continuava a pensar nele.

Estabelecer-me calmamente na igreja Seton como esposa do vigário não era vida para mim.

Estávamos na primavera, quando meu pai morreu. O momento da decisão tinha chegado.

Tom Gillingham deixara claro que eu não precisava apressar-me em sair, embora eu soubesse claramente que não seria próprio que eu, sendo solteira, morasse na casa paroquial. Quando meu pai estava vivo, ainda que fosse um inválido inerte, era diferente.

Era o dia do enterro. Tom oficiou o culto e nós fizemos fila no pátio da igreja atrás do caixão e dos que o carregavam. Ficamos à volta da sepultura e a desolação abateu-me, quando pensei no meu querido e bondoso pai, com seu modo ineficiente e jeito distraído, mas sempre modesto.

Era o fim de um modo de vida.

Senti uma mão na minha e, virando-me, vi Jessamy. Ao vê-la, senti-me confortada, cheia de uma espécie de esperança. Um pouco da minha infelicidade dissipou-se.

As pessoas tinham ido embora. Jessamy estava sentada num banquinho do meu quarto, com os braços à volta do joelho, olhando-me. Ela sempre se sentara assim. Vê-la lá me trouxe tantas recordações da infância, quando eu a dominava e, às vezes, a maltratava e levava-a a fazer travessuras. Querida, querida Jessamy, que nunca deixara de me amar, apesar de todas as minhas maldades com ela.

— O que vai fazer, Anabel? — perguntou.

Encolhi os ombros.

— Não vai casar-se com Tom Gillingham, vai? Minha mãe me disse que sim.

— Ela errou desta vez. Gosto de Tom, mas...

— É claro que não pode casar-se com ele — disse ela, com firmeza. — Então, o que vai fazer?

— Acho que a alternativa é arrumar um emprego.

— Oh, Anabel. Você detestaria isso.

— Se não se tem dinheiro, tem-se sempre que fazer alguma coisa que não é compatível com a pessoa. Mas estou preocupada com Janet. Embora possa ir para a casa da irmã por algum tempo, não vai querer ficar lá. Terá de arranjar outro emprego... e empregos são difíceis de aparecer.

— Anabel, quero que volte comigo. Venha para o castelo. Sinto muito sua falta. Sinto-me solitária muitas vezes. Para dizer a verdade, Joel fica fora tanto tempo... e também... e também... Acho que ele não está muito...

— Não está muito o quê?

— Satisfeito com nosso casamento. Às vezes, ele parece quase arredio. Emerald diz coisas cortantes e David também... especialmente David. Às vezes, acho que ele e Joel se detestam. E há também Elizabeth... Não sei o que fazer com ela. Às vezes, sinto-me tão sozinha lá... com um pouco de medo. Não, não exatamente medo... mas...

— Pensei que você estivesse muito feliz lá.

— Oh, estou... especialmente agora... Anabel, vou ter um bebê.

Eu pulei, peguei a mão dela, puxei-a do banco e abracei-a.

— Sim, não é ótimo? — disse ela.

— Joel deve estar satisfeito.

— Oh, sim, ele está. Anabel, você tem de voltar comigo. Estou-lhe dizendo que tem... especialmente agora.

— Acho que não devo, Jessamy.

— Mas tem que ir. Não pode abandonar-me.

— Abandoná-la. Você tem um marido... e um bebê por nascer. Tem tudo. O que pode querer comigo?

— Não quero você. — Ficou quieta por um instante. Depois, falou: — Anabel, eu me sentiria mais feliz, mais segura, se você estivesse lá.

— Mais segura? De que está com medo?

— N-nada, realmente. — Riu, nervosa. — Não sei. Talvez seja por causa do castelo. Há tanto do passado lá. Todos os Matelands mortos há tantos anos... Às

vezes, parece que estão lá... observando... Depois, há a lenda das mulheres. Diz-se que dá azar ser uma esposa Mateland.

— Jessamy, você está com medo de alguma coisa.

— Sabe que sempre fui um pouco boba. Anabel, eu preciso de você. Já sei. Janet poderia vir com você. Poderia ser sua empregada particular. Resolveria tudo, se você viesse.

— Mas... talvez os outros não me quisessem. Seu marido... seu sogro...

— Você está errada. Está absolutamente errada. Ficaram todos contentes quando sugeri isso... todos eles. Disseram coisas tão boas de você. Vovô Egmont disse que você abrilhanta o lugar. David disse que seria agradável que você fosse, porque é divertida.

— E Emerald?

— Ela nunca se entusiasma com coisa alguma, mas não disse que não gostaria que você fosse.

— E seu marido?

— Acho que ele gostaria tanto quanto os outros. Ele acha que seria bom para mim, se você estivesse lá. Há muito espaço no castelo. E Janet pode vir também. Acha que ela gostaria?

— Gostaria — falei. — Mas acho que não seria prudente. — E acrescentei com veemência: — Não, Jessamy, eu não vou.

Mas sabia que devia ir. Podia seguir dois caminhos... um era desanimador, não me oferecia nada, e o outro me acenava com aventura, excitação, e se fosse perigoso, bem, enfrentar o perigo sempre fizera parte da minha natureza. Seduzia-me, fascinava-me.

Um mês depois da morte de meu pai, Janet e eu estávamos a caminho do Castelo Mateland.

Assim é que lá me achava instalada no meu quarto da torrinha. Meu novo lar era agora o Castelo Mateland. Janet estava encantada.

— Isto é um pouco diferente do vicariato — comentou. — E aqui posso ficar de olho na Srta. Jessamy, aquela coisinha gentil. Mas não estou nada certa de que ela tenha procedido bem.

— O que quer dizer? — perguntei.

— Vejo que ela é negligenciada, é isso. E há pessoas aqui que gostam de observar.

Assim, lá estava Janet, feliz de se ver instalada como cão de guarda do castelo.

Achava-me superando o choque da morte de meu pai. Nunca percebera, enquanto ele viveu, quanto gostava dele. Sempre pareceu tão ineficiente, tão distante, tão fechado em seus livros, cumprindo suas obrigações, fazendo sermões sem inspiração todos os domingos para pessoas que vinham menos para ouvi-lo do que pelo fato de se esperar que fossem. Agora que ele partira, eu sabia que homem altruísta tinha sido. Sentia falta de sua ternura.

Tinha deixado um pouco de dinheiro para mim; não o suficiente para viver, mas o bastante para comprar algumas coisas de que eu precisaria e preservar uma pequena dose de independência.

Ter deixado o vicariato e ter mergulhado nesse ambiente novo e excitante foi a maior ajuda que eu poderia ter tido para me recobrar da dor. Jamais pensara em meu pai como meu guardião; ele nunca interferiu muito e era urna figura secundária, mas agora tinha-se ido e eu me sentia sozinha.

Passava meus dias com Jessamy, e creio que eu era tão confortadora para ela como ela era para mim.

Não havia dúvida de que eu era bem-vinda. Vovô Egmont desceu para jantar na minha primeira noite e me fez sentar a seu lado. Parecia consumido por uma alegria secreta.

— Você vai trazer um pouco de alegria ao castelo — disse ele, com o queixo balançando para parecer engraçado. — Sempre gostei de ver uma mulher bonita.

David levantou uma sobrancelha e piscou para mim.

— Então, cá está você — falou. — Uma de nós, agora. Não preciso dizer como me sinto sobre isso. Mil boas-vindas ao Castelo Mateland, bela Anabel.

E Joel? Olhou-me atentamente, com os olhos sorridentes, dizendo-me, mais claramente do que qualquer palavra pudesse expressar, como estava satisfeito de que eu estivesse ali.

Emerald mostrou pouco interesse.

— Espero que goste daqui — falou, com voz dúbia.

Elizabeth Larkham falou que não havia dúvida sobre a alegria de Jessamy com a minha vinda, como se sentisse que Jessamy era a única que iria aproveitar com isso.

E assim, lá estava eu. Tinha encontrado um refúgio para mim e para Janet. Não havia dúvida da gratidão de Janet. Até mesmo ela partilhava aquele esnobismo nato que a maior parte das empregadas parece ter — quanto mais importante for a casa onde servirem, tanto mais satisfeitas elas ficam. E de um vicariato, onde certas economias tinham de ser feitas, para um castelo, onde parecia haver um sem-fim de bens terrenos; era um grande passo à frente.

Eu sabia desde o começo que teria de ser cautelosa. David, sem dúvida, estava determinado a me possuir. Havia um brilho em seus olhos toda vez que olhava para mim. Eu sabia que já era sua amante na imaginação dele. Achava-me determinada a mostrar-lhe que nunca o seria na realidade, e via que ele estava igualmente determinado a que eu fosse. Ele era um homem cruel. Sim, devia mesmo tomar cuidado. Não que temesse sucumbir à sua lábia. Isso nunca aconteceria, mas acreditava que ele tentaria ao máximo fazer-me cair numa situação embaraçosa. Quanto a Joel, não estava certa de seus sentimentos em relação a mim. Havia horas em que encontrava os olhos dele nos meus com o mesmo desejo que tinha visto nos de David. Quando estava perto dele, ele se encostava em meu braço, minha mão, meus ombros e eu sentia que queria estar perto de mim.

Teria sido insensível, se não tivesse percebido que eu tinha despertado grandes sentimentos naqueles irmãos Matelands.

Havia horas em que me deitava no meu quarto da torrinha e dizia para mim mesma: se você fosse uma mulher boa e virtuosa, iria embora daqui. Sabe que não pode resultar nada de bom disso. David é um pirata, um descendente daqueles homens que atraíam os viajantes e os traziam para o castelo para pedir resgate ou torturá-los. Faria qualquer coisa para satisfazer seus desejos. Corre grande perigo com ele. E... está ficando cada vez mais envolvida com Joel. Ele a excita. Na verdade, às vezes você procura a companhia dele. A verdade é que se está apaixonando por Joel Mateland, permitindo tornar-se mais e mais envolvida cada dia. Tornar-se amante de Joel seria mais chocante do que amante de David, porque o primeiro é marido de Jessamy.

O clima era tenso. Trancava a porta do meu quarto toda noite. Estava contente em saber que o quarto de Jessamy ficava próximo. Costumava pensar nela e em Joel juntos. Mas ele freqüentemente dormia na casa da cidade.

Jessamy mostrava-se preocupada. Uma vez teve um pesadelo e gritou. Fui a

seu quarto, onde ela se virava na cama. Dizia alguma coisa sobre a maldição das esposas Matelands.

Acordei-a, acalmei-a e passei a noite em seu quarto.

— Você estava sonhando — disse-lhe. — Não deve ter esses pesadelos. Vai ser ruim para o bebê.

Janet e eu só tínhamos de falar que seria ruim para o bebê que Jessamy ficava mais preocupada. Sua vida girava em torno do bebê. Era como se o visse como um consolo.

Havia tanta coisa que queria perguntar a Jessamy sobre seu casamento, mas achava difícil falar sobre isso. Tinha medo de que pudesse trair meus sentimentos por Joel.

O inevitável tinha de acontecer. Quero que compreenda, Suewellyn, que nem Joel nem eu éramos maus. Nós dois tínhamos tentado muito fazer com que aquilo não acontecesse. Mas havia alguma coisa de não convencional conosco; durante aqueles primeiros meses, quando fui para o castelo, realmente tentamos muito evitar aquele desfecho, mas era forte demais para nós.

Jessamy tinha tido de parar de montar, e eu continuei sozinha. Certo dia encontrei Joel na mata. Sabia que ele estava esperando por mim.

— Tinha de falar com você — disse ele. — Você sabe que a amo, Anabel.

— Não deve dizer isso — retruquei, francamente.

— Devo confessar que é verdade.

— Você se casou com Jessamy.

— Por que não veio com ela naquela primeira vez? Tudo teria sido diferente, se tivesse vindo.

— Teria? — perguntei.

— Você sabe que sim. Houve uma tremenda atração inegável entre nós no primeiro momento em que nos encontramos, nos degraus do altar. Aquilo foi significativo. Oh, Anabel, se tivesse sido você!

Lutei para lembrar-me de minha lealdade a Jessamy.

— Mas não foi — insisti. — E você se casou com Jessamy. Por que, se não a amava?

— Já lhe contei sobre meu primeiro casamento. Tinha de me casar de novo.

Queria ter filhos. Tinha esperado anos. Isso é que é tão irônico. Se ao menos tivesse esperado um pouco mais...

— Agora, é tarde demais.

Ele se inclinou na minha direção.

— Nunca é tarde demais.

— Mas Jessamy é sua mulher... que vai ter seu filho em breve.

— Você está aqui — falou — e eu estou aqui...

— Acho que devia ir-me embora do castelo.

— Você não deve fazer isso. Se fizesse, eu a seguiria, por isso não conseguiria nada indo embora. Anabel, você e eu somos da mesma espécie; fomos feitos um para o outro. Isso surgiu entre nós desde o início. Sabe disso tão bem quanto eu. Só raramente na vida encontra-se a pessoa certa no momento certo.

— Mas nós nos encontramos no momento errado. Tarde demais...

— Não nos vamos deixar prender por convenções. Poremos de lado essas barreiras feitas pelo homem. Você está aqui e eu estou aqui. Isso basta.

— Não, não — persisti. — Jessamy é minha prima querida. Ela é boa e incapaz de deslealdade e maldade. Não podemos traí-la.

— Estou-lhe dizendo que vamos ficar juntos, Anabel — falou, firmemente. — Para o resto da vida, juro. Acha que vou deixá-la ir? Você não é do tipo de deixar que as convenções arruinem sua vida.

— Não, talvez não. Mas Jessamy existe. Se fosse outra pessoa...

— Vamos prender os cavalos aqui e conversar. Quero segurá-la... fazer com que compreenda...

— Não — falei rapidamente. — Não. — Virei meu cavalo e me afastei a galope.

Mas era inevitável. Uma tarde ele veio ao meu quarto. Jessamy estava sentada no jardim. Era um lindo dia de setembro, e nós estivemos apreciando o Sol.

Fechou a porta e ficou de pé me observando. Eu tinha tirado o vestido e ia mudar de roupa e me encontrar com Jessamy no jardim.

Tomou-me nos braços e me beijou. Continuou a me beijar, e fiquei tão ansiosa por Joel como ele por mim.

Mas Jessamy estava lá embaixo, inocente e confiante, e me agarrei à lealdade ao amor que sentia por ela.

— Não, não — protestei. — Aqui não.

Estava admitindo. Ele me afastou um pouco e me olhou.

— Você sabe, Anabel, meu amor, que estaremos sempre juntos. Nada neste mundo nos poderá separar.

Eu sabia.

— Em breve, então... — disse ele. E estava sorrindo.

Não quero inventar desculpas. Não há desculpa. Tornamo-nos amantes. Fui muito má, mas nenhum de nós era santo. Não pudemos evitar. Nossas emoções eram fortes demais. É raro, estou certa, duas pessoas amarem como nós amamos... Imediatamente e ao mesmo tempo. Estou segura de que amar daquela forma é o estado mais feliz do mundo... se formos livres para tal. Tentamos esquecer que estávamos traindo Jessamy, mas, naturalmente, eu não conseguia completamente. Era a amargura do meu êxtase. Talvez houvesse vezes em que estivéssemos juntos em grande intimidade e que eu conseguisse esquecer; mas não era por muito tempo, pois achava difícil escapar da lembrança de Jessamy. Ela estava sempre no meu pensamento, exceto naqueles raros momentos, e eu me desprezava por enganá-la, pois quando olhava para trás via que soubera que aquilo iria acontecer, se eu viesse para o castelo. Devia ter sido nobre e altruísta; devia ter pegado um emprego com uma velha senhora desagradável e servido de instrumento a seus desejos, levado seu terrível cãozinho a passear, ou tentando enfrentar a educação de uns monstros num quarto de crianças de um estranho. Tremia quando pensava naquilo, pois, ainda assim, por mais desgraçada que fosse, teria podido ficar de cabeça erguida.

Jessamy teve uma gravidez difícil. O médico disse que ela precisava ficar de cama, o que ela fez. Não se queixava, esperando ansiosamente pelo dia em que o bebê nascesse. Era muito preocupada comigo.

— Você não deve ficar em casa o dia todo, Anabel — dizia. — Pegue um dos cavalos e vá exercitá-lo.

Querida Jessamy e desprezível Anabel! Eu levava um daqueles cavalos e ia até a casa da cidade, e lá Joel e eu ficávamos juntos.

Ele não sofria tanto de remorso quanto eu. Era um Mateland, e os Matelands, eu imaginava, nunca se negavam ao prazer dos sentidos. Que tinha tido muitas mulheres antes de mim eu sabia. Por incrível que pareça, via aquilo como um desafio. Eu o manteria dedicado a mim. Estava decidida sobre isso. Na verdade, eu

era uma mistura de contrastes naquela época. Estava exultante, em êxtase e ao mesmo tempo com um senso de vergonha e ódio por mim própria. Mas sabia que tinha de me comportar daquela forma. Era como se houvesse uma força poderosa nos prendendo juntos. Acho que ele também sentia isso. Disse que nunca acontecera uma coisa assim em sua vida antes, e embora isso seja o tipo de coisa que as pessoas dizem facilmente, naquelas circunstâncias acreditei nele.

Compreenda, Suewellyn, que se não tivesse aquele poderoso e avassalador sentimento, uma certeza de que aquele era o único homem que podia amar, não teria entrado naquela relação. Não sou uma mulher boa, mas não sou leviana.

Assim, enquanto Jessamy esperava o nascimento de seu filho, eu fazia amor ardente com seu marido. Estávamos completamente absortos um com o outro, e era só quando estávamos sozinhos naquela casa que nos podíamos permitir agir com naturalidade. No castelo, tínhamos de encobrir nossos sentimentos, e sabíamos que estávamos envolvidos numa situação perigosa. Não era só a Jessamy que tínhamos de enganar, achava-me permanentemente consciente dos olhos observadores de David. Ele se divertia com minha rejeição e ao mesmo tempo aumentava seu desejo por mim.

Se Emerald soubesse, não ligaria. Devo dizer que estava acostumada com os namoros dele. Muitas vezes peguei Elizabeth Larkham me olhando de perto. Ela era amiga de Emerald e desaprovava abertamente o interesse de David por mim.

Quanto ao velho, tenho certeza de que se divertiria muito com a situação se soubesse.

Era uma casa estranha. Quando eu estava no castelo sentia-me mais em paz com o pequeno Esmond. Tínhamo-nos tornado bons amigos. Costumava ler para ele; ele se sentava com Jessamy enquanto ela fazia o enxoval do bebê e eu lia alto para ele. Era um conforto para mim ter o menino lá; ficava muito sem jeito quando estava sozinha com Jessamy.

Acredito que a única pessoa que sabia o que estava acontecendo entre mim e Joel fosse Dorothy. Ela era imperturbável, e eu não podia saber o que pensava. Ocorreu-me pensar que, antes, já tivesse havido mulheres naquela casa. Perguntei isso a Joel, e ele admitiu que tinha acontecido uma vez ou duas. Assegurou-me, veementemente, que fora diferente. Nunca tinha havido uma coisa como a nossa, e acreditei nele.

Garth, o filho de Elizabeth Larkham, veio ao castelo para passar uns feriados. Era um menino barulhento e comportava-se como se o castelo fosse dele. Era vários anos mais velho do que Esmond e comandava as brincadeiras. Eu

pensava se Esmond gostava que ele viesse. Não dizia que não gostava. Era gentil demais para falar isso. Sua mãe dizia ser bom para ele ter alguém próximo de sua idade, e talvez fosse. Havia outro menino que vinha fazer visitas curtas. Era um primo chamado Malcolm Mateland. Seu avô era irmão de Egmont.

Quando olho para trás agora tudo parece ter sido inevitável. O bebê de Jessamy nasceu em novembro e, àquela altura, eu tinha descoberto que ia ter um filho.

Foi uma descoberta chocante, embora devesse estar preparada para ela. Durante vários dias, mantive a coisa comigo mesma.

O bebê de Jessamy era menina. Chamava-se Susannah. Era costume na família dar dois nomes às meninas e chamá-las pelos dois. Como Amy Jane, por exemplo. Minha mãe era Susan Ellen. Quando foi a vez de Jessamy e a minha, nossos nomes foram combinados. Jessica Amy e Ann Bella. Então, naturalmente, Jessamy pensou em Susan Ann para Susannah. Jessamy estava tão fixada no bebê que não notou minha preocupação.

Discuti minha situação com Joel. Ele ficou encantado com a idéia de termos um filho e pôs de lado todas as dificuldades. Estava começando a entender Joel muito bem. Ele era um homem forte, como todos os Matelands. Quando se apresentava uma situação difícil, começava por imaginar que seria encontrada uma solução.

— Oh, querida — falou —, aconteceu milhões de vezes antes. Encontraremos uma solução.

— Terei de ir embora. Encontrarei alguma desculpa para sair do castelo.

— Ir embora por pouco tempo... sim. Mas você vai voltar.

— E a criança?

— Arranjaremos alguma coisa.

Levamos algum tempo para planejar uma saída. Depois, decidimos que eu diria no castelo que um parente distante do meu pai, que vivia na Escócia, estava ansioso por me ver. Tinha ouvido meu pai falar dessas pessoas, mas aparentemente tinha havido uma briga na família, e agora tinham sabido que meu pai morrera e queriam ver-me.

Disse a Jessamy que achava que devia ir.

Jessamy detestava brigas de família e perguntou por que eu não ia por uma ou duas semanas.

Fiquei nisso. Iria por umas semanas, e depois encontraria um meio de alongar minha estada.

Encontrava-me agora com três meses de gravidez. Janet sabia do segredo. Foi impossível esconder dela. Ficara horrorizada a princípio, mas seu esnobismo levantou-se a meu favor. Pelo menos o pai da criança tinha um grande nome e morava num castelo. Aquilo fez com que o pecado parecesse venial a seus olhos. Ela iria comigo.

Não fomos para a Escócia como tínhamos dito, mas para uma pequena aldeia na montanha perto dos Apeninos, e lá vivemos enquanto eu esperava o nascimento da criança. Durante aquele tempo, Joel foi duas vezes me ver e ficou uns dias cada vez. Foram dias serenos. Estávamos juntos nas montanhas e fingíamos que éramos casados e que eu não me estava escondendo para que a criança nascesse em segredo.

Bem, aí você veio ao mundo no devido tempo, Suewellyn, e quero que saiba que nunca criança alguma foi mais amada do que você.

O que podia fazer? Podia ter-me estabelecido em algum lugar. Pensamos nisso. Joel podia visitar-nos. Mas eu não queria que fosse assim. Queria tornar tudo o mais calmo possível para nós todos. Joel me queria no castelo. Então, decidi que você moraria com Amélia e William Planter. Podia visitá-la freqüentemente, ficar de olho em você, e podia confiar nos Planters para cumprir sua função; seriam, além do mais, bem pagos para fazer isso.

Eles receberam você e a criaram, como sabe, e eu costumava ir vê-la regularmente.

É uma situação bastante comum. As pessoas, naturalmente, começaram a suspeitar. Os que moravam perto dos Planters devem ter adivinhado. Estava sempre dizendo a Joel que devíamos tirá-la de lá. Queria que você ficasse comigo. Os Planters não a tratariam mal, sabia, mas nunca a amariam. Preocupava-me muito com você.

Lembra-se do dia em que a levei a Mateland? Mostrei-lhe o castelo e Joel veio. Você estava tão feliz naquele dia, lembra-se? Fez três pedidos. Quase desabei, quando me contou quais eram.

Parece um milagre que eles se tenham realizado. Gostaria que pudessem ter-se realizado de outra forma.

Contei-lhe sobre David, não contei? David era um homem mau. Sei que Joel e eu não somos santos. Sei que permitimos que nossos sentidos triunfassem sobre

nosso dever. Sei que a trouxemos ao mundo sem pensar, quando seria impossível criá-la como os pais devem criar seus filhos. Estávamos preocupados, em primeiro lugar, com nossos desejos egoístas. Mas nós amávamos, Suewellyn, nós amávamos. Essa é a minha desculpa. David nunca poderia amar alguém ou alguma coisa a não ser ele próprio. Estava preocupado com seu orgulho, que tinha de ser satisfeito a qualquer custo. Havia também inveja nele. Percebi rapidamente que tinha inveja de Joel. Era verdade que ele era o irmão mais velho e que tinha um filho para perpetuá-lo. Mas Joel tinha uma satisfação interior. Seu trabalho com os doentes dava-lhe uma satisfação que David não tinha. Além do mais, David era um homem muito sensual. Não digo que Joel não fosse. Ele era. Há uma crueldade em seu pai que havia em David. Tinham características dos Matelands, todos os dois. O amor ao poder existia em ambos, e é sabido que o poder corrompe. Mas Joel era capaz de amar. Sei que David não era. Só se preocupava em satisfazer seus desejos. Tinha-me negado a ele, e imagino que, por causa disso, seu desejo por mim aumentara; mas, além de querer a mim, queria vingança.

David era um homem do outro século. Pertencia a uma época em que o senhor do castelo era um senhor feudal, quando todos o obedeciam e seus destinos dependiam de seus caprichos. Creio que ele era capaz de grande crueldade; sobretudo que sentia grande prazer em infligi-la.

Então, Suewellyn, embora você tivesse sido criada em Crabtree Cottage, sempre me prometi que um dia eu iria compensar aqueles primeiros tempos. Não foi uma deserção. Nunca foi. Sofria por você, eu a queria. Falava de você constantemente.

Rezava para que pudéssemos ficar juntas. Aquele era meu desejo... e também o seu.

Os anos começaram a voar. Sabia que eram carregados de perigo. Sabia que David me espreitava. Percebia que ele estava ciente do que existia entre mim e Joel.

Descobri que Elizabeth Larkham era sua amante. Ela era uma mulher estranha, fora do comum. Acho que gostava de Emerald, mas como no meu caso e de Joel, os sentimentos dela deviam ser muito fortes. Aqueles Matelands podiam exercer um poder tremendo.

De certa forma eu era grata a Elizabeth, porque ela desviava a atenção de David sobre mim. Para ser franca, eu estava consciente de uma certa ameaça no castelo. Tinha sido cenário de muitas tragédias no passado; muitas ações escusas haviam ocorrido dentro daqueles muros. Às vezes, eu acreditava que violência, morte, paixão e desastre deixam alguma sombra para trás, e que as gerações

seguintes podem perceber.

Havia horas em que o clima era como que um caldeirão pronto a entornar. David, invejoso, sensual, procurando satisfazer seus sentidos insaciáveis; Emerald na sua cadeira, quieta e cinzenta como um fantasma do passado, sempre me fazendo pensar como teria sido sua vida com David antes do acidente; Elizabeth Larkham, apaziguando Emerald, tornando-se necessária a ela... e a seu marido; eu própria e Joel alimentando nossa paixão ilícita, prendendo-nos a uma coisa que nunca seria possível enquanto Jessamy vivesse; Jessamy, a querida e inocente Jessamy, que tinha consciência de alguma coisa errada em seu casamento, consciência da indiferença do seu marido e de sua própria inaptidão, vivendo para sua filha. Havia também as crianças: Esmond, brilhante e inteligente, quase pronto para ir para a escola; Garth, que vinha nas férias; Malcolm, que fazia visitas menos frequentes — um menino líder, mostrando já sinais da força dos Matelands; e, naturalmente, Susannah — uma bela criança, chorando para obter o que queria e exultando de alegria quando conseguia, como uma verdadeira Mateland.

Mesmo assim, havia horas em que eu era atingida por um senso de segurança. Que bobagem minha! David nunca permitiria que ninguém tirasse vantagem dele.

Talvez estivesse ficando cansado de Elizabeth, mas tive consciência de que estava cada vez mais à minha espreita. Quando eu saía a cavalo, via que ele me seguia. Tinha grande dificuldade em chegar à casa da cidade sem ser vista por ele.

Costumava escapulir em horas extravagantes e, se não conseguisse escapar dele, não ia, e Joel ficava esperando em vão.

Seu ódio por David era grande, descobri. As emoções de Joel eram sempre intensas. Nunca fazia uma coisa pela metade. Lançava-se de todo coração em tudo que o obcecava. Era obcecado por seu trabalho, era obcecado por nossa paixão. Eu sempre pensava como poderíamos ter sido felizes... ele, você e eu, Suewellyn, naquela casa da cidade, longe do castelo.

Isso me faz lembrar da última vez em que a visitei em Crabtree Cottage... não, não a última vez, pois a última vez em que fui foi quando a levei embora comigo. Quero dizer a penúltima vez.

Não tinha percebido que estava sendo seguida. Devia ter notado. Mas ele era hábil. David sabia que eu freqüentemente passava o dia fora do castelo, ostensivamente para visitar os parentes do meu pai. Era esse o ramo da família com o qual eu teria supostamente ficado quando você nasceu, e que eu teria conhecido naquela época.

Bem, naquele dia David me seguiu até Crabtree Cottage. Ele ficou na estalagem local durante uns dias e fez uma porção de perguntas. Ele a viu... e eu fiquei assustada, creia-me. Descobriu o que pretendia. Você estava lá... nossa filha, minha e de Joel.

Voltou todo contente e logo no dia seguinte me seguiu quando saí a cavalo e me alcançou no meio da mata.

— Agora, Anabel — falou —, tenho de conversar com você.

— Bem, o que quer falar comigo?

— É sobre o eterno triângulo... você, Joel e eu.

— Acho que não quero ouvir o que você tem a dizer sobre tal assunto — repliquei.

— Ah, mas não é uma questão de querer ouvir. É o que eu quero falar. Sei de tudo, doce Anabel. Sei como você e Joel se comportam. Enquanto se pensa que ele está junto a seus doentes, você e ele estão-se exercitando na cama de solteiro dele. Estou surpreso com você, Anabel, embora não esteja com meu irmão, é claro.

— Vou voltar para o castelo.

— Ainda não. Voltaremos mais tarde. Sei de tudo, Anabel. Sei do ninho de amor em cima da sala de cirurgia. Sei também da meninazinha. Ela é encantadora... exatamente o que esperaria de uma filha sua... e de Joel, é claro.

Senti-me doente de tanto horror. Achava que ele podia ter suspeitado da minha relação com Joel, mas fiquei horrorizada ao saber que ele tinha descoberto sobre você. Ouvi-me dizer gaguejando:

— Você foi lá e falou com ela...

— Não fique alarmada. Menininhas não são o meu forte. Gosto delas grandes e bonitas como você, Anabel.

— Por que está-me contando isso? Por que foi espionar?...

— Você é esperta o bastante para saber. Imagino o que Jessamy vá dizer quando souber que sua querida prima é amante de seu marido. E ela tem uma menina também! Sabe que sua filha se parece um pouco com Susannah? Não há muita diferença de idade. Não há dúvida de que ambas são Matelands.

Sentia-me doente. Pensei em Jessamy. Podia ver o rosto dela torcer-se quando soubesse. Que fosse eu... sua prima e melhor amiga! A traição era mil vezes mais chocante porque era eu quem tinha sido desleal com ela.

— Você não pode contar a Jessamy — falei.

— Não quero, é claro. E não contarei... em... consideração.

Senti que estava ficando fria de horror.

— Que... consideração?

— Creio que para uma pessoa com seu discernimento isso seria óbvio.

Tentei passar meu cavalo por ele, mas David pegou nas rédeas.

— Bem — disse —, não é só uma questão de quando?

Levantei meu chicote. Queria bater naquela cara risonha. Ele pegou meu braço.

— Por que está tão ofendida? — perguntou. — Você não é uma virgem recatada, é? Quero dizer, não seria a primeira vez que aceitaria este tipo de aventura.

— Você é desprezível.

— E você, desejável. Tanto assim, Anabel, que estou pronto a partir para bem longe com você.

— Não quero vê-lo mais.

— Para onde iremos? Para o castelo? Seria divertido, não seria? Quando vai ser?

— Nunca — respondi.

— Oh, pobre Jessamy, ela ficará abalada!

— Você não tem nenhuma decência?

— Nenhuma — retrucou.

— Eu o odeio.

— De certo modo faz com que tudo fique mais interessante. Ouça, Anabel, venho esperando isso... há anos. Sei de você e Joel. Por que ser tão boa com um irmão e tão cruel com o outro?

— Joel e eu nos amamos — falei com ênfase.

— Muito comovente. Faz a gente ter vontade de chorar.

— Duvido que já tenha chorado por alguma coisa a não ser raiva.

— Há muitas coisas que tem que aprender a meu respeito, Anabel. Mas você vai aprender. Vai ter muito tempo para isso. Tem de esconder sua maldade de Jessamy, não tem? E só há uma maneira de conseguir isso.

— Irei a ela e contarei eu mesma.

— Irá? Pobre Jessamy! Ela é uma moça sentimental e não tem estado muito bem desde que Susannah nasceu. Ela sofre do pulmão, você sabe, e seu coração não é como deveria ser. Espero que Joel não tenha idéias na cabeça. Ó, meu Deus, o plano se avoluma. Imagino como ela receberá a notícia. A história da sua maldade, quero dizer. Você e o marido dela... marido e melhor amiga. Oh, é sempre assim.

Aticei meu cavalo e saí galopando. Não sabia para onde ir, o que fazer. Finalmente, voltei ao castelo. Jessamy estava descansando, disseram-me. Fiquei louca de ansiedade. Não podia suportar a idéia de Jessamy saber.

E a alternativa...

Estava tremendo de medo. Havia um único pensamento martelando em minha cabeça. Jessamy não podia saber.

Volto sempre àquela cena na mata. Não podia esquecer-me dos olhos brilhantes dele e de seus lábios cheios e sensuais. Podia ler os pensamentos dele tão claramente e sabia que ele acreditava ter finalmente conseguido aprisionar-me.

Minha porta abriu lentamente. Pulei de susto; era Jessamy.

— Eu a assustei? — perguntou.

— N-não — respondi.

— Há alguma coisa errada?

— Não, por quê?

— Você... está diferente.

— Estou com uma ligeira dor de cabeça.

— Oh, Anabel, é tão raro vê-la passando mal.

— Realmente, já estou melhor.

— Você deve pedir a Joel para lhe dar um remédio. Por que não se deita? Vim na verdade falar com você sobre Susannah.

— O que aconteceu com Susannah?

— Ela é muito voluntariosa, você sabe, Anabel. Quer tudo a seu modo todo

o tempo e parece que consegue.

— Ela é uma Mateland — falei.

— Eu não devia incomodá-la com isso agora. Não é nada realmente. Só queria conversar, acho. Fiquei um pouco preocupada com ela, e quando me preocupo venho falar com você. Lembra-se, faz quase sete anos que você veio para o castelo.

— Eu tinha dezessete anos, então — falei, só por falar.

— Quer dizer que tem vinte e quatro agora. Precisa arranjar um marido, Anabel.

Fechei meus olhos; aquilo estava-se tornando insuportável. Ela continuou falando, como se estivesse divagando.

— Deveríamos fazer alguma coisa por você. Dar festas... bailes... Vou falar com Joel... quando o vir. O que aconteceu? Você está mesmo bem? Fico tagarelando enquanto você está com dor de cabeça. Precisa descansar, Anabel!

Ela me fez deitar. Cobriu-me com uma colcha. Tinha vontade de lhe dizer: "Você devia odiar-me. É isso o que mereço."

— Não posso suportar que Jessamy saiba. Ela nunca mais acreditaria em ninguém. Sempre confiou em mim. Sempre fomos tão próximas... as melhores amigas. Não posso suportar que ela saiba que eu fiz isso, Joel.

Podia ver que Joel estava consumido de raiva e não podia pensar em outra coisa. Sabia que a raiva podia ser feroz, obsessiva. Lembrei-me de quando uma criança na cidade tinha sido maltratada pelos pais, e como seu ódio por eles tinha sido incontrolável. Eles foram mandados para a prisão, e a criança foi criada por alguém. Era uma raiva justa, é claro, mas Joel não tinha considerado que os pais estavam sob tensão e que não tinham inteligência normal. Discuti com Joel sobre aquilo, mas ele se manteve inflexível. Agora, só pensava em se vingar de David... não por nos ter espionado, não por tê-la encontrado, mas pelo que tinha sugerido a mim. Por sua chantagem, como ele certamente considerou. E, falou, só havia uma coisa a fazer com chantagistas: eliminá-los.

Eu tinha medo das paixões que despertava naqueles dois homens. Conhecia as suas naturezas tempestuosas — a de Joel não menos do que a de David — e estava com medo.

Voltamos para o castelo juntos. Fui para meu quarto alegando dor de cabeça e não desci para jantar. Jessamy veio ver-me depois do jantar para saber como eu

estava. Disse-me que tudo parecia tão estranho. Joel quase não tinha falado, e David parecia estar com um humor esquisito.

— Ele estava fazendo brincadeiras todo o tempo... coisas obscuras — disse Jessamy: — Não consegui entendê-las, e fiquei contente quando o jantar terminou. Pobre Anabel. É tão raro você não estar bem. David dizia que não se lembrava de você não ter passado bem antes... a não ser daquela vez, há seis ou sete anos, quando foi ficar com os parentes do seu pai. Continuou falando que, antes de partir, você não parecia bem como sempre, mas que, quando voltou, tinha-se recuperado claramente. Foi uma refeição horrível, Anabel. Fiquei contente quando terminou. Mas você está cansada. — Ela se inclinou e me deu um beijo. — "Vai ficar melhor amanhã de manhã", era o que dizia a velha Nanny Perkins. Lembra-se?

— Obrigada, Jessamy — falei. — Gosto muito de você. Lembre-se disso.

— Deve estar-se sentindo mal para estar tão sentimental — disse ela, rindo. — Boa-noite, Anabel.

Tive vontade de ir até ela, tentar explicar-lhe e pedir-lhe perdão.

Fiquei deitada lá por algum tempo.

Joel tinha dito que viria buscar-me e que iríamos juntos ao quarto de David. Mas ele não veio e, enquanto eu esperava, com meus olhos na porta, ouvi o som de um tiro abafado do lado de fora do castelo.

Fiquei alerta, ouvindo. Não ouvia nenhum barulho lá embaixo. Tive medo de que o tiro tivesse alguma coisa a ver com David e Joel. Fui ao quarto de Jessamy e de Joel e fiquei ao lado da porta escutando. Tinha certeza de que Jessamy estava lá sozinha.

Então, não pude evitar. Fui até o quarto de David, na torre do tambor. Fiquei do lado de fora escutando. Não vinha nenhum som do interior, então abri a porta devagar e olhei para lá. O fogo estava chamejando na trempe. O quarto brilhava à luz de várias velas. Havia uma cadeira ao lado do fogo e um robe de seda em cima da cama coberta de veludo.

Não havia ninguém lá.

Meu medo aumentava a cada segundo.

Desci as escadas correndo e saí no pátio. Tinha de saber o que acontecera e estava aterrorizada de descobrir. Ouvi passos correndo. Prendi a respiração para escutar.

Era Joel que corria em minha direção, e percebi que havia acontecido uma

tragédia terrível.

Joguei-me em seus braços. Quase não podia respirar. Tinha um grande nó na garganta que acho que era uma forma de terror.

— Ouvi... um tiro... — gaguejei.

— Ele está morto — falou. — Eu o matei.

— Ó, meu Deus, ajude-nos — murmurei.

— Fui a seu quarto — falou. — Disse-lhe que sabia e que ia matá-lo. Ele disse que iríamos resolver tudo de forma civilizada. Sugeriu pistolas. "Somos bons atiradores os dois", disse ele. Então, pegamos as pistolas da sala de armas. Ele sempre pensou ser o melhor atirador... foi por isso que sugeriu as pistolas... mas não foi desta vez.

— Você o matou, Joel — murmurei. — Tem certeza?

— Tenho. Bem no coração. Foi lá que mirei. Ou era ele ou eu... e tinha de ser ele... por sua causa... minha... e por causa de Suewellyn.

— Joel — gritei. — O que vamos fazer?

— Sempre pensei que o mataria um dia... ou ele me mataria. Estivemos a ponto de fazê-lo algumas vezes. Agora, acabou-se. Vou-me embora. Tenho de ir... esta noite...

— Joel... não!

— Você vem comigo. Teremos de sair do país.

— Agora...

— Agora... esta noite. Temos de pensar com cuidado. Não é impossível. Posso arrumar-me com meu banco, quando estivermos bem longe. Podemos levar coisas valiosas conosco... tudo o que pudermos pegar e levar convenientemente. Vá para seu quarto. Junte o que puder. Não deixe ninguém saber o que está fazendo. Estaremos bem longe de manhã. Iremos a cavalo por uns quilômetros e depois pegaremos o trem para Southampton. Tomaremos um navio e iremos para... a Austrália, mais provavelmente... e continuaremos de lá.

— Joel — respirei. — E... a criança.

— Sim — disse ele. — Pensei na criança. Você terá de ir apanhá-la. Iremos os três juntos.

Então, fui para meu quarto e uma hora depois de ter ouvido o tiro de pistola

partia a cavalo pela noite com Joel.

Separamo-nos na estação ferroviária. Ele foi para Southampton e eu iria encontrá-lo, levando você. Tive que esperar o trem e só cheguei onde você estava no dia seguinte. O resto você sabe.

Esta é minha história, Suewellyn. Você nos ama, a seu pai e a mim, e agora que soube como tudo aconteceu poderá compreender.

CAPÍTULO 3

A ilha

Apesar de tudo o que aconteceu desde o dia em que minha mãe veio buscar-me em Crabtree Cottage, ainda me lembro daqueles anos na ilha como os mais felizes da minha vida. Ainda é um lugar encantado para mim, um paraíso perdido.

Recuando no tempo, não é fácil lembrar sempre com clareza. Os acontecimentos ficam esmaecidos com os anos. Parece agora que os dias eram cheios de sol... imagino que fossem, a não ser pela estação das chuvas. E como eu gostava da chuva! Costumava ficar de pé embaixo dela e deixar que caísse sobre mim, encharcando-me até os ossos, uma chuva suave e aromática; e depois o Sol aparecia e o vapor subia da terra, e eu me secava em alguns instantes. Cada dia parecia transbordante de felicidade, mas é claro que não era bem assim. Havia vezes em que eu percebia um certo temor em meus pais. Cada vez que um navio chegava naqueles primeiros anos minha mãe fazia um grande esforço para esconder sua ansiedade de mim, e meu pai se sentava ao lado da janela mais alta que dava vista para a baía e ficava com uma espingarda nos joelhos.

Depois, tudo ficava bem, e quando o navio partia, tendo trazido para nós todo tipo de pacotes entusiasmantes, bebíamos um vinho especial e ríamos com alegria. Logo percebi que meus pais tinham medo de que o navio trouxesse alguém que não queriam ver.

Quando chegamos à ilha fomos recebidos por Luke Carter, cuja casa meu pai havia comprado. Luke Carter tinha sido dono da plantação de coco que trouxera uma certa prosperidade à ilha. Disse a meu pai que tinha estado lá por 20 anos. Mas estava ficando velho e queria aposentar-se.

Sobretudo, a indústria tinha tido dificuldades nos últimos anos. O mercado caíra; o pessoal não queria trabalhar, queria ficar tomando sol e prestando homenagem ao velho Gigante Resmungão. Ele ficaria, disse, para mostrar as coisas a meu pai. Quando o navio partisse da próxima vez, embarcaria nele.

Estava inteiramente sozinho, agora. Tinha tido um sócio que morrera de uma febre que dava na ilha, febre essa que piorava quando chegava a estação das chuvas.

— O senhor é médico — falou. — Saberá tratar dela.

Meu pai disse que uma das razões de terem querido vir para aquela ilha era

a febre endêmica de lá. Acreditava que descobriria métodos de tratá-la.

— O senhor se defrontará com o velho Wandalo — retrucou Luke Carter. — Ele manda no lugar. Decide quem vai morrer e quem não vai. É o médico feiticeiro e o grande chefe. Senta-se debaixo de sua árvore de figueira e contempla a terra.

Durante os dias seguintes, Luke Carter percorreu a ilha com meu pai.

Minha mãe nunca me deixava sair sem ela. Quando passeávamos, ela segurava minha mão com força; eu ficava sem graça de perceber que quando os ilhéus nos viam, morriam de rir, especialmente as crianças, que tinham de levar um tapa nas costas para que não engasgassem. Às vezes, descobríamos que estavam bisbilhotando nas janelas e, se eu olhasse, desapareciam como se estivessem em perigo de vida.

À noite, Luke Carter costumava conversar sobre a ilha e os ilhéus.

— São inteligentes — disse-nos. — Apesar de astutos e gatunos. Não respeitam a propriedade. Precisam vigiá-los. Gostam de cor e de brilho, mas não sabem a diferença entre um brilhante e um pedaço de massa. Trate-os bem e eles corresponderão. Nunca esquecem um insulto e nunca perderão uma boa oportunidade. São bastante fiéis, se você puder confiar neles. Vivi no meio deles por vinte anos sem ser ameaçado de morte ou jogado na cratera como imolação ao velho Gigante Resmungão; logo, me saí bastante bem.

— Acho que me sairei muito bem também — disse meu pai.

— Eles o aceitarão... com o tempo. Ficam de guarda contra estranhos. Foi por isso que achei bom ficar por aqui um pouco. Quando eu me for já o estarão vendo como parte da vida da ilha. São como crianças. Não questionam muito. A única coisa de que você tem de se lembrar é de respeitar o Gigante.

— Fale-nos do Gigante — disse minha mãe. — Sei que é uma montanha, é claro.

— Bem, esta ilha pertence a um grupo vulcânico, como sabem. Deve ter sido há milhões de anos que a crosta da terra foi formada, tendo havido todas as erupções internas. Assim, o velho Gigante apareceu. É o deus da ilha. Dá para compreender. Eles acham que ele tem poder sobre a vida e a morte e que tem de ser aplacado. Prestam homenagem a ele. Conchas, flores e penas adornam as fraldas da montanha, e quando ele começa a fazer barulho, ficam seriamente preocupados. Aquela montanha é um velho demônio. Certa vez entrou em erupção. Deve ter sido há trezentos anos; quase destruiu a ilha toda. Agora, faz barulho de tempos em tempos e lança umas lascas de pedra e de lava... para avisá-los.

— Deveríamos ter escolhido outra ilha — disse minha mãe. — Não gosto do barulho do Gigante Resmungão.

— Ele é bastante seguro. Lembrem-se de que não está realmente ativo há trezentos anos. Os pequenos resmungos são realmente uma válvula de segurança. É a erupção dele. Nos próximos cem anos terá sido completamente extinto.

Ele nos apresentou a Cougaba, que o tinha servido bem e estava disposta a fazer o mesmo por nós. Esperava persuadir-nos a ficar com ela, pois seria difícil para a mulher, a essa altura, deixar a casa grande e estabelecer-se numa das choças nativas. Ele tinha ficado com ela por quase todos os 20 anos que passara na ilha. Havia uma filha, Cougabel, que devia ter permissão de ficar com a mãe na casa.

— Ambas serão boas empregadas — disse Luke Carter. — E serão uma espécie de elo entre os nativos e vocês.

Minha mãe declarou logo que gostaria de ficar com as duas, pois estava apreensiva em relação a conseguir boas empregadas.

Assim se passaram as primeiras semanas na Ilha Vulcão, e quando Luke Carter se achava pronto para partir, nós estávamos estabelecidos.

Meu pai já tinha causado boa impressão. Era muito alto — aproximadamente 1,90m, descalço — e os ilhéus eram baixos, o que lhe deu uma vantagem imediata. Havia também sua personalidade. Ele era um homem que nascera para dominar, e continuava exercitando isso. Luke Carter tinha explicado a uns ilhéus que meu pai era um grande médico e que tinha vindo para ajudar a curar as pessoas. Tinha remédios especiais e acreditava poder fazer um grande bem à ilha.

Os ilhéus ficaram desapontados. Eles tinham Wandalo. Por que quereriam outro homem médico? O que realmente queriam era alguém que continuasse a comerciar os produtos do coco e trazer de volta à ilha a prosperidade que tinham uma vez conhecido.

Parecia uma pena não explorar os recursos naturais. A Ilha Vulcão era a maior do grupo e era tudo o que se pode imaginar de uma ilha dos Mares do Sul: sol quente, chuvas fortes, coqueiros ondulantes e praias de areia. Meu pai disse que tivera vontade de chamar o lugar de Ilha da Palmeira, quando o viu pela primeira vez, mas já se chamava Ilha Vulcão, que era igualmente apropriado, na realidade, por causa da presença do Gigante.

Era uma ilha bonita — uns 75 quilômetros por 15 — de viço e exuberância, dominada pela grande montanha. Aquela montanha era imponente, sobretudo porque inspirava receio; ainda que pareça incrível, quando se estava por perto (e não era

possível estar longe dela na ilha) parecia possuir aquelas qualidades raras que os nativos lhe atribuíam. Os vales eram férteis, mas se se olhasse ver-se-ia a devastação nas inclinações maiores, onde a fúria do Gigante tinha transbordado e deixado marcas na terra. Casuarinas, nogueiras e pinhos *kauri* cresciam em abundância ao lado da fruta-pão, sagu, laranjas, abacaxis, bananas e, naturalmente, os inevitáveis cocos.

O Gigante tinha de ser vigiado. Podia ficar raivoso, disse-me Cougaba. Ela se tinha ligado rapidamente a mim e virou uma espécie de babá e empregada. Fiquei gostando dela, e minha mãe estava contente e encorajava minha amizade. Cougaba era grata por ter ficado na casa com sua filha. Gostava muito da filha, que devia ser da minha idade; mas nunca se podia ter certeza das idades dos nativos. A menina tinha um tom bem mais claro do que sua mãe, e sua pele parda clara era muito atraente. Tinha irrequietenos olhos castanhos e gostava de se enfeitar com conchas e contas, muitas delas tingidas de vermelho com seiva da árvore do dragão. Cougabel era uma menina muito importante. Mostravam certo respeito por ela, devido a seu nascimento. Ela própria me disse que era uma criança da máscara. O que isso queria dizer só soube mais tarde.

Aprendi muita coisa com Gougabel. Ela me levou para colocar conchas e penas de galo junto ao pé da montanha.

— Você vir também — disse ela. — Talvez Gigante zangado com você. Você vir para a ilha e Wandalo não satisfeito. Dizer que tem homem de remédio aqui. Quer que homem vender corda e cestas e óleo de coco... Não quer homem de remédio.

— Meu pai é médico — respondi. — Não está aqui para trabalhar com cocos.

— Você levar conchas para Gigante — disse a garota, balançando a cabeça em sinal de assentimento, como se fosse bom que eu seguisse seu conselho.

Então, eu fui.

— Gigante poder ficar muito zangado. Resmungar... resmungar... resmungar... Lançar pedras fervendo. "Eu estou zangado", diz ele.

— Chama-se vulcão — disse-lhe. — Há outros no mundo. É bem natural.

O inglês de Cougaba e Cougabel era melhor do que o da maioria das pessoas, pois tinham vivido na casa grande por muito tempo. Assim mesmo deixava muito a desejar. Porém, Cougaba era expressiva nos gestos, e podíamos entendê-la facilmente.

— Ele avisar — disse-nos. — Dizer "estou zangado". Então nós levar flores e conchas. Quando eu pequena como você, senhorita, eles jogaram homem na cratera. Ele ser mau. Matar o pai. Então jogaram ele... mas Gigante não contente. Não querer sacrifício de homem mau. Querer homem bom. Então, levaram homem santo e jogaram ele. Mas velho Gigante ainda zangado. Vigiar velho Gigante. Ele acabar toda a ilha de uma vez.

Costumava tentar explicar-lhe que era um fenômeno perfeitamente natural. Ela ouvia com seriedade, fazendo que sim. Mas eu sabia que não entendia uma palavra do que eu dissera e não teria acreditado se entendesse.

Comecei lentamente a absorver a ciência da ilha de meus pais, de Cougaba e de Cougabel e do mago Wandalo, que não fazia nenhuma objeção quando eu me sentava com ele embaixo da figueira.

Ele era muito pequeno e magro e usava só uma tanga. Eu ficava fascinada ao ver suas costelas de fora. Era como se estivesse olhando para um esqueleto. Tinha uma pequena choça redonda no final de uma clareira entre as árvores, e lá se sentava todo o dia com sua vareta mágica, fazendo riscos na areia.

A primeira vez em que o vi foi logo depois de Luke Carter ter partido, quando os medos de minha mãe haviam diminuído e ela me permitiu sair sozinha, se não fosse para muito longe de casa.

Fiquei no final da clareira observando Wandalo, pois ele me fascinava. Ele me viu na hora exata em que eu ia fugir, e me fez um sinal. Fui até ele lentamente, fascinada mas apreensiva.

— Sentar, pequeninha — falou. Sentei-me.

— Você espreitar e bisbilhotar.

— É que estou fascinada por você.

Ele não entendeu mas fez que sim.

— Você vir do outro lado do mar.

— Oh, sim. — Contei-lhe de Crabtree Cottage e como tinha vindo de navio, enquanto ele ouvia atentamente, compreendendo parte de tudo, achei eu.

— Não querer homem de remédio... Homem para plantação... Compreender, pequeninha?

Disse-lhe que compreendia e expliquei-lhe como tinha falado a Cougaba que meu pai não era homem de negócios, era médico.

— Não querer homem de remédio... — repetiu, com firmeza. — Homem de plantação. Gente pobre. Fazer gente rica. Homem de remédio não.

— As pessoas têm de fazer o que sabem fazer melhor.

Wandalo desenhou círculos na areia.

— Homem de remédio não. — Baixou a vareta até o círculo que tinha desenhado e revolveu a areia. — Mercadoria não vir... Homem de remédio ir... Homem de plantação vir.

Era muito aflitivo e difícil de compreender, mas havia algo de agourento nos gestos e palavras de Wandalo.

Cougabel e eu brincávamos juntas. Era bom ter uma companheira. Vinha para as aulas que minha mãe me dava, e Cougaba ficava absolutamente tomada de alegria de ver sua pequena filha sentada a meu lado, segurando um lápis e fazendo riscos numa lousa. Ela era muito inteligente e diferente da maioria dos outros da ilha, com a pele cor de chocolate claro. A maior parte dos ilhéus era muito escura, muitos eram pretos. Em breve, estávamos indo a todo lugar juntas; ela tinha passo firme e sabia quais eram as frutas que podiam ser comidas com segurança; era uma criança feliz, e eu estava contente com sua companhia. Mostrou-me como cortar os dedos com as conchas e misturar nosso sangue.

— Somos boas irmãs, agora — disse. Percebia que meus pais não estavam tão contentes como pensavam que seriam. Em primeiro lugar, havia as vindas do navio, e uns dias antes de sua chegada eu sentia a intranquilidade deles. Quando o navio zarpava, ficávamos gloriosamente felizes. Costumava sentar-me com eles e ouvi-los conversar. Ocupava um banquinho, encostada no joelho de minha mãe, e ela passava os dedos no meu cabelo como gostava de fazer.

Sabia que meu pai tinha vindo para a ilha a fim de estudar malária, febre amarela e doenças tropicais que abundavam ali. Queria ver se podia erradicar aquelas doenças. Planejava, com o tempo, construir um hospital. Disse, certa vez:

— Quero *salvar* vidas, Anabel. Quero compensar...

Mamãe falou, rapidamente:

— Você já salvou muitas vidas, Joel. Vai salvar muitas mais. Não deve ficar remoendo. Tinha de ser.

Eu queria fazer alguma coisa. Queria mostrar meu amor por eles e como era grata por ter sido tirada de Crabtree Cottage.

De certo modo, dei uma mão para moldar o futuro e, olhando para trás, fico

imaginando o que poderia ter acontecido se não tivesse descoberto, através de minhas amizades com aquela gente, o que estava realmente acontecendo.

Devíamos estar na ilha há seis meses, aproximadamente, quando o Gigante começou a resmungar.

Uma das mulheres ouviu o barulho quando foi levar um tributo a ele. Tinha sido um barulho zangado. O Gigante não estava satisfeito. O boato se espalhou. Eu podia ver o medo nos olhos de Cougaba.

— Velho Gigante resmungando — disse-me. — Velho Gigante não satisfeito.

Fui ver Wandalo. Ele estava sentado com sua vareta, fazendo círculos muito rápidos na areia.

— Vai embora— disse-me. — Sem tempo. Gigante resmunga. Gigante zangado. Homem de remédio não ser querido aqui, diz Gigante. Quer homem de plantação.

Fugi.

Cougaba estava preparando o peixe que ia cozinhar. Sacudiu a cabeça para mim:

— Senhoritazinha... complicação grande chegando. Gigante resmungando. Dança das Máscaras vindo daqui a pouco.

Aprendi aos poucos o que significava a Dança das Máscaras — um tanto de Cougaba, outro de Cougabel — e ouvi meus pais discutindo sobre o que tinham descoberto.

Durante centenas de anos, desde que começaram a viver em Vulcão, havia as Danças das Máscaras. O costume era praticado na Ilha Vulcão e em nenhum outro lugar do mundo; e a dança era realizada quando o resmungo se tornava agourento e as flores e conchas não pareciam aplacar mais o gigante.

O homem santo — agora Wandalo — pegava sua vareta e fazia riscos. O deus da montanha o instruía quando deveria ser a Festa das Máscaras. Era sempre na época da Lua nova porque o Gigante gostava que os rituais fossem realizados no escuro. Quando decidiam a noite, os preparativos começavam e prosseguiam enquanto a Lua velha estava minguando. As máscaras eram feitas de qualquer coisa apropriada, mas eram principalmente de gesso e deviam esconder completamente o rosto de quem as usava. O cabelo era tingido, às vezes de vermelho, com a seiva da árvore do dragão. Então, a festa estava preparada. Havia cubas de pimenta *kava* e de

araca, que era a essência fermentada do coqueiro. Havia peixe, tartaruga, porco-selvagem e aves, tudo cozido numa fogueira grande, na clareira onde Wandalo tinha sua casa. A noite era iluminada só pelas estrelas e pelo fogo em que a comida era cozida.

Todos que participavam da dança tinham de ter menos de 30 anos e deviam estar completamente mascarados para que ninguém pudesse saber quem eram.

Durante todo o dia precedente os tambores tocavam, mansamente a princípio... e continuavam por toda a noite. Os tocadores de tambor não podiam cochilar. Se o fizessem o Gigante ficaria zangado. Continuavam a tocar ao longo da festa e, a certa altura, os tambores, que tinham rufado cada vez mais alto, chegavam a um crescendo. Era o sinal de que a dança havia começado.

Só vi a Dança das Máscaras quando estava muito mais velha e nunca me esquecerei dos giros e contorções daqueles corpos escuros luzindo com óleo de coco, com o qual se untavam. Os movimentos eróticos eram calculados para levar os participantes a um frenesi. Aquele era o tributo ao deus da fertilidade, o seu deus, o Gigante das montanhas. À medida que as danças continuavam, os pares desapareciam nas matas, de dois em dois. Alguns se afundavam onde estavam, sem forças para ir adiante. E, naquela noite, cada uma das jovens se deitava com um homem, e nem o homem nem a mulher chegavam a saber com quem tinham passado a noite.

Era fácil descobrir quem tinha concebido, pois os coitos entre homens e mulheres eram proibidos por um mês antes daquela Lua. A razão da importância de Cougabel advinha do fato de que ela tinha sido concebida na Noite das Máscaras.

A crença era que o Gigante Resmungão entrara no homem mais digno e tinha escolhido a mulher que teria o filho dele; assim, qualquer mulher que tivesse um filho nove meses depois da Noite das Máscaras era considerada como que tendo sido abençoada pelo Gigante Resmungão. O Gigante não era sempre generoso em seus favores. Se nenhuma criança fosse concebida, era sinal de que estava zangado. Muito freqüentemente não nasciam crianças geradas naquela noite. Algumas moças ficavam com medo, e o medo fazia com que ficassem estéreis, pois, Cougaba me contou mais tarde, o Gigante não gostava de conceder seu favor a um covarde. Se nenhuma criança fosse gerada naquela noite, teria de haver um sacrifício muito especial.

Cougaba se lembrava de uma ocasião em que um homem subiu até o alto da cratera. Ele tinha intenção de jogar lá umas conchas, mas o Gigante subira e o apanhara. O homem nunca mais foi visto.

Nunca me esquecerei da primeira Festa das Máscaras que se seguiu à nossa chegada. Todos estavam-se portando de modo muito estranho. Desviavam os olhos quando estávamos perto. Cougaba mostrava-se preocupada. Ficava balançando a cabeça e dizendo:

— Gigante zangado. Gigante muito zangado.

Cougabel era um pouco mais explícita.

— Gigante zangado com vocês — disse; e seus olhos brilhantes estavam assustados. Pôs os braços à minha volta.

— Eu não quer que vocês morram.

Esqueci daquilo por algum tempo, mas uma noite acordei, lembrei-me e pensei nas histórias que tinha ouvido sobre os homens que eram jogados na cratera para apaziguar o Gigante. Foi através de Cougabel que percebi nosso perigo.

— Gigante zangado — explicou Cougabel. — Máscara vindo. Ir aparecer na Noite das Máscaras.

— Quer dizer que vai dizer-lhes por que está zangado?

— Estar zangado porque não querer homem de remédio. Wandalo médico de remédio. Não homem branco.

Contei a meus pais.

Meu pai respondeu que eram um bando de selvagens. Deviam ser gratos a ele. Ouvira falar que uma mulher morreria de uma febre exatamente naquele dia.

— Se tivesse vindo a mim, em vez de ir àquele velho e bobo feiticeiro, poderia estar viva hoje.

— Acho que devia iniciar a plantação — interferiu minha mãe. — É isso que eles querem.

— Deixe-os fazer eles próprios. Não conheço nada de coco.

Os tambores começaram. E prosseguiram durante todo o dia.

— Não gosto deles — disse minha mãe. — Parecem agourentos.

Cougaba andava pela casa sem nos olhar. Cougabel pôs os braços à minha volta e desandou a chorar.

Elas nos estavam avisando, eu sabia.

Podíamos ouvir os tambores rufando; podíamos ver a luz das fogueiras e

sentir o cheiro da carne de porco. Por toda a noite meus pais ficaram sentados à janela. Meu pai tinha a espingarda em cima do joelho. Cochilei e sonhei com as máscaras atemorizantes; depois acordei e ouvi o silêncio, pois os tambores tinham parado de rufar.

O silêncio persistiu até a manhã seguinte.

Mais tarde, naquele dia, aconteceu uma coisa estranha. Uma mulher veio à nossa casa muito desesperada. Tinham-me dito que ela tivera um filho concebido na noite da última Dança das Máscaras. Portanto, era uma criança especial.

O menino estava doente. Wandalo dissera que ele morreria, porque o Gigante estava zangado. Como último recurso, a mãe trouxera a criança para o homem de remédio branco.

Meu pai levou a criança para dentro da casa. Um quarto foi preparado para o menino. Puseram-no na cama e sua mãe ficou a seu lado.

Em pouco tempo, a notícia do que tinha acontecido se espalhou, e os ilhéus vieram juntar-se à volta da casa.

Meu pai estava agitado. Disse que o menino sofria de febre palustre e que, se tivesse vindo a tempo, poderia salvá-lo.

Todos sabíamos que nosso destino dependia da vida daquela criança. Se ele morresse, eles provavelmente nos matariam... ou nos enxotariam da ilha.

Meu pai disse, exultante, para minha mãe:

— Ele está respondendo. Talvez possa salvá-lo. Se o conseguir, Anabel, começo a plantação. Sim, começo. Não sei nada sobre o negócio, mas aprenderei.

Ficamos acordados toda a noite. Olhava da janela e via as pessoas sentadas lá. Carregavam tochas flamejantes. Cougaba disse que, se o menino morresse, eles ateariam fogo à casa.

Meu pai correria um risco terrível, levando o menino para lá. Mas ele era homem de correr riscos. Minha mãe também. E eu também, descobri mais tarde.

De manhã, a febre tinha cedido. Durante todo o dia seguinte o estado do menino melhorou, e no fim do dia ficou claro que sua vida tinha sido salva.

Sua mãe ajoelhou-se e beijou os pés de meu pai. Ele fez com que ela se levantasse e levasse a criança. Deu-lhe um remédio, que ela agradeceu com gratidão.

Nunca me esquecerei daquele momento. Ela saiu da casa segurando o

menino e ninguém precisava perguntar qual tinha sido o desenlace. Estava estampado em seu rosto.

O povo correu em sua direção. Tocaram na criança, maravilhados, e se viraram para olhar com respeito meu pai. Este levantou a mão e falou com eles:

— O menino vai ficar bom e forte. Posso curar outros de vocês. Quero que venham a mim, quando estiverem doentes. Posso curá-los ou não. Dependerá de estarem muito doentes ou não. Quero ajudá-los a todos. Quero acabar com a febre. Vou começar a plantação de novo. Terão de trabalhar, pois tenho muito que aprender.

Seguiu-se um silêncio profundo. Então, viraram-se e encostaram o nariz uns nos outros, creio que em forma de cumprimento. Meu pai entrou em casa.

— E pensar que tudo foi graças a cinco grãos de calomelano, o mesmo composto de colocíntida e de pó de escamônea, e umas gotas de quinino — disse ele.

Nenhuma criança fora concebida naquela Noite das Máscaras. Era um sinal, disseram os ilhéus. O Gigante os tinha considerado indignos. Tinha mandado seu amigo, o homem de remédio branco, e eles não o tinham honrado.

O homem branco salvara a criança do Gigante e, porque o Gigante estava satisfeito com aquilo e porque eles tinham realizado a Dança das Máscaras, ele tinha pedido a seu amigo para começar a plantação de novo.

A ilha prosperaria enquanto continuasse a prestar homenagem ao Gigante.

Meu pai agora dominava a ilha. Tornou-se conhecido como Daddajo e minha mãe, como Mamabel. Eu era chamada de Pequena Senhorita ou de Pequeninha. Fomos aceitos.

Fiel à sua palavra, meu pai reorganizou a indústria da ilha de novo, e por causa de sua imensa energia não levou muito tempo. Os ilhéus estavam felicíssimos. Daddajo era indubitavelmente o emissário do Gigante Resmungão e ia torná-los ricos.

Meu pai imediatamente começou um viveiro para cocos. Descobrira livros sobre o assunto que tinham sido deixados por Luke Carter e que lhe deram certas informações necessárias. Separou um pedaço de terra e colocou nele 400 nozes maduras. Os ilhéus zanzavam à volta excitadamente dizendo-lhe o que fazer, mas ele seguia o livro, e quando eles viram isso ficaram tomados de respeito, pois fazia exatamente como Luke Carter tinha feito. As nozes foram cobertas com areia, alga marinha e lama macia da praia, com dois centímetros e meio de espessura.

Meu pai tinha designado dois homens para aguar-las diariamente. Não podiam negligenciar daquela tarefa, dissera ele, olhando para a montanha.

— Não, não, Daddajo — gritaram, — Não... não... nós não esquecer.

— É bom que não.

Meu pai nunca foi contrário a usar a montanha como ameaça, quando desejava conseguir que os ilhéus fizessem alguma coisa, e eles trabalhavam admiravelmente agora que estavam convencidos de que ele era o amigo e servo do Gigante.

Era abril quando as mudas foram trazidas para o terreno anteriormente preparado; precisavam ser plantadas, disse meu pai, antes das chuvas de setembro. Todos observaram aquela operação dirigida por meu pai, conversando enquanto trabalhavam, balançando as cabeças e esfregando o nariz. Estavam obviamente deliciados.

As mudas foram colocadas em buracos de sessenta a noventa centímetros de profundidade, a seis metros umas das outras, e os buracos foram enchidos com areia macia e algas marinhas. Os homens deviam continuar regando-as por dois ou três anos, avisou meu pai, e as árvores novas deviam ser protegidas do brilho do sol ardente.

Trançaram folhas de coqueiro que usavam para abrigar as árvores novas. Levaria cinco a seis anos para que aquelas árvores dessem frutos, mas nesse meio tempo o trabalho prosseguiria com aquelas que já estavam maduras e que abundavam na ilha.

O viveiro era uma fonte de satisfação. Era olhado como uma indicação da prosperidade que voltava à ilha. O gigante Resmungão não estava aborrecido com eles. Longe de lançar sua ira, lhes tinha mandado Daddajo para substituir Luke Carter, que ficara velho e descuidado, e por isso todos tinham negligenciado seu trabalho e conseqüentemente não havendo mais lucros para a ilha.

Meu pai dedicou grande entusiasmo ao projeto. Aceitavam-no agora como médico, mas ele precisava de outro escape por causa de sua energia tremenda, e aquilo lhe propiciava trabalho. Vejo agora que tanto meu pai como minha mãe eram inquietos. Frequentemente pensavam na Inglaterra. Estavam alijados do mundo civilizado e só faziam contato com ele quando o navio vinha a cada dois meses. A princípio, tinham procurado refúgio, um lugar para se esconder e estar juntos. Tinham-no encontrado e, tendo adquirido certa segurança, lembravam-se do que estavam perdendo. Era mais do que humano isso.

Assim, o projeto do coco oferecia muito a ambos. Ficaram absorvidos nele. Havia um novo ânimo na ilha. Em breve, tínhamos mercadorias a ser embarcadas para Sydney. Havia um agente que vinha ver meu pai e que devia encarregar-se de vender as mercadorias que eram produzidas. Conchas de caurim eram usadas como moeda na ilha. Meu pai pagava os nativos com elas. Era incrível como o povo estava contente, agora que tinha o que fazer. Em vez de duas mulheres sentadas juntas trançando indolentemente uma cesta debaixo de uma árvore, como quando viemos, havia agora um grupo delas sentadas em plataformas abertas dos lados mas protegidas do sol por uma cobertura de sapê, que meu pai mandara construir; ali as mulheres faziam cestos, leques, cordas e escovas da fibra externa. Meu pai tinha também transformado algumas das choças redondas em fábrica para produzir óleo de coco.

A vida tinha mudado desde que chegamos. Era agora como fora no tempo de Luke Carter, quando ele era moço e cheio de energia.

Meu pai escolheu supervisores para cuidar das várias atividades, e esses supervisores eram os homens mais orgulhosos da ilha. Era divertido vê-los pavoneando-se por lá; tornou-se a ambição de todo homem vir a ser um supervisor.

De manhã, meu pai destinava uma hora para os doentes, que eram levados lá em casa para ser atendidos, e não há dúvida de que a saúde dos ilhéus melhorou desde nossa chegada. O povo estava ciente disso, e meu pai era olhado com respeito e admiração. Minha mãe, creio, era querida, e eu era tratada com carinho.

Tínhamos sido bem recebidos na Ilha Vulcão.

Dois anos depois, meu pai tinha-se firmado como senhor da ilha, e minha mãe me disse mais tarde que, à medida que o tempo passava, eles viam que seria pouco provável que alguém chegasse num navio para levá-lo embora, a fim de ser julgado. A vinda do navio era então esperada com ansiedade, pois vinham nele livros, roupas, alimentos especiais, vinhos e remédios.

Era na verdade um dia excitante quando se acordava e via o navio grande ancorando na ilha. Bem cedo de manhã as canoas saíam e voltavam carregadas de mercadorias que meu pai havia encomendado. Como eram bonitas aquelas canoas — leves, esguias e pontiagudas. Algumas possuíam perto de seis metros de comprimento, outras até dezoito metros. As proas e popas eram altas e lindamente esculpidas e eram o orgulho de seus donos. Cougabel me disse que as proas e popas protegiam os ocupantes das canoas das flechas que os inimigos pudessem atirar neles, pois, nos tempos passados, houvera muita luta entre eles.

Disse que as canoas eram como que luas crescentes ponteando o mar

quando estavam a uma milha ou mais da terra. Brilhavam ao sol, pois suas proas e popas eram muitas vezes decoradas com madrepérola. Surpreendia-me ver como os remos estreitos e pontudos deslizavam rapidamente pela água. Assim, parecíamos ter-nos estabelecido na vida, na Ilha Vulcão.

Eu estava crescendo. Os anos passavam tão rapidamente que perdia a conta deles. Minha mãe me ensinava e insistia em me dar aulas todos os dias. Encomendava constantemente livros de Sydney, e acho que eu estava aprendendo tanto quanto as meninas de minha idade de uma certa classe, que dependiam de governantas para serem educadas.

Cougabel continuava a ter aulas comigo. Ela crescia mais depressa do que eu fisicamente, pois as meninas da ilha eram adultas aos 14 anos e muitas delas eram mães nessa idade.

Cougabel adorava minhas roupas e gostava de vestir-se com elas. Minha mãe e eu usávamos vestidos soltos: uma moda criada por ela. Ela os tingia — principalmente de vermelho da seiva da árvore do dragão, que era chamada sangue-de-dragão. Descobriu também outras ervas e flores que nasciam na ilha, das quais conseguiu extrair tinturas. Cougabel queria usar vestidos e chapéus coloridos como os que usávamos, e ela e eu andávamos vestidas da mesma maneira. Às vezes, no entanto, ela voltava à suas roupas nativas e usava só uma tanga de franjas feita de conchas e penas que caíam por seus quadris, deixando a parte superior do corpo de fora. Em volta do pescoço, usava colares de conchas e enfeites fabricados de madeira. Parecia muito diferente assim e, de certa forma, mudava de personalidade. Quando se sentava comigo de vestido para assistir às aulas, eu esquecia que não éramos da mesma raça. Éramos então simplesmente duas crianças numa casa do interior.

Mas eu achava que Cougabel não queria que eu esquecesse que ela era uma habitante da ilha e que era especial.

Certa vez estávamos passeando a pé pela montanha e ela me contou que o Gigante Resmungão era seu pai. Eu não podia imaginar como uma montanha podia ser pai e ri dela, caçoando. Ela ficou zangada. Ficava com muita raiva, às vezes. Seu humor mudava abruptamente, e naquele momento seus grandes olhos escuros faiscaram de raiva.

— Ele ser meu pai — gritou. — Sim... sim... eu ser uma filha da Máscara.

Eu tinha sempre interesse em ouvir sobre a Máscara, e ela continuou:

— Minha mãe dançar a Dança da Máscara e o Gigante vir a ela através de

um homem... desconhecido... como acontecer na Dança da Máscara. Ele penetrar nela e eu crescer, crescer até ser um bebê pronto para nascer.

— Isso é só uma história — falei. Não sabia naquela época que é recomendável guardar sua opinião para si própria. Ela se virou para mim, faiscando de raiva.

— Você não saber. Você ser muito pequena. Vocês brancos... fazer o Gigante se zangar.

— Meu pai está em muito bons termos com o Gigante — falei, caçoando, pois tinha ouvido meus pais fazerem brincadeiras sobre o Gigante.

— Gigante mandar Daddajo. Mandar vocês me aprender...

— Ensinar você — corrigi. Gostava de corrigir Cougabel.

— Mandar vocês me ensinar — insistiu, franzindo os olhos. — Quando eu crescer e houver uma Dança das Máscaras eu ir dançar e voltar com um bebê do Gigante dentro de mim.

Olhei para ela perplexa. É, pensei, estamos crescendo. Cougabel logo terá idade suficiente para ter um bebê.

Fiquei pensativa. O tempo estava passando e eu perdia a conta dele.

Estava com treze anos. Tinha vivido seis anos na ilha. Durante aquele período meu pai construíra uma indústria próspera e, embora muitas pessoas ainda morressem de várias febres, a taxa de mortalidade se tinha reduzido consideravelmente

Meu pai estava organizando um livro sobre doenças tropicais. Planejava construir um hospital. Iria pôr tudo que tinha no projeto. Todos seus sonhos e esperanças convertiam-se para o hospital.

Minha mãe, percebi, tinha alguma idéia na cabeça. Uma tarde depois que o calor intenso do dia passou, sentamo-nos sob a sombra de um coqueiro, vendo os peixes-voadores pulando na água.

— Você está crescendo, Suewellyn — falou. — Pensou que nunca saiu da ilha desde que chegamos?

— Nem você e meu pai.

— Nós temos de ficar... mas temos falado muito sobre você. Estamos preocupados com você, Suewellyn.

— Preocupados comigo?

— Sim, com sua educação e seu futuro.

— Estamos todos juntos. Era o que queríamos.

— Seu pai e eu não podemos sair daqui.

— O que você quer dizer?

— Só estou chamando sua atenção para um fato da vida. Chegou a hora, você sabe. Suewellyn, você tem de ir para um colégio.

— Colégio! Mas não existem colégios aqui...

— Existe em Sydney.

— O quê? Deixar a ilha?

— Pode-se ajeitar. Você viria nas férias. No Natal... e no verão. O navio leva só uma semana até aqui. Uma semana para ir... outra para voltar. Você tem de ter uma educação além da que eu lhe posso dar.

— É uma coisa que nunca me ocorreu.

— Tem de estar preparada de alguma forma para o futuro.

— Não poderia deixá-la.

— Seria só durante algum tempo. Quando o navio voltar da próxima vez, você e eu iremos a Sydney. Visitaremos os colégios e decidiremos o que fazer.

Eu estava estupefata e a princípio neguei-me a considerar a idéia, mas depois de um tempo os dois falaram comigo e aquele senso de aventura que estava amortecido em mim despertou. Minha educação tinha sido estranha. Durante cerca de seis anos eu vivera em Crabtree Cottage, onde era criada de forma rígida. Então, tinha sido arrebatada e trazida para uma ilha primitiva. Imaginava que o mundo lá de fora me pareceria muito estranho.

Nas semanas que se seguiram meus sentimentos ficaram confusos. Não sabia se tinha tristeza com aquela decisão ou alegria. Mas consegui ver a razão de tudo.

Quando disse a Cougabel que iria embora para o colégio, sua reação foi violenta. Olhou para mim com olhos faiscantes que pareciam cheios de ódio.

— Eu ir. Eu ir — ficou dizendo.

Tentei explicar-lhe que ela não poderia ir. Eu tinha de ir sozinha. Meus pais

estavam-me mandando porque pessoas como nós tinham de ser educadas como a maioria era, indo ao colégio para ter aquele tipo de educação.

Ela não ouvia. Era hábito de Cougabel fechar-se a tudo que não gostasse de ouvir.

Uma semana antes de o navio chegar minha mãe e eu estávamos preparadas para a viagem. Era agosto. Eu deveria ir para o colégio em setembro e, em dezembro, voltaria para a ilha. Não era uma separação muito longa, dizia minha mãe.

Então, certa manhã Cougabel sumiu. Sua cama não fora usada. Tinha uma cama pequena no quarto ao lado do meu, pois queria dormir em cama depois de ter visto a nossa. Na verdade, queria tudo o que eu tinha, e estava certa de que, se fosse sugerido que fosse para o colégio comigo, ela ficaria feliz.

Cougaba estava em pânico.

— Onde ela ir? Levar roupas nativas. Ver vestidos aqui. Sair de conchas e penas. Onde ir?

Dava pena ouvi-la.

Meu pai declarou calmamente que ela deveria estar na ilha, a menos que houvesse pegado uma canoa e tivesse ido para outra ilha. Devíamos revistar a ilha.

— Ela ir para Gigante — disse Cougaba. — Ela ir para ele e pedir para não deixar Pequena Senhorita sair. Oh, maldade... maldade mandar Pequena Senhorita embora. Pequena Senhorita pertencer... Pequena Senhorita não ir.

Cougaba se balançava para frente e para trás e falava:

— Pequena Senhorita não ir.

Meu pai disse sem paciência que não duvidava de que Cougabel voltaria depois de ter assustado a mãe. Mas o dia se passou e ela não voltou. Eu estava magoada e zangada com ela por ter encurtado o tempo que ficaríamos juntas.

Mas, quando o segundo dia se passou, todos ficamos angustiados e meu pai mandou dar uma busca nas montanhas.

Cougaba tremia de horror, e minha mãe e eu tentava mos acalmá-la.

— Eu ter medo — dizia ela. — Eu ter muito medo, Mamabel.

— Nós a encontraremos — falou minha mãe, acalmando-a.

— Eu dizer Mestre Luke — queixou-se Cougaba. — Eu dizer: "Não dormir cama grande do Mestre durante mês. Dança das Máscaras ser na Lua nova." E

Mestre Luke rir e dizer: "Para mim e você não. Faça como estou dizendo, Cougaba." Eu falar para ele do Gigante Resmungão, e ele rir e rir. Então eu dormir na cama. Então na noite da Dança das Máscaras eu ficar com Mestre Luke na cama e então... eu pegar filho. Todos dizer: "Ah, essa filha do Gigante, Cougaba senhora digna. Gigante vir para ela." Mas não ser Gigante... Ser Mestre Luke e se eles saber... me matar. Então Mestre Luke me dizer: "Deixar eles pensar Gigante ser pai da criança", e ele rir e rir. Cougabel não ser filha da Máscara. E agora eu ter medo. Achar Gigante muito zangado comigo.

— Você não deve ter medo — disse minha mãe. — O Gigante compreenderá que não foi sua culpa.

— Ele levar ela. Eu sei que ele levar. Ele esticar a mão e puxar ela para baixo... para baixo nas pedras ferventes onde ela queimar por toda a vida. Ele dizer: "Cougaba má. Sua filha minha, você dizer. Agora ela ser minha."

Não havia nada que pudéssemos fazer para consolar Cougaba. Ela continuava a se lamentar:

— Aquele velho homem Diabo estar meus calcanhares, me tentando. Eu ser má. Eu pecar. Eu dizer mentira grande e Gigante ficar zangado.

Minha mãe aconselhou-a a não dizer nada daquilo a ninguém, o que foi um alívio para a pobre Cougaba; ela estava pronta para obedecer. Eu vira os nativos obedientes desde que tinham aceitado meu pai como o emissário do grande Gigante, mas imaginava como seriam se se virassem contra nós. E o que Cougaba fizera seria considerado um pecado imperdoável aos olhos deles.

Naquela noite, Cougabel foi encontrada. Meu pai descobriu-a nas montanhas. Tinha quebrado a perna e não podia andar.

Carregou-a para casa e cuidou da perna dela. Os ilhéus olhavam maravilhados. Então ele fez com que ela se deitasse e não a deixava mexer-se.

Sentava-me junto dela e lia, e Cougaba fazia para ela toda espécie de poções extraídas de plantas, pois era muito hábil nisso.

Cougabel me contou que tinha ido para o montanha pedir ao Gigante para deter minha ida, e que tinha caído e se machucado. Tomou aquilo como um sinal de que o Gigante queria que eu fosse e que a estava punindo por duvidar da sabedoria de seus desejos.

Aceitamos aquela explicação.

Cougaba não falou mais sobre a fraude que tinha cometido em relação ao

nascimento da filha. O Gigante não podia estar muito zangado, disse-lhe minha mãe, porque tinha apenas quebrado a perna de Cougabel; meu pai dissera que os ossos eram novos e fortes, que poderia consertar sua perna e que ninguém saberia que tinha sido um dia quebrada.

Assim, os dias anteriores à minha partida foram passados em sua maior parte com Cougabel e, quando chegou a hora de eu ir, ela estava calma e resignada.

Meu pai ficou muito triste quando partimos, embora eu soubesse que ele achava que era aquilo que tinha de ser feito.

Então, chegamos a Sydney, minha mãe e eu, e meu encanto com a linda baía e talvez meu encanto ainda maior com a cidade grande — pois eu estava acostumada com belezas da natureza — reconciliaram-me com aquela nova fase da minha vida. Estava excitada com tanta gente. Gostei das ruas que serpenteavam de modo accidental, pois tinham crescido a partir das trilhas das carroças nos tempos antigos. Gostei mais ainda das ruas grandes, e dentro de uns dias já sabia localizar-me. Fiz compras com minha mãe nas lojas grandes que nunca vira antes. Jamais tinha imaginado que tivéssemos tantas coisas a comprar.

Teríamos de adquirir roupas para o colégio, disse minha mãe, quando estávamos no quarto do hotel,

— Mas primeiro — acrescentou — temos de procurar o colégio.

Minha mãe fez indagações e fomos a três colégios antes de decidirmos por um deles. Não era longe da baía, e ficava bem no coração da cidade. Minha mãe avistou-se com a diretora e explicou-lhe que morávamos numa ilha do Pacífico e que ela me tinha ensinado até agora. Aplicaram-me alguns, testes, nos quais me saí muito bem, para minha alegria, pois significava que minha mãe tinha sido boa professora. Então, foi combinado que eu ficaria interna no início das aulas, o que daria tempo à minha mãe de me deixar no colégio e tomar o próximo navio de volta para a Ilha Vulcão. Que semanas foram aquelas! Compramos loucamente. Eu sabia os nomes das ruas e como encontrá-las. Compramos meu uniforme de colégio na Rua Elizabeth. A diretora tinha-nos dado as indicações. Compramos roupas, provisões e remédios para ser mandados ao navio com destino à Ilha Vulcão, e depois de terminarmos as compras nos deliciamos em explorar a cidade, observar os navios que chegavam à baía, e visitar o lugar onde o Capitão Cook havia desembarcado. Senti-me criança de novo, passeando com Anabel depois de ela ter-me tirado de Crabtree Cottage.

Então, chegou o dia em que fui levada ao colégio e nos dissemos adeus. Achava-me desesperadamente infeliz e sentia saudades de meus pais e da ilha.

Quando as semanas se passaram, eu me entrosei. Minha estranheza era uma atração. As meninas ouviam durante horas as histórias da ilha. Eu era uma curiosidade, e como era brilhante e apta a me defender comecei a gostar do colégio.

No Natal, quando voltei à ilha, eu tinha mudado. Tudo parecia mudado. Cougabel estava melhor e sua perna não mostrava sinal de ter sido quebrada. Outro triunfo de meu pai!

Mas ela não era mais uma companhia apropriada para mim. Era apenas uma habitante da ilha e eu tinha estado no grande mundo.

Questionava-me muito agora. O que estávamos fazendo lá? Anteriormente, minha mãe conversava comigo sem fazer alusões ao passado, conseguindo sempre afastar perguntas desastrosas. Agora, não conseguia mais. Eu estava ficando curiosa. Queria saber por que tínhamos de viver numa ilha remota, quando havia cidades como Sydney, quando havia um mundo inteiro a ser explorado.

Lembrei-me do castelo que vira há anos. Ele sempre tivera um poder mágico sobre mim. Agora estava obcecada por ele e havia muito que eu queria saber. O colégio tinha-me despertado da indiferença indolente do passado. Achava-me consumida pelo desejo de saber de tudo.

Foi por isso que minha mãe resolveu escrever tudo para mim.

Quando voltei novamente para minhas férias, ela me mostrou seu relato do que tinha acontecido, e eu o li avidamente. Compreendi. Não fiquei chocada ao saber que era uma bastarda e que meu pai era um criminoso. Pensava muito sobre o que teria acontecido depois da partida de meu pai. Pensava em Esmond e Susannah. Eram eles que me interessavam. Pensava se os veria algum dia e tinha muita vontade de ir àquele castelo mágico e encontrá-los.

CAPÍTULO 4

A dança das máscaras

Eu estava no colégio há dois anos e tinha mais de 16 quando decidi que devia deixar o colégio e voltar para a ilha. Nesse meio tempo tinha feito amizade com os Halmers. Laura Halmer e eu tínhamos ficado amigas íntimas no colégio. Ela fora atraída por mim a princípio pela singularidade do meu passado e tinha ouvido avidamente minhas histórias da ilha. Eu fora atraída por ela por sua sofisticação. Ela conhecia Sydney bem e as compras eram seu forte. A família dela era de fazendeiros que possuíam grandes terras, às quais ela sempre se referia como "a fazenda". Essa fazenda ficava uns 75 quilômetros ao norte de Sydney. Laura, por ser a caçula de uma família de irmãos, era um pouco mimada. Era natural que durante meu segundo período no colégio sugerisse que eu fosse para casa com ela para passar as férias de meio do ano, que duravam uma semana apenas e, portanto, não me dariam tempo de ir até a ilha. Fiquei contente com o convite.

Nos Halmers me encontrei num mundo ainda mais diferente. Fui recebida calorosamente na família como uma amiga de Laura, e em poucos dias me senti como se os tivesse conhecido há anos. A fazenda era um lugar entusiasmante, pois havia muitas atividades nela. Acordavam de madrugada e os homens Halmers saíam cedo e voltavam às oito horas para tomar café da manhã, que se constituía de bife ou costeletas. Havia muitas pessoas trabalhando lá, cada uma com sua tarefa. Era uma fazenda muito grande.

Foi lá que conheci Philip Halmer. Ele era o caçula dos três irmãos de Laura. Os dois mais velhos eram homens grandes e bronzeados e eu não conseguia distingui-los nos primeiros dias. Falavam todo o tempo de ovelhas, pois ovelha era a atividade básica da fazenda; riam muito; comiam muito; e me aceitaram como se eu fosse uma deles, uma vez que era amiga de Laura.

Com Philip era diferente. Ele tinha mais ou menos 20 anos na época. Era inteligente, sua mãe me dissera. Tinha cabelo louro macio e olhos azuis; era sensível, e quando descobri que estava estudando Medicina imediatamente senti-me atraída por ele. Expliquei-lhe que meu pai fora para a ilha estudar doenças tropicais e que tinha intenção de construir um hospital lá. Eu tinha muito entusiasmo pelo trabalho de meu pai, e Philip e eu conversávamos freqüentemente sobre a ilha. Isto criou um laço especial entre nós.

Na semana daquele pequeno período de férias que passei com os Halmers aprendi muito sobre a vida no campo. Saíamos a cavalo, Laura, Philip e eu, fazendo acampamento no mato, onde preparávamos chá numa chaleira especial e comíamos bolo sem fermento e bolos de milho. Poucas coisas que provei antes eram tão gostosas. Philip costumava falar-me sobre as árvores e a folhagem, e fiquei fascinada com os altos eucaliptos cujos galhos caíam das alturas tão rapidamente e em tal silêncio que podiam matar um homem; por isso tinham recebido o nome de criadores de viúvas. Vi as árvores e a terra crestadas pelos terríveis incêndios da floresta, e ouvi falar de todas as pragas que podiam cair sobre os moradores daquela terra às vezes hostil.

Então, depois daquela curta semana nos Halmers, surgiu outra mudança em minha vida.

Voltei para o colégio e logo o Natal chegou.

— Eles todos querem que você volte e passe o Natal conosco — disse Laura.

Mas eu não podia, é claro; estavam-me esperando em Vulcão.

Quando cheguei à ilha me senti fechada, restrita. Era a primeira vez que estava menos contente com minha família.

Minha mãe sabia o que estava acontecendo. Passávamos muito tempo juntas.

— Ah, Suewellyn, você mudou — disse-me um dia. — Você mudou. Viu o outro lado do mundo. Sabe que ficar encarcerada numa pequena ilha não é a única forma de vida. Tive razão em mandá-la para o colégio.

— Eu era feliz antes.

— Mas conhecimento é sempre desejável. Você não podia viver toda sua vida aqui nesta pequena ilha. Não vai querer ficar aqui quando crescer.

— E você e meu pai?

— Duvido que saíamos um dia daqui.

— Fico pensando no que está acontecendo... lá — cismeï.

Ela não tinha de perguntar o que eu queria dizer. Sabia que estava pensando no castelo. Pois eu tinha lido o que acontecera dentro dele e, através das palavras dela, tinha percebido tudo claramente.

— Depois de todo esse tempo... — continuei.

— Nunca nos sentiríamos seguros, se saíssemos daqui — falou. — Seu pai é um bom homem, Suewellyn. Lembre-se sempre disso. Matou o irmão a sangue-frio e nunca poderá esquecer. Acha que tem a marca de Caim nele.

— Foi uma grande provocação, e David mereceu morrer.

— É verdade, mas há muitas pessoas que diriam que nenhum mal é redimido por outro. Sinto-me culpada, num certo sentido. Foi por minha causa que aconteceu. Oh, Suewellyn, como é fácil ver-se envolvida em... horror.

Fiquei quieta e lembrei-me daquelas palavras mais tarde. Como elas eram certas!

— Um dia, talvez você volte à Inglaterra — continuou. — Poderia ir ao castelo. Não há nada contra *você*.

Então, começou a falar sobre o castelo, e o quadro ficou vivido em minha mente como quando ele me foi mostrado por ela. Podia vê-lo nessa hora como o vi naquele dia há tanto tempo, com as torres de tambor em ameias e os grandes muros de pedra.

Depois, ela falou do interior do castelo. Descreveu as peças: o *hall* principal, a galeria subterrânea de pedra, a galeria de retratos, a capela. Era quase como se houvesse algum objetivo nisso. Era como se eu estivesse sendo preparada, e o Demônio estivesse tornando mais fácil para mim cair em tentação. Talvez isso fosse superstição. Era de surpreender, tendo eu morado à sombra do Gigante Resmungão?

Meus pais gostaram de ouvir sobre minha estada com os Halmers. Ficaram deliciados. Era exatamente o que queriam para mim. Gostavam muito de mim. Sempre soubera que tinha o melhor pai e a melhor mãe do mundo, e que meu pai me amava particularmente, porque eu era dela e dele. Nossa dedicação tinha sido mais marcante porque tínhamos ficado afastados no princípio, e estavam prontos a me deixar ir porque acreditavam saber o que era melhor para mim. Minha mãe disse-me isso, pois, agora que eu sabia do segredo deles, havia completa confiança entre nós.

— Todos esses anos — disse minha mãe — tivemos de esconder a verdade. Agora não há mais segredos. Oh, como estou contente de ter terminado com eles. — Falou-me francamente: — Faria tudo de novo, Suewellyn. Sem seu pai a vida teria sido sem sentido para mim. Fico pensando em Jessamy e na pequena Susannah. Ela deve ter sua idade agora... um pouco mais velha, mas não muito... só alguns meses. Penso em Esmond e Emerald, e também em Elizabeth... e naqueles meninos, Garth e Malcolm. Tudo deve ter mudado quando David morreu. O velho deve ter morrido a

essa altura. Isto significa que Esmond ficará com a propriedade. Tenho pensado tanto em Jessamy! Ela é meu único remorso profundo. Deve ter ficado desolada. Perdeu o marido e a pessoa que esperava que fosse sua melhor amiga, de um só golpe. Jessamy é em quem eu penso mais. É ela que torna impossível minha paz de espírito, e David a de seu pai. Assumimos um compromisso, os dois. Tínhamos um ao outro, mas sempre houve uma sombra sobre nós. A felicidade estava ali, mas a recordação a levava embora. A felicidade só aconteceu uma hora ou duas, aqui e ali... às vezes um dia inteiro. Mas o remorso é um companheiro amargo da felicidade. É por isso que seu pai quer construir esse hospital. Os reis no passado costumavam expiar seus pecados doando mosteiros e conventos. Seu pai é um homem-rei, Suevellyn. Nasceu para a distinção, nasceu para governar e dirigir. Como um rei do passado, vai expiar o assassinato do irmão construindo um hospital aqui. Tem esses planos e eu vou ajudá-lo. Faremos isso, e acho que ele encontrará a paz. Vai orientar todos seus esforços nesse sentido. Você sabe como temos vivido aqui. Ele tem um bom amigo na Inglaterra, um banqueiro... que lhe tem servido muito. Está vendendo tudo o que seu pai tem na Inglaterra, e o dinheiro irá para esse hospital. Poderemos viver dos lucros da plantação. Seu pai gostaria de trazer alguém da Inglaterra ou da Austrália para ajudá-lo. Quer fazer uma espécie de colônia aqui. Quer tornar isto próspero. Mas seu coração está no hospital. Quer trazer médicos e enfermeiras para cá. Oh, é uma grande tarefa. É assim que vai expiar seu pecado.

Minha mãe conversava muito e desde sua revelação era como se comportas tivessem sido abertas.

Ela sempre fora a pessoa mais importante em minha vida desde a época em que ia a Crabtree Cottage como a Srta. Anabel, mas, agora, que parecia tão vulnerável, eu a amava mais do que nunca. Sabia que tinha pena de eu crescer porque acreditava que eu devia ter toda chance de encetar outra vida diferente daquela que a ilha me podia oferecer. Fui aos Halmers mais uma vez por um curto período e fiquei desapontada porque Philip não estava lá. Fazia estágio em Sydney, disseram-me, e logo se estaria formando.

Estava decidida a não ser preguiçosa e insistia em ir para a cozinha grande de piso de pedra e ajudar. Era uma época movimentada de tosa dos carneiros e havia muitos homens para comer, além dos empregados habituais; e havia os andarilhos que pediam uma refeição e uma noite de pousada em troca de seus serviços. Aprendi a fazer pão com casca, bolo sem fermento e bolo de milho. Aprendi vários métodos de cozinhar carneiro, pois havia grande quantidade deles na fazenda. Olhava com admiração as grandes tortas que entravam e saíam do forno. E os dias passavam.

Conversava com os colonos e os índios que trabalhavam em volta da fazenda e me divertia todo o tempo. Gostava dos altos eucaliptos, do vime amarelo e do maracujá que crescia no jardim que a Sra. Halmer tratava com tanto carinho.

Eu gostava da família, gostava de me aceitarem tão naturalmente e da maneira perfeita com que me acolhiam, quase que me ignorando, a fim de que eu me sentisse como uma pessoa da família.

Fiquei encantada quando Philip veio para casa, especialmente para me ver. Andamos a cavalo por vários quilômetros. Era tudo propriedade da família, disse-me ele; e continuou explicando como estava ansioso por se formar e poder começar a trabalhar como médico.

Fez-me muitas perguntas sobre meu pai e eu lhe contei mais sobre o hospital. Seu interesse aumentava cada vez que conversávamos.

— É o tipo de projeto de que gosto — falou. — Ter deixado a Inglaterra para vir aqui fazer esse trabalho é maravilhoso.

Não lhe disse por que ele tinha vindo, mas me enchi de orgulho do meu pai e disse a Philip como ele havia adquirido o respeito dos nativos depois de muita luta e que tinha até reiniciado a antiga indústria de coco.

— Meu pai acredita que as pessoas só são saudáveis se estiverem ocupadas e felizes.

— Concordo com isso — disse Philip. — Um dia quero conhecê-lo.

Falei-lhe que tinha certeza de que seria bem recebido.

— Quando terminar o colégio, Suevellyn, você vem ficar uns dias conosco, não vem?

Disse-lhe que teria de ser convidada antes. Ele se aproximou de mim e me deu um ligeiro beijo no rosto.

— Não seja tola — falou. — Você não precisa de convite.

Eu estava muito feliz. Percebi que Philip Halmer começava a ser muito importante para mim.

Quando voltei para casa no Natal, os operários já estavam começando a construção do hospital. Era um empreendimento caro, uma vez que todo o material tinha de ser levado para a ilha e que era necessário um número grande de operários. Meu pai estava agitado; minha mãe, menos eufórica. Quando ficamos sozinhas, ela disse:

— Tenho uma sensação inquietante. As pessoas virão aqui. Talvez venham da Inglaterra. Sei o que quer dizer ter um esqueleto dentro do armário. Imagine se alguém abrir a porta do armário que temos mantido bem fechada todo esse tempo.

— Tudo deve estar esquecido a essa altura — confortei-a, mas sem estar muito certa daquilo.

— É que tenho uma sensação de mal-estar — continuou ela. — Não posso explicar por quê. Tenho medo desse hospital. Sinto que há alguma coisa agourenta nele.

— Está falando como Cougaba... só que num inglês diferente, mas o sentimento é o mesmo. Querida Anabel, você não concorda que as pessoas procuram presságios e agouros, quando passam muito tempo entre os supersticiosos?

Eu estava um pouco sem jeito com Cougabel. Tinha-me afastado dela e não tinha vontade de passar tanto tempo em sua companhia como fazia antes. Remar uma canoa não me dava mais a sensação de aventura. Não queria mais ouvir histórias dos habitantes da ilha. Meus pensamentos estavam longe, no mundo lá fora.

Ela me seguiu por algum tempo me olhando com seus olhos grandes e recriminadores, e às vezes eu achava que aqueles olhos estavam carregados de ódio. Tentei falar com ela, contar-lhe sobre Sydney, sobre o colégio e a casa dos Halmers. Ela ouvia, mas notei que sua atenção estava longe. Cougabel não conseguia visualizar nenhum outro mundo a não ser a ilha.

Voltei para o colégio e fiquei na casa dos Halmers durante uns feriados. Havia lá uma grande comemoração por conta dos exames finais de Philip e de sua formatura.

— Suewellyn — disse ele — vou aceitar seu convite. Vou a Vulcão ver seu pai e o novo hospital.

Fiquei encantada, pois sabia que meus pais também ficariam. Tinham-se mostrado muito felizes quando lhes falei em levar meus amigos em casa.

Então ficou combinado, e nas próximas férias Philip e Laura voltaram comigo.

Foram dias maravilhosos. Meus pais gostaram imediatamente dos Halmers e, naturalmente, papai e Philip descobriram muita coisa em comum. Philip estava entusiasmado com o hospital, que ainda não tinha sido terminado completamente. Os operários e os materiais continuavam chegando, e os ilhéus ainda o olhavam com respeito e admiração. É verdade que a construção do hospital tinha mudado o

aspecto da ilha. Aquele belo edifício branco e lúcido erguido próximo de nossa casa transformara a ilha dos Mares do Sul num lugar moderno.

Meu pai vivia com olhos sonhadores. À mesa, ele conversava por muito tempo depois que a refeição terminava. Percebia que ele pretendia transformar a Ilha Vulcão numa espécie de Cingapura. Stamford Raffles tinha feito isso lá, por que ele não podia fazer aqui?

Nós todos ouvíamos, extasiados com sua eloquência, principalmente Philip.

— O que era Cingapura antes de Raffles convencer o Sultão de Johore a ceder o lugar para a Companhia das Índias Orientais? Naquela época não havia quase ninguém lá. Quem teria acreditado que seria possível ser o que é hoje? Foi cedido só no início de século. Raffles construiu Cingapura... levou a civilização para lá. Bem, é isto que vou fazer com este grupo de ilhas. Vulcão será o centro. Aqui, começaremos com nosso hospital. Vou transformá-la numa ilha saudável. Temos só uma indústria, mas que indústria produtiva! — Continuou a exaltar às vantagens do coco. — Nem um pouco de desperdício de forma alguma. Tudo produzido simplesmente e sem grande despesa. Já estou planejando plantar umas mudas nas outras ilhas. Pretendo expandir-me... rapidamente.

Mas sua grande preocupação era o hospital.

— Precisaremos de médicos — falou. — Vocês acham que muitos viriam para cá? Agora vai ser difícil, mas, à medida que nos desenvolvermos... as coisas serão mais amenas...

Não havia dúvida de que Laura e Philip Halmer ficaram profundamente interessados em minha família.

Estava feliz por meus pais terem gostado tanto deles. Mas achava-me consciente de uma certa inquietude na ilha. Creio que viver tão próxima de um povo no passado e voltar para o meio dele sendo ainda tão moça fazia com que eu tivesse uma certa ligação com ele. Podia sentir que as coisas não iam bem. Talvez fosse no aspecto deles, no modo furtivo com que evitavam olhar dentro de meus olhos. Talvez fosse a velha Cougaba, que ficava balançando a cabeça e falando consigo mesma. Talvez fossem alguns olhares que captei na direção do grande edifício branco que brilhava ao sol.

Tive um aviso claro. Estava deitada na cama com meu mosquito em volta, quando ouvi minha porta se abrir devagar. Pensei que fosse minha mãe, que sempre vinha conversar à noite, o que nos divertia muito; ela sempre esperava que eu lhe dissesse para entrar.

Por um momento ninguém apareceu. Meu coração começou a bater de repente. A porta se abriu muito lentamente.

— Quem está aí? — perguntei.

Não houve resposta. Então eu a vi. Ela tinha entrado no quarto. Estava vestida com a tanga feita de conchas presas juntas, como se fossem contas de um colar. As conchas eram verdes, vermelhas e azuis; faziam um barulho tilintante quando ela se mexia. Em volta do pescoço tinha fileiras das mesmas conchas presas juntas, descendo pelo rego dos seios. Estava nua da cintura para cima, como era habito da ilha. Era Cougabel.

— O que você quer, Cougabel, a essa hora da noite?

Ela veio até a cama e me olhou com um ar acusador.

— Você não gostar mais de Cougabel.

— Não seja tola — respondi. — É claro que gosto.

Ela sacudiu a cabeça:

— Você ter... a amiga do colégio, e ter ele. É, eu saber. Você gostar deles... não de mim. Eu pobre meio branca. Eles todo brancos.

— Que bobagem — falei. — Gosto deles, é verdade, mas não mudei quanto a você. Sempre fomos amigas.

— Você mentir. Isto não bom.

— Você devia estar na cama, Cougabel — falei bocejando.

Ela sacudiu a cabeça:

— Daddajo dever mandar eles embora, diz Gigante. Daddajo não dar este homem para você.

— O que está falando? — gritei. Mas eu sabia. Cougabel (e isto significava sua mãe e a ilha toda) acreditava que Philip tinha vindo para se casar comigo.

— Ruim, ruim — continuou ela. — Gigante dizer não. Ele dizer para mim. Eu filha de Gigante. Eu ir para montanha e ele dizer: "Mandar moço branco embora. Se ele não ir, Gigante zangado."

Ela estava com ciúme, é claro. Compreendi. Era minha culpa. Tinha-a ignorado agora que Laura e Philip estavam aqui. Não devia ter feito isto. Tinha-a magoado, e era este o modo dela me dizer isso.

— Ouça o que vou dizer, Cougabel. Eles são nossos hóspedes. É por isso que tenho de distraí-los. É por isso que não posso ficar tanto com você como ficava. Sinto muito, mas é a mesma coisa entre nós que sempre foi. Sou sua amiga e você é minha. Trocamos nossos sangues, não foi? Quer dizer que somos amigas para sempre.

— Quer dizer que quem quebrar a promessa ser amaldiçoada.

— Ninguém vai quebrar. Você me acredita, Cougabel?

As lágrimas começaram a descer pelo rosto dela. Olhou-me sem tentar limpá-las. Pulei da cama e pus meus braços à sua volta.

— Cougabel... pequena Cougabel... não precisa chorar. Vamos ficar juntas. Vou contar-lhe tudo sobre a cidade grande do outro lado do mar. Somos amigas... para sempre.

Aquilo pareceu confortá-la, e depois de um tempo ela se foi.

No dia seguinte contei a Laura e Philip sobre minha visita noturna e como, quando éramos pequenas, tínhamos brincado juntas.

— Você tem de chamá-la para ficar conosco — disse Philip. — Ela sabe montar?

Respondi que sim, e fiquei contente de Laura e Philip serem tão bons com ela. Percorremos as praias numa das canoas. Cougabel e eu remávamos e nós todos ríamos muito.

— Ela é realmente uma moça muito bonita — disse Philip. — O fato de ser muito mais clara faz com que se sobressaia dos outros.

Cougabel às vezes voltava aos vestidos que costumava usar. Eles lhe assentavam bem, mas ela ficava realmente linda com suas conchas e penas. Frequentemente, via os olhos dela em Philip; ela sempre dava um jeito de ficar perto dele. Se tivesse de servir alguma coisa, ele era servido primeiro. Philip estava encantado com as atenções dela.

Então, o problema começou. Cougabel me disse:

— Gigante resmungando. Ele muito zangado. Wandalo perguntar o que estar errado. Gigante não gostar hospital.

Meu pai tinha sido informado disso por Wandalo, embora não com tanta precisão. O Gigante tinha sido ouvido resmungando uns dias antes. Quando uma das mulheres foi à montanha levar conchas para o Gigante, ouviu-o queixando-se com

raiva. Havia alguma coisa errada. Alguma coisa da qual ele não gostava na ilha. O Gigante tinha ficado quieto por um longo tempo, na verdade todo o tempo em que se estava planejando construir o hospital e em que o trabalho na plantação tinha progredido satisfatoriamente. Por que, então, ele iria começar a resmungar agora?

Meu pai ficou irritado a princípio.

— Depois de todo esse tempo — falou — será que vão tentar criar-me obstáculos?

— Certamente eles imaginam os benefícios de um hospital e da plantação em crescimento — disse Philip.

— É, mas são cheios de superstições. Deixam que o velho vulcão os domine. Tentei explicar-lhes que há centenas deles por todo o mundo e que não há nada de especial num vulcão extinto que, às vezes, faz um pouco de resmungo, como eles dizem, enquanto se está acalmando. Não houve nenhuma erupção maior nos últimos trezentos anos. Gostaria de poder enfiar isso na cabeça deles.

Philip já tinha ouvido falar por mim da Dança das Máscaras e como Cougaba tinha declarado que Cougabel era uma filha do Gigante. Ficou enormemente intrigado com as histórias da ilha e costumava sentar-se com Cougabel e fazê-la contar para ele. Ela ficava encantada, e eu sentia que as coisas tinham voltado aos eixos completamente.

— É claro — disse meu pai — que é o velho diabo Wandalo que está realmente criando o problema. Ele se ressentiu com a minha presença. Não importa que tenhamos salvo tantas vidas com tratamento moderno dessas febres virulentas que são uma peste num clima como esse. Usurpei o lugar do velho médico feiticeiro e ele está ansioso por uma oportunidade de derrubar o hospital.

— Isso é uma coisa que o senhor nunca o deixará fazer, eu sei — disse Philip.

— Quero mais é que ele morra — respondeu meu pai. Mas o velho Wandalo sentou-se embaixo da figueira revolvendo a areia com sua velha vareta, e foram ouvidos mais recados do resmungo do Gigante.

Na próxima Lua nova, ouvimos dizer, haveria uma Dança das Máscaras.

Philip e Laura ficaram encantados. Que aquilo fosse acontecer durante sua visita era sinal de boa sorte para eles. Eu estava mais consciente agora do que antes do espírito frenético que baixaria na ilha. Percebia que, embora meu pai tivesse levado para lá tanta coisa boa que a uma certa época eles pareciam apreciar, podiam em uma noite tornar à antiga selvageria. Jamais conseguira erradicar o medo do

Gigante Resmungão e tinha consciência disso, embora o Gigante tenha permanecido quieto.

Cougabel estava no auge da excitação. Desta vez, ela tomaria parte nas danças. Ela se preparava em segredo e minha mãe disse que teria de ter um cuidado especial com uma menina casadoura em casa. Isto não acontecera antes, porque na última dança Cougabel era ainda muito criança. Sendo uma filha do Gigante — que ela própria e os habitantes da ilha acreditavam que fosse — esta cerimônia tinha um significado especial para ela. Poderia bem ser que o Gigante favotecesse sua filha.

— Seria um caso de incesto? — perguntei a minha mãe.

— Estou certa de que tal problema passaria despercebido em círculos exaltados como esse — respondeu. Depois, disse: — Oh, Suewellyn, nós parecemos levar isto a sério. O velho Wandalo está provocando em seu pai muita ansiedade com suas insinuações.

— Você realmente crê que ele os poderia convencer de que o Gigante não gosta do hospital?

— É Wandalo contra seu pai, e não duvido de que seu pai vencerá. Mas terá de considerar o peso de séculos de superstição contra ele.

Foram dias angustiantes para nós e, enquanto Philip e Laura pensavam que era tudo muito interessante, encontrava-me profundamente consciente da ansiedade de meus pais.

Cougabel estava sempre ao lado de Philip. Ela se sentava na porta da casa e, quando ele saía, corria para ele. Tinha-os visto sentados debaixo dos coqueiros enquanto ela conversava com ele.

— Estou juntando toda sorte de conhecimento da Ilha Vulcão — disse-me ele. — Nada como buscar da fonte natural.

A lei era que nenhum marido deveria coabitar com a mulher durante todo um mês. Philip se divertia muito, mas estava bastante impressionado com a seriedade dos ilhéus e sua determinação em submeter-se à tradição. Portanto, as mulheres viviam juntas numas certas choupanas e os homens em outras. Cougaba e sua filha ainda viviam conosco e, como não tínhamos outros ilhéus morando lá, isto era considerado certo.

Como a tensão aumentou durante aquelas semanas! Meu pai estava impaciente. Dizia que trabalhavam pouco. Não conseguiam pensar em outra coisa a não ser em fazer as máscaras.

— Só vão assentar quando tudo tiver terminado — falou minha mãe. — Porém, seu pai está desapontado. Esperava que eles se estivessem livrando dessas coisas. Há alguns homens bons que o estão ajudando, como você sabe, e ele tem esperança de treiná-los para o hospital, embora primeiro queira médicos ajudando-o; talvez possa treinar algumas mulheres para ser enfermeiras. Mas tudo isso faz com que se duvide se ele vai conseguir. Se eles negligenciam tudo por uma dança ritual, tal fato mostra que são tão primitivos quanto antes. Seu pai espera sempre que um dia consiga acabar com esta lenda tola do Gigante.

— Isto levará anos — comentei.

— Ele acha que não. Acredita que, quando virem os milagres da Medicina moderna, verão que tudo que terão que temer da montanha é uma erupção vulcânica... e o vulcão está provavelmente extinto, de qualquer forma. Acho que imaginam esses resmungos apenas para criar um pequeno tumulto. Aliás, Philip lhe contou o que seu pai está sugerindo?

— Não — falei, prendendo a respiração.

— Realmente! Imagino que esteja esperando até que tenha pensado sobre isso por mais tempo. Mas seu pai disse que Philip ficou tentado. Está muito interessado na experiência, e seu pai precisa de médicos. Suewellyn, eu adoraria se Philip decidisse ficar conosco.

Senti que tinha ficado roxa de excitação. Se ele resolvesse isso, eu ficaria muito feliz. Não precisei falar. Minha mãe pôs os braços à minha volta e me apertou com força.

— Seria maravilhoso — falou. — Uma solução. Significaria que você ficaria aqui... você e Philip. Você gosta dele. É claro que gosta. Acha que não vejo? Se ele decidir vir, tenho certeza de que tal decisão envolverá alguma coisa em relação a você. É claro que está fascinado pelo hospital. Acha que é uma idéia maravilhosa. Diz que é uma idéia brilhante e que admira muito seu pai. E não é um milagre que, ele seja tão obcecado como seu pai pelo estudo de doenças tropicais?

— O que está pensando é que Philip e eu nos devemos casar. Ele nunca sugeriu isso.

— Oh, querida, não precisa ter vergonha. Sei que ele ainda não falou nisso. É um grande passo esse... Provavelmente ele quer conversar sobre isso com os pais dele. Ele viria morar aqui... Oh, sei que estamos a apenas uma semana do continente, mas é uma grande resolução. Eu ficaria muito feliz. Este hospital... esta indústria que temos aqui são o resultado do trabalho de seu pai. Serão seus um dia.

Tudo que seu pai tem convergiu para a ilha. Não sobrou nada das propriedades dele na Inglaterra. Temos vivido de sua fortuna há anos, e agora o hospital acabou com tudo. O que quero dizer é que é a sua herança... e o que seu pai e eu gostaríamos mais que tudo seria ver sua descendência aqui antes... antes...

— Vocês dois vão viver muitos anos ainda.

— É claro, mas é bom ver estas coisas assentadas. Se ao menos nos pudéssemos livrar daquele velho pernicioso Wandalo e de seu Gigante Resmungão e nos estabelecer com a intenção de vivermos como pessoas civilizadas, seria muito simples. Agora, você está sem jeito. Não precisa ficar. Talvez não devesse ter falado, mas queria dizer-lhe como ficaríamos felizes se... se tudo desse certo. Philip é encantador, e seu pai e eu gostamos dele. E, minha filha, você também gosta dele.

Ela tinha razão. Eu podia olhar o futuro de frente quando estávamos todos ali. A ilha crescia e crescia. Teríamos outras facilidades também. Meu pai era um homem de imensa capacidade de organização. Achava que Philip não era diferente dele. Trabalhariam bem juntos. Philip ficava com meu pai durante a hora em que ele atendia os pacientes, e meu pai demonstrava os tratamentos necessários às doenças da ilha.

Havia pelo menos 12 ilhas agrupadas à volta de Vulcão. Meu pai acreditava que um dia elas seriam um arquipélago próspero. A indústria de coco seria desenvolvida, e poderiam montar outras. Talvez então o navio fosse até as ilhas mais de uma vez cada dois meses. Mas seu grande objetivo era descobrir a origem e o tratamento das febres das ilhas, e estava determinado a fazer isso.

O rufar dos tambores tinha começado. Cougabel achava-se fechada no quarto. Eu sabia que ela, como as outras moças e homens que iriam tomar parte no ritual, estava-se preparando num frenesi de excitação.

Em todo lugar que fôssemos ouvíamos os tambores. Eles estavam calmos... como que murmurando, nas primeiras horas, mas não levaria tempo para que o barulho começasse a aumentar.

Deitei na cama e imaginei se Cougabel viria para me dizer que estava com ciúme. Tinha visto seu olhar e tinha ficado alarmada. Por uns instantes, achei que não me surpreenderia se ela pegasse uma daquelas espadas primitivas que os ilhéus usavam e a enfiasse dentro do meu coração. Sim, ela tinha mesmo um aspecto de criminosa, como se estivesse tramando algum plano para se vingar de mim por tê-la negligenciado.

Pobre Cougabel! Quando éramos crianças, quase não notávamos que éramos

diferentes. Tínhamos sido ótimas amigas, irmãs de sangue, e éramos felizes juntas. Eu devia ter sido mais carinhosa com ela, mais cuidadosa. Não imaginei que pudesse ficar tão ressentida comigo, mas devia ter sabido disso, já que ela fora para a montanha quando eu estava para ir para o colégio.

A batida dos tambores não nos deixou dormir a noite toda, e estávamos todos inquietos em casa; meu pai zangado por eles estarem voltando àquele costume primitivo; minha mãe ansiosa por causa dele, e eu preocupada com Cougabel e ao mesmo tempo excitada com as insinuações de minha mãe em relação a Philip.

Eu pensava no futuro naquela noite, e me parecia que havia grande possibilidade de Philip vir morar conosco. Isto mudaria tudo. Seria realmente verdade que ele estava apaixonado por mim e que queria casar-se comigo e viver conosco na ilha?

Era um plano agradável, mas que certamente devia ser posto de lado por algum tempo. Eu ainda tinha de cursar um ano no colégio.

Como eu gostaria que aqueles tambores parassem.

Continuaram por todo o dia seguinte. Agora, podíamos sentir o cheiro de comida sendo cozinhada naquela clareira, onde Wandalo tinha sua casa. Estávamos esperando que ficasse escuro e que subitamente os tambores cessassem, o que era tão dramático quanto o barulho deles. Finalmente, veio o silêncio.

Estava escuro. Imaginei tudo, embora nunca tivesse visto.

Deveríamos permanecer em casa, tinha dito meu pai. Ele não sabia como reagiriam vendo um estranho no meio deles; apesar de termos vivido Já por tanto tempo, éramos estranhos numa noite como aquela.

Tentamo-nos comportar como de hábito, mas não era fácil. Laura veio a meu quarto.

— É tão emocionante, Suewellyn — disse. — Nunca tive umas férias como estas.

— Você me proporcionou umas ótimas em sua fazenda.

— Fazendas são coisas comuns — falou. — Aqui é tão estranho... tão diferente de tudo que já vi antes. Philip está absolutamente louco por este lugar. — Olhou para mim e sorriu. — Tem muitos atrativos. Prometa-me uma coisa, Suewellyn.

— É melhor ouvir antes de responder.

— Você me convida para o seu casamento e eu a convido para o meu. Não importa o que aconteça, iremos.

— Isto é fácil — disse. Falei despreocupada. Não tinha idéia de como aquela promessa seria tão importante.

— Não vou voltar para o colégio.

— Vai ser terrível sem você.

— Nesta época, no ano que vem, será sua vez de ir embora.

— Que sorte eu tive em conhecê-la! Só tenho uma queixa. Você devia ter nascido um ano depois, e assim nós duas poderíamos deixar o colégio juntas. Preste atenção.

O silêncio tinha acabado. Os tambores começavam a bater de novo.

— Isto significa que os festejos acabaram. Agora, a dança vai começar.

— Gostaria de poder assistir.

— Não. Meu pai e minha mãe viram uma vez. É perigoso. Se tivessem sido descobertos só Deus sabe o que lhes poderia ter acontecido. Meu pai está certo; de fato, o velho Wandalo deu a entender que ficariam muito zangados. Achariam que o Gigante Resmungão não estava satisfeito e que alguma coisa terrível aconteceria. O Gigante comandaria tudo; é claro que através de Wandalo. — Olhei em der-redor. — Onde está Philip?

— Não sei. Disse que ia até o hospital.

— Para quê? Ainda não está pronto.

— Ele gosta de ficar lá e planejar toda sorte de coisas. Sim, foi para lá que disse que ia.

Fiquei com medo, Philip estava muito interessado nos velhos costumes. Será que teria ido ver a dança? Era perigoso. Ele não imaginava como era perigoso. Não tinha vivido com aquele povo. Só os tinha visto gentis e dispostos a agradar. Não conhecia o outro lado da natureza deles. Eu imaginava o que fariam a alguém que fosse descoberto espiando a festa deles.

— Ele nunca iria lá — disse Laura, lendo meus pensamentos.

— Não, claro que não — concordei. — Meu pai explicou que seria perigoso.

— Isso não o deteria — falou Laura. — Mas, se achasse que aborreceria seu

pai, ele não iria.

Fiquei satisfeita.

Sentamo-nos juntas por algum tempo. Ouvimos os tambores atingirem um crescendo e depois fazerem silêncio.

O que significava que a clareira estaria sem ninguém, a não ser os idosos; os moços teriam agora desaparecido no interior da floresta. O silêncio criava uma tensão maior do que o barulho. Fui para cama, mas não consegui dormir.

Um instinto me fez levantar e ir até a janela. Vi Philip. Ele vinha da direção do hospital. Andava silenciosa e furtivamente.

Tinha certeza de que estivera observando os dançarinos. Pude entender que tivesse achado irresistível, apesar do conselho de meu pai.

Cougabel me acordou na manhã seguinte. Estava com sua tanga de nativa, e com as conchas e amuletos em volta do pescoço.

Achava-se diferente. Estivera na festa na noite passada.

Rindo, chegou perto de mim e sussurrou:

— Sei que ter a semente do Gigante dentro de mim, ter filho de Gigante.

— Bem, Cougabel — falei — teremos de esperar para saber.

Ela se acocorou no chão e olhou-me na cama. Sorria, e sua expressão distante indicava que estava pensando na noite anterior.

Cougabel tinha-se tornado mulher. Tinha tido a grande experiência da Máscara, e acreditava, como supunha que todas as outras mulheres acreditassem até saberem se estavam grávidas ou não, que carregava a semente do Gigante dentro dela.

Gougabel estava certamente confiante. Ficou-me olhando como se tivesse triunfado.

Mais tarde, naquele dia, vi Philip sozinho e lhe disse:

— Vi você entrar ontem à noite.

Ele pareceu sem graça.

— Seu pai me avisou — falou.

— Mas você foi.

— Detestaria que seu pai soubesse.

— Não direi a ele.

— Era uma coisa que não poderia perder de modo algum. Quero compreender este povo. E como se pode compreendê-lo melhor do que numa noite como essa que passou?

Concordei. Afinal de contas, meu pai tinha assistido a uma Noite das Máscaras. E minha mãe também. Tinham-se escondido, um de cada vez. E papai dissera na ocasião: "Acham-se realmente absortos demais com o que estão fazendo para procurar espiões."

— Eu vou voltar, você sabe — continuou Philip.

— Oh, Philip, estou contente — respondi, calorosamente.

— Oh, sim. Já me decidi. Vou trabalhar com seu pai. Mas primeiro tenho de estagiar um ano no hospital de Sydney. Àquela altura, Suewellyn, você terá terminado o colégio.

Fiz que sim com alegria. Equivalia a concordar.

Quando voltei para Sydney, senti falta de Laura. Fiz uma visita à fazenda. Havia um novo administrador lá, e ele e Laura tinham ficado muito amigos. Achei que estavam apaixonados, e quando falei sobre isso com Laura, ela não negou.

— Você irá dançar no meu casamento antes de eu dançar no seu — falou.
— Não se esqueça de nossa promessa.

Disse-lhe que não me estava esquecendo.

Philip não se encontrava lá. Trabalhava no hospital e não podia sair.

Quando voltei de férias à ilha, já era quase hora de Cougabel ter o bebê. Era um nascimento muito especial, porque iria acontecer nove meses depois da Noite das Máscaras e, até aquela época, disse-me com orgulho, ela era virgem; não podia haver dúvida de quem era a criança.

— Ela criança da Máscara e ela ter criança da Máscara — disse Cougaba com orgulho.

Era lógico que Cougaba iria continuar pensando que nós todos aceitávamos o fato de Cougabel ter sido concebida numa noite da dança, embora ela própria nos tivesse dito que a menina era filha de Luke Carter. Essa era a característica dos ilhéus que achávamos exasperante. Eles afirmavam uma coisa como verdade; e diante de uma prova absoluta de inverdade, continuavam teimosamente a acreditar

nela.

Eu tinha trazido um presente para o bebê, pois estava aflita para me redimir aos olhos de Cougabel por minha negligência do passado. Ela me recebeu regamente e aceitou a corrente de ouro e o berloque que tinha trazido de Sydney como se, segundo minha mãe, estivesse recebendo incenso e mirra, além do ouro. Não havia dúvida de que Cougabel tinha-se tornado uma pessoa muito importante. Ainda vivia em nossa casa, mas minha mãe disse que não ficaria com ela, pois, quando a criança nascesse, encontrar-lhe-iam um marido e nós não podíamos ter certeza de que ele seria muito aceitável. Uma moça da Máscara, e portanto segura da proteção especial do Gigante, e ela própria tendo nascido da Máscara, como acreditavam, seria uma esposa muito respeitável. Cougabel era uma das belezas da ilha, e podia contar com muitas propostas.

Disse a Cougabel como estava contente por ela.

— Eu contente também — falou, mostrando-me claramente que não estava mais ansiosa por minha companhia como estivera antes.

Uma noite fui perturbada por ruídos estranhos e por um som de passos apressados próximo a meu quarto. Vesti um robe e saí para investigar. Minha mãe apareceu. Pegou em meu braço e levou-me de volta ao quarto, fechando a porta.

— Cougabel está tendo o filho — disse.

— Tão cedo?

— Cedo demais. A criança está um mês adiantada.

Minha mãe estava misteriosa e, ao mesmo tempo, preocupada.

— Sabe o que isto significa, Suewellyn. Dirão que a criança não foi concebida naquela noite.

— Não poderia ser prematura?

— Poderia, mas você sabe como estas pessoas são. Dirão que o velho Gigante não a deixaria nascer antes do tempo. Oh, querida, isso pode vir a ser um problema. Cougaba está terrivelmente preocupada. Não sei o que faremos.

— É tudo tão sem sentido. Como está Cougabel?

— Ela está bem. Ter filho é fácil para as pessoas que vivem junto à natureza.

Ouviu-se uma batida na porta. Minha mãe abriu-a e viu Cougaba de pé. Olhava para nós com olhos desorientados.

— O que aconteceu? — perguntou minha mãe, apressadamente.

— Vem — disse Cougaba.

— A criança está bem? — perguntou minha mãe.

— Criança grande, menino forte.

— Então Cougabel...

Cougaba meneou a cabeça.

Fomos ao quarto onde Cougabel se achava deitada, triunfante mas um pouco cansada. Minha mãe estava certa. As mulheres da ilha não se preocupavam muito com o parto.

Lá estava a criança perto dela. O cabelo era castanho escuro e liso, bem diferente do cabelo grosso e crespo dos bebês de Vulcão; mas a pele dele é que se mostrava assombrosa. Era quase branca, e aquilo juntamente com o cabelo liso deixava claro que o menino tinha sangue branco.

Olhei para Cougabel. Ela estava deitada com um estranho sorriso nos lábios, quando seus olhos encontraram os meus.

Houve uma consternação na casa. Primeiro, minha mãe disse que ninguém deveria saber que o bebê tinha nascido. Foi imediatamente falar com meu pai.

— Uma criança com parte de sangue branco! — gritou. — Meu Deus, isto é um desastre. E nascida antes do tempo.

— É claro que poderia ser prematura — lembrou-lhe minha mãe.

— Eles nunca aceitarão isto. Podia ser desastroso para Cougabel... e para nós. Dirão que ela já estava grávida antes de ir para a Máscara e você sabe que isto é um pecado passível de morte, aos olhos deles.

— E o fato de a criança ter parte de sangue branco...

— Cougabel tem sangue branco, lembre-se.

— Sim, mas...

— Você não acredita que Philip... oh, não, isto é absurdo — continuou meu pai. — Mas quem mais? É certo que o pai de Cougabel era branco e isto poderia contar geneticamente, nascendo um filho ainda mais claro do que ela. *Nós* sabemos disto, mas o que faremos com os habitantes da ilha? Uma coisa é certa. Ninguém de fora desta casa deve saber que a criança nasceu. Cougaba terá de guardar segredo. É só por um mês. Explique a ela. É necessário, estou certo... para todos nós.

E assim fizemos. Não foi fácil, pois o nascimento do filho de Cougabel era aguardado com ansiedade. Grupos de pessoas juntavam-se do lado de fora da casa. Colocavam conchas em volta e muitas delas iam ao alto da montanha prestar homenagem ao Gigante, cujo filho acreditavam estar por nascer.

Cougaba disse-lhe que Cougabel precisava de repouso. O Gigante tinha vindo dizer-lhe em sonho, e falou-lhe que o nascimento seria difícil. Dar à luz um filho dele não era como dar à luz a qualquer um.

Felizmente, eles aceitaram aquilo.

Meu pai, sempre pronto para tirar vantagem de um drama, ordenou a Cougaba que dissesse às pessoas que o Gigante tinha vindo a ela em outro sonho, desta vez lhe dizendo que a criança traria um sinal para eles. Iria informar-lhes sobre o que sentia em relação às mudanças que estavam ocorrendo na ilha. Apesar de suas demonstrações de selvageria, eu sabia que Cougabel estava preocupada. Ela conhecia seu povo melhor do que nós, e não tinha dúvida de que o nascimento prematuro não seria tão comprometedor aos olhos deles quanto a cor da criança. Assim, tanto ela quanto Cougaba estavam prontas a seguir as ordens de papai.

A única coisa a fazer era manter em segredo o nascimento por um mês. Em face da credulidade dos ilhéus, aquilo não foi tão difícil como a princípio se pensava. Cougaba só tinha de dizer que o Gigante ordenara isto ou aquilo, e tudo era aceito.

Mas como ficamos aliviados quando pudemos mostrar o bebê à multidão que estava à espera! Todos os nossos esforços foram recompensados.

Até mesmo Wandalo teve de admitir que a cor da criança nunca indicava que o Gigante estava satisfeito com o que ocorria na ilha. Ele estava gostando da prosperidade.

— E mais ainda — disse minha mãe exultante — ele parou com aqueles resmungos miseráveis dele. Não podia ter sido mais oportuno.

Assim, emergimos da delicada situação. Mas, apesar da assertiva de meu pai de que não era raro que uma pessoa de cor que tivesse tido pai branco gerasse um filho de cor clara, fiquei pensando em Philip. Voltavam-me, de quando em vez, cenas dele e Cougabel rindo juntos.

Acho que meu sentimento em relação a Philip mudou naquela época. Ou talvez eu estivesse mudando. Estava ficando mais velha.

CAPÍTULO 5

Susannah na ilha Vulcão

Logo depois disso fui para o colégio cursar meu último período, e quando voltei Philip estava instalado na ilha.

Estar de novo com ele me reassegurou de que minhas suspeitas eram infundadas. Cougabel tinha enfiado aqueles pensamentos em minha cabeça e tinha feito isso deliberadamente. Lembrava-me de ouvir Luke Carter dizer que os ilhéus eram vingativos e que nunca deixavam de se vingar. Eu tinha feito Cougabel ficar ciumenta e, conhecendo meus sentimentos em relação a Philip, ela estava descontando em mim através dele.

Menina boba!, pensei. E ainda mais tolo era ter-me permitido acreditar no que acreditei por algum tempo.

O bebê crescia. Os ilhéus trouxeram-lhe presentes e Cougabel estava deliciada com ele. Levou-o à montanha para agradecer ao Gigante. Fiquei pensando que, quem quer que Cougabel fosse, era muito corajosa, pois tinha enganado o povo e ainda ousava ir à montanha agradecer ao Gigante.

— Mas talvez ela lhe estivesse agradecendo por estar livre daquela situação difícil — sugeri minha mãe. — Porém, de fato, deveria estar agradecendo a nós.

Fui muito feliz durante os meses que se seguiram. Philip se tornara um membro da família. Eu terminara o colégio, e meus pais estavam mais felizes do que nunca, exceto naqueles raros momentos que minha mãe mencionara. Via agora que ambos estavam em paz. À medida que o tempo passava o perigo diminuía, e a grande ansiedade deles era por minha causa. Agora sabia que pensavam que eu devia casar-me com Philip e me estabelecer na ilha para o resto da vida. Eu não teria de ficar confinada como eles tinham ficado. Poderia fazer viagens à Austrália e à Nova Zelândia, e talvez ir à Inglaterra numa estada longa. A ilha prosperava. Em breve, tomar-se-ia uma comunidade civilizada. Era o sonho de meu pai. Ele queria mais médicos e enfermeiras; eles se casariam, falou, e teriam filhos...

Oh, sim, aqueles eram os sonhos dele e de minha mãe; mas o fato de acreditarem que meu futuro estava estabelecido é que os deliciava mais.

Havia outro problema. Eu tinha reparado que um dos supervisores da plantação, um rapaz alto e bonito, estava constantemente perto de nossa casa,

esperando para ver Cougabel. Gostava de pegar no bebê e embalá-lo nos braços.

Falei a minha mãe:

— Creio que Fooca é o pai do bebê de Cougabel.

— Já pensei também nisso — respondeu minha mãe, rindo. Ela andava rindo muito naqueles dias. — Pode imaginar como aconteceu — continuou. — Eles eram amantes. Cougabel provavelmente sabia que estava grávida na noite da dança. Que criaturazinha ardilosa! Realmente, tem-se que admirá-la. Essa menina é inteligente. Luke Carter era um sujeito sabido, e acho que passou algumas de suas características para a filha. Foi incrível o modo com que virou essa situação para tirar vantagem dela.

Então, rimos do ardil de Cougabel e, quando Fooca veio a Cougaba e se ofereceu para casar-se com ela, ficamos todos encantados.

Cougabel era assim.

Como ela tinha morado em nossa casa, permitiram-nos assistir ao casamento. Ela ficou por toda a noite numa das choupanas com quatro moças solteiras escolhidas — todas virgens — que a untaram com óleo de coco e trançaram seu cabelo. Fooca ficou em outra cabana com quatro rapazes que cuidaram dele. Então, no final da tarde foi realizada a cerimônia no meio da clareira. As moças trouxeram Cougabel para fora da choupana e os rapazes trouxeram Fooca. Cougaba ficou lá segurando o bebê, que lhe foi tirado solenemente e passado por duas mulheres para Cougabel. A noiva e o noivo se deram as mãos, enquanto Wandalo entoava alguma coisa ininteligível para nós, e Cougabel e Fooca pulavam por cima de um tronco de palmeira. Era um tronco que estava guardado na choupana de Wandalo e que supostamente teria sido atirado da cratera do Gigante há anos, quando ele destruiu quase que toda a ilha. O tronco tinha durado muito tempo, e assim devia ser o casamento.

Era simbólico.

Depois disso, houve festejos e dança na clareira embora não com o frenesi que tinha lugar por ocasião da Dança das Máscaras.

Depois de assistirmos à cerimônia de se pular sobre o tronco, Philip e eu fomos passear na praia. Os cantos do casamento tinham começado e podíamos ouvi-los a distância. Sentamo-nos na areia e olhamos o mar. Era uma cena bonita. As folhas dos coqueiros ondulavam ligeiramente na brisa aromática que vinha através da água; o Sol, que estava por se pôr, tinha colorido as nuvens de vermelho-sangue. Atrás de nós, assomava o poderoso Gigante.

— Nunca sonhei que pudesse haver um lugar assim na Terra — falou Philip.

— Você vai estar contente aqui? — perguntei.

— Mais do que contente — disse, virando-se de lado, apoiado no cotovelo e olhando para mim. — Oh, estou muito feliz de você e Laura terem ficado amigas. Se não fosse isso, você nunca teria ido à fazenda e nós não estaríamos assim agora aqui. Pense nisso...

— Estou pensando.

— Oh, Suevellyn — murmurou — que tragédia teria sido.

Ri. Estava muito feliz.

— O que você acha de Cougabel? — Indaguei de repente.

A suspeita ainda pairava, embora estivesse quase acreditando que era tudo uma tolice. Mas queria falar no assunto. Queria estar segura.

— Oh, ela é uma leviana — falou. — Eu não me surpreenderia se desse muito que fazer a... como se chama ele? Foooca?

— Ela é considerada muito bonita. Esse pessoal é de um modo geral bonito, mas ela sobressai por ser diferente, você sabe. Aquele toque de sangue branco...

— Ah, sim, seu pai andou-me dizendo que o pai dela era um homem que morava aqui.

— É. Ficamos chocados quando o bebê nasceu. Ele é ainda mais claro do que Cougabel.

— Isso, às vezes, acontece. O próximo bebê pode vir a ser bem preto. Depois, talvez ela tenha outro mais claro.

— Bem, ela já pulou por cima do tronco agora.

— Boa sorte para ela — disse Philip. — Boa sorte para todos na ilha.

— Agora é o seu futuro.

Ele pegou minha mão, e depois disse:

— Sim. Meu futuro... nosso futuro.

O Sol estava caindo. Ficamos olhando. O Sol parecia sempre desaparecer muito rápido. Era como que uma grande bola vermelha mergulhando no mar. Tinha ido embora. Veio a noite. Não houve crepúsculo, o que me lembrava vagamente só ter acontecido na minha infância, na Inglaterra.

Philip levantou-se. Estendeu a mão para me ajudar e eu dei a minha.

Pôs o braço à minha volta, quando caminhávamos para casa.

Podia ouvir os cantos da festa de casamento, e achei que tudo ia bem no mundo.

Passou-se uma semana. O navio devia estar chegando a qualquer hora. Meu pai mostrava-se ansioso. O barco traria os suprimentos de que estava precisando.

Traria também correspondência. Não que recebêssemos muita, mas Laura escrevia bastante e havia geralmente uma carta dela para mim.

Fiquei pensando como ela estaria indo com seu romance e se iria realmente casar-se antes de mim. Tinha certeza de que Philip me amava e me pediria em casamento. Não sabia por que ele hesitava. Eu tinha feito 17 anos, mas talvez ele ainda me considerasse muito criança. Talvez parecesse mais moça do que na realidade era, porque passara tanto tempo da minha vida fechada do mundo. Entretanto, embora ele fizesse alusões ao futuro, ainda não me tinha pedido que casasse com ele.

Era assim que as coisas estavam, quando o navio chegou.

Acordei uma manhã e lá estava ele na baía, branco e luzidio. Achava-se a cerca de uma milha de distância, pois ao derredor da ilha estava muito raso para que se aproximasse mais.

Havia a excitação de sempre, porém não mais do que o normal. Olhando para trás, maravilho-me mais uma vez com o fato de o destino não dar aviso prévio quando um grande acontecimento vem mudar toda a vida de uma pessoa. Os escaleres do navio estavam sendo descidos e as canoas da ilha já corriam em sua direção. Como os ilhéus se deleitavam naqueles dias em que o navio chegava! O barulho e a tagarelice eram imensos, e nós quase não nos ouvíamos quando falávamos.

Meus pais e eu estávamos de pé na praia, prontos para receber os escaleres, quando, para nossa surpresa, vimos alguém sendo ajudado a entrar em um dos pequenos barcos. Era uma mulher. Descia pela escada oscilante, auxiliada por dois marinheiros. Acomodou-se para ser levada até a praia.

— Quem poderia ser? — disse Anabel. Nossos olhos estavam fixos no escaler que se aproximava. Agora, podíamos vê-la com mais clareza. Era jovem e usava um chapéu grande, enfeitado de margaridas. Era um chapéu muito elegante.

Virara-se para nós. Tinha-nos visto. Levantou uma das mãos de modo muito

majestoso, como se soubesse quem éramos.

O escaler tocou a areia. Um dos marinheiros tinha pulado para fora. Deu-lhe a mão e ela se levantou. Era mais ou menos da minha altura, bastante alta, e estava vestida com uma roupa de seda. Achei-a bonita, e parecida com alguém que eu conhecia.

E de repente me dei conta. Era como que olhar num espelho — um espelho não muito fiel — e me ver refletida de forma envaidecedora. A pessoa com quem ela se parecia era eu mesma.

O marinheiro a tinha tirado do barco, carregando-a para que não molhasse os pés.

A jovem ficou lá de pé, olhando-nos, com um sorriso nos lábios. Em seguida, disse:

— Sou Susannah.

Acho que todos pensamos que estávamos sonhando... todos, exceto Susannah. Achava-se completamente senhora da situação.

Meus pais pareciam atordoados. Anabel ficou olhando para ela como se não pudesse acreditar que aquilo fosse verdade.

Ela notou. Cheguei à conclusão de que Susannah percebia tudo. E achava a situação divertida.

— Tinha de vir ver meu pai — falou. — Assim que soube para onde vir, parti. E Anabel... lembro-me de você. E quem...

— Nossa filha — disse Anabel. — Suewellyn.

— Sua filha e... — Ela olhava para o pai.

— Sim — falou ele. — Nossa filha Suewellyn.

Susannah fez que sim lentamente, sorrindo. Depois, olhou diretamente para mim.

— Somos irmãs... meias-irmãs. Não é emocionante? Incrível descobrir que se tem uma irmã a essa altura da vida.

— Eu sei de sua existência — falei.

— Oh, vantagem injusta! — Seus olhos continuaram nos meus. — Nós somos iguais, não somos?

Tirou o chapéu. Usava uma franja na testa.

— Somos irmãs mesmo — continuou. — E podíamos nos parecer mais se... nos vestíssemos igual. Oh, é emocionante. Como estou contente de finalmente tê-los encontrado!

Os marinheiros puseram a bagagem de Susannah na areia, a seu lado.

— Veio para ficar? — indagou Anabel.

— Para fazer uma visita. Se vocês me quiserem hospedar. Vim de muito longe.

— Vamos para casa — disse Anabel. — Teremos muito o que conversar.

Susannah foi até meu pai e passou o braço pelo dele.

— Está contente de eu ter vindo? — perguntou.

— Claro.

— Estou muito feliz. Lembro-me de você... e de Anabel.

— Sua mãe... — começou ele.

— Ela morreu... mais ou menos há três anos. Teve pneumonia. Sim, tenho muito para lhe contar.

Diversos meninos e meninas tinham vindo ver a recém-chegada. Meu pai gritou para eles:

— Venham cá. Dêem-me uma mão com as malas.

Eles deram uma risadinha e vieram correndo, deliciados por poderem fazer parte da aventura.

E, assim, entramos em casa, com nossas emoções em torvelinho.

Philip já estava lá. Saiu quando ouviu que chegávamos. Quando viu Susannah, parou e ficou olhando fixo.

— Esta é a filha de meu marido — disse Anabel. — Veio da Inglaterra para nos ver.

— Que interessante — disse ele, chegando à frente.

Susannah estendeu a mão.

— Como vai?

— Este é o Dr. Halmer — apresentou meu pai. — Dr. Halmer, Susannah Mateland.

— E você veio para ficar? — perguntou Philip.

— Espero ficar por algum tempo. É muito longe para passar só um dia. Creio que o navio parte amanhã. Espero que gostem de mim o suficiente para não me mandarem de volta nele.

— Você se parece muito com...

Ela virou-se e me deu um sorriso.

— É natural. Temos o mesmo pai.

Entramos todos. Cougaba apareceu com Cougabel. Certamente esta encontrava-se visitando a mãe e estava carregando o bebê, cujo nascimento estava longe de nos trazer satisfação.

— Cougaba — disse Anabel — nossa filha chegou da Inglaterra. Quer preparar um quarto para ela?

— Sim, sim, sim — disse Cougaba. — Cougabel, vem ajudar.

Cougabel deixou-se ficar por um momento, com o bebê nos braços, olhando de mim para Philip; e, em seguida, fitou demoradamente Susannah. Depois, saiu.

— É uma casa agradável — disse Susannah.

— Melhorou muito desde que chegamos — respondeu meu pai.

— Deve ter sido mais ou menos há onze anos. Lembro-me que tinha sete anos quando... você foi embora.

— Foi há onze anos — disse Anabel baixinho. — Você deve estar com sede. Deixe-me ver alguma coisa para você beber, enquanto Cougaba arruma seu quarto.

— Cougaba! É a mulher de ar maléfico que me olhou como se eu fosse um demônio saído das portas do inferno?

— Cougaba é a mais velha — respondi.

— Oh, refiro-me à moça com o bebê. Imagino que sejam empregadas. Queria encontrá-los há tanto tempo. Foi tão repentino... o desaparecimento de vocês.

Minha mãe trouxe um pouco de limonada com umas ervas que encontrou; elas davam um sabor especial e delicioso à bebida, tornando-a muito refrescante.

— Jantaremos dentro de uma hora — disse Anabel. — Está com fome? Quer que eu sirva mais cedo?

Susannah disse que não. A bebida era refrescante, e uma hora ou pouco mais estaria perfeitamente bem. Ela olhava meu pai com um ar muito maroto.

— Imagino que esteja pensando como o encontrei. O velho Simons, que vê todos os seus negócios, morreu no ano passado. Seu filho Alain ficou em seu lugar. Fiz com que ele me contasse o segredo. Não disse a ninguém, mas estava determinada a vir vê-lo.

— Como é que Jessamy morreu? — perguntou Anabel.

— Foi durante um inverno rigoroso, há três anos. Nevou no castelo durante várias semanas. Você sabe como o vento zune naqueles corredores. É o lugar mais ventoso que já vi. Bem, foi demais para minha mãe. Sempre teve problema no pulmão. Elizabeth Larkham — lembra-se de Elizabeth Larkham? — morreu uns meses depois, da mesma coisa. Muitas pessoas sofreram durante todo o inverno.

— E como ficou sua mãe quando... — começou Anabel.

Susannah deu aquele sorriso um tanto misterioso que eu já tinha notado.

— Quando vocês partiram? — perguntou. — Oh, arrasada! Ficou bastante doente. Outra de suas gripes, que se transformou em bronquite. Ficou doente demais para pensar em qualquer coisa que não fosse sua respiração. Ouvi-a dizer que isso a ajudou a não morrer de melancolia.

Anabel fechou os olhos. Susannah estava abrindo uma velha ferida e enfiando a faca fundo nela.

— Entretanto — continuou ela — isto tudo é passado. As coisas estão diferentes no castelo agora.

Cougabel veio para dizer que o quarto estava pronto. Só teve de fazer a cama, falou; olhou para Susannah e continuou:

— Quartos sempre limpos nesta casa. Mamabel gostar assim.

— Que coisa boa — disse Susannah.

Cougabel encolheu os ombros e deu uma risadinha.

— Deixe-me levá-la a seu quarto — falei. Achei que meus pais gostariam de ficar sozinhos por algum tempo para discutir sobre aquele acontecimento chocante. Philip perceberia isso. Era muito sensível e daria uma desculpa para deixá-los, pensei.

Susannah levantou-se com alegria. Acho que estava ansiosa por ficar sozinha comigo. Quando chegamos ao quarto, deu uma olhada apressada à volta e virou-se para mim. Eu a interessava claramente muito mais.

— Não é... divertido? — falou. — Não sabia que encontraria uma irmã.

Sacudiu o cabelo e olhou-se no espelho. Riu e veio até onde eu estava. Pegando meu braço, levou-me até ele e ficamos lado a lado.

— É uma semelhança grande — falou.

— Bem, talvez.

— O que quer dizer com... talvez? Bem, vou-lhe dizer, irmã, que se cortar a franja... se você fosse um pouco menos séria... Entende o que quero dizer? Ei, você tem até uma pinta no mesmo lugar. Imagine só!

Olhei para a pinta. Havia-me esquecido que há muito tempo ela tinha significado muito para mim, quando Anthony Felton me atormentava por causa dela.

— Chamo-a de pinta da beleza — continuou Susannah.

— É mais escura do que a minha — falei.

— Querida e inocente Suewellyn! Confesso para você e só para você. Eu a escureço um pouco com um lápis especial que tenho para isso. Tenho dentes perfeitos... você também, irmã... e a pinta, sendo onde é, chama atenção para eles. É por isso que costumavam fazer sinais antigamente. Gostaria que ainda fizessem. Que divertido você ter um sinal bem no mesmo lugar. Vamos fazer o seguinte. Retoco o seu para acentuá-lo e nós nos vestiremos uma como a outra. Oh, é emocionante tê-la encontrado, Suewellyn.

— Sim — falei —, é.

— Você tem de me mostrar a ilha. Gostei do médico. Você vai casar-se com ele? É bem bonitão, não é? Não tão distinto como nosso pai, mas também é difícil que alguém se compare a um Mateland. Não concorda?

— Acho Philip bonito — falei. — E não estamos noivos.

— Não... ainda não — disse ela.

Tinha a sensação de que Susannah podia ver através de mim. Ela me fascinava e, ao mesmo tempo, fazia-me sentir muito sem jeito. Meus pensamentos estavam tão tumultuados e eu me achava tão extasiada com a aparição dela que quase não conseguia assimilar o que ela dizia. Ela era como eu e, ao mesmo tempo, muito diferente. Era o que eu poderia ter sido, se tivesse vivido num mundo

diferente... um mundo de castelos e de vida elegante. Era aquela a diferença. Susannah transpirava segurança; sabia que era fascinante e bonita e, porque acreditava nisso, era. Seus traços pareciam tanto com os meus que ela não podia ser tão mais bonita do que eu, a não ser pelo fato de acreditar tanto nisso. De repente, dei-me conta de que podia ter sido exatamente como ela.

Olhava-me pelo espelho e mais uma vez tive aquela sensação desagradável de que podia ler meus pensamentos. Continuou, como se eu tivesse falado.

— Sim, somos iguais... se considerarmos os traços. Seu nariz é só um pouquinho mais comprido do que o meu. Mas nariz é importante. Lembra-se de Cleópatra? Se o nariz dela fosse um mínimo maior, ou menor, teria mudado a história do mundo, segundo dizem, não é? Bem, não acho que a diferença dos *nossos* narizes mude tanto as coisas. Pareço um pouco mais desembaraçada do que você... mais atrevida, mais irreverente. Porém talvez seja por causa da minha educação. Nossa boca é diferente também. A sua é mais doce... uma boca parecida a um botão de rosa. A minha é mais larga... mostra que gosto das boas coisas da vida. Nossos olhos... do mesmo formato, com a cor ligeiramente diferente. Você é um pouco mais loura do que eu. Olhando-nos assim, a semelhança não é tão impressionante, mas se estivéssemos arrumadas... se uma fizesse as vezes da outra... oh, seria diferente. Vamos fazer um dia, Suewellyn. Veremos se podemos enganá-los. Acho que não enganaríamos Anabel. Estou certa de que conhece cada centímetro do seu rosto. Você é a menina dos olhos dela, não é? Sabe que sempre tive consciência de que Anabel escondia algum segredo? É difícil olhar para trás depois de tantos anos. Você consegue, Suewellyn?

— Sim, consigo.

— E você estava escondida, não estava? E imagino que na noite em que meu pai matou Tio David eles surgiram e carregaram-na com eles para esta ilha deserta. Que vidas emocionantes têm os Matelands, não é?

— À desta aqui não pode ser descrita assim.

— Pobre Suewellyn, precisamos mudar isto. Temos de tornar sua vida mais divertida.

— Imagino que você deva ser o tipo de pessoa a quem acontecem coisas emocionantes.

— Só porque faço com que sejam. Vou mostrar-lhe como pode fazê-las acontecer com você, irmãzinha.

— Não tão pequena — respondi. — Mais moça. Quanto? Você sabe?

Comparamos nossos aniversários.

— Oh, sou a mais velha — falou. — Então, posso chamá-la de irmãzinha com razão. Então você ficou encafuada, não foi? E Anabel costumava visitá-la. Deve ter sido uma briga terrível a que tiveram naquela noite. Nunca me esquecerei que acordei de manhã sentindo que alguma coisa tinha acontecido. Houve uma incrível correria no castelo, e as empregadas recusaram-se a responder a minhas perguntas. Fiquei perguntando onde estava meu pai. O que tinha acontecido com Tio David? E minha mãe só lá na cama, como se estivesse morta como meu tio. Levou um longo tempo para que eu soubesse o que havia acontecido. Nunca dizem nada às crianças, não é? Não compreendem que o que se imagina pode ser muito pior do que o que realmente sucedeu.

— É difícil acontecer uma tragédia maior.

— Você sabia? Imagino que lhe tenham contado. Imagino que saiba a razão.

— Eles lhe contarão, se acharem que deve saber — falei e ela caiu na gargalhada.

— Você é muito orgulhosa, irmãzinha. Acho que sempre faz o que é correto e honrado, não é?

— Creio que não.

— Nem eu... se você é uma Mateland. Mas imagine o que senti tendo um pai assassino. Embora, é claro, não soubesse disso até mais tarde. Tive de descobrir por mim mesma... ouvindo por trás das portas. Os empregados estão sempre tagarelando. "Onde está meu pai? Por que não está mais aqui?" Vivia perguntando, e eles trancavam os lábios, mas eu sabia por seus olhos que tinham a maior vontade de me dizer. Não havia ninguém na clínica do médico, e os pobres doentes foram mandados embora sem assistência. E minha mãe, naturalmente... ficou doente. Não me dizia nada. Se me referisse a meu pai, seus olhos se enchiam de lágrimas. Mas consegui saber com Garth. Ele sabia de tudo e não conseguiu guardar segredo. Disse-me que eu era filha de um assassino; nunca me esqueci disto. Acho que teve satisfação em me dizer. Disse que a mãe dele me detestava, porque meu pai tinha matado Tio David. — Virou-se para mim e pôs a mão em meu ombro. — Estou falando muito — disse. — Sempre falo. Mas teremos muito tempo para conversar, não é? Há tanta coisa que lhe quero dizer... tanta que quero saber sobre você. O jantar será servido dentro de uma hora, como Anabel disse.

— Quer que eu a ajude a tirar as coisas da mala?

— Oh, vou apanhar alguma coisa e mudar de roupa agora. Você acha que a

mulher preta malévola me traria um pouco de água quente?

— Eu mando para você.

— Diga-lhe para não fazer bruxaria. Ela parece estar sempre maquinando algo.

— Na verdade ela é muito boazinha. Só tem de ter cuidado para não ofendê-la. Vou mandar a água quente e venho avisá-la quando o jantar estiver pronto.

— Que ótimo, irmãzinha.

Sai do quarto e só mais tarde me lembrei que a correspondência tinha chegado e que devia haver uma carta de Laura para mim.

Mesmo na hora de abrir o envelope, meus pensamentos ainda estavam em Susannah.

Minha querida Suewellyn,

Finalmente aconteceu. O casamento será em setembro. Vai coincidir bem com a chegada do navio. Você pode vir uma semana antes e me ajudar nos preparativos. É tão emocionante. Minha mãe quer um casamento grande. Os rapazes fingem que não estão emocionados, mas creio que já estão. Que bobagem!

Vou fazer um vestido branco. Os vestidos das damas de honra serão de um azul pálido. Você vai ser uma delas. Vou mandar fazer o vestido até certo ponto e só será necessário dar uma ajustada quando você chegar. Estou escrevendo também para Philip. Vocês podem viajar juntos. Oh, Suewellyn, estou tão feliz! Passei na sua frente, não foi?...

Pus a carta de lado. Na próxima partida do navio eu estaria pronta para ir. Philip poderia ir comigo. Podia ser que o casamento de Laura o fizesse pensar que eu estava tão crescida quanto sua irmã, e que era tempo de nos casarmos também.

Ria para mim mesma. Estava tudo indo tão naturalmente para seu lugar... ou tinha ido.

Tinha a impressão de que as coisas podiam mudar, agora que Susannah havia chegado.

Elas mudaram. A presença dela mudou o lugar. Havia muita excitação na ilha por sua causa. As meninas e as mulheres tagarelavam juntas sobre ela, e davam risadinhas quando passávamos. Os homens seguiam-na com os olhos.

Susannah se divertia ao sentir o interesse deles. Estava encantada de encontrar-se na ilha.

Ela era charmosa, afável e carinhosa; ainda assim, sua presença tinha um efeito sobre nós que era o oposto de bem-estar... Sabia que ela fazia com que Anabel se lembrasse de Jessamy e que aquilo lhe tirava a paz de espírito. Estava tão consciente agora do mal que causara a Jessamy como tinha estado no início.

— Minha pobre mamãe — dizia Susannah — estava sempre triste. Janet... lembra-se de Janet? Janet dizia que ela não tinha vontade de viver. Janet era impaciente. "O que está feito, está feito", costumava dizer. "Não adianta chorar sobre leite derramado." Como se perder o marido e sua melhor amiga pudesse ser comparado a uma jarra de leite derramado.

O riso de Susannah repercutia quando se lembrava de Janet e dava, acreditava eu, uma bela idéia de como ela era. Porém, por mais engraçado que fosse, trazia amargas recordações a Anabel. E meu pai?

— Chegou um médico novo em Mateland. As pessoas continuaram a falar de você durante anos... Era maravilhoso, não era? Pobre Vovô Egmont. Costumava ficar falando: "Perdi meus dois filhos de um só golpe." Fazia muita festa a Esmond depois de algum tempo, e convidava Malcolm a vir com mais frequência. Ficávamos imaginando se Malcolm seria o próximo na linha de sucessão. Não tínhamos certeza, porque Vovô Egmont se mantinha ressentido com o avô de Malcolm. Sempre gostou de mim, e umas pessoas diziam que eu seria a próxima, se Malcolm não tivesse filhos. Ele sempre gostou muito de moças... gostava mais delas do que de rapazes... — Ela riu. — É um traço dos homens que persiste há anos. Ele parecia perceber que as moças têm outras características além de beleza e charme. Costumava percorrer as terras comigo mostrando-me coisas e falando sobre elas comigo. Costumava dizer que nada era melhor do que ter dois cadarços para dar um laço. Garth costumava chamar Esmond, Malcolm e eu de Três Cadarços.

De alguma forma, na sua conversa aparentemente leve, ela encontrava o ponto ideal onde dar a alfinetada, e quando isso acontecia vinha a seu rosto uma tal expressão de inocência que ninguém acreditava que pudesse ter consciência do que estava fazendo.

Mostrava um grande interesse pelo hospital, mas dava sempre um jeito de depreciá-lo. Era maravilhoso ter um lugar assim numa ilha deserta, dizia. Podia ser uma parte de um hospital de verdade, não podia? Teriam de treinar aquelas pessoas de cor para serem enfermeiras, ela imaginava. Como era curioso!

Fazia com que tudo parecesse um pouco encenado. E eu notava que havia certa mudança em Philip. Ele não tinha mais aquela expressão enaltecida no rosto, quando falava sobre o trabalho que iriam fazer.

Eu ficava pensando se meu pai começava a sentir seu projeto como um sonho maluco.

Anabel e eu sentamo-nos em nosso lugar favorito embaixo dos coqueiros, à sombra do Gigante Resmungão, e enquanto olhávamos o mar translúcido verde-azulado e ouvíamos o suave quebrar das ondas na praia, Anabel disse:

— Gostaria que Susannah não tivesse vindo.

Fiquei quieta. Não podia realmente concordar, porque Susannah me excitava. As coisas tinham mudado desde que ela chegara e, embora visse que não se tinham tornado muito agradáveis, encontrava-me completamente fascinada por minha meia-irmã.

— Creio realmente — continuou — que estou sendo injusta. É natural que ela trouxesse recordações de coisas que gostaríamos de esquecer. Não se deve *culpá-la*. É que ela faz com que nós nos culpemos.

— É tão estranho para mim... e de certo modo tão emocionante — falei. — Às vezes, parece que estou olhando para mim mesma.

— A semelhança não é tudo que importa. As feições de vocês são idênticas. Lembro-me dela em criança. Ela era... maldosa. Não se nota muito isso nas crianças. Oh, como disse, estou sendo mesmo injusta.

— Ela é muito agradável com todos nós — falei. — Creio que quer que gostemos dela.

— Algumas pessoas são assim. Parecem não querer fazer mal aos outros... e de fato não fazem nada que se possa falar, mas, ao agirem, perturbam os outros com um ar de inocência. Nós todos mudamos nitidamente depois que ela chegou.

Pensei muito sobre aquilo. Por um lado, era verdade. Minha mãe tinha perdido seu bom humor exuberante; pensava muito em Jessamy, eu sabia. Meu pai também estava vivendo no passado. Tinha sido uma carga terrível a morte do seu próprio irmão. Nunca precisaria ser lembrado do que fizera, mas tinha iniciado sua redenção e dedicava-se a salvar vidas. E agora sua culpa se instalava pesadamente sobre ele. Além do mais, de alguma forma, o hospital tinha sido depreciado. Parecia uma brincadeira infantil, ao invés de um grande empreendimento.

Philip também tinha mudado. Eu não gostava de pensar em Philip. Acreditara que ele estava começando a me amar. Quando fui à fazenda pela primeira vez como a amiga de sua irmã, era uma garota de colégio para ele. Divertíamos-nos juntos, conversávamos e gostávamos das mesmas coisas. Fiquei fascinada com tudo que vi e gostei de ser introduzida no grande mundo. Mas ele tinha de ter-se

acostumado com a idéia de que eu estava crescendo. Achei que se acostumara, quando veio para a ilha. Eu havia, talvez presumidamente, pensado que era uma das razões de sua vinda. Meus pais também achavam isso. Tínhamos sido muito felizes e unidos. O pesadelo daquela experiência atemorizante que meus pais haviam passado diminuía, embora nunca pudesse desaparecer de todo. Agora, naturalmente, estava bem em cima deles, trazido por Susannah. Dificilmente podia ser culpada por aquilo, a não ser pelo fato de fazer parecer que tudo tinha acontecido ontem. Mas, e Philip? Como ela o mudara? O fato é que o tinha enfeitiçado.

Cougabel disse-me um dia, quando me encontrou nas escadas:

— Cuidado com ela, ela ser feiticeira, e fazer feitiço grande para Phildo.

Phildo era Philip. Tinha-se divertido quando ouviu ser chamado assim. Queria dizer Philip, o médico.

Cougabel pôs a mão no meu braço e me deu uma olhada expressiva, com aquele seu olhar límpido.

— Coubagel olhar você — falou.

Fiquei satisfeita, naturalmente, de estar em melhores termos com ela, mas preocupada com sua insinuação — e mais ainda porque sabia ser verdade.

Era natural que Philip se sentisse atraído por Susannah. Tinha sido atraído por mim, e Susannah era como eu, num invólucro mais brilhante. As roupas que usava, a maneira como falava e andava... era cativante. Podia imitá-la muito facilmente, mas não queria fazer isso. Ao mesmo tempo, era bem triste olhar e ver o interesse de Philip por mim minguar, enquanto crescia pelo charme mais sofisticado de Susannah.

Minha mãe estava fria com ele; meu pai, também. Devem ter discutido sobre a mudança, e começava a ocorrer-lhes que Susannah — sem querer fazer nada que não fosse agradar a todos — estava estragando nossos planos para o futuro.

Ela gostava de estar comigo, e eu me encontrava fascinada por ela, mas um pouco rejeitada.

Sentia ter sido transportada àquele dia mágico em que vira o castelo, quando fizera meus três pedidos. Não havia dúvida de que ela era obcecada pelo castelo também. Descrevia-o a mim em detalhes... quer dizer, o interior. A parte exterior estava impressa em minha memória para sempre.

— É maravilhoso — dizia — pertencer àquela família. Costumava sentar-me no grande *hall* principal, olhar o teto abobadado e os lindos entalhes da galeria dos

menestréis, e imaginar meus ancestrais dançando. A Rainha foi lá uma vez... A Rainha Elizabeth, você sabe. Está tudo nos arquivos. Os Tudor Matelands ficaram arruinados com a visita dela e tiveram de vender uns carvalhos do bosque para enfrentar as contas contraídas para diverti-la. Outro ancestral plantou outros quando foi recompensado, depois da Restauração, por ser leal a Charles. Estão todos na galeria. Oh, sim, é emocionante pertencer a tal família... mesmo que tenhamos ladrões, traidores e assassinos entre nós. Oh, desculpe. Mas não deve sentir muita pena do Tio David. Ele não era um homem muito bom. Aposto com você como meu pai teve uma ótima razão para enfrentá-lo em duelo. Além do mais, um duelo não é um crime, realmente. Os dois concordam em lutar e um ganha, só isso. Oh, gostaria que vocês todos não ficassem tão lúgubres quando falo em Tio David.

— Está na consciência de nosso pai há anos. Como se sentiria, se tivesse matado seu irmão?

— Não tendo nenhum, é difícil de dizer. Mas se matasse minha meia-irmã ficaria muito zangada comigo mesma, pois, para falar a verdade, gosto mais dela a cada dia que passa.

Falava coisas envolventes como aquela, e então acreditava-se que nunca tivera intenção de magoar.

— Tio David era um típico Mateland — continuou. — Nos tempos antigos ele teria atraído os viajantes e os levado para o castelo para se divertir com eles. Houve um que fez isso há muitos anos, na Era das Trevas. Tio David faria tudo pelas mulheres... um destino pior do que a morte e tudo o mais. Oh, sim, ele gostava de mulheres. Tinha sua amante bem nas barbas de Tia Emerald. Lembre-se de que ela era inválida, a pobre alma. E uma mulher muito difícil também. Quanto a Elizabeth... mas ela já morreu.

— E Esmond? — perguntei.

Sua expressão mudou.

— Vou contar-lhe um segredo, está bem, Suewellyn? Vou casar-me com Esmond.

— Oh, isso é maravilhoso.

— Como você sabe?

— Bem, se o ama... e foram criados juntos...

— Boas razões, mas há outra. Será que lhe conto? Você tem de adivinhar. Pode? Não, é claro que não pode. Você é boa demais. Foi criada pela doce

Anabel... que não foi tão doce para ter uma filha com o marido da sua melhor amiga.

— Por favor, não fale assim de minha mãe.

— Sinto muito, irmãzinha. Mas minha mãe é que *era* a melhor amiga dela e eu estava lá quando ela descobriu. Mas você tem razão. Não é justo falar disso agora. Não é realmente justo julgar ninguém, não é? Só as pessoas presunçosas fazem isso, por que como é que podem saber o que leva as pessoas a agirem como agem, e como sabemos o que *nós* deveríamos fazer em circunstâncias semelhantes?

— Concordo — falei.

— Então não vai julgar-me com muita severidade, quando lhe disser que vou casar-me com Esmond porque ele é o dono do castelo.

— E não se casaria com ele, se não fosse?

— Não. É puramente porque é o dono, e eu me casaria com qualquer um que possuísse o castelo. Ficaria com ele, se Esmond morresse, mas como ele vem na frente, teria de me casar com ele ou matá-lo... e casamento é muito mais fácil. Está vendo! Ficou chocada. Está pensando: ela se vende por uma pilha de pedras e fala de assassinato como se fosse um modo natural de vida.

Fiquei em silêncio. Estava pensando. Se ela vai casar-se com Esmond, irá embora e tudo ficará como antes. Philip e eu estaremos juntos de novo.

Mas não seria o mesmo, é claro.

— Desde criança sou fascinada pelo castelo — continuou ela, pois não percebeu que minha atenção tinha-se desviado dos problemas dela para os meus próprios. — Costumava forçar-me a descer até às masmorras. Levava as crianças da vizinhança da casa para brincarem comigo e costumava fazê-las entrar na galeria subterrânea... e a cripta sai de lá. Desce-se uns degraus e é escuro e frio... muito frio, Suewellyn. É difícil imaginar aquele frio de lá. E há as catacumbas... Os Matelands antigos jazem com grande pompa naqueles túmulos magníficos. Um dia, eu estarei lá. Não mudarei meu nome quando me casar. Nunca serei outra coisa que não Mateland. É muito conveniente que Esmond seja meu primo.

— Ele sabe de sua obsessão pelo castelo?

— Até certo ponto. Mas, como todos os homens, ele é vaidoso. Acha que tem de ser incluído na obsessão, e isso é uma coisa na qual tenho de deixar que ele acredite.

— Você parece muito cínica, Susannah.

— A gente tem de ser realista. Todos o são, se conseguem o que querem.

— Quando vai casar-se com Esmond?

— Provavelmente quando voltar.

— Quando vai ser isso?

— Quando eu tiver visto o mundo. Estive numa escola feminina de aperfeiçoamento em Paris por um ano, e quando terminei resolvi completar minha educação vendo o mundo. Ia dar uma volta ao mundo. Depois, descobri onde meu pai estava e, naturalmente, mudei os planos e vim para cá.

— Foi uma quebra de confidencia a deste homem que lhe contou.

— Tive de ser muito charmosa com ele. Eu sou, se quiser.

— Você parece ser... mesmo sem esforço.

— Parece que sim. Esta é a arte da coisa... fazer parecer sem esforço. Mas tem que se dar muito trabalho para consegui-lo.

— Às vezes, acho que está rindo de mim... rindo de todos nós.

— É bom rir, Suewellyn.

— Mas não à custa dos outros.

— Eu não magoaria vocês... nenhum de vocês. Ei, gosto de vocês todos. São minha família perdida há tempo.

Seus olhos eram de caçoada. Eu gostaria de compreender Susannah.

Mas não havia dúvida de que seu encanto pelo Castelo Mateland era autêntico. Eu estava ficando tão fascinada quanto ela. Parecia que percorria aquelas salas abobadadas com ela. Podia sentir o frio dos calabouços, o terror das masmorras, a estranheza da passagem subterrânea e o esplendor do *hall* principal. Sentia como se tivesse realmente subido a grande escada e ficado ao lado dos retratos dos ancestrais dos Matelands, como se tivesse jantado em companhia deles na sala de jantar, com as tapeçarias nas paredes e cadeiras de assento *petit point* bordadas por algum ancestral. Passeava pela sala Braganza, que a rainha do mesmo nome ocupara, quando de sua estada no castelo. Sentava-me na biblioteca de janela oitavada com os livros das estantes empilhados à minha frente, e no *hall* principal e na pequena sala de refeições que a família usava quando estava sozinha. Depois andava pela sala de armaduras à noite, quando ficava bem fantasmagórica com as armaduras de pé lá, como sentinelas. Sentia que me sentava no solário para pegar um pouco de sol antes que caísse a escuridão. Era fantástico. Sentia que conhecia o

castelo, que tinha vivido lá. Ansiava por ouvir tudo sobre ele, e continuamente enchia Susannah de perguntas.

— Vejo que o castelo tem poder — dizia ela, divertida. — Você, que nunca pisou nele, anseia por estar lá. Gostaria de possuí-lo, não é? Oh, sim, gostaria. Imagine-se dona de Mateland. Imagine-se indo à cozinha todas as manhãs discutir o *menu* do dia com os cozinheiros, zanzando pela despensa, contando as conservas, organizando bailes e todas as outras diversões que são parte do encanto de um castelo. É porque você pertence. Você é uma de nós. Nosso sangue está em suas veias, e se o adquiriu por trás dos bastidores, como dizem, continua lá, não é? É o lar dos seus ancestrais. Suas raízes brotam daquelas antigas paredes de pedra.

Havia muito de verdade no que ela dizia. Jamais me esqueceria, enquanto vivesse, do dia em que fiquei na beira da mata com Anabel e vi o castelo pela primeira vez, e vi os cavaleiros passando sob o pórtico: Susannah, Esmond, Malcolm e Garth.

Susannah e eu passávamos grande parte do tempo juntas. Eu lhe disse que ia ao casamento de Laura e que estaria partindo no próximo navio.

— Voltará nele também? — perguntei.

— Vou pensar nisso — falou. — Você vai ficar fora dois meses. Oh, sim, é melhor ir com você. Vou fazer planos para casa. Por que não vem comigo? Adoraria mostrar-lhe o castelo.

— Ir com você! Como explicaria a Esmond sobre mim... a Emerald e aos outros?

— Esta é minha querida irmã — eu diria. — Torna-mo-nos boas amigas. Ela vai ficar no castelo.

— Eles saberiam quem eu sou.

— Por que não? Você é uma Mateland... uma de nós, não é?

— Eu não poderia ir. Eles me fariam perguntas. Descobririam onde meu pai está...

— Pense sobre isso, enquanto estiver dançando no casamento — falou, encolhendo os ombros.

— Vou viajar dentro de duas semanas.

— E Philip vai com você. A noiva é irmã dele, não é? Acho que vou ter de ir.

— Tenho certeza de que os Halmers a acolheriam muito bem. É uma fazenda grande, e há montes de quartos.

Ela ficou pensativa.

Alguns dias depois, me falou:

— Por que você está sempre com esses vestidos soltos, Suewellyn? Gostaria de vê-la usando roupa realmente bonita. Vou arrumá-la como se você fosse eu.

— Precisaria de outras coisas além de mudar de roupa.

Olhou-me demoradamente.

— Vou tentar — disse.

Trouxe o vestido branco com o qual chegara. Tinha sido bem lavado.

— Venha cá, enfie isto. Deixe-me vê-la.

Fiz o que ela dizia. O vestido realmente me transformou e serviu quase que à perfeição. Eu era um pouquinho mais alta — tão pouco que só se notava quando ficávamos lado a lado — e mais fina.

— Que transformação! Pelo fato de viver numa ilha deserta não quer dizer que tenha de parecer uma nativa — disse ela. — Bem, o que acha disso?

Ficamos de pé, uma ao lado da outra, olhando-nos no espelho.

— Ainda mantemos nossas características — falei.

— Venha cá. Deixe-me arrumar seu cabelo.

Sentei-me, e ela saiu rapidamente e voltou logo. Tinha começado a cortar meu cabelo antes que eu notasse o que ela estava fazendo. Gritei protestando, mas era tarde demais. Já tinha um pedaço de franja. Ela riu da minha aflição.

— Asseguro-lhe que ficará melhor. Você vai gostar. De qualquer modo, agora é muito tarde para parar. Por favor, fique quieta ou vai estragar meu serviço.

Fiquei sentada. A imagem que se refletia no espelho tinha mudado daquela que normalmente me confrontava. Susannah deu um passo para trás.

— Agora! Não é emocionante?

Pôs o rosto junto do meu.

— Podíamos ser gêmeas. E agora, deixe-me terminar o retrato.

Pegou meu rosto e retocou minha pinta do queixo com um lápis preto.

— Bom. O quadro está completo. Acha que podemos enganá-los?

— Enganar minha mãe? Nunca!

— Talvez não, mas pode enganar os que não a conhecem tão bem. — Ela se divertia. Seus olhos brilhavam. — Estou louca para descer para jantar. Você tem de usar este vestido, Suewellyn, e quando estivermos em Sydney compraremos roupas para você. — Olhei para o vestido branco, e ela continuou: — Oh, fique com ele. Está lindo. Sempre gostei deste vestido. Porém, está melhor em você do que em mim.

Fiquei olhando para mim mesma no espelho. Não estava realmente muito igual a Susannah; mas era uma pessoa diferente que olhava para mim.

Quando saí do quarto de Susannah dei de cara com Cougabel. Ela me olhou, deu um grito e fugiu.

— Volte, Cougabel — gritei. — O que houve com você?

Ela parou e olhou por cima do ombro, fixando-me como se eu fosse um fantasma:

— Oh, não... não... — gritou. — Ruim... ruim...

Virou-se e fugiu.

Os demais ficaram atônitos quando apareci para jantar.

— Suewellyn! — gritou minha mãe, realmente aflita. — O que foi que fez com seu cabelo?

— Eu é que fiz — disse Susannah, quase que em tom desafiador.

Minha mãe só olhou para mim.

— Não gosta? — perguntou Susannah. — E ela não está linda com meu vestido branco? Eu estava cansada daquelas roupas soltas e de ver minha irmã por aí parecendo uma nativa.

— Está encantadora — comentou Philip. — Ei, você se parece muito com Susannah.

Aquilo me magoou um pouco. Eu estava encantadora, porque me parecia mais com Susannah. Pelo menos ele era honesto. O comentário de meu pai foi:

— O que você fez?

— Foi Susannah quem fez — falou minha mãe.

— Oh, madrastra... — Susannah se referia de quando em vez a Anabel como madrastra; de forma um tanto irônica. Anabel detestava isso, e Susannah sabia. — Parece até que cortei a cabeça dela fora.

— Você cortou o lindo cabelo dela — disse Anabel.

— Ele aparece mais assim, e está bonita. Você tem de admitir isso.

— Parece... mais arrumada — disse meu pai.

— Ora! — exclamou Susannah. — É isso que se chama falso elogio. Quem quer parecer mais arrumada? Isso é para tias solteironas. Queremos parecer mais na moda, bonitas, não é, Suevellyn?

— Oh — falei. — Pelo amor de Deus, parem de discutir sobre meu cabelo.

— Eu gostei — disse Philip, suavemente. E então iniciamos a refeição.

Naquela noite tive duas visitas no meu quarto. A primeira foi minha mãe. Sentou-se na beira da cama e disse:

— Por que deixou-a fazer aquilo?

— Só percebi quando já tinha começado. Então, ela tinha de continuar. Por um lado, ela tem razão. Assenta melhor. Meu cabelo estava ficando muito desajeitado.

— Faz você ficar parecida com ela. Acentua aquela ligeira semelhança.

— Não faz mal. Já está feito. É só o cabelo, e posso deixá-lo crescer como antes.

— Você vai em breve para o casamento de Laura. Imagino que ela vá com você.

— Os Halmers são muito hospitaleiros. Estou certa de que Philip a convidou.

O rosto de minha mãe se endureceu. Ela disse:

— Oh, antes ela não tivesse vindo para cá. Ela mudou tudo...

— Se tudo mudou — Falei, suavemente — não foi só por causa dela realmente. Se as coisas estivessem mais... estabelecidas... não teriam mudado. — Estava pensando em Philip, e mamãe sabia.

— Ela é como que uma espécie de sereia — disse minha mãe, com raiva. —

Foi sempre uma criança estranha. Lembro-me de como sempre surgia com uma certa maldade dissimulada. Achávamos que ela superaria isso.

— Não deve ficar imaginando coisas sobre ela, Anabel.

— Ela não é nada como Jessamy, nem como o pai. Fico pensando de onde terá tirado essa malícia nociva.

— Acho que é o traço dos Matelands. Alguns dos ancestrais não eram assim tão bons. Não há realmente nada de errado com Susannah. Às vezes, ela é bastante encantadora.

— Acho que está sempre criando problemas. Creio que não gosto dela porque é filha do seu pai, e não gosto de pensar que alguém lhe possa ter dado uma filha, a não ser eu.

Anabel era sempre franca consigo mesma, e eu gostava dela por isso.

— Querida, querida Anabel — falei —, não se preocupe porque tenho uma franja. Nada pode mudar o modo como vivemos juntas, pode? Não importa o que aconteça, você sempre existirá para mim... e eu para você.

Ela se aproximou de mim e pôs os braços ao redor dos meus ombros.

— Tem razão, Suevellyn — falou. — Às vezes, penso que me estou tornando uma velha tola. — Beijou-me e saiu.

Minha próxima visita veio cerca de 30 minutos depois, bem na hora em que eu ia caindo no sono. Aquela foi mais dramática.

A porta foi aberta lentamente e uma figura escura deslizou para o interior do quarto. Quase não pude perceber quem era, pois não havia luz no aposento, a não ser a Lua crescente e o céu cheio de estrelas. Dei um pulo na cama.

— Cougaba!

— Sim, Pequena Senhorita. Cougaba.

— Aconteceu alguma coisa? Cougabel está bem?

— Cougabel muito assustada.

— O que aconteceu?

Ela me apontou o dedo.

— O que você fazer. O que você ser. Existir feitiço em você.

Estiquei a mão e mexi na minha franja.

— Não bom... não bom — murmurou Cougaba. — Feitiço mau ser posto em você.

— Oh, Cougaba, acordou-me para dizer que não gosta do corte do meu cabelo?

Ela chegou mais perto da cama; seus olhos estavam arregalados de horror.

— Dizer a você — falou — ruim... ruim... Cougabel saber. Você irmã de sangue. Ela sentir. Ela sentir aqui... — Cougaba pôs a mão na testa e no lugar onde esperava encontrar o coração. — Ela dizer: "Coisa ruim acontecer com Pequena Senhorita. Mulher feiticeira levar ela... fazer mal a ela. Fazer ela gostar da feiticeira."

— Oh, querida Cougaba, você deve dizer a Cougabel para não se preocupar. Estou perfeitamente bem. É só que cortei um pouco do meu cabelo.

— Feiticeira má — disse ela. — Cougabel saber. Cougabel saber. Cougabel dizer Gigante não gostar dela. Ele resmungar, quando esta coisa ruim acontecer.

— O Gigante! O que ele tem a ver com isso?

— Ele querer ilha crescer... ficar rica. Ele gostar Daddajo e Mamabel e Pequena Senhorita. Ele não gostar feiticeira... e agora levar você e fazer você gostar dela.

— Ninguém vai levar-me e me fazer diferente. Sou eu mesma, e sempre serei.

Cougaba meneou a cabeça penalizada.

— Você ir embora. Ir no navio grande. — Veio para mais perto de mim. — Levar Phildo com você. Levar ele para longe dela. Ela pôr feitiço nele. Você... Phildo... felizes. Nós gostar. Ter bebês... Crescer na ilha... Mais bebês... muito bebês... e fazer ilha bonita e rica. Mas Gigante zangado. Ele não gostar. Levar ela embora... Voltar... voltar com Phildo e ter bebês.

— Oh, Cougaba, é gentil de sua parte se preocupar tanto.

Estendi meus braços e ela veio até mim e me abraçou por algum tempo. Depois se afastou, franzindo a testa ao olhar meu cabelo.

— Não bom — disse, sacudindo a cabeça. — Ela levar você... ela fazer você gostar dela... Cougabel muito triste. Ela sentir no sangue. Ela dizer Gigante zangado. Ele pai dela... Ele pai da criança dela. Ela muito perto do Gigante.

Não adiantava lembrar a Cougaba que isso não era verdade. Não importava

que tivesse admitido, num momento de fraqueza, que Luke Carter era o pai de Cougabel, e nós sabíamos que o filho de Cougabel não tinha sido concebido na Noite das Máscaras. Cougaba, como todos os de sua raça, aceitava como verdade o que queria.

Entretanto, eu a acalmei e, como ela pensava que Susannah iria embora em breve, sentiu-se confortada.

Faltava uma semana para o navio chegar, e eu me achava pronta para partir. Estávamos jantando, quando Susannah falou:

— Decidi não ir para Sydney. Ainda não estou pronta realmente para deixar a ilha e, na verdade, quando sair daqui terei de voltar para casa. Quando terei outra oportunidade de vir ver vocês todos de novo?

Caiu um silêncio. Philip ficou completamente desanimado.

— Laura gostaria de que você fosse ao casamento — falei. — Eu estava contando que ela nos fosse ver juntas.

— Com franjas e tudo — disse Susannah, com irreverência. — Não. Já me decidi. Vocês não vão expulsar-me, vão? — Olhou com ar de súplica para meu pai, e depois virou-se para Anabel.

— É claro que você deve ficar quanto tempo quiser — disse meu pai.

— Pensei que a novidade tivesse quase acabado, a essa altura — falou Anabel.

— Está enganada. Este lugar é fascinante. Pensem em tudo o que vocês estão fazendo. Quando o hospital realmente começar a funcionar, será maravilhoso. Adoraria ver isso. Mas imagino que levará anos e anos para que possa vir a ser realmente um trabalho. Talvez eu volte um dia e reveja vocês todos. Mas por enquanto ainda não me sinto pronta para partir. Você se importa, Suewellyn?

— Estava ansiosa por apresentá-la a Laura. Ela gostaria muito de conhecê-la. Mas é claro que compreendo.

— Vocês estarão de volta em dois meses. Então, terei de partir, mas teremos um dia ótimo juntas antes de eu ir embora.

— Você parece gostar da vida primitiva — disse Anabel, com frieza.

— Há certas coisas que me prendem aqui. — Seus olhos varreram a mesa e pousaram em Philip.

Mas ele ia comigo, pensei, e fiquei imaginando como Susannah se arrumaria

na ilha, sem Philip para ser escravizado e sem mim para servir de caçoadá.

Teria muito em breve uma resposta para aquilo.

Eu tinha saído de casa e estava indo para a praia, a fim de sentar-me no meu lugar favorito, embaixo de um coqueiro, onde iria ler um dos livros que tinham chegado no último navio. Philip estava a meu lado.

— Quero falar com você, Suewellyn.

— Sim. Sobre quê?

— Vamo-nos sentar? Debaixo da árvore? — Ele estava claramente procurando as palavras certas. Aos poucos, falou: — Tenho pensado muito em...

— Em quê?

— No casamento de Laura.

— Você está mesmo precisando que eu o ajude a falar. Qual o problema com o casamento de Laura?

— Bem, há muita febre agora na ilha...

— Sempre houve.

— É... é um pouco demais para seu pai enfrentar.

— Ele enfrentou bem antes de você vir.

— Acho que precisa de mim aqui.

— Oh — falei, lentamente —, está-me dizendo que não quer ir ao casamento de Laura.

— Não é que eu não queira, Suewellyn.

— Bem, é que prefere ficar aqui.

— Não é uma questão de preferir. É só que acho que devo...

Fiz um aceno com a cabeça, em assentimento. Olhei para o mar, tão lindo e calmo naquele dia, e com a água tão clara que se podia ver a areia por baixo.

Tive vontade de me enfiar na areia e chorar. Não sabia até aquele momento quanto queria ficar ali com minha família à volta, minha mãe querida, meu pai venerado... e Philip. Tinha planejado tudo para o futuro. Via o hospital em pleno funcionamento. Via a ilha como uma comunidade próspera, e Philip e eu criando nossos filhos lá. Ouvi-me dizendo:

— Você acha que... que...

— Acho — falou, francamente. — Não poderia sentir-me bem deixando seu pai aqui sozinho... agora...

Tive vontade de gritar para ele: "Quer dizer que não quer deixar Susannah."

Assim, tudo tinha terminado. Naquele tempo todo, vinha dizendo a mim mesma que Susannah iria embora e que, com o decorrer dos anos, esqueceríamos que ela estivera ali.

Depois pensei: Pobre Philip. Ela nunca se casará com você. Vai casar-se com Esmond... por causa do castelo.

CAPÍTULO 6

O gigante resmungão

Então, fui sozinha para Sydney. Um dos irmãos de Laura veio encontrar-me no cais e me levou para a fazenda. A bagagem iria no dia seguinte de trem.

Tive de explicar a Alan, o irmão, que Philip achava que tinha muito o que fazer na ilha e que não poderia vir.

— Aposto como Laura vai ficar muito zangada — disse Alan, com uma careta.

Houve uma calorosa acolhida a mim na fazenda. Laura estava radiante. Ficou desapontada de não ver Philip, mas depois do aborrecimento inicial recobrou o bom humor, pois estava feliz demais para se afastar por muito tempo de sua alegria.

Gostei do futuro marido dela. Os dois iriam para Queensland, onde ele tinha herdado uma propriedade, planejando partir imediatamente depois do casamento.

Acertaram o vestido de dama de honra nas minhas medidas, e Laura comentou que meu novo corte de cabelo era muito interessante.

— Você fica mudada, Suewellyn — disse-me. — Perde aquele seu ar inocente. Fica parecendo uma mulher moderna, vivida.

— Talvez eu esteja ficando assim.

Ela veio ao meu quarto como costumava, quando éramos meninas de colégio, e se deitou no chão, jogando os calcanhares para cima e apoiando o queixo nas mãos em concha, enquanto me examinava.

— Isso não faz você voltar ao passado? — falou. — E agora... pense só, estou-me casando. Marquei um tento sobre você.

— Você é um ano mais velha.

— Sim, isso deve ser levado em conta. A família está desapontada, Suewellyn.

— Quer dizer, por que Philip não veio?

— Sim. E eles estavam esperando que... você sabe como são as famílias. Há

um casamento, e imediatamente querem outro. Papai disse que eles estão ficando contagiosos. Na verdade, Alan será o próximo. Mas estão pensando em Philip. Gostam muito de você, Suewellyn.

— Eles foram sempre muito bons comigo. Isso significou muito para mim quando vim aqui naquelas curtas férias. Como não tinha tempo de ir até a ilha teria tido de ficar no colégio.

— Adoraram você ter vindo. Acharam que era boa comigo. Acho que foi uma maldade de Philip. Há mesmo tanto que fazer lá?

Hesitei.

— Ponha para fora — disse ela. — O que está acontecendo? Você não me engana. O que aconteceu entre vocês?

— Não foi nada...

— *Foi* alguma coisa. Não se gostam mais?

— Acho que Philip nunca gostou o bastante de mim para se casar.

— Gostou. Estava apaixonado por você. Nós todos sabíamos. Minha mãe costumava dizer que era só uma questão de tempo. Eles estão muito desapontados. Queriam fazer uma participação no meu casamento.

— Não. Não foi nada assim. — Ela me olhava fixamente, e acabei pondo para fora: — Minha meia-irmã nos veio visitar na ilha. Ele ficou, como se pode dizer, caído a seus pés.

— Oh, vai casar-se com *ela*?

— Oh, não. Ela vai casar-se com outro.

— Que confusão! E que bobo Philip é.

— Essas coisas acontecem. Não se pode ajeitar a vida dos outros.

— Você se importou?

— Oh, acho que nunca houve nada sério entre mim e Philip. Eu não era suficientemente adulta. Meus pais acharam que seria ideal, porque eu ficaria na ilha e Philip continuaria trabalhando lá com meu pai. Era tudo muito planejado, na realidade.

— Que pena! De certo modo as coisas foram estragadas.

— Não podem estragar-se para você. Tudo está perfeito. Você vai ser

incrivelmente feliz, Laura.

— Sim, vou. Ficará algum tempo conosco em Queensland, não é?

— Pensaria nisso se... fosse convidada.

— Está sendo convidada agora mesmo.

— Muito bem, então vou pensar.

Depois, falamos sobre os preparativos do casamento e da lua-de-mel e eu a deixei pensando que Philip não tinha realmente sido muito importante para mim.

Então, Laura se casou e fui a dama de honra. No dia seguinte ao casamento, ela e o marido partiram para a lua-de-mel. Alguns dias depois, segui para a cidade, onde esperaria a hora de voltar para a ilha. Tentaram persuadir-me a ficar na fazenda até o último dia; mas eu queria fazer umas compras em Sydney, falei. A verdade é que queria afastar-me. Havia muito lá que me fazia lembrar daquelas férias felizes com Philip e Laura. Ocorreu-me que nunca iria visitar a fazenda de novo. Não tinha vontade de me voltar muito para o futuro. Fiquei pensando como seria na ilha depois que Susannah se fosse. Philip talvez ficasse, a não ser que desse alguma desculpa para segui-la até a Inglaterra, o que seria bem possível. Não queria pensar naquilo.

Foi uma aventura e tanto ficar sozinha no hotel, embora os proprietários me conhecessem, pois, por uma ou duas vezes, tinha ficado lá com os Halmers quando eles me vinham trazer para tomar o navio. Havia muita gente no hotel. Eram em sua maioria criadores de gado que se sentavam no grande saguão conversando sobre preços da lã e fazendo negócios. Eu ficava no quarto e fazia as refeições lá. Só permaneceria em Sydney por dois dias. Parecia um longo tempo, no entanto, e me dei conta de que era a primeira vez na vida em que tinha realmente ficado sozinha.

Achava-me ansiosa por voltar para a ilha, e ainda assim estava pensando como encontraria as coisas lá. Não seria o paraíso que era quando voltava antigamente. Philip teria visto que Susannah não tinha nenhuma intenção séria com ele. Pobre Philip!

Como teria sido diferente se Susannah jamais tivesse ido à Ilha Vulcão!

Era a manhã anterior à partida do navio e eu decidi fazer umas compras de última hora. Vinha saindo de uma das lojas da Rua Elizabeth, onde estava comprando umas roupas para Anabel, e quando cheguei à luz do sol uma voz me disse:

— Bom-dia, Srta. Mateland.

Virei-me e vi um rapaz que nunca tinha visto antes. Ele tirou o chapéu e fez

uma reverência.

— A senhorita não se lembra de mim — falou. — Sou Michael Roston, de Roston, Evans. Meu pai, que tomava conta de seus negócios, morreu há três semanas e eu fiquei em seu lugar.

Percebi então que ele achava que eu fosse Susannah.

Hesitei. Ouvi-me dizendo:

— Sinto muito.

— Foi repentino — continuou. — Um colapso. Aliás, tenho correspondência para a senhorita. Ia pô-la no navio e mandá-la para a Ilha Vulcão. Imaginei que ainda estivesse lá.

— Estava esperando o navio — falei.

— Então, a senhorita vai voltar. Gostaria de vir pegar a correspondência? Sabe onde ficamos na Rua Hunter? É apenas uma subidinha até o quarto andar. A firma fica no número trinta e três da Rua Hunter há muito tempo. Meu pai nunca pensaria em se mudar.

Meu coração batia depressa. O nome ficou registrado com muita clareza em minha cabeça, por isso a idéia devia existir antes que eu soubesse. Sr. Michael Roston, de Roston, Evans, Rua Hunter, número 33, quarto andar. Seria divertido pegar a correspondência de Susannah e levá-la para ela. "Olhe", eu diria. "Deve haver mesmo uma semelhança grande. Fui abordada por um rapaz que pensou que eu fosse você, e decidi deixá-lo pensando assim, e trouxe sua correspondência."

— Irei buscar a correspondência — falei, então.

— Muito bem — disse ele. — Devo passar lá esta tarde.

— Sim, por favor. Se eu não estiver, outra pessoa lhe entregará. Vou dizer-lhes que a senhorita vai passar lá.

— Irei... e sinto muito sobre a morte de seu pai.

— Estamos sentindo falta dele. Ele tomava conta de tudo. Não é fácil pegar as rédeas. Mas manteremos nossos contatos antigos, especialmente com o seu pessoal em Londres. Trabalhamos com Carruthers, Gentle por mais de cinquenta anos.

Agradei-lhe e voltei para o hotel. Não reparei dessa vez que os criadores de gado continuavam suas negociações de lá.

Fui direto para o quarto. Estava profundamente animada com o encontro. Tirei meu chapéu. É, eu me parecia com ela. Sentia como ela. Importante. Recebendo cartas da Inglaterra através de um agente australiano.

Minha pequena farsa havia animado meu espírito.

Naquela tarde fui buscar as cartas e vi o rapaz de novo. Desta vez estava mais preparada para meu papel. Lembrei-me de que ele vira Susannah somente uma vez, e de passagem. Seu pai teria sabido na hora que eu era uma impostora. Ele conversou um pouco.

— Está gostando da Ilha Vulcão, Srta. Mateland?

— Acho-a muito interessante.

— Imagino que esteja de volta à Inglaterra antes do final do ano.

— Talvez.

— Deve sentir muita falta de lá. Meu pai me falou sobre o castelo maravilhoso onde a senhorita mora.

— É um lugar bonito.

Ele fez algumas perguntas sobre a ilha.

— Ouvi dizer que tem mudado e que desde que o hospital começou a ser construído e a indústria se desenvolveu, está-se tornando uma comunidade civilizada.

— De fato — respondi.

— O inglês que chegou lá há anos está de parabéns, ouvi dizer. Não é um lugar dos mais promissores. Creio que foi quase que totalmente destruído por uma erupção vulcânica uma vez.

— Isso foi há trezentos anos.

— Imagino que esteja extinto agora.

Disse-lhe que precisava ir, pois tinha muito que preparar até o dia seguinte. Tinha medo que fizesse perguntas que me fossem difíceis de responder.

Levei a correspondência para o quarto e ajeitei-a numa pequena maleta de mão que levava comigo.

Fiquei pensando no que Susannah diria, quando lhe contasse que fora confundida com ela nas ruas de Sydney.

Estava muito quente no dia em que embarcamos. Fiquei no convés olhando a magnífica baía. Estava lá quando passamos pelas Cabeças e até depois de a terra ter desaparecido de vista e termos alcançado mar aberto.

Depois, fui para minha cabine.

Estava ansiosa por ver meus pais; porém, de certa forma, apavorada de voltar para a ilha. Susannah estaria prestes a partir. Pobre Philip, será que iria querer partir com ela?

Oh, Susannah, pensei, por que teve de vir para a ilha para desmoronar nossas vidas!

Estávamos no mar há vários dias e, na tarde seguinte, avistaríamos a terra. Fui acordada de noite por um balanço do navio. Não era comum naqueles mares.

Quando desci para o café da manhã, soube que havia algum problema. As pessoas estavam conversando num misto de excitação e apreensão, que indicava que havia alguma coisa fora do comum acontecendo. Perguntei o que tinha havido.

— Não conseguimos saber. O navio começou a jogar. Paramos, pois quanto mais prosseguíamos pior ficava.

Durante a manhã, notamos um cheiro estranho no ar; era acre, sulfúrico, e havia uma nuvem de fumaça no céu.

Os boatos se espalhavam no navio.

Parei para conversar com uma mulher que estava debruçada na balaustrada, olhando o mar.

— Dizem que é uma erupção vulcânica em algum lugar — disse ela. — Uma das ilhas...

Um terror se apossou de mim.

— Qual delas? — gritei. — Qual delas?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não sei. São todas vulcânicas nesta área.

Senti-me mal. Tive uma visão dos grandes olhos límpidos de Cougabel cheios de profecias. "Gigante Resmungão não satisfeito..."

Uma certeza de uma fatalidade tomou conta de mim. Sabia que o Gigante cessara de resmungar e que dera expansão à sua ira.

O capitão estava indeciso quanto ao que fazer.

Tinha mercadorias para entregar na ilha e não estava absolutamente certo de qual delas tinha sido atingida e, como o balanço do navio tinha parado, decidiu aventurar-se até mais longe.

Eu estava no convés. Via as ruínas da minha casa. Podia ver o pico da montanha, as chamas saindo e a fumaça à volta dela.

Fui até o capitão.

— Esta é minha casa — disse. — Preciso ir e ver por mim mesma.

— Não posso deixá-la ir — falou. — É perigoso.

— É minha casa — repeti com insistência.

— Vou mandar dois escaleres para a praia a fim de ver se há alguém precisando de ajuda.

— Vou com eles — falei.

— Acho que não vou poder permitir isso.

Eu continuava dizendo:

— É minha casa, o senhor sabe.

Ele sabia, porque comandara o navio várias vezes quando eu ia e vinha da escola.

— Não posso deixá-la ir — falou.

— Irei nadando até lá. O senhor não pode deter-me. Tenho de ver por mim mesma. Minha mãe pode estar lá... meu pai...

Ele podia ver que eu estava desesperada de tristeza e apreensão.

— Irá então sob sua própria responsabilidade — falou.

Fiquei de pé naquela ilha que tinha um dia sido bonita. Olhei à minha volta e não consegui reconhecer muita coisa. O Gigante permanecia lá, grande e ameaçador, com os flancos negros de raias de fogo que vomitara sobre a terra fértil. O que restava das choupanas eram cinzas e brasas. Havia vestígios de pedras-pomes quentes e lavas incandescentes. Estava escuro, quase que noite, mas vi que tudo o que sobrara do lindo hospital era uma pilha de pedras.

— Onde estão vocês? — murmurei. — Anabel... Joel... onde estão vocês? Philip, Susannah, Cougaba, Cougabel... onde?

Havia rios de lama pastosa em tudo. O vapor do vulcão tinha evidentemente se condensado em chuva e se misturado com a ligeira poeira vulcânica que formava essa pasta. Havia claramente descido das encostas e soterrado as casinhas dos habitantes da ilha.

Em volta da ilha havia poeira e pedras que deviam ter sido atiradas da cratera a quilômetros de distância.

Não podia acreditar. Era um pesadelo. Sabia que ninguém poderia sobreviver a uma tal experiência cataclísmica.

Estava perdido... tudo. Minha vida tinha sido dizimada.

Por que eu tinha rido do Gigante Resmungão? Por que tínhamos todos rido? Por que não tínhamos ouvido os conselhos dos nativos que sabiam muito mais do que nós?

Tinha-nos destruído afinal... destruído meu pai, seus sonhos e esperanças, minha querida mãe, Cougaba, Cougabel, Susannah, Philip...

Eu tinha sido salva por um milagre, sob a forma do casamento de Laura. Mas salva para quê?

Estava sozinha... desolada.

Gostaria de estar lá com eles.

O capitão olhou para mim com olhos bondosos.

— Não há nada que você possa fazer. Não há nada que algum de nós possa fazer. Deve voltar para Sydney no navio.

Minha cabeça estava oca. Não conseguia pensar no futuro. Não conseguia pensar em nada a não ser que eles se tinham ido... estavam todos mortos.

Não queria voltar para Sydney. Queria ficar ali naquele lugar, onde tínhamos sido todos tão felizes. Queria fazer um túnel pelos entulhos. Queria olhar e olhar.

— Se por acaso... — falei para o capitão. Ele sacudiu a cabeça.

— Ninguém poderia sobreviver. Onde poderiam ter ido? Pode imaginar o que deve ter sido?

Sacudi a cabeça e gritei:

— Conte-me. Conte-me.

Ele pôs os braços à minha volta e tentou acalmar-me.

— Não deve desesperar-se, senhorita.

— Não me desesperar! Minha casa... todos que amavam... todos que significavam tudo para mim... foram embora... e eu não me devo desesperar!

Ele ficou em silêncio e eu continuei:

— Conte-me o que aconteceu com eles. Conte-me como deve ter sido para eles.

— Deve ter acontecido rapidamente — disse. — Talvez não tenham tido nenhum aviso. Apenas uma súbita agitação... dentro da cratera...

— Resmungão — gritei, histericamente. — Foi o Gigante Resmungão. Nós rimos dele... rimos. Oh, era o mal... e nós rimos...

— Cara Srta. Mateland, não adianta remoer isso — falou. — Duvido que tenham sofrido. Deve ter sido tudo muito súbito.

— Tudo acabado... — falei. — Anos de esperanças e sonhos... e tudo acabado.

— Deixe-me levá-la de volta ao navio — falou. — Retornaremos a Sydney, e então você poderá fazer planos.

— Planos? — murmurei perplexa. — Planos?

Não tinha pensado no meu futuro até então. Mas é claro que teria de continuar a viver.

Não queria pensar no futuro. Não queria pensar em viver sem eles. Só queria saber como tinha acontecido. Queria pensar neles nos seus últimos momentos. Minha mãe, a mais amada de todos, a Srta. Anabel que trouxera tanta felicidade a uma menininha num chalé sem amor há tantos anos, a Srta. Anabel com a risada mais gostosa que já tinha ouvido... e ela se tinha ido. Eu soubera o que era ser muito amada e tinha correspondido àquele amor. E agora... e agora... Não conseguia imaginar um mundo sem ela.

— Conte-me... conte-me como aconteceu — gritei de novo.

— Bem, foi uma erupção vulcânica. Pensávamos que estivesse extinto há trezentos anos. Ele só lançava uns chuviscos de quando em vez.

— Ele resmungava — falei. — Resmungava e resmungava. Era o Gigante Resmungão. Era assim que o chamavam.

— Sei que os nativos eram supersticiosos quanto a ele. São sempre

supersticiosos em relação a coisas que não compreendem. Deve ter havido uma escuridão total. O mar deve ter ficado revoltado. Você pode ver que ele está afastado da praia. Há um número enorme de animais marinhos mortos lá. Houve relâmpagos e a lava deve ter começado a transbordar da cratera, cobrindo a ilha.

— Lava incandescente...

— E a poeira vulcânica formou aquela pasta. O ar ficou cheio de vapor. Mas a Srta. Mateland está-se desesperando assim. Venha. Vou levá-la de volta ao navio. Precisamos ir embora rápido. Só queria estar certo de que não havia nada a fazer, que ninguém sobreviveu. Você pode verificar isto. Vamos embora agora.

— Quero ficar — gritei, irracionalmente. — É minha casa.

— Não é mais — disse ele, triste. — Venha. Temos de voltar. Pode ser perigoso aqui. E se houver outra erupção?

Levou-me firmemente pelo braço e me pôs dentro do pequeno escaler.

Voltamos para o navio.

Sabia que jamais me esqueceria da visão da ilha... enfumaçada, destruída. O hospital... a plantação... todos os sonhos... tudo o que tinha significado para mim... tudo se fora.

Devo ter ficado dormitando. O capitão me levou para o hotel. Era um homem muito bom e sempre me lembrarei de sua solidariedade com gratidão.

Todos foram bons comigo, como parece que as pessoas são quando há um grande desastre. O gerente do hotel me deu o quarto de volta e me deixou sozinha lá. Eu queria ficar só.

Fiquei lá durante dois dias, sem comer, só deitada na cama. O único alívio era quando dormia, de completa exaustão, o que acontecia a toda hora, irregularmente. Depois vinha o acordar, que era terrível porque então a realidade voltava à tona.

Ao fim de dois dias, acordei do meu estupor. A Sra. Halmer veio da fazenda, pois ouvira o que tinha acontecido. Disse-me que eu tinha de voltar com ela. Tinha de me recobrar daquele choque terrível.

Pensei sobre aquilo. Não estava certa se queria ir ou não. A casa dela também seria uma casa de luto, pois seu filho Philip era uma das vítimas.

Disse-me que dividiríamos nossa dor, que uma confortaria a outra.

Quando ela viu que eu ainda estava muito estupidificada para chegar a uma

decisão, disse que voltaria dentro de uma semana e que nesse meio tempo, se eu quisesse ir para lá, seria bem-vinda em qualquer época.

— Poderá pensar sobre o que vai fazer — disse. — Chegaremos a uma conclusão juntas. Vai estar tranqüila na fazenda. Ninguém vai preocupá-la.

Depois que ela foi embora, foi como se tivesse puxado a cortina que me tinha encerrado com a minha desgraça.

O que iria fazer? Se fosse continuar a viver teria de dirigir minha vida. Minha família e minha casa estavam perdidas. Para onde iria? O que faria?

Tentei pôr essas perguntas de lado.

Não me importo, ficava dizendo para mim mesma. Não me importo com o que me acontecer.

Isso era bobagem. Eu estava ali. Estava viva. Tinha de continuar a viver.

Como?

Com súbita apreensão, lembrei-me de que estava ali no hotel. Tinha um pouco de dinheiro que trouxera comigo na viagem mas que não duraria muito.

Estava quase... sem um centavo. Meu pai tinha posto tudo no hospital e na plantação. Seria a minha herança. Podia lembrar-me de minha mãe dizendo: "Seu pai pôs tudo que tinha no hospital e na plantação. Serão seus um dia, Suewellyn."

A lembrança de sua voz e daqueles bonitos olhos azuis muito preocupados comigo era demais para eu agüentar. Enfieei meu rosto no travesseiro.

— Não me importo. Não me importo com o que venha a me acontecer — murmurei.

Então, tive a impressão de ouvir a voz dela dizendo:

— Isso é bobagem, querida. Você tem de continuar vivendo. Terá de encontrar um meio. Não é do seu feitio desistir. Não somos esse tipo de pessoas. Seu pai... eu... você. Quando a vida é cruel, nós simplesmente nos sustentamos com firmeza contra ela. Lutamos contra ela, Suewellyn.

Ela tinha razão. Eu teria de ir em frente. Teria de lutar para fazer meu caminho nesse pântano de tristeza e desgraça. Tinha de continuar vivendo.

Tinha de ter dinheiro, então teria de trabalhar. O que poderia fazer? O que as pessoas na minha situação faziam?

Eu tinha tido uma boa educação. Minha mãe fora uma governanta excelente.

Eu poderia fazer alguma coisa.

Mas não queria. Queria pegar o navio de volta para a Ilha Vulcão, subir à cratera da montanha e dizer ao Gigante Resmungão para me matar como tinha matado os outros. Podia quase que sentir as mãos de minha mãe mexendo em meu cabelo.

— Suewellyn, você é uma Mateland. Os Matelands nunca desistem.

Sim, eu era uma Mateland. Pensei em meus ancestrais na galeria dos retratos. Sempre tinha querido ir ao castelo. Mesmo agora, sentia que queria. Eu estava atônita. Tinha um leve interesse pela vida. Devia ter, pois tinha desejo de ver o castelo.

Então, lembrei-me da correspondência que tinha apanhado para Susannah. Achava-se em minha mala. O que faria com ela agora? Levá-la de volta para Roston, Evans? Explicar-lhe que fingi ser Susannah? Não tinha ânimo para fazer isso.

Tirei as cartas e passei-as para minha mão. Era um alívio não estar pensando naquela ilha devastada por alguns minutos.

Não sei quando é que me veio o impulso. Era como que agarrar-se à linha da vida. Tinha de parar de pensar em meus pais e em Philip. Tinha de fazer alguma coisa na qual me absorvesse a um tal grau que parasse de me torturar.

Abri a carta, dizendo a mim mesma que Susannah estava morta agora e que eu deveria saber de algumas de suas coisas.

Era uma carta de aspecto oficial, de um advogado de Mateland, os Carruthers, Gentle, que o Sr. Roston mencionara. Li:

Cara Srta. Mateland,

Temos de informá-la da súbita morte do Sr. Esmond Mateland, ocorrida na quinta-feira passada. De acordo com o testamento de seu avô, o Castelo Mateland e suas terras agora passam à senhorita, como herdeira nomeada por seu avô, em caso de morte de seu primo sem descendência. Por favor, entre em contato conosco tão cedo quanto possível. Nós nos comunicaremos com os Srs. Roston, Evans e Companhia, a quem enviamos esta carta. Ao recebê-la, poderá ir aos seus escritórios à Rua Hunter, 33, Sydney.

Cordialmente, Carruthers, Gentle Ltda.

Havia uma assinatura que não pude decifrar bem.

Caí sentada numa cadeira. Então, Susannah era agora a proprietária do

castelo. Ela pretendia ser e tinha planejado casar-se com seu primo Esmond Mateland por causa disso. Agora, Esmond estava morto e Susannah tinha o castelo... ou teria, se estivesse viva. A quem o castelo pertencia agora?

Acho que foi naquele momento que a idéia veio à minha cabeça. Era tão louca, tão absurda que a princípio não a aceitei. Mas ficou lá como uma semente, germinando, pronta a nascer e estrangular meus escrúpulos.

Devia estar com um espírito estranho, pois não me ocorreria umas semanas antes abrir cartas que não me fossem endereçadas.

Peguei outra carta. Era uma caligrafia bem fina e inclinada. Antes que me obrigasse a parar, tinha rasgado o envelope.

Querida Susannah,

Já deve ter ouvido a terrível notícia. Como pode imaginar, estou desolada. Ele estava tão bem há tão pouco tempo. Os médicos ficaram impressionados. Pode supor como foi horrível para mim. Estou prostrada de dor. Você deve vir para casa imediatamente. Sei que está do outro lado do mundo e que levará tempo. Mas, por favor, venha imediatamente. Faz muito que não a vemos; lembre-se de que ficou afastada no tempo da escola na França para fazer aquele curso de aperfeiçoamento feminino, depois estive em casa tão rapidamente antes de partir de novo para... a Austrália. Terei dificuldade em reconhecê-la. Faz tanto tempo.

Sei como se está sentindo. Seus sofrimentos serão como os meus. Afinal de contas, era com você que ele ia casar-se e eu era a mãe dele. Quem poderia ser mais próximo que isso? Ele andava ameaçando ir até à Austrália para trazê-la de volta. Naturalmente, passou todo aquele tempo em Paris quando você estava lá. As coisas estão caóticas aqui. Carruthers, Gentle dizem que você deve vir, pois somente quando chegar é que tudo será resolvido. Você é a dona de Mateland agora. Oh, querida, quantas tragédias atingem nossa família. Esmond morrer assim... tão moço. E o pai dele... já tive minha quota de sofrimento. Meus olhos naturalmente não melhoram. É um processo gradual, mas já fui avisada de que em cinco anos estarei cega.

Você tem de se preparar para vir para casa imediatamente, Susannah.

Com muito amor

Sua Tia Emerald

Li as cartas várias e várias vezes e fiquei com o olhar perdido no espaço por um longo tempo.

Quando olhei para cima, notei que estivera sentada ali por meia hora. Durante aquele tempo, meus pensamentos tinham voltado para o passado. Achava-me de pé na beira da mata, olhando para o castelo. Estava lá dentro, vendo tudo claramente pelo que tinha ouvido de Susannah e de minha mãe.

Era espantoso.

Não tinha pensado em meus trágicos problemas todo aquele tempo.

CAPÍTULO 7

A grande impostura

É uma característica humana comum o fato de que, quando uma pessoa se decide a agir de forma errada, desonesta e até mesmo criminosa, sua mente leva-a a descobrir razões para que tal ação seja justificada.

Eu era uma Mateland. Os filhos de meu pai seriam necessariamente parte da linha de herança. Eu era a segunda filha de meu pai. Esmond estava morto, Susannah estava morta. Se meus pais se tivessem casado, eu seria a próxima herdeira.

Não adiantava saber que meus pais *não* eram casados. Eu era uma bastarda, como me tinham dito francamente as crianças na escola, e bastardos não tinham direitos.

Mas, dizia minha mente persuasiva, meu pai amara minha mãe com mais ardor do que a qualquer outra pessoa. Ela era a sua mulher, a seus olhos. Eu era uma Mateland. Tinha trocado meu nome quando passei a viver com eles; certamente, tinha direito a ser reconhecida como tal.

A idéia foi crescendo.

Mas se não fosse por Susannah, Philip estaria comigo agora. Ele me teria acompanhado ao casamento da irmã e nós nos teríamos casado, pois ele estivera um pouco apaixonado por mim e eu por ele.

Mas Susannah tinha vindo e roubado meu amor. Por que não ficaria com a herança dela? Ora! Era fora de cogitação.

— É fantástico — falei alto. — É impossível. É um sonho louco.

E a alternativa?

Olhava o desanimador futuro. Podia ir a Roston, Evans; podia confessar minha pequena impostura. Não estava falando com seriedade naquela hora. Depois iria para a casa dos Halmers e ficaria com a Sra. Halmer até que pensasse no que iria fazer. Talvez pudesse pedir dinheiro emprestado para ir à Inglaterra tentar arranjar uma colocação como governanta ou acompanhante, o que parecia ser o único caminho para as mulheres com a minha educação que se vissem subitamente forçadas a ganhar a vida. Mas eu seria terrivelmente infeliz.

Por outro lado havia aquele plano louco e absurdo que se apresentava a

mim. Todas as espécies de idéias, conhecimentos, possibilidades se encaixavam em minha cabeça.

Era errado, ficava dizendo para mim mesma. Era uma fraude. Era criminoso. Era impensável.

De algum modo o ato de pensar naquilo agia como um paliativo. Tirava-me de minha infelicidade. É claro que não farei isso, dizia-me, mas seria interessante ver como poderia ser feito... *se* pudesse ser feito.

Passou-se uma hora. Ainda estava pensando na mesma coisa.

Eu podia ir a Roston, Evans. O rapaz não me conhecia. Ele achava, de fato, que eu era Susannah. Sua abordagem a mim na rua tinha sido o início de tudo. Nunca me ocorreria aquilo se tal não tivesse acontecido. Era o destino me tentando. Era como que uma isca. Tinha dado o primeiro passo na ladeira escorregadia, quando o deixei pensar que eu era Susannah. Por que tinha feito aquilo? Era como que um modelo preorganizado começando a aparecer.

A primeira parte seria fácil. Poderia ir ao Sr. Roston e buscar dinheiro para a minha passagem para a Inglaterra. Poderia dizer-lhe que tinha ido para a ilha e que não havia conseguido desembarcar por causa da erupção vulcânica. Isso era verdade.

Poderia ir para a Inglaterra... e para o Castelo Mateland. Depois, começaria a parte perigosa.

Um trecho da carta de Emerald estava permanentemente presente em meu pensamento: "Terei dificuldade em reconhecê-la. Faz tanto tempo."

Pensei muito no castelo. Achava que conhecia um pouco Emerald pelo que Anabel e Susannah me tinham contado dela. Emerald tinha dito que fazia tempo que não nos víamos; referia-se à sua visão fraca. Aquela carta dela era como que um dedo me acenando, como que o destino dizendo: venha. Foi tudo facilitado para você.

Esmond seria o único que saberia tudo tão detalhadamente de Susannah que imediatamente reconheceria a fraude. E Esmond estava morto.

Bem tinha sido divertido fazer um sonho e criar uma aventura louca em minha cabeça; e Deus sabia como estava necessitada de uma distração para tirar minha atenção da terrível depressão que me envolvia.

Até agora não fizera nada, a não ser permitir que Roston acreditasse que eu era Susannah, tendo buscado sua correspondência e a abrindo. Não havia nada de

muito mal naquilo...

Devia deixar as coisas como estavam e começar a pensar com sensatez...

A infelicidade tomou conta de mim. Ficava vendo Anabel vindo visitar-me em Crabtree Cottage, levando-me com ela naquela noite inesquecível e, mais vivamente do que tudo, segurando minha mão quando ficamos de pé, juntas, olhando o castelo.

Não tinha nenhum desejo de continuar vivendo a não ser... a não ser...

Passei a noite sem dormir. Fiquei cochilando e sonhando que tinha ido para o castelo.

— É meu agora — dizia em sonho.

Depois acordava e me virava para um lado e para outro, ainda pensando em meu sonho.

A primeira coisa em que pensei de manhã foi que o Sr Roston estaria procurando Susannah. Ele vai pensar que ela não estava na ilha. Vai saber a essa altura que ela é a dona do castelo e que era aquele o conteúdo da carta que me tinha dado. Estaria esperando que ela o chamasse, já havia toda uma situação criada. Tinha-me esquecido disso. Sim, estava mais afundada naquilo do que pensara a princípio. Em vez de me encher de horror, esse pensamento me fazia rir.

Os Matelands viviam perigosamente, e eu era uma deles. Então, soube que iria tentar aquela extraordinária aventura. Iria entrar no maior baile de máscaras que pudesse imaginar. Sabia que estava errado. Sabia que estaria em grave perigo. Mas ia fazê-lo. *Tinha* de fazê-lo. Era a única saída para aquele abismo de desalento.

O fato é que não ligava ao que me pudesse acontecer. O Gigante Resmungão tinha, de um só golpe, me roubado tudo o que importava.

Iria fazer aquela coisa desesperada, porque, por uma série de razões, me daria um interesse na vida.

Além do mais, eu queria o castelo. Desde o momento em que o vi tinha-me tornado ligada a ele, e a urgência de tê-lo crescia a cada hora, por ser a única coisa que me poderia dar vontade de viver.

Enquanto descia a Rua Hunter, pensava no que diria ao Sr. Roston; e mesmo quando entrei no edifício e comecei a subir as escadas ainda não me tinha decidido por completo. Não ficaria surpresa se despejasse toda a verdade sobre a minha farsa. Mas quando ele me recebeu em seu escritório, não fiz isso. Ele começou dizendo:

— Srta. Mateland, estou contente por ter vindo. Estava à sua espera. Foi uma coisa horrível. É claro que sempre houve a possibilidade de o vulcão entrar em erupção, mas ninguém achava provável, senão meu pai a teria desaconselhado de ir até lá desde o início. Deve ter sido um choque para a senhorita. E agora... esse choque ainda maior. A morte do seu primo na Inglaterra.

— Eu... eu não consigo acreditar. É terrível.

— Naturalmente. Imagino que tenha sido uma doença súbita. Não esperada. Um choque terrível para a senhorita. — Ele me estava consolando muito gentilmente, mas, percebi, estava aflito para entrar direto no assunto. — Imagino que a senhorita vá voltar para a Inglaterra.

— É o que tenho de fazer. Não tenho dinheiro suficiente para a passagem...

— Minha cara Srta. Mateland, isto não é problema. Tenho instruções de Carruthers, Gentle. Posso adiantar-lhe tanto quanto queira. Podemos reservar sua passagem. Ouvi dizer que sua tia está ansiosa por sua volta.

Minha vontade estava enfraquecendo. O "velho Diabo" estava de fato em meus calcanhares.

E subitamente compreendi, ali no escritório do Sr. Roston, que levaria aquilo adiante.

Dentro de três semanas eu estava embarcando para a Inglaterra no *S. S. Victoria*. Meu pensamento voltava àquela viagem que tinha feito com meus pais 11 anos antes. Como tinha sido diferente, apesar das duas viagens serem marcadas por um senso de aventura. Nas duas vezes, eu estava começando uma nova vida.

Havia alguma coisa de misterioso naquilo. Eu estava mudando de personalidade. Às vezes, tinha uma sensação estranha de que me estava transformando em Susannah. Havia uma nova crueldade em mim. Seria possível que a alma de uma pessoa que morresse pudesse encontrar refúgio no corpo de outra? Havia uma teoria sobre aquilo, achava eu. Às vezes, sentia que Susannah tinha entrado em meu corpo.

O Sr. Roston tinha-me dado uma mala de roupas e documentos que ela deixara a seu cargo. Antes de sair de Sydney dei uma busca nela. Experimentei os vestidos e os chapéus chiques. Todos me cabiam. Comecei a andar como Susannah. Comecei a falar como ela. A jovem que eu era nunca teria ousado fazer o que eu estava fazendo. Era significativo o fato de eu ter parado de dar desculpas a mim mesma.

Eu era uma Mateland; era a irmã de Susannah; pertencia ao castelo. Por que

não assumiria o papel de Susannah? Que mal podia haver? Susannah estava morta. Só precisava trocar meu primeiro nome de Suevellyn para Susannah. Eles até pareciam um pouco iguais.

As iniciais S.M. estavam impressas na minha mala. Minhas próprias iniciais.

A longa viagem marítima me deu o tempo necessário para acertar e observar minha mudança. As pessoas reparavam em mim. Havia perdido toda minha falta de confiança. Não só me tinha tornado uma moça atraente como reconhecia isso.

O fato de não haver possibilidade de volta agora fazia aumentar minha confiança. Tinha de continuar, e iria fazê-lo. Nunca ninguém saberia a diferença. De agora em diante, eu era Susannah Mateland, a herdeira do castelo e da fortuna.

A louca aventura tinha-me feito alguma coisa. Era tão absurda, tão cheia de perigo, e havia tanto a aprender que eu não tinha tempo de remoer minha infelicidade. Conseguia até mesmo sorrir ao pensar em Susannah, que sempre se divertira em se aproveitar de mim, e que agora estava morta, deixando-me livre para usufruir o que era dela.

Havia bastante vida social no navio. O capitão reparava muito em mim. Sabia que eu tinha ido visitar uns parentes na Ilha Vulcão e estava muito penalizado com o que sucedera, embora me congratulasse por eu ter escapado.

— Se tivesse acontecido uma semana ou duas depois, eu estaria lá — falei. — Ia fazer uma última visita antes de voltar para a Inglaterra.

— Foi muita sorte, Srta. Mateland.

Olhei com tristeza para o mar. Havia momentos em que não via felicidade nenhuma nisso e que ainda desejava que tivesse estado lá com eles. Ele bateu em meu ombro.

— Não deve ficar triste, Srta. Mateland, mas é uma pena enorme que a ilha tenha ficado em ruínas.

Ele percebeu que o assunto era penoso e não se referiu a ele mais. Mas era especialmente bom para mim, e eu lhe disse que estava voltando para casa a fim de receber minha herança.

— O Castelo Mateland coube a mim com a morte do meu primo — falei.

— Ah, tem muita razão para voltar. A senhorita conhece o castelo?

— Oh, conheço... conheço... É lá que moro.

Ele fez que sim.

— Sentir-se-á melhor quando chegar em casa.

Continuei falando sobre o castelo. Ficava toda orgulhosa com isso. Tinha quase consciência de Susannah dentro de mim empurrando-me para frente, aplaudindo-me. E pensei: Isso é o tipo de coisa que Susannah faria. *Estou-me transformando em Susannah.*

Aquela foi a parte fácil.

Era abril quando desembarcamos em Southampton. Tomei o trem para Mateland. Era como que voltar à viagem de muito tempo atrás, quando me sentei de mãos dadas com Anabel, toda emocionada com a realização de meus três desejos.

Lembrei-me do conforto que senti propiciado por Anabel, e do maravilhoso novo sentimento de segurança. Estava longe de sentir aquilo agora.

Na realidade, a cada momento que passava eu ficava mais e mais apreensiva.

Estação Mateland. Como era familiar! Desci do trem e um homem com um chapéu pontudo veio em minha direção.

— Ei, Srta. Susannah! — gritou. — Bem-vinda a casa. Estão esperando a senhorita. Que bom voltar a vê-la. Que terrível tragédia, não foi?... O Sr. Esmond ir-se embora assim.

— É — falei. — Terrível... terrível...

— Eu o vi pouco antes de ele morrer. Ele tinha voltado para casa. Tinha estado fora. Posso vê-lo agora descendo do trem, sorrindo... naquele seu modo calmo. "Estou de volta, Joe", disse ele. "Não vão pegar-me longe de Mateland por muito tempo." Diferente da senhorita.

— É, Joe, diferente de mim.

— A senhorita mudou um pouquinho.

Meu coração deu um pulo de medo.

— Oh, não foi para pior, espero.

— Não... não. Isso não, Srta. Susannah. A Sra. Tomkin gostará de vê-la de volta. Disse-me outro dia: "Está na hora de a Srta. Susannah voltar, Joe. Vai mudar tudo no castelo."

— Dê lembranças minhas à Sra. Tomkin, Joe.

— Eu dou, senhorita. Não posso esperar chegar em casa e contar-lhe.

Alguém do castelo vem buscá-la?

— Eu não estava certa quanto à hora...

— Vou buscar a charrete para levá-la. Que tal?

Falei que era uma ótima idéia.

Quando me sentei na charrete balançando pela estrada, disse a mim mesma que aquele seria o meu primeiro teste. Tinha de manter os olhos e ouvidos abertos por todo o tempo. Não podia perder o mínimo detalhe. Tinha de aprender todo o tempo. Mesmo aquele ligeiro encontro tinha-me dado o nome do chefe da estação, e a possibilidade de saber que ele tinha uma mulher e que Esmond tinha um modo de ser calmo.

Era torturante, horrível, e ao mesmo tempo tremendamente entusiasmante.

Então, de repente, lá estava ele à minha frente em toda sua glória. Fiquei tomada de emoção, quando olhei os elevados muros e as sólidas torres de tambor nos quatro ângulos, o pórtico de ameias, os cinzentos muros de pedra, maravilhosos, inexpugnáveis, e as janelas de estreitas fendas.

Senti uma grande onda de amor possessivo pelo lugar. Mateland. Meu.

A charrete atravessou a porta corrediça e chegou ao pátio. Lá fomos parados, e dois serventes correram para me ajudar a descer. Não estava certa se devia conhecê-los ou não. O mais velho dos dois disse:

— Srta. Susannah...

— Sim — respondi. — Cá estou eu.

— É uma boa notícia, Srta. Susannah.

— Obrigada — falei.

— Parece que a senhorita se foi há tanto tempo e tanta coisa aconteceu. Este é Thomas, senhorita, o novo cavaleiro. Está conosco há mais ou menos um mês.

— Bom-dia, Thomas.

Thomas mexeu no topete e balbuciou alguma coisa.

— Bem, Srta. Susannah. Vou mandar a bagagem para seu quarto. A senhorita deve querer ir logo ver a Sra. Mateland. Ela está impaciente que chegue.

— Sim — falei. — Sim.

Caminhei para o castelo. Reconheci o *hall* pelas descrições de Anabel e

Susannah como sendo o *hall* principal. Olhei para cima e vi o magnífico teto de madeira, as paredes de pedra com a tapeçaria pendurada de par em par e as espadas e lanças. Sabia que no alto da parede havia o que chamavam de "seteira". Era uma abertura que quase não se via de baixo, se não se soubesse de sua existência. Atrás dela, havia uma pequena alcova onde as damas da casa costumavam olhar as festas do *hall*, quando eram consideradas ainda muito crianças para participar ou quando a companhia não era conveniente para elas. Sabia que era agora usada para ver as visitas que chegavam; se não se queria recebê-las, corria-se para longe.

Tinha uma sensação horrível de estar sendo vigiada, e de repente, quando estava lá no *hall*, fiquei apavorada. Tinha entrado lá com muito desembaraço. Não pensara onde iria parar. Eu era uma fraude. Era uma impostura. Estava tomando posse deste magnífico lugar sem ter um direito legal a ele.

Não adiantava agora me dizer que tinha um direito moral, que era o que vinha fazendo desde que comecei com aquela aventura louca.

Tinha ido lá a fim de tomar o castelo. Era como se tivesse sido enfeitiçada. Agora, sentia que centenas de olhos me vigiavam, me seduziam, riam de mim, apressavam-me a ir ver o que poderia fazer para tomar o castelo.

Caí na armadilha naquele primeiro momento. Ali estava eu no *hall* principal sem saber para onde ir. Susannah teria ido diretamente para seu quarto ou para o quarto de Emerald. Susannah teria sabido.

Havia uma escada no final do *hall*. Sabia que levava até à galeria de retratos. Tinha ouvido Anabel e Susannah mencionarem isso várias vezes. Comecei a subir e fiquei aliviada de ver uma mulher de pé no patamar.

Era de meia-idade, de aspecto bastante sério, com cabelo castanho bem afastado da testa e olhos castanho-claros penetrantes.

— Srta. Susannah — falou. — Oh, Senhor, já não é sem tempo.

— Alô — falei com cuidado.

— Deixe-me dar uma olhada em você. Hum, está mudada. As terras estrangeiras lhe fizeram bem. Mas ficou um pouco magricela. Imagino que tenha sido todo esse transtorno.

— É, creio que sim. — Quem é ela? Fiquei pensando. Uma espécie de empregada, mas uma empregada com privilégios. Um terrível pensamento se apossou de mim. Ela poderia ser uma dessas babás que estiveram com a criança desde que nasceu. Se fosse, logo descobriria tudo.

— Foi chocante... o Sr. Esmond... tão repentino também. Vai primeiro ver a Sra. Mateland ou vai para seu quarto?

— Acho melhor vê-la antes.

— Vou subir com você e avisá-la que já chegou, está bem?

Fiz que sim, aliviada.

— Como vão os olhos dela? — perguntei.

— Estão muito piores. Tem catarata nos dois. Pode enxergar um pouquinho... mas é claro que vai piorar.

— Que pena.

Ela olhou para mim com agudeza.

— Bem, você sabe que ela não procura aliviar suas desgraças... e agora com o Sr. Esmond morto...

— É claro — falei.

Ela tinha começado a subir as escadas, e andei a seu lado agradecida.

— Vou preveni-la de que está aqui, antes que você irrompa lá dentro — falou.

Continuamos pela galeria. Tinha a sensação de que a conhecia bem. Lá estavam todos os meus ancestrais. Eu os examinaria com detalhe em minhas horas de folga.

Subimos as escadas. Quando chegamos ao alto, a mulher parou. Virou-se — olhando para mim, e meu coração disparou como se fosse sair do peito.

— Viu seu pai? — indagou. Fiz que sim.

— E a Srta... Anabel?

Houve um ligeiro tremor em sua voz quando disse aquilo, e então soube quem era, pois, desde o início, tinha-me parecido um tanto familiar. Era ela quem tinha trazido a comida quando fomos ao piquenique e que tinha guiado a charrete para nós; era ela que, segundo Anabel, dizia sempre o que pensava, pois não sabia mentir, e que raramente falava alguma coisa de bom sobre qualquer assunto. Fiz força lá no fundo da memória para me lembrar do nome. Então, achei que era Janet. Devia ser Janet, mas não iria cair numa armadilha dizendo seu nome, até que estivesse segura.

— Sim — falei. — Vi os dois.

— Eles estavam...

— Estavam felizes juntos — falei, com entusiasmo. — Meu pai estava fazendo um trabalho maravilhoso na ilha.

— Acabamos de saber da notícia da explosão, ou qualquer coisa assim.

— Foi uma erupção vulcânica.

— O que quer que tenha sido, matou os dois. A Srta. Anabel... era obstinada... mas tinha uma natureza doce...

— Você tem razão — falei. De novo aquele olhar penetrante em minha direção.

Depois, ela encolheu os ombros.

— Nunca devia ter feito isso. — Ela se virou e continuamos a andar. Parou perto de uma porta, deu uma batida e ouviu-se uma voz:

— Entre.

Janet virou-se para mim e pôs o dedo nos lábios. Ouvi a voz dizendo:

— É você, Janet?

— Sim, Sra. Mateland.

Eu estava certa. Era Janet. Senti que tinha feito algum progresso.

— A Srta. Susannah está em casa, Sra. Mateland.

Entrei no quarto.

Então aquela era Emerald, a mulher de David, a quem meu pai matara num duelo. Estava sentada numa cadeira, longe da luz. Era evidentemente uma mulher alta e muito esguia; sua expressão era resignada, seu rosto, pálido, e seu cabelo estava ficando grisalho.

— Susannah... — falou.

Ouvi-me dizendo:

— Oh, Tia Emerald, que prazer vê-la.

— Pensei que nunca ia chegar. — Sua voz era impertinente.

— Tive de ajeitar umas coisas — falei, beijando aquele rosto livido.

— Que coisa terrível — começou. — Esmond...

— Eu sei — murmurei.

— Foi repentino. Uma doença terrível. Ele estava bem na semana anterior e de repente adoeceu e morreu em poucos dias.

— O que foi?

— Uma espécie de febre... febre gástrica. Se ao menos Elizabeth estivesse viva agora. Ela seria tão confortante. Malcolm é tão prático, cuidou de tudo. Oh, minha querida Susannah, vamos chorar juntas. Sei que ia casar-se com ele, mas ele era meu filho... meu único filho. Tudo que eu tinha. Não há ninguém mais agora.

— Precisamos consolar-nos — falei.

Ela deu uma estranha risadinha de desdém.

— É um pouco incongruente, não é?

Dei uma ligeira palmada na mão dela, porque não tinha certeza do que responder.

— Bem — continuou — teremos de tentar dar-nos bem agora. Imagino que não vá querer botar-me pára fora de casa agora.

— Tia Emerald! Como pode dizer uma coisa dessas!

— Bem, creio que não tenho os mesmos direitos agora que Esmond se foi. Como mãe dele, é natural... oh, não faz mal agora. O que tiver de ser, será. É tudo tão difícil...

— Não pretendo preocupar ninguém — assegurei. — Quero que tudo fique igual.

— Suas viagens lhe fizeram bem, Susannah.

— Oh, quer dizer que estou mudada.

— Não sei. Acho que é o fato de a estar vendo depois de todo esse tempo. Você parece um pouco diferente. Acho que tanta viagem muda as pessoas.

— De que modo, Tia Emerald? — perguntei, ansiosamente.

— É só uma impressão. Acho que você parece menos... bem, sempre a achei dura, Susannah. Você não sabe...

— Fale-me sobre seus olhos, Tia Emerald.

— Estão piorando gradativamente.

— Não há nada que se possa fazer?

— Não, é um problema antigo. Muitas pessoas têm isso. Vou ter de agüentar.

— Sinto muito.

— Ora! É isso que quero dizer. Você ficou mais gentil. Parece que está mesmo preocupada. Nunca achei que ligasse a mínima para meus olhos.

Eu me virei. Ela estava pensando que minha preocupação com sua visão fosse puro altruísmo. Estava com pena dela, mas não podia deixar de ver que sua aflição me trazia vantagem. Ela continuou:

— Quer um pouco de chá? Ou quer primeiro ir para seu quarto?

Veio-me um pensamento súbito. Precisava descobrir qual era meu quarto. Se esperasse até que minhas malas fossem postas lá, poderia saber onde ele ficava.

— Não sei se minhas malas já vieram.

— Puxe a corda da sineta — falou. — Vou mandá-los trazer chá e eles nos podem dizer se suas malas já vieram.

Janet voltou.

— Peça que tragam um pouco de chá, Janet — disse Emerald.

Janet fez que sim e saiu.

— Janet não muda muito — aventurei.

— Janet... oh! Ela é metida demais. Parece que pensa estar em alguma situação especial. Fiquei surpresa de ela permanecer aqui depois que seu pai foi embora por tantos anos. Ela veio da casa de Anabel, como sabe. Você deve ter visto Anabel e seu pai. Naquela ilha ridícula. Às vezes, acho que há um traço de loucura nos Matelands.

— É bem provável — falei, dando uma risada.

— Aquele caso horrível. Dois irmãos... Nunca me recuperarei daquilo. Fiquei contente de Esmond ser tão criança e não saber do que se tratava. E depois Joel partindo para aquela ilha e vivendo lá como um nababo ou coisa parecida. Seu pai foi sempre tão brilhante. E David também. Eu me casei numa família estranha.

— Bem, isso foi há muito tempo, Tia Emerald.

— Há muitos anos. Você deve ter muita coisa para me contar... sobre eles... e tudo.

— Um dia conto — falei. Trouxeram o chá.

— Susannah, você serve? — perguntou. — Não vejo muito bem. Posso deixar derramar o chá no pires.

Sentei-me, servi o chá e passei-lhe uma xícara. Havia uns bolinhos num prato e um pouco de pão e manteiga.

— Esmond ficou muito impaciente depois que você foi embora — continuou. — Realmente, Susannah, precisava ter ficado tanto tempo fora?

— Era tão longe, compreende, e depois de ter feito uma viagem tão longa achei que tinha de ficar algum tempo.

— Imagine você encontrando o esconderijo de seu pai! E depois voltando para Sydney e, enquanto estava fora, a coisa toda estourando. Que clímax para todo aquele melodrama secreto. De certa forma apropriado.

— Foi... horrível — falei, enfaticamente.

— Mas você se saiu bem, Susannah.

— Às vezes penso...

Ela esperava. Eu devia ser cuidadosa. Não devia mostrar meus sentimentos com tanta intensidade. Tinha a sensação de que Susannah nunca sentia nada com profundidade, a não ser coisas que lhe dissessem respeito.

— Gostaria — terminei vagamente — que me tivessem acompanhado a Sydney. Fale-me sobre Esmond.

Houve um breve silêncio, depois ela falou:

— Foi uma recaída daquela doença misteriosa que ele tivera antes de você partir. Lembra-se?

Fiz que sim.

— Ele estava doente naquela época... muito doente. Como sabe, pensamos que fosse o fim... mas ele melhorou. Pensamos que melhoraria da segunda vez. Foi um grande choque. Malcolm assumiu os assuntos da propriedade. Ele está muito amigo de Jeff Carleton.

— Oh, está? — falei.

— Sim. Creio que Jeff pensa que este lugar deveria passar para Malcolm depois de Esmond. Na verdade achei que poderia. Mas seu avô sempre teve um ressentimento em relação a Malcolm, por causa do avô dele. Eles se detestavam, aqueles dois irmãos, nunca vi uma família com tal mania de feudos.

Senti um tremor de desconforto. Devia conhecer aquelas pessoas. Estava pisando em gelo muito fino e iria chegar inevitavelmente a um lugar onde o gelo fosse fino demais, e depois então viria o desastre.

— Acho que Jeff Carleton vai querer vê-la logo. Ele está um pouco inseguro a respeito das coisas, mas é claro que isto é natural.

— É claro — respondi, buscando desesperadamente na memória alguma pista do passado que pudesse dizer-me quem era Jeff Carleton.

— Ele espera que tudo seja dirigido da mesma forma. Imagino que você não queira mudar nada. Sempre achei que meu querido Esmond era um pouco acomodado.

Fiz que sim. Estava construindo um quadro de Esmond. Calmo. Acomodado.

— Acho que deu a Jeff carta branca, e creio que Jeff espera que continue assim.

— Creio que sim — disse.

— Houve sempre tanta confusão com essas terras, e creio que, quando David morreu, Jeff assumiu a autoridade. Ele tomou gosto pela coisa, pois Esmond era ainda muito pequeno.

— E acomodado — acrescentei. Ela fez que sim.

Tomei um pouco de chá quente. Estava revivendo, mas não conseguia comer nada. Estava esgotada.

Emerald continuou a conversar, e eu me debatia desesperadamente, tentando prender-me a alguma pista e comentário de valor. Era exaustivo, e quando bateram na porta e Janet entrou para dizer que minhas malas já se achavam no quarto, levantei-me com alegria. Estava ansiosa por ter umas horas para poder assimilar o que tinha aprendido. Fiquei de pé e disse que iria para meu quarto.

— Vejo-a no jantar — disse Emerald.

Saí. Agora era o momento de procurar meu quarto. Achava que devia ser no outro andar. Olhei por cima do ombro furtivamente. Ninguém podia ver-me. Subi as escadas depressa e, quando cheguei no alto, apareceu uma pessoa no final do

corredor. Era Janet.

— Indo para o quarto, Srta. Susannah? — falou.

— É... é — respondi.

— Bem, suas malas estão lá. Subi com elas para me certificar de que tudo chegaria bem.

— Oh, obrigada. — Tinha vontade de gritar que ela fosse embora. O que estava fazendo ali? Era como se soubesse que eu me encontrava num dilema e quisesse apanhar-me.

Passei por ela e me dirigi às escadas. Havia uma janela no corredor. Fui para lá e fiquei demorando-me, como se estivesse olhando a paisagem lá embaixo — os gramados verdes e as matas a distância.

Pensei que ela se tivesse ido e caminhei em direção à primeira porta. Estava prestes a abri-la de mansinho, quando ouvi sua voz.

— Não... não... eu não faria isso, Srta. Susannah. Se fosse você não faria isso.

Ela tinha voltado e estava de pé atrás de mim com a mão em meu braço.

— Seria muito triste para você. Está exatamente como ele o deixou. A mãe dele não quer que mexamos em nada. Creio que ela vem aqui em cima às vezes, e não é fácil para ela ficar de pé. Acho que se senta simplesmente aqui e fica lamentando-se por ele ter desaparecido.

O quarto de Esmond! Que escapada feliz! Ela tinha pensado que eu iria lá para chorar.

Queria livrar-me dela. Disse, com um ar emocionado:

— Tenho de entrar, Janet.

Ela suspirou e entrou no quarto comigo. Achava-se muito arrumado. Lá estava a cama dele, a fileira de estantes numa parede, a escrivaninha na outra, as poltronas, as cortinas estampadas com crisântemos cor de bronze.

Janet estava atrás de mim.

— Ele morreu naquela cama — falou. — A mãe dele não quer que mude nada. Eu a aconselharia a não ficar aqui, Srta. Susannah. Não sei, é soturno; não é bom para você.

— Quero ficar aqui um pouco, Janet. Quero ficar sozinha.

— Muito bem, então. Faça o que quiser.

Fechou a porta e saiu. Sentei-me numa cadeira e fiquei pensando, não em Esmond, mas em Janet e como iria encontrar meu quarto sem que ela soubesse que o estava procurando.

Depois de algum tempo, abri a porta com cuidado e olhei para o corredor. Estava tudo quieto e deserto. Passei pelo corredor às escondidas, abrindo uma porta atrás da outra à procura de minhas malas.

Havia vários quartos. Abri cuidadosamente a porta bem no final do corredor e encontrei o quarto com a minha bagagem.

Tensa e nervosa, entrei e me afundei na cama.

E aquelas foram apenas as primeiras horas.

Quando desarrumava as malas, ouvi uma batida na porta.

— Entre — falei, com o coração começando a bater, como acontecia quando estava prestes a me deparar com uma nova ameaça.

Era Janet de novo.

— Precisa de alguma ajuda?

— Não, obrigada. Eu me ajeito.

— Esqueceram de pôr alguma coisa no seu quarto?

— Creio que não.

— Grace, a empregada nova... está com um pouco de medo de você.

— Por que está com medo?

— Oh, ouviu falar de você e suas crises de mau humor. E agora você é a dona, por assim dizer.

Ri, um pouco contrafeita.

— Vai colocar essas coisas na gaveta? Tudo bem dobradinho. Nem parece você, Srta. Susannah. Nunca vi uma pessoa tão desorganizada. Ficava tudo sempre espalhado pelo chão. Agora, ficou organizada; será que a viagem ajudou para isso?

— Acho que sim. Quando se necessita fazer e desfazer malas percebe-se que é necessário manter as coisas com um pouco de ordem.

Ela fez que sim.

— Quero dizer-lhe uma coisa. — Baixou a voz. — É sobre Anabel.

— O quê? — perguntei, ansiosa.

— Você a viu naquela ilha. Como ela estava?

— Estava bem e feliz, e parecia satisfeita da vida.

Janet meneou a cabeça.

— Foi um choque terrível para mim, quando ela foi embora. Era como se fosse minha filha. Não devia ter-me deixado assim.

— Seria difícil para ela levá-la.

— Por que não? Vim para cá com ela do vicariato. Meu lugar era com ela... não aqui.

— Bem, mas você ficou aqui.

— Gostava dela — queixou-se Janet. — Ela era um pouco atrevida... cheia de idéias... nunca se sabia o que iria fazer na próxima vez... mas tinha uma natureza meiga.

Eu não conseguia falar. Tinha medo de trair minha emoção.

— E eles estavam felizes lá... ela e o Sr. Joel? — continuou. — Nunca me esquecerei daquela noite. Todos correndo para cima e para baixo... todo aquele barulho e tagarelice... para depois encontrá-lo lá fora. Lembro-me deles carregando-o numa maca. Não parecia estar acontecendo na vida real. Mas o engraçado da vida real é que, às vezes, pode parecer não ser real. Oh, pobre Srta. Anabel!

Pensei: Há um objetivo nisto. Ela está suspeitando. Está me testando. Isto tem algum significado.

— Havia uma menininha — falou — Eu a vi uma vez. Uma linda coisinha. Imagino o que terá acontecido com ela.

— Ela estava lá... com eles — disse-lhe.

— Oh, graças a Deus! Devia saber disso. A Srta. Anabel não teria ido embora sem ela.

— Não, ela não faria isso.

— E a viu na ilha, então, Srta. Susannah?

— Sim, eu a vi. Seu nome era Suewellyn.

— É isso mesmo. Eles fizeram um piquenique certa vez. Eu estava lá.

— É mesmo? — Meu coração começou a disparar. Tinha medo de trair minha agitação.

— Foi. Uma coisinha encantadora. Podia-se ver que era uma Mateland. O que aconteceu com ela?

Eu podia sentir os olhos de Janet em mim, e disse rapidamente:

— Ela estava na ilha... quando aconteceu. Ela se foi com eles.

— Pobre menininha. Ela se parecia com você quando a conheci. Mais ou menos da mesma idade... o mesmo tipo... e aquela coisa especial nela que fazia com que se pensasse: "Não há dúvida de onde ela saiu." Foi uma tragédia terrível... e uma sorte que você não estivesse lá, quando tudo aconteceu. Engraçado você ter ido a Sydney bem na hora certa.

— Você parece saber de tudo, Janet.

— Bem, a notícia foi dada à Sra. Mateland pelos advogados. O Sr. Joel teria sido o verdadeiro herdeiro depois que Esmond desapareceu, se não tivesse sido deserdado. Ficou mais fácil com ele fora da jogada, por assim dizer. O velho Sr. Egmont estava bem quando descobriu que tinha perdido os dois filhos com um tiro de espingarda, como aconteceu. Deserdou o Mestre Joel, mas de qualquer modo havia o Sr. Esmond. Quem diria que ele *iria* morrer assim? Estou contente de a menininha ter ficado com a Srta. Anabel. Só estive com eles um pouco, mas foi comovente vê-los juntos... embora fosse errado, é claro. Pobre Srta Anabel. Ela merecia mais.

— Sim — falei com ardor. — Merecia mais. — Janet me olhou penetrantemente, e eu continuei: — Bem, agora está tudo acabado.

— Tantas mortes — acrescentou Janet. — Não gosto disso. Aquele vulcão... bem, foi uma ação de Deus. Pobre Sr. Esmond também. Fico pensando quanto tempo seu quarto ficará assim. Sua mãe não quer que se toque em nada, Você vai concordar com isso, Srta. Susannah? Os papéis na escrivaninha... os livros dele e tudo o mais... sem se poder mexer... ficar tudo como quando ele morreu... Bem, é isso que a mãe dele quer.

— Vamos ver, Janet — falei.

Ela olhou para mim aflita e saiu. Quando fiquei sozinha, sentei-me na cama e fiquei olhando para o ar.

Será que suspeita de alguma coisa?, perguntei a mim mesma.

Passei a noite bastante bem. Ajeitei-me bem com Tia Emerald, pois, para começar, ela estava parcialmente cega e não podia ver a diferença entre mim e Susannah. Além do mais, era uma mulher totalmente voltada para si mesma, o que ajudava muito numa situação como essa. Qualquer diferença que pudesse descobrir não lhe importava, pois acreditava ser devido aos efeitos de minhas viagens.

Com os criados era outra coisa. Alguns deles conheciam Susannah desde a infância, mas creio que estavam pensando que eu era ela, embora achassem que tivesse mudado.

A única que realmente eu tinha de temer era Janet. Ela sabia demais. Sabia da existência de Suewellyn. Poderia começar a raciocinar. E então o que aconteceria?

Naquela mesma noite, o fato de eu poder trair-me facilmente foi comprovado. Quem diria que pudesse acontecer por causa de um simples pudim?

A sobremesa era pudim de gengibre. Não tinha vontade de comer nada; já tinha comido queijo e biscoitos depois do prato principal, e não quis o pudim. Chaston, o mordomo, deve ter contado minha recusa, pois logo depois que disse boa-noite a Emerald e estava indo para meu quarto, pronta para subir a escada, uma mulher de rosto afogueado apareceu por trás do biombo e pôs-se entre mim e as escadas.

— Alguma coisa errada? — perguntei.

— Sim, Srta. Susannah, há uma coisa errada.

— O quê? — perguntei.

— Gostaria de saber, senhorita, se é de opinião que não sirvo mais para cozinhar para esta casa.

Uma declaração tão enfática, feita de um modo assim tão belicoso, indicava que a ira daquela mulher tinha sido despertada à força.

Fiquei imaginando por que eu deveria ser confrontada daquela maneira, e então me lembrei que estava passando por Susannah, a dona daquele vasto estabelecimento.

— Não — disse. — Achei que a comida estava excelente.

— O que tinha de errado no meu pudim de gengibre que foi mandado de volta sem ser tocado?

— Nada, tenho certeza.

— Mas tinha alguma coisa que fez a senhorita torcer, o nariz! Ora, foi feito especialmente para a senhorita, já que sei que sempre foi um de seus pratos favoritos. Tenho o trabalho de fazer o pudim na primeira noite... como sempre faço quando vem para casa de qualquer lugar... e nunca sobra quase nada, quando volta para a cozinha. E a senhorita não provou nem uma lasquinha.

— Oh, M... — Tinha esquecido que não sabia o nome dela. — Sinto muito. É que... estou cansada demais para ter fome esta noite.

— Não — continuou, ignorando minha interrupção. — Voltou exatamente como foi. Disse para mim mesma quando vi o pudim: "Bem, Sra. Bates, parece que sua comida não é boa o suficiente para as pessoas que viajam pelo mundo." Posso adiantar-lhe, senhorita, que há gente perto daqui que gostaria de ter em casa alguém que soubesse fazer um pudim de gengibre como aquele.

— É só que estou muito cansada, Sra. Bates.

— A senhorita cansada! Nunca estive cansada. E se foi isso que a viagem fez com a senhorita, teria sido melhor ficar em casa...

— Quer fazer um pudim de gengibre amanhã de noite, Sra. Bates? — pedi, com insistência.

Ela fungou um pouco, mas pude notar que estava começando a amainar.

— Faço outro se me mandarem.

— Então, vou poder apreciá-lo. Estou absolutamente exausta... e muito sem apetite para poder deliciar-me com ele hoje.

— A senhorita comeu queijo, disse-me Chaston — falou ela me acusando. — Deixou meu pudim de gengibre pelo queijo! Quando me lembro da senhorita de pé numa cadeira, com os dedos na forma e tirando uns bocadinhos, toda vez que eu não estava olhando... — Seu rosto se contorceu num sorriso. — A senhorita dizia. "É de gengibre, Sra. Bates. O Diabo me tentou." A senhorita era arteira, se era, e pudim de gengibre foi sempre seu prato favorito. Agora parece que...

— Oh, não, não, Sra. Bates. Ainda gosto dele. *Por favor*, faça outro amanhã.

Ela estava começando a piscar.

— Não posso fazer outro — falou — para que ele volte do mesmo modo como foi. Isso é o suficiente para cortar o coração de qualquer cozinheira.

Estava amolecendo. Aceitava minhas desculpas. Mas quanto alarido por causa de um pudim! Como eu tinha de ser cuidadosa!

Estava exausta, quando cheguei ao quarto. Tinha aprendido muito, e o mais importante é que tinha descoberto como podia trair-me facilmente.

Dormi bem. Creio que estava exausta física e emocionalmente. Acordei com uma sensação que se estava tornando normal para mim agora... um misto de terrível apreensão e excitação. A qualquer hora, minha farsa podia vir à tona, sabia. Teria sorte, se sobrevivesse algumas semanas. Levantei-me e desci para o café da manhã. Tinha idéia que era tomado entre oito e dez horas, e que a pessoa se servia diretamente do bufê. Entrei na sala onde tínhamos jantado na noite anterior. Sim, a mesa do café estava arrumada e a comida achava-se quente no bufê, nas travessas de prata.

Eu me servi e me sentei, contente de estar sozinha. Estava com fome apesar de minha agitação interna. Quando estava comendo, Janet entrou.

— Oh, tão cedo — falou, naquele seu tom familiar. — Nem parece você, Srta. Susannah, acordada a esta hora. O que lhe aconteceu? Mudou seus hábitos depois que esteve no exterior? A Srta. Fica-na-cama virou Srta. Pássaro-madrugador.

Assim é que cometi outro erro. Devia lembrar-me daquilo.

— Não creio que Jeff Carleton esteja aqui antes das dez — continuou. — Não espera que queira dar uma volta pela propriedade com ele a esta hora, posso assegurar-lhe. Ele estava dizendo como está contente de você ter voltado para casa. Disse que é uma grande responsabilidade não ter permissão para fazer as coisas que quer. Lembre-se, no entanto, que o Sr. Esmond lhe dava mais ou menos carta branca. Ele disse que não espera isso de você.

Ouvi. Então, hoje de manhã eu ia percorrer a propriedade com Jeff Carleton, o administrador da fazenda. Devia agradecer a Janet por me dar tanta informação. Sentia-me exultante por conseguir tanto. Estava aprendendo a ficar de olhos e ouvidos abertos.

— Estarei pronta quando ele chegar — falei. — Às dez horas, você disse.

— Bem, era a essa hora que você e o Sr. Esmond costumavam ir com ele, não era?

— Oh, era — concordei.

— Ele disse a Jim para selar Blackfriar para você. Tem certeza de que vai querer ver as terras logo?

— Vou, sim.

— Não creio que Blackfriar tenha se esquecido de você. Dizem que os cavalos nunca se esquecem. Mas ele sempre foi bom com você.

Havia uma espécie de aviso. Senti uma vertigem momentânea. E se o cavalo me rejeitasse? Existia uma insinuação nas palavras de Janet, de que Blackfriar, embora bom com Susannah, tendia a ser pior com os outros.

— Vou deixá-la tomando café — falou Janet.

Subi para o quarto e botei uma roupa de montar. Fiz uma prece de agradecimento a meu pai por ter levado um par de cavalos para a ilha e aos Halmers por me darem oportunidade de montar sempre na fazenda. Eles eram ótimos cavaleiros, e ao galopar no mato com eles, tentando equiparar-me à sua destreza, ganhei confiança em mim e uma certa habilidade.

Logo depois das dez horas, Jeff Carleton chegou. Desci para me encontrar com ele.

— Oh, Srta. Susannah — disse, pegando em minha mão —, é bom vê-la de volta. Gostaríamos que tivesse chegado antes. Foi uma tragédia horrível.

— Sim — falei —, terrível.

— Foi tudo tão repentino. Uma semana antes estávamos passeando a cavalo com ele e o Sr. Malcolm, e depois... ele desapareceu.

Meneei minha cabeça.

— Desculpe-me por falar assim. Temos de continuar daqui por diante, não temos, Srta. Susannah? E não sei se a senhorita tem outras idéias em relação à propriedade.

— Bem, gostaria de dar uma olhada nas coisas... — Não estava certa se o chamava de Jeff, Carleton ou Sr. Carleton, então não disse nome algum.

— A senhorita vai querer tomar as rédeas, presumo — disse ele, com uma risada.

— Oh, creio que sim.

Fomos à estrebaria. O cavalariaço deu um passo à frente e falou:

— Bom-dia, Srta. Susannah, Blackfriar está pronto.

— Obrigada. — Gostaria de saber os nomes daquela gente. Era uma grande desvantagem viver no escuro.

Identifiquei o cavalo. Seu nome era útil. Ele era bonito, todo preto com umas

pintas brancas no pescoço. Seu nome lhe ficava bem.

— Esse aí vai ficar contente de a senhorita ter voltado. Ele foi sempre o seu cavalo, o Blackfriar. Tenho certeza de que definiu quando a senhorita foi embora. Naturalmente, acostumou-se com isso depois de sua estada na França.

— É mesmo — falei.

Fiquei feliz por ter sempre estado em contato com cavalos e poder aproximar-me de Blackfriar com confiança. Dei uma palmada nele com cuidado. Suas orelhas se levantaram. Ele estava alerta.

— Blackfriar — murmurei — é Susannah... vim buscá-lo.

Houve um instante de tensão, enquanto não tive certeza se ele me ia rejeitar. Acariciei-o e disse:

— Você não se esqueceu. Está-me conhecendo.

Minha voz era branda. Tirei um torrão de açúcar do bolso. Susannah sempre fazia isso com nossos cavalos. Ela era sempre gentil com os animais.

— Está tudo bem — falei ao empregado. — Ele está-se lembrando bem. — Pulei na sela e, dando-lhe outra palmada, murmurei: — Meu velho Blackfriar.

Não tinha certeza se sabia que eu não era Susannah, mas sabia que gostava de mim, e me senti triunfante quando saímos da estrebaria.

— Onde gostaria de ir primeiro? — perguntou Jeff Carleton.

— Deixo isso a seu cargo.

— Achei que poderíamos ir até os Cringles.

— Sim — respondi. — Se acha que é uma boa idéia.

Deixei-o ir na frente de propósito. Chegamos à estrada que dava para a mata e cavalgamos lado a lado.

— Vai sentir algumas mudanças, Srta. Susannah.

— Imagino que sim.

— Faz bastante tempo que não vem aqui.

— Bastante. Naturalmente, voltei por pouco tempo depois da França.

— É, mas foi-se embora novamente. Possivelmente, vai haver algumas coisas que a senhorita vai querer mudar.

— Vou ter de ver.

— A senhorita sempre teve idéias em relação à fazenda, eu sei.

Fiz que sim, imaginando que idéias Susannah poderia ter.

— É claro que nunca pensamos...

— É claro que não. Mas essas coisas acontecem.

— O Sr. Malcolm achava-se muito interessado. Esteve aqui há mais ou menos um mês, creio.

— Oh, esteve?

— Acho que ele tinha idéias... por ser um homem de visão. Quando o Sr. Esmond morreu... provavelmente pensou que a senhorita não iria querer preocupar-se com a direção da propriedade. Pensei comigo mesmo que ele não conhecia a Srta. Susannah.

Dei uma ligeira risada.

— É claro — continuou Jeff Carleton — que com uma propriedade como esta as pessoas poderiam pensar que, se há um homem na família, ele deveria encarregar-se dela.

— E você acha que Malcolm pensa assim.

— Tenho certeza. Achava que poderia ser o próximo, quando Esmond morresse pelo fato de a senhorita ser mulher, embora soubesse, como todos nós, que seu avô hesitaria em relacionar o nome dele por causa da antiga briga.

— É — falei.

— O irmão mais moço do seu avô poderia, talvez, *reivindicar* a propriedade, e esta reivindicação beneficiaria seu filho e neto. Isso faz algum sentido. Algumas famílias não deixam que as mulheres herdem. Com os Matelands é diferente.

— Sim, com os Matelands é diferente.

Tinha pelo menos estabelecido a reivindicação de Malcolm. Ele era o neto do irmão mais moço do Avô Egmont. Uma reivindicação clara. Era dele que eu estava tirando a herança.

Um tremor de alarme correu por meu corpo. Mas o dia estava muito bonito. Os campos achavam-se cheios de botões de ouro e margaridas, e os pássaros estavam loucos de alegria porque o Sol encontrava-se a pino no céu e a primavera se metia pelo verão adentro. Não conseguia deixar de me sentir animada.

— As fazendas estão tendo um bom lucro — continuou Jeff Carleton. — Todas menos a dos Cringles. Não sei o que pensa deles e se pretende dar algum tipo de sugestão

— Os Cringles — falei, como se estivesse pensando no assunto.

— Eles ficaram arrasados depois da tragédia.

— Oh... sim. — Que tragédia era aquela? Tinha de tomar pé com cuidado.

— O velho nunca mais foi o mesmo desde então. Parece ter atingido mais a Jacob do que a qualquer um deles. É claro que Saul era seu irmão. Eram gêmeos, acho... sempre mais ligados. Jacob foi sempre dependente de Saul. Foi um choque terrível para ele.

— Deve ter sido.

— E a fazenda sofreu, conseqüentemente. Sugeri que fosse tirada deles! Não estavam aproveitando a terra como podiam. Mas Esmond não quis ouvir falar nisso, pois tinha um ótimo coração. Todos sabiam que podiam levar seus problemas a ele. Sei que a senhorita ficava um pouco impaciente com ele às vezes.

— É — murmurei.

— Então... creio que eles talvez esperem alguma mudança. Granny Bell, do chalé, quer que consertemos seu telhado. Teremos de fazer isso. Vai pegar chuva forte dentro, se não fizermos nada. Ela ia pedir isso a Esmond, mas ele ficou doente no dia exato em que eu apresentaria o problema a ele. Então, nada foi feito. Gostaria de dar uma olhada no telhado?

— Não — disse. — Pode mandar consertar.

— Seria realmente prudente. Mas, voltando aos Cringles...

Olhei à minha volta. Vi campos de trigo e as ovelhas pastando ao longe. A casa da fazenda ficava num vale.

— Eles realmente não tomam conta da propriedade. Saul é quem tomava. Era um dos nossos melhores trabalhadores. Foi uma grande pena. Parece que ninguém nunca chegou ao fundo da questão.

— Não — disse.

— Bem, isso ficou no passado. Há um ano ou mais... Já é tempo de se esquecer. As pessoas se entregam, às vezes... elas têm suas razões particulares; não devemos julgar os outros. A senhorita gostaria de ver os Cringles?

Hesitei. Depois, falei:

— Creio que sim.

Mudamos de direção e passamos pelos campos de cevada e trigo que levavam à casa da fazenda.

Desmontamos, e Jeff Carleton prendeu nossos cavalos. Atravessamos um pátio onde as aves catavam vermes e tudo o mais que encontrassem.

Jeff Carleton empurrou uma porta que estava ligeiramente aberta.

— Há alguém em casa? — chamou.

— Oh, é o senhor — disse uma voz ríspida. — Pode entrar.

Entramos numa cozinha de assoalho de pedra. Fazia calor e estavam assando pão no forno. Uma mulher tinha as mãos numa bacia em cima da mesa. Misturava a massa. Um velho estava sentado no canto da chaminé.

— Alô, Moses — disse Jeff Carleton. — Alô, Sra. Cringle. A Srta. Susannah veio vê-los.

A mulher fez uma reverência de má vontade. O velho resmungou.

— Como vão? — perguntei calorosamente.

— Como sempre — disse Moses. — Esta casa está de luto.

— Eu sei — respondi. — Sinto muito. Mas como vai tudo na fazenda?

— Jacob está-se matando — disse o velho. — Trabalha da manhã à noite.

— E as crianças dão uma mão — acrescentou a mulher.

— Assim mesmo as coisas não estão como deveriam estar — falou Jeff Carleton.

— Sentimos falta de Saul — resmungou o velho, de modo acre.

— Eu sei — falei.

— As crianças vão estar logo crescidas — consolou Jeff. — Estava pensando se não seria uma boa idéia deixar Gravei Three Acres sem cultivo no ano que vem. Não está tendo uma boa produção e não teve também nos últimos dois anos.

— Tudo por causa de Saul — falou Moses.

— Bem — acrescentou Jeff, com brandura. — Saul não poderia fazer muita

coisa pelo campo, se estivesse aqui. Creio que devia ficar sem cultivo por um ano ou dois.

— Vou dizer a Jacob — falou a mulher.

— Por favor, Sra. Cringle. E se ele quiser consultar-se comigo, estarei disponível a qualquer hora. Bem, vamos indo.

Sáimos e Jeff desamarrou os cavalos.

— Uma recepção longe de ser calorosa — falei.

— Esperava isso dos Cringles? Estão obcecados pelo que aconteceu a Saul. É terrível um homem tirar sua própria vida. Olham isso como uma desgraça para a família. Ele está enterrado na encruzilhada; o vigário não o quis enterrar em campo santo. Isso significa muito para pessoas como os Cringles.

— Imagino que sim.

Tínhamos ido na direção da estrada e estávamos passando por um caminho estreito, quando uma coisa passou zunindo pela minha cabeça, não me pegando por apenas uns centímetros, e indo parar na estrada.

— O que foi aquilo? — perguntei.

Jeff Carleton pulou do cavalo e abaixou-se, segurando uma pedra.

— Devem ter sido as crianças — falou.

— Uma brincadeira perigosa — retruquei. — Se me tivesse pegado... ou a você... podia ter machucado bastante.

Houve silêncio.

Jeff olhou para mim e deu de ombros, atirando a pedra na estrada. Depois, enfiou-se no meio das árvores e gritou:

— Quem está aí?

Eu tinha certeza de ter ouvido o barulho de alguém entre as folhagens.

Jeff voltou e montou o cavalo.

— Ninguém por aqui — falou. — Vamos continuar?

Fiz que sim.

Então, percorremos a propriedade e eu vi mais fazendas e colonos. Não cometi muitos erros sérios, mas fiquei realmente preocupada com aquela pedrada.

Estava certa de que tinha sido jogada em mim e por alguém da casa dos misteriosos Cringles.

Quando voltei para casa, Janet estava no *hall*. Não podia tirar da cabeça a sensação de que ela me estava vigiando. Pareceu aliviada de me ver.

— Que tal, a manhã foi boa, senhorita?

— Foi. Obrigada, Janet.

— Quero dizer-lhe uma coisa. É sobre o quarto do Sr. Esmond. Cabe a você decidir o que fazer, é claro, mas achei que talvez achasse uma boa idéia desfazer aquele quarto... pelo menos tirar os papéis da escrivaninha. Vai ter de ser feito um dia, e a Sra. Emerald não tem coragem de fazê-lo... e os olhos dela não estão bons. Achei que se você pensasse um pouco... talvez quisesse fazer isso... logo.

— Obrigada — disse. — Vou fazer isso um dia desses.

Fiquei um pouco agitada. Quem sabe? Poderia aprender alguma coisa com aqueles documentos da escrivaninha de Esmond. É, era uma idéia excelente. Poderia ser de grande valia para mim, poderiam dar-me toda sorte de informações que seriam vitais para meu desempenho.

Lavei-me rapidamente e almocei com Emerald. Ela era a mais fácil de todos, e percebi que sua companhia me era muito tranqüilizante. Sua cegueira progressiva ajudava muito — o que era doloroso de se pensar — mas tinha de admitir que era um alívio, como também a sua total concentração em si própria era uma bênção.

Ela me perguntou como tinha passado a manhã, e eu lhe contei que tinha saído a cavalo percorrendo a propriedade com Jeff Carleton.

— Espero que tome as rédeas logo — falou. — Você vivia insistindo que Esmond fosse mais interessado. Eu sempre disse que a sua paixão era pelo castelo e não por Esmond.

— Oh, Tia Emerald — protestei —, como pode falar assim? Mas, de fato, sempre adorei o castelo.

— Não precisa dizer-me... Então percorreu a propriedade com Jeff. Que bom poder andar por aí. Eu gostaria tanto de...

Tínhamos, pois, abordado seu assunto preferido, e eu estava salva pelo resto do almoço.

Decidi pôr em prática a sugestão de Janet o mais cedo possível e, quando Emerald retirou-se para o quarto para fazer a sesta da tarde e os empregados

estavam quietos, fui para o quarto de Esmond.

Fechei a porta e fiquei olhando à minha volta. Era um quarto comum, se é que havia alguma coisa comum no Castelo Mateland. A janela arredondada cortando a parede e o assento de pedra embaixo dela faziam-no diferente dos outros quartos que eu tinha conhecido; mas a mobília me pareceu convencional. Havia um sofá, duas poltronas, outra cadeira, uma pequena mesa de escrever com uma lâmpada de óleo em cima, e a escrivaninha num canto. O quarto não me dizia nada de Esmond.

Fui direto para a mesa. Era lá que Janet dissera que estavam os papéis.

Abri a gaveta e vi vários cadernos de notas lá. Tirei um deles e o abri. Encontrei uma lista de nomes organizados em índice. Virei as páginas e vi que continha informações sobre pessoas, o que me fez concluir logo que eram pessoas que moravam na propriedade.

Vi como aquelas informações seriam úteis para mim. Percorri o caderno cuidadosamente para aprender aqueles nomes e assuntos ligados aos que moravam por lá. Tive vontade de gritar:

— Obrigada, Janet, por me fazer vir aqui.

Emma Bell, li no início da lista. Virei na página indicada no índice.

Na faixa dos 70 anos. Vivia no chalé desde que se casara há 50 anos. Os filhos se casaram e foram embora. Sozinha. Depende do seu trabalho como costureira.

Agora sabia que era aquela a Emma Bell cujo telhado precisava ser consertado.

Tom Camber, 80 anos. Veio para Mateland aos 12. Viveu num chalé até morrer. Considerar Tom Gelder quando se casar com Jessíe Gill, a empregada.

Era maravilhoso. Podia ler o caderno e aprender tudo sobre aquelas pessoas antes de conhecê-las. Não podia haver melhor ajuda para fortalecer minha posição.

Continuei a ler com prazer crescente. Decidi levar o caderno comigo para examiná-lo. Estava muito animada a dar uma volta pelas terras e talvez encontrar Tom Gelder e dizer-lhe para usar um chalé que viesse a ficar vazio.

Aquelas pessoas estavam ficando vivas para mim e eu queria desesperadamente fazê-las felizes e contentes por ter-me tornado a dona do castelo. Aliviaria muito minha consciência. Enquanto lia sobre eles e pensava o que poderia fazer, parte daquela tremenda sensação de culpa começou a desaparecer.

Estava afundada no caderno quando ouvi a porta se abrindo. Levei um susto e voltei-me depressa, sentindo que me achava corada.

Era Janet que estava lá.

— Oh, pensei ouvir alguém aqui dentro — falou. — Mas não estava certa. Então, está lendo os papéis como sugeri. — Ela me observava atentamente, e tive certeza de que suspeitava de mim.

— Aceitei sua sugestão, sim — respondi. — Está tudo muito organizado aqui.

— Oh, alguns desses papéis precisam ser vistos — disse Janet. — Estou contente de você estar fazendo isso. Não queremos que a Sra. Emerald os veja e se aborreça.

— Parece haver muita informação a respeito da propriedade aqui.

— Deve ser mesmo para isso. Talvez que dentro da escrivaninha...

— A escrivaninha está trancada.

— Deve haver uma chave em algum lugar. Onde será que o Sr. Esmond a guardava?

Ela me olhava com uma expressão estranha no rosto... meio divertida, meio desolada. Não conseguia em absoluto compreender Janet. Ela estalou os dedos e continuou:

— Acho que era guardada neste vaso. É isso mesmo. Encontrei-a certo dia quando estava tirando a poeira daqui. Prefiri eu mesma tirar a poeira. Sabe como algumas moças são em relação às coisas de homens que morreram. Assim que alguém morre, pensam que se transforma em bicho-papão, embora o Sr. Esmond fosse o mais gentil dos homens e nunca tivesse uma palavra áspera para ninguém. Oh, sim, está aqui neste vaso. Creio que esta vai servir.

— Acha que está tudo bem?

— Tudo bem, Srta. Susannah?

— Quero dizer... ficar mexendo em papéis particulares.

Seu olhar não deixava meu rosto, e vi sua boca se franzir num sorriso. Por um instante terrível, pensei: Ela sabe. Está rindo de mim. Aquele sorriso significa que era engraçado que eu, cometendo esta imensa fraude, tenha escrúpulos de alguma coisa. Seu rosto voltou à expressão comum de sempre.

— Bem, alguém vai ter de mexer nisso um dia. Você está partindo de onde ele parou, não está?

— Creio que é esse o modo de interpretar. — Tirei a chave dela.

— Muito bem, senhorita — falou. — Está sob sua responsabilidade.

— Obrigada, Janet.

— É melhor trancar a escrivaninha e colocar a chave de volta, quando terminar.

— Pode deixar.

Fechou a porta quando saiu. Estava certamente me ajudando muito, mas de alguma forma ela me fazia ficar angustiada. Aparecia sempre de repente e dando-me a impressão de que sabia de alguma coisa.

Mas talvez essa sensação fosse devido à minha consciência pesada.

Abri a escrivaninha.

Havia pilhas de papéis dentro de pequenas divisões. Olhei alguns deles. Eram contas quitadas e várias anotações da quantidade de produção que os fazendeiros tinham colhido. Havia contas referentes a consertos do castelo.

Tudo a respeito do qual eu devia saber. Então, quando punha de volta uma pilha de contas, minha mão encostou num pacote de livros pequenos encadernados em couro. Peguei-os. Estavam amarrados com fita vermelha; eram diários e tinham sido colocados em ordem. Olhei o de baixo. Tinha sido iniciado no ano anterior e os apontamentos paravam abruptamente em novembro. Eu sabia por quê. Foi quando Esmond morreu.

Eram os diários de Esmond, e se os lesse poderia ter uma idéia do tipo de vida que ele levava.

Sentei-me com os livros na mão. Senti-me como se estivesse profanando um túmulo. O lado honrado de minha natureza gritava e me desconsertava. Que ele ainda existisse era surpreendente, mas estava lá.

O instinto de sobrevivência, contudo, era mais forte, e pude ver como aquele dia seria proveitoso. Tinha tido sorte de encontrar aquele quarto logo, e isso devia agradecer a Janet. O que poderia aprender ali seria de grande valia. Abri o primeiro dos diários. As anotações eram breves. Por exemplo:

Tantalus perdeu uma ferradura hoje de manhã. Levei-a para Jolly. Esperei enquanto o ferrava e conversei com ele sobre a filha que vai casar-se este ano.

Atrasado para encontro com S. Ela ficou furiosa. Não falou comigo o dia todo.

Folheei as páginas.

Fui a Bray Woods com S. Lindo dia. S. de bom humor, por isso eu também. Saí com Jeff. Ele está ansioso que eu aprenda sobre a propriedade. Gostei bastante.

Virei uma das folhas mais recentes. Havia muito sobre Susannah e as anotações tinham tomado uma nova forma. Eram mais emocionais do que uma breve declaração de fatos e, nas entrelinhas, vi que a causa disso era Susannah.

Peguei a que devia ter sido escrita logo antes de Susannah partir para a Austrália. Achava que aquilo me diria mais sobre os recentes acontecimentos. Precisava descobrir tudo o que pudesse sobre Susannah.

S. me perturba. Não consigo compreendê-la. Às vezes, é encantadora. Outras vezes, creio que sente prazer em me magoar. Mas, o que quer que seja não faz diferença. Estava detestável hoje de manhã. Brigando por tudo. Foi grosseira com o pobre Saul Cringle. Ele ficou absolutamente arrasado. Quando lhe falei que ela diz coisas que realmente magoam os sentimentos dos outros e destroem o orgulho e auto-respeito das pessoas, riu de mim. Disse que eu era um frouxo e que nunca iria dirigir o castelo. Ela falou: "Creio que vou ter de me casar com você ou este lugar vai virar uma ruína." Quando disse aquilo, eu não consegui refrear-me. Falei: "Está falando sério, Susannah?" E ela disse: "É claro que estou falando sério." Depois, pegou meu rosto em suas mãos e me beijou de modo estranho. Fiquei tonto.

O diário parecia ser agora todo sobre Susannah. Não havia dúvida de que ela o fascinava completamente, e o enfeitiçara. Tinham ficado noivos. Ele queria casar-se logo, mas ela ainda não tinha terminado os estudos.

A história vinha à tona. Podia vê-la com aquela arrogância que vinha de uma segurança profunda de seus poderes de atração. Tinha alguma coisa de irresistível. Podia ser cruel e ser perdoada por sua crueldade. Acho que era uma excessiva atração física.

Deixei o livro em cima da escrivaninha, quando percebi como tinha sido boba. Como pude ter um dia pensado que podia ser igual a Susannah?

Depois, voltei ao livro.

Garth veio ontem. Vai ficar algum tempo. Saímos a cavalo os três. S. anda implicando com G. É uma pena, pois ele procura agradar. "Ele é um intruso", disse ela. Foi muito grosseira com ele e insinuou que ele nada mais era do que o filho de uma acompanhante, uma empregada de alta classe. Elizabeth teria ficado furiosa.

Saímos a cavalo hoje. Passamos pelos Cringles. Saul C. estava cortando a sebe com uma foice. Paramos para olhar. S. disse que achava que umas cercas precisavam de reparo. Saul ficou muito vermelho. Parecia um menino de colégio que não tinha feito trabalho de casa. E o fato de ele ser tão grande — deve ter perto de um metro e noventa — fez com que eu tivesse mais pena dele. Começou a dar desculpas. Susannah falou com uma voz que eu não gostava de ouvir porque assustava as pessoas que dependiam do castelo para viver. "Eu cuidaria dessas cercas se fosse você, Saul Cringle." A foice escorregou, e ele se cortou fundo. Susannah então mudou. Pulou do cavalo, jogou as rédeas para mim e correu para olhar se ele se tinha machucado muito. Fez Saul ir até a casa, e ela mesma fez uma atadura para ele. Fiquei contente de ver a mudança dela. Mas ela é assim. Quando estávamos voltando, falou: "Não foi nada. Só um corte. Ele estava fazendo crer que era pior. Queria que eu ficasse com pena." "Oh, acho que não", respondi. Então ela se virou para mim e novamente disse que eu era frouxo e que eu precisaria dela para dirigir a propriedade. Ela saberia lidar com pessoas como Saul Cringle. Depois, caiu na gargalhada. Não, não compreendo Susannah.

Ela parece ter vontade de perseguir Saul Cringle. Encontra defeito em tudo na fazenda dele. Age de modo muito estranho. Uma noite, eu a vi chegando tarde. Chovia e ela estava toda molhada. Fui encontrá-la, e ela ficou zangada comigo: "Olhe aqui, Esmond Mateland", falou, "se ficar espionando-me não me caso com você. Nunca me casaria com um homem que me espionasse."

Durante todo o dia ela falara áspera comigo. Veio ao meu quarto de noite. Vestia somente um robe. Rindo, ela o tirou e deitou-se em minha cama. Depois, disse: "Se vai casar-se comigo, deve acostumar-se a usar isso." Oh, Susannah...

Realmente eu não podia ler mais. Ele está morto, ficava dizendo-me. Estou-me intrometendo no que é só dele.

Não me surpreendi de Susannah ter ido ao quarto dele assim. Sua sensualidade andava lado a lado com sua força de atração. Havia um ar de promessa nos olhares que lançava na direção daqueles que queria escravizar, e eu tinha a sensação de que, se um capricho tomasse conta dela, não se negaria a cumprir aquela promessa.

Ficava imaginando como teria sido entre Susannah e Philip. Mas é claro que ela tinha a intenção de se casar com Esmond.

Não queria ler mais, e ao mesmo tempo me sentia impelida a isso. Se queria desempenhar bem meu papel, deveria saber exatamente como ela era. O efeito que tinha tido sobre Esmond me esclareceu sobre muita coisa, e eu já a tinha visto com

Philip.

Como é que eu podia um dia ter pensado em ser Susannah!

Juntei os papéis da propriedade e os diários. Devia levá-los para meu quarto e examiná-los com mais vagar.

Tranquei a escrivaninha, repus a chave no vaso e fechei a porta do quarto de Esmond, silenciosamente, atrás de mim.

Fiquei sentada na cama aquela noite lendo os documentos da propriedade. Tinha certeza de que agora estaria apta a percorrer as terras e conversar com as pessoas como se as conhecesse. Ganhei urna confiança maior. Usei um pouco do meu conhecimento recém-descoberto com Emerald e estou certa de que me saí muito bem. Mas, com ela era fácil; ela não se preocupava com as pessoas de nossa propriedade, a não ser, é claro, quando lhes fornecia carvão e cobertores no Natal, pãozinhos quentes na Páscoa (um estranho costume seguido há mais de 100 anos em Mateland, e que tinha sido criado por uma herdeira bem-intencionada) e um ganso na festa de São Miguel. Não que se preocupasse com a compra desses artigos, eles eram apenas distribuídos por sua ordem. Creio que era eu que deveria fazer isso agora.

Tive uma conversa com Janet mostrando meus conhecimentos, enquanto ela meneava a cabeça com um ar de aprovação, fazendo-me sentir como se fosse uma criança que aprendera bem sua lição.

Os dias seguintes decorreram tranqüilamente e eu passava as manhãs andando a cavalo por minhas terras. Parei para visitar umas pessoas, confiante nos meus conhecimentos recém-adquiridos. A velha Sra. Bell limpou uma cadeira para mim e começou a me contar sobre o telhado com goteira.

— Vai ser providenciado, Sra. Bell — disse-lhe. — O homem virá aqui em breve.

— Oh, Srta. Susannah — falou. — Ficarei muito contente. Não é agradável estar na cama sem saber se a chuva vai cair em cima da gente ou não.

Respondi que concordava com ela, e que devia avisar sempre a mim ou ao Sr. Carleton quando houvesse alguma coisa mais que precisasse ser consertada.

— Deus a abençoe, Srta. Susannah — disse ela.

— Vamos cuidar da senhora agora, Sra. Bell — falei.

— Oh, que bom. A senhorita voltou diferente, se não se importa que eu diga isso... Mais meiga. O Sr. Esmond era um homem meigo, sempre prometendo, embora

nem sempre fazendo... se entende o que quero dizer. Deus queira que seja diferente agora...

— Tentarei ao máximo fazer com que todos se sintam confortáveis — respondi. — É uma pena não se sentirem assim num lugar tão bonito como este.

— Oh, que bom, senhorita. Foi isso que disse a Bell quando chegamos aqui... há cinquenta anos, senhorita.

Disse que esperava que houvesse outros 50 anos para a Sra. Bell na cabana dela, o que fez com que ela risse.

— A senhorita sempre foi brincalhona, mas se não se importa que diga, é uma brincalhona mais gentil agora, depois que voltou.

Saí de coração leve. Pelo menos gostavam mais de mim do que de Susannah.

Depois da Sra. Bell, visitei as Thorns. Ela era uma mulher doente que vivia com a filha Emily, que devia estar próxima dos 50 anos. A filha parecia um ratinho de tão magra, era pequena, com movimentos rápidos, de cabelos ficando grisalhos e olhos pequenos escuros e assustados que se mexiam amedrontados, como que pressentindo um perigo. Eu conhecia o problema através dos diários de Esmond. Tinha sido acompanhante de uma senhora, com uma boa situação, até que seu pai morrera e sua mãe tornara-se aleijada em consequência de reumatismo. Então tinha voltado para casa a fim de cuidar da mãe. Ganhava a vida bordando e fazendo roupas para uma loja em Mateland, o que lhe convinha porque podia trazer o trabalho para ser feito em casa. Pobre Srta. Thorn, senti pena dela.

Ficou muito nervosa quando cheguei e olhou para mim como se eu fosse algum profeta do destino.

— Só estou visitando a propriedade, Srta. Thorn — falei. — Quero saber como vão indo todos.

Ela fez que sim e passou a língua pelos lábios. Era uma mulher assustada. Por que seria? Eu tinha de tentar descobrir, sem dar muito a perceber. Pobre Srta. Thorn, parecia um ratinho assustado.

Quando me sentei para conversar com ela, ouvi um barulho no teto. Levei um susto e olhei para cima.

— É minha mãe — falou. — Está querendo alguma coisa. Pode desculpar-me por um instante, Srta. Susannah? Vou dizer-lhe que a senhorita está aqui.

Fiquei sentada olhando a sala pequena, com a lareira e a mesa coberta com

uma toalha vermelha gasta mas limpa, sobre a qual estava seu bordado, imaginei, envolto em papel fino. Podia ouvir o som rouco de uma voz lá em cima, a falar sem parar.

Depois de cinco minutos, a Srta. Thorn reapareceu.

— Desculpe, Srta. Susannah — falou. — Estava explicando à minha mãe que a senhorita se encontrava aqui.

— Posso vê-la?

— Bem, se tiver vontade...

Não estava certa se devia ter dito aquilo ou não. Percebi no mesmo momento que não era o tipo de coisa que Susannah diria. O olhar assustado da Srta. Thorn me garantiu que não. Entretanto, ela se levantou e eu a segui pela escada. Os chalés eram todos mais ou menos iguais. Duas salas e uma cozinha embaixo e um quarto nos fundos, de onde saía uma escada que dava para os dois quartos de cima.

Num desses quartos, estava a Sra. Thorn, uma mulher grande que tinha os traços da filha, mas nenhuma outra semelhança. Vi logo que a Sra. Thorn era uma mulher de personalidade, o que explicava o olhar intimidado da filha. Era fácil perceber que era uma mulher de caráter forte.

Ela me olhou com atenção, e por um instante pensei que iria acusar-me de ser uma impostora.

— Não esperava que a senhorita fosse incomodar-se. É gentil de sua parte, Srta. Susannah — falou. — É a primeira vez que alguém do castelo vem visitar-me. — Deu uma fungada, que indicava seu ressentimento. — Não sirvo para muita coisa desde que fiquei aleijada com o reumatismo. Desde que Jack Thorn se foi, não tenho direito de estar aqui, imagino.

— Oh, Sra. Thorn, não deve falar assim. Estou certa de que a Srta. Thorn não a deixa pensar assim.

— Oh, ela... — A Sra. Thorn deu uma olhada maliciosa em direção da filha. — Ela desistiu do emprego sim, para vir tomar conta de sua mãe doente. Isso não se pode esquecer assim depressa.

— Ela mantém a casa muito bonita — falei, sentindo que a filha ratinha estava precisando de ser protegida daquela mãe aleijada, porém feroz.

— Uma covarde é o que ela é... uma típica covarde... costumava viver em mansões, é isso... servindo as senhoras de alta estirpe.

Eu estava cada vez com mais pena da ratinha.

— Foi terrível o que me aconteceu, Srta. Susannah. Fico deitada aqui... dia e noite. Não consigo mexer um músculo sem sentir dor. Não saio daqui. Não sei o que está acontecendo. Só soube que o Sr. Esmond tinha morrido uma semana depois de acontecido. E quando houve todo aquele boato sobre a primeira doença dele e quando Saul fez o que fez... bem, também não soube de nada daquilo. Coisas assim fazem com que a pessoa se sinta fechada... se é que entende o que quero dizer.

Disse que entendia e concordei com ela de coração. Falei que tinha vindo ver se estava tudo indo bem nos chalés.

— Está tudo em ordem — falou a Srta. Thorn, apressadamente. — Faço tudo o que posso...

— Estou vendo — assegurei-lhe. — Parece tudo muito limpo e organizado.

— Dizem que vai haver mudanças agora que voltou, Srta. Susannah — falou a Srta. Thorn, nervosa.

— Para melhor, espero — afirmei.

— O Sr. Esmond era um patrão muito bom para nós.

— Sim, eu sei.

Levantei-me e me despedi da Sra. Thorn. A filha desceu a escada comigo e me levou até à porta, com olhos suplicantes.

— Tenho cuidado de tudo — repetia. — Faço o melhor que posso.

Gostaria de saber o que a estava preocupando. Iria descobrir.

Fui embora e percebi que estava bem perto dos Cringles. A fazenda e os seus moradores me fascinavam. Pensava em Saul. Podia fazer uma idéia dele, com os olhos tristes, cortando a sebe e Susannah o insultando. Ela não gostava dele, queria aborrecê-lo e mostrar-lhe, creio, que devia sua sobrevivência ao castelo.

Desmontei e amarrei meu cavalo. Um menino que estava passando parou e olhou para mim.

— Alô — falei.

Ele simplesmente se virou e correu para longe.

Andei pelo caminho que dava na casa da fazenda, pensando: Não devia vir aqui. Não faz muito tempo que vim com Jeff Carleton. Pensei em desculpas rápidas. Perguntaria o que é que Jacob (aquele era o nome dele) achava de deixar Gravei

Three Acres sem plantio, agora que tivera tempo de considerar o assunto.

Bati na porta. O velho estava sentado na sua cadeira, a Sra. Jacob lavava a mesa de madeira e uma mocinha prendia umas cebolas numa penca e as punha numa bandeja.

— Oh, é a Srta. Susannah de novo — disse a mulher. A mocinha olhou para mim com um par de belos olhos castanhos, mas com um ar amedrontado.

— Só vim ver se vocês tinham tomado uma decisão sobre o campo.

— Não cabe a nós decidir — disse a mulher. — Ouvimos e fazemos o que nos mandam.

— Não quero que seja assim — protestei. — Vocês sabem muito mais da fazenda do que eu.

— Jacob disse que, se ficar sem plantio, vai haver uma diminuição na colheita, e se ela não for boa como deveria ser, ainda assim será uma colheita.

— Você tem razão neste ponto — concordei. — Acho que Jacob e o Sr. Cariaon deveriam juntar-se e tomar uma decisão.

— Dê à Srta. Susannah um gole de sua sidra, Carrie — disse o velho.

— Oh, não é boa o suficiente para uma pessoa como ela.

— Já fomos de serventia em outros tempos — comentou o velho, enraivecido; e eu fiquei pensando no que devia significar aquilo. — Traga para cá, menina — gritou para a mocinha que estava cuidando das cebolas.

— Faça o que ele está dizendo, Leah — falou a mulher. A menina levantou-se obedientemente e foi até o barril que estava no canto. Eu não queria a sidra, mas achei que não seria gentil recusar, pois só Deus sabe como eles já estavam bastante sentidos.

— É ela mesma quem faz — disse o homem, fazendo um gesto com a cabeça em direção à mulher.

— E é boa. A senhorita vai gostar. Quer dizer, se não for muito orgulhosa para beber com gente como nós.

— Que bobagem! — falei. — Por que deveria ser?

— Há gente que nem sempre precisa ter razões para as coisas — comentou o velho. — Tenha cuidado, Leah.

Leah estava virando a torneira do barril e enchendo uma jarra com o líquido

dourado. Trouxeram-me um canecão de estanho. Provei a sidra. Não gostei muito, mas vi que tinha de beber senão os Cringles ficariam ainda mais ofendidos do que já estavam; então, pus os lábios no canecão e dei um gole. Era muito forte. Eles todos me observavam atentamente:

— Tomei conta da senhorita quando era uma menininha — disse o velho. — Há anos... quando seu tio estava vivo e seu pai estava aqui. Foi antes de ele fugir depois que assassinou o irmão.

Fiquei em silêncio, mas me senti inquieta. Podia perceber o ódio do homem e da mulher. A menina era diferente. Parecia envolta em seus próprios pensamentos. Ela era uma criatura engraçadinha e graciosa, e seus olhos me lembravam os olhos de uma corça — grandes, suplicantes e alertas, e como os da Srta. Thorn, espreitando o perigo.

Soube instintivamente que estava grávida. Havia apenas um mínimo e quase imperceptível aumento de volume abaixo de sua cintura, mas era basicamente alguma coisa na sua expressão. Eu podia jurar que estava certa.

— Você mora aqui com seu marido? — perguntei.

Eu estava despreparada para o efeito que aquelas palavras tiveram. Ela ficou roxa e olhou para mim como se eu fosse uma bruxa com poderes sobrenaturais para ler seu pensamento.

— Nossa Leah... marido! Ela não tem marido.

— Não... eu... não sou casada. — Falou como se aquilo fosse uma calamidade.

Naquele exato momento, dei-me conta de uma sombra na janela. Virei-me rapidamente. Vi uma ponta de roupa preta e depois, quem quer que fosse, desapareceu.

Minha inquietude aumentava. Alguém tinha estado na janela me espreitando. É sempre desconcertante ser espreitada, quando não se está sabendo

— Havia alguém lá — falei.

A mulher sacudiu a cabeça.

— Uma gralha passando pela janela, presumo.

Não achei que fosse uma gralha, mas não disse nada.

— Não — continuou a mulher. — Nossa Leah não é casada. Ela tem dezesseis anos. Ainda vai esperar um ano ou pouco mais, e quando se casar não vai

morar aqui. Esta fazenda não tem lugar para mais gente. Bem, a senhorita reconhece que não vamos bem o suficiente.

— Não acho isso, Sra. Cringle.

— Então presumo que é alguma coisa que a traz aqui, Srta. Susannah. Gostaríamos que a senhorita nos dissesse logo.

— Quero ficar conhecendo todo mundo da propriedade.

— Ora, Srta. Susannah, a senhorita conheceu quase todos nós a vida toda. Naturalmente, houve aquela época em que foi embora, quando o Sr. Esmond estava mal e quase morreu e o nosso Saul...

— Prenda essa língua, mulher — disse o velho. — A Srta. Susannah não quer ouvir falar nisso. Sei que é a última coisa sobre a qual ela quer ouvir falar.

— Creio que queremos pensar no futuro — falei.

O velho deu uma risada rouca.

— É uma boa coisa, senhorita, quando não se agüenta o passado.

A sidra era de fato muito forte e eles me tinham dado uma caneca grande. Pensei se podia deixar um pouco sem ser grosseira. Não, decidi, eles já estavam muito magoados.

Esvaziei a caneca e fiquei de pé. A sidra era mesmo forte. A cozinha da fazenda estava parecendo um pouco enevoada. Tinha consciência de que me olhavam com uma espécie de ligeiro triunfo. Mas não a menina; ela era diferente, tinha problemas demais dela própria para se preocupar com uma vitória sobre mim. Podia compreender por que estaria de fato ilegalmente grávida. Imaginava como deveria ser difícil viver numa casa como aquela.

Estava desamarrando meu cavalo, quando o menino que eu tinha visto quando cheguei correu em minha direção.

— Ajude-me, senhorita — disse. — Minha gata ficou presa no celeiro. Não consigo pegá-la. A senhorita pode. Ela está chorando. Venha ajudar-me.

— Mostre-me o caminho — falei.

Seu rosto abriu-se num sorriso.

— Vou mostrar-lhe, senhorita. Quer tirá-la de lá para mim?

— Se puder, eu tiro.

Ele se virou e começou a andar rapidamente. Eu o segui. Atravessou o campo até um celeiro, cuja porta estava aberta.

— A gata... ela ficou... lá no alto... e não consegue descer. A senhorita pode pegá-la.

— Vou tentar — disse.

— Aqui, senhorita.

Ele ficou de lado para eu entrar. Entrei e a porta fechou-se imediatamente. Fiquei em completa escuridão, sem poder ver nada, logo depois da luz lá de fora.

Gritei apavorada, mas o menino tinha ido embora e eu ouvi um trinco ser passado. Depois... fiquei sozinha.

Olhei à minha volta e de repente fiquei arrepiada de medo. Tinha ouvido falar que as pessoas ficavam de cabelo em pé, mas nunca havia experimentado isso antes. Estava experimentando agora. Pendurado numa das vigas achava-se o corpo de um homem se balançando numa corda, virando ligeiramente para os lados.

Dei um grito:

— Oh... não...!

Tive vontade de me virar e sair correndo.

Os primeiros segundos foram terríveis. O menino tinha-me fechado ali com um homem morto... e pior, um homem que se tinha enforcado ou que fora enforcado por outra pessoa.

O terror tomou conta de mim. Estava tão escuro e soturno no celeiro. Não podia suportar aquilo. O menino tinha feito de propósito, não havia gato algum... só um corpo pendurado numa corda.

Eu tremia. Tinha sido atraída para ali com um objetivo. Aquele menino devia saber o que estava lá. Por que teria feito aquilo comigo?

Fiquei tomada de pânico. Não sabia para que lado me virar.

O celeiro ficava a uma certa distância da casa da fazenda. Se eu gritasse, será que ouviriam... e se ouvissem, viriam ajudar-me?

Seria a última coisa que fariam. Pudera sentir as ondas de ódio vindo em minha direção naquela cozinha da casa da fazenda... de todos menos da menina Leah. Ela tinha problemas demais para se preocupar comigo.

Sentia-me terrivelmente impotente. O que faria? Suponhamos que ele não

estivesse morto. Devia tentar descer o corpo. Devia tentar salvá-lo. Mas meu primeiro impulso foi fugir, chamar alguém para me ajudar. Tentei empurrar a porta, mas ela tinha sido trancada pelo lado de fora. Sacudi-a; mas o celeiro tinha uma estrutura frágil e balançou todo quando dei um empurrão na porta.

Tinha de ver se o homem estava vivo. Tinha de trazê-lo para baixo.

Senti-me sem forças. Ansiava por ver o sol, sair daquele lugar horrível.

Olhei novamente na direção daquele cenário pavoroso. Podia ver agora que o corpo estava sem vida. Havia alguma coisa no modo com que se balançava que me dizia que estava morto.

Fiquei olhando fixo para ele, pois ele se tinha virado e eu estava vendo um rosto grotesco... um rosto que não era humano. Era branco... branco como neve recém-caída e com uma boca arreganhada cor de sangue.

Não era um homem. Não era um ser vivo, embora os calções de *corduroy* e o boné de *tweed* pertencessem a um homem que trabalhava com a terra.

Fiz um movimento para a frente, mas meu instinto se rebelava contra a idéia de me aproximar da coisa.

De repente senti que não conseguiria ficar ali nem mais um instante. Soquei a porta e gritei:

— Deixem-me sair daqui. Ajudem-me.

Fiquei de costas para a coisa pendurada lá. Tinha uma sensação misteriosa de que ela poderia ganhar vida, tirar a corda do pescoço e vir até onde eu estava e depois... não sabia o quê.

A sidra estava fazendo efeito em mim, deixando-me um pouco leve. Não era uma sidra comum. Achei que me tinham dado demais, da fabricação mais forte, propositadamente. Eles me odiavam, os Cringles. Quem era o menino que me tinha fechado no celeiro? Um Cringle, tinha certeza. Tinha ouvido dizer que eram dois filhos e uma filha.

Comecei a martelar a porta novamente. Fiquei gritando por ajuda.

Meus olhos giraram à volta. Lá estava... aquela coisa horrível com a boca arreganhada.

Devia procurar ficar calma. Perguntei a mim mesma o que aquilo podia querer dizer. Os Gringles tinham feito aquilo querendo amedrontar-me. Devem ter dito ao menino para me trazer ali e me trancar. Com que objetivo? Será que

pretendiam deixar-me ali? Matar-me talvez?

Isso era absurdo demais, mas eu estava amedrontada o suficiente para pensar em qualquer coisa.

Precisava sair dali. Não podia suportar ficar naquele celeiro com aquela coisa horrível olhando para mim e se balançando na corda.

Gritei novamente. Soquei a porta até que ela se sacudiu aos meus golpes. Que esperança! Quem passaria por ali? Quem me ouviria? Quanto tempo iria ficar ali fechada com aquela coisa?

Encostei-me na porta. Precisava tentar raciocinar com calma. Tinha sido trancada ali por um menino arteiro, mas qual era o significado daquela figura pendurada? Por que o menino me levaria para lá com o pretexto de uma gata presa? Meninos *eram* arteiros por natureza. Alguns deles se divertiam com brincadeiras desagradáveis. Talvez o menino tivesse achado que seria engraçado trancar-me lá com aquela coisa. Era o mesmo que eu tinha visto quando cheguei à fazenda. Era um Cringle. Poderia ter pendurado a figura ali e depois esperado por mim. Por quê? Havia alguma coisa por trás daquilo, tinha certeza.

Não podia ficar lá por toda a vida. Dariam por minha falta. Mas quem saberia onde me procurar?

Se eu fosse até aquela coisa... a examinasse mais de perto... Mas não conseguia forçar-me a isso. Era muito misterioso, muito horrível naquela escuridão. Era como um boneco de ventríloquo. Mas havia alguma coisa nele... Parecia estar vivo.

Martelei a porta de novo. Minhas mãos estavam esfoladas. Gritei por socorro o mais alto que pude.

Então, escutei, muito tensa, e meu coração pulou de esperança. Tinha ouvido uma voz.

— Alô... O que está acontecendo? Quem está aí?

Soquei a porta com toda força. O celeiro parecia estar balançando. Então, ouvi o barulho de cascos de cavalo e uma voz de novo.

— Espere um instante. Já estou indo.

O cavalo tinha parado. Houve um breve silêncio e depois a voz ficou mais próxima.

— Espere um instante.

Então, o trinco foi puxado; ouvi quando ele se soltou da lingüeta. Um raio de luz entrou no celeiro e eu quase caí nos braços de um homem que vinha entrando.

— Meu Deus! — falou ele. — O que está fazendo aqui, Susannah?

Quem era ele? Eu não sabia. Naquela hora só tive tempo de me sentir aliviada. Ele me abraçou por um momento, e depois disse:

— Pensei que o celeiro vinha abaixo.

— Um menino me atraiu para cá e... trancou a porta. Olhei para cima e vi... isto.

Ele olhou para a coisa balançando na corda, e disse devagar:

— Meu Deus! Que brincadeira... que graça boba.

— Dei uma olhada e pensei que fosse um homem. Depois, o rosto virou do outro lado.

— Será que eles nunca vão esquecer?...

Não sabia sobre o que o homem estava falando, mas agora chegava à conclusão de que tinha sido tirada de uma situação terrível para outra muito perigosa.

Ele tinha ido até a figura e a estava examinando.

— É um dos espantalhos deles — falou. — O que será que os fez pendurá-lo assim?

— Ele me disse que sua gata estava presa aqui.

— Um dos meninos Cringle, não foi?

Arrisquei. Imaginei que eu deveria conhecer os meninos Cringle. Fiz que sim.

— Isso é demais. Outra pessoa poderia ter tido um ataque do coração. Você é forte, Susannah. Vamos sair daqui? Seu cavalo está aí perto?

— Está, próximo à entrada da fazenda.

— Muito bem. Vamos voltar. Cheguei hoje de manhã e ouvi dizer que você tinha saído por aí e pensei em vir procurá-la.

Saímos à luz do Sol. Eu ainda estava tremendo por conta da minha experiência, mas me tinha recobrado o suficiente para tirar uma linhada dele. Era alto e o que mais me impressionou nele foi seu ar autoritário. Já tinha reparado e

admirado isso em meu pai, e percebi naquele momento que era o que faltava em Philip. O cabelo do homem era escuro e seu olhar, penetrante, com aqueles olhos castanhos que me teriam dito quem era ele, se eu não estivesse em tal estado de choque. Pareceu notar minha observação atenta, pois falou:

— Deixe-me vê-la, Susannah. Mudou muito desde sua viagem de circunavegação pelo mundo?

Evitei seu olhar e tentei não parecer tão aflita como estava.

— Parece que uns pensam que mudei... um pouco — falei.

Ele me olhou atentamente e eu tirei meu chapéu, sacudindo meu cabelo, pois achava que me pareceria mais com Susannah se estivesse sem chapéu, por causa da franja.

— É — disse. — Você está mais madura. É isso que a viagem lhe fez, especialmente esse seu tipo de viagem.

— Quer dizer que fiquei mais velha?

— Não ficamos todos? Faz quase um ano... mais do que isso. Eu não a vi quando voltou da escola. Quanto tempo ficou aqui daquela vez?

— Devo ter ficado uns dois meses.

— E depois essa idéia maluca de ir para a Austrália tomou conta de você. Ia encontrar seu pai e sei que conseguiu.

— Sim, consegui.

— Vamos procurar os cavalos e voltar. Você está mesmo tremendo. Que espantinho desgraçado! Eles são vingativos, aqueles Cringles. Jamais gostei deles. Por que a culpariam da morte de Saul? Sei que estava sempre implicando com ele. Foi uma pena você ter ficado contra eles. Todo aquele fanatismo religioso. O velho Moses é um diabo orgulhoso e por isso mesmo se considera um anjo. Deve ter dado o que fazer a esses meninos quando eles eram crianças. E a que isso levou? Saul se enforcou num celeiro e Jacob... está-se tornando igual ao pai. Ele também é um tolo, se é que tem alguma coisa a ver com essa brincadeira. Devia ser mais cuidadoso agora que você tomou as rédeas de tudo. Devia pensar que pode perder a fazenda. Estão todos com medo das mudanças que você vai fazer. E quanto à menina dele, Leah... Não é esse o nome dela?

— É, é esse o nome dela. Eu a vi hoje de manhã...

— Aposto que ela tem uma vida difícil. Parecia sempre muito assustada.

Estava ficando cada vez mais perplexa. Então Saul Cringle tinha-se enforcado num celeiro! E por isso eu tinha sido fechada lá com aquele espantalho pendurado nos caibros. Havia um segredo na casa dos Cringles, e Susannah fazia parte dele.

Senti-me subitamente muito amedrontada.

Nesse meio tempo, tinha de descobrir quem era meu salvador.

Voltamos para o castelo. Ele falava todo o tempo e eu me esforçava desesperadamente para não me trair.

Quando chegamos à estrebaria, tive minha primeira sorte do dia.

Um dos empregados disse:

— Então encontrou a Srta. Susannah, Sr. Malcolm.

Assim, fiquei sabendo que meu acompanhante era o homem cuja herança eu tinha roubado.

Quando entramos no castelo, Janet estava no *hall*. Ela falou:

— Bom-dia, Srta. Susannah, Sr. Malcolm.

Respondemos seu cumprimento e eu notei que ela me examinava atentamente.

— O almoço vai sair dentro de uma hora — disse ela.

— Obrigada, Janet — respondeu Malcolm.

Fui para meu quarto e logo depois Janet veio bater na porta.

— Entre — falei.

Ela entrou e eu tive consciência daquele olhar alerta em seu rosto que eu tinha notado no *hall*.

— Tem alguma idéia de quanto tempo o Sr. Malcolm vai ficar, Srta. Susannah? — indagou. — É que a Sra. Bates me perguntou. Ele gosta de açafão e ela não tem nenhum agora. Não é muito fácil de conseguir.

— Não tenho idéia nenhuma de quanto tempo ele vai ficar.

— É bem dele aparecer sem ser esperado. Ele faz isso desde que... oh, desde que seu avô passou a encorajá-lo, depois de todo aquele problema.

— Oh, sim — murmurei. — Nunca se pode saber com Malcolm.

— Você nunca se deu muito bem com ele, não é?

— Não, nunca.

— Muito parecidos vocês dois, é isso que eu costumava dizer. Queriam tomar conta de tudo... todos os dois. Sempre achei que o pobre Sr. Esmond ficava achatado entre vocês dois.

— Creio que era um pouco assim.

— Bem, com vocês dois sempre na garganta um do outro... eu ficava ansiosa por que o Sr. Malcolm nos viesse visitar. Achava que era bom para você. — Olhou-me de modo esquisito. — Você, às vezes, era um diabinho.

— Acho que era meio tola.

— Bem, nunca pensei que a ouviria dizer isso. Eu costumava falar: "A Srta. Susannah sempre vê só o ponto de vista dela." Era a mesma coisa com o Sr. Malcolm. Mas não há dúvida de que ele tem muito interesse no castelo. E os colonos também gostam muito dele. Não que não gostassem do Sr. Esmond, mas ele era um pouco sem energia e, naturalmente, tinha o hábito de prometer e não cumprir. Cedia sempre porque gostava de agradar as pessoas, detestava dizer não e nunca o fazia. Era sempre sim, sim, sim, pudesse ou não.

— Isso é errado.

— Concordo com você, Srta. Susannah, mas ele era bem querido. Foi um choque para todos nós, quando ele se foi assim, e as pessoas da propriedade choraram muito por ele.

Achei que podia perguntar sobre a morte de Esmond, pois sabia que Susannah não estava lá quando ele morrera.

— Gostaria de ouvir um pouco mais sobre a última doença de Esmond.

— Bem, foi como da outra vez em que ficou doente, quando você estava aqui. Teve os mesmos sintomas... aquela fraqueza horrível que tomava conta dele de repente. Você se lembra de como ele estava quando você voltou da escola de aperfeiçoamento. O Sr. Garth achava-se aqui naquela época; foi quando Saul Cringle se matou. Depois disso, o Sr. Esmond pareceu ter melhorado. Foi tudo muito dramático, não foi? Então, você decidiu viajar e encontrar seu pai. Sei como se sentia; nunca me esquecerei do dia em que encontraram Saul Cringle pendurado no celeiro. Ninguém sabia dizer por que ele fizera uma coisa daquela; talvez fosse algo ligado ao velho Moses. Ele sempre lhes causou problemas, a Saul, Jacob e agora aos netos. Imagino que Leah, Reuben e Amos tenham uma vida terrível. Mas eles

ficaram achando que você teria alguma coisa a ver com o suicídio de Saul. Diziam que você o andava incomodando... apontando defeitos. Na realidade, você sempre implicou com os Cringles.

— Queria que a propriedade funcionasse bem.

Ela me olhou dissimuladamente, pelo menos foi essa a impressão que tive.

— Isso era problema do Sr. Esmond, não era? Diziam que Saul tinha sido criado com tanta rigidez que achava que estaria destinado ao fogo do inferno, se fizesse uma mínima coisa errada. Isso pode explicar o que aconteceu.

— Como? — perguntei. — Se achava que estava destinado ao fogo do inferno, podia-se pensar que retardou sua ida para lá.

— É isso o que você diria, Srta. Susannah. Você sempre foi irreverente, isso sim. Eu costumava dizer à Sra. Bates: "A Srta. Susannah não liga nem para Deus nem para os homens." Sua mãe ficava amedrontada por você.

— Oh, minha mãe... — murmurei.

— Pobre e querida senhora! Nunca se recuperou por ter sido abandonada daquele jeito... e por ele ter ido embora com sua melhor amiga.

— Eles tinham suas razões.

— Bem, todo o mundo tem, não é? — Ela foi para a porta parando lá com a mão na fechadura. — Bem — continuou —, estou contente de ver que você e o Sr. Malcolm parecem estar-se dando melhor. Mas ainda é cedo para dizer; vocês viviam como cão e gato, rosnando um para o outro. Creio que tinha alguma coisa a ver com o castelo... Antigamente costumava-se brigar por causa dos castelos... Todo aquele óleo fervendo que derramavam das ameias... e a carga de aríetes e as flechas vindas das janelas... Faziam tudo isso para capturar o castelo. Agora têm outros métodos.

— Está tudo resolvido agora — falei.

Ela olhou com cautela e disse:

— Você sempre esteve decidida a ser a dona do castelo. Sempre achei que foi por isso que resolveu casar-se com o Sr. Esmond. Depois conseguiu, sem ter de se casar com ele. Agora é a dona do castelo, e se Esmond estivesse vivo teria de dividi-lo com ele. Não que não fosse fazer as coisas a seu modo; tenho certeza de que faria. Mas agora é diferente, está tudo sob seu comando total.

— É — falei. Achei muito estranho que ela sempre me procurasse e me falasse daquela maneira. Mas não ousei desencorajá-la. Tinha aprendido mais com

Janet do que com qualquer outra pessoa, e precisava desesperadamente aprender.

— Vou indo, e você tem de se arrumar para almoçar — disse ela, finalmente.

Não podia deixar de ser grata a ela. Então Malcolm e eu éramos inimigos antigos. Ele queria o castelo e achava que havia possibilidade de herdá-lo com a morte de Esmond. Deve ter sido um choque para ele descobrir que eu — ou melhor, Susannah — chegara antes dele.

Tinha de ser especialmente cuidadosa agora. Malcolm sabia que Susannah não o via há muito tempo. Felizmente, nunca tinham sido muito amigos e de fato não se gostavam; ainda assim ele era bem esperto e nada o agradaria mais do que desbaratar aquela fraude.

Este era meu teste. Os outros pareciam fáceis comparados com ele. Emerald podia ter representado dificuldades, se não estivesse semicega; com Malcolm era diferente. Ele era sabido e, sobretudo, nada o agradaria mais do que descobrir que eu era uma impostora, pois, já que Susannah estava morta, ele era de fato o verdadeiro herdeiro. Existia apenas uma herdeira fictícia entre ele e o castelo.

Estávamos só nós três no almoço e eu me achava nervosa. Gostaria de ter tido mais tempo para me preparar para Malcolm.

Emerald olhava-o atentamente da cabeceira da mesa.

— Sabia que logo nos viria ver — disse ela.

— Não sabia que Susannah estaria aqui e tinha pensado em dar uma olhada na propriedade, caso houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer.

— Jeff Carleton, sem dúvida, ficou contente em vê-lo.

— Ainda não estive com ele. Tinha saído e então fui procurar Susannah.

— Não podia ter ficado mais contente em vê-lo do que fiquei — disse-lhe.

— Bem, estou certa de que não esperava isso, Malcolm — apartou Emerald.

— Não. E em que circunstâncias! Creio que *se* devia falar com os Cringles. Isso foi demais.

— Espero que não venhamos a ter problemas — disse Emerald — porque fico doente com essas coisas. Já tivemos bastantes, só Deus sabe.

— *Foram* os meninos Cringle, penso eu — disse Malcolm.

Achei que tinha ficado quieta por muito tempo e por isso interrompi:

— Estava na casa dos Cringles e um dos meninos disse que sua gata tinha ficado presa no celeiro, e me pediu para ajudá-lo a soltá-la. Levou-me para lá e encontrei...

— Era um espantalho vestido como Saul — disse Malcolm.

— Que... horror! — gritou Emerald.

— Estava pendurado lá... — falei.

— E estava com um dos bonés de Saul — acrescentou Malcolm. — Parecia real até a hora em que a coisa se virava e via-se seu rosto. Foi muito chocante.

— Imagino que sim. É por isso que está tão quieta, Susannah.

— Os Cringles terão de deixar tudo isso para trás — falou Malcolm. — Terão de parar de culpá-la... a nós... pelo que aconteceu. Saul não estava bom da cabeça, essa é minha opinião. — Ele me olhava atentamente. — Pode ser que alguém saiba por que ele fez aquilo... mas é melhor esquecer, acho eu.

— É — disse Emerald —, eles deviam esquecer. Este assunto me dá dor de cabeça.

Ela então começou a falar de uma nova receita que aprendera para dores de cabeça, que achava muito eficaz.

— Contém alecrim. Ninguém pensaria que alecrim fosse calmante, não é?

Comecei a falar animadamente sobre ervas, dizendo todo o tempo a mim mesma: preciso descobrir o que Susannah estava fazendo quando Saul morreu. Estava certa de que ela se achava envolvida naquilo.

Acabamos o almoço e Emerald foi para o quarto descansar. Não perguntei o que Malcolm ia fazer, mas fui para meu quarto com a intenção de olhar uns documentos do castelo.

Gostaria de poder pôr de lado a lembrança daquela horrível figura pendurada.

Tinha evitado ler os diários de Esmond. Ficara relutante e tinha rido de meus escrúpulos, que pareciam incongruentes a uma pessoa que estava perpetrando uma impostura que se tornava cada vez mais criminoso.

Às vezes, tinha vontade de arrumar minhas malas e desaparecer, deixando um bilhete... Para quem? Para Malcolm, dizendo-lhe que Susannah estava morta e

que eu a tinha personificado. Não tinha direito de estar ali e iria embora.

Mas para onde? O que faria? Ficaria muito rapidamente sem possibilidade de me sustentar. Talvez pudesse fazer o que deveria ter feito no início: ficar com os Halmers até que achasse um trabalho.

Não consegui ficar no quarto. Estava-me sentindo sufocada. Então, saí e fui na direção dos campos e da mata e me deitei lá no lugar em que tinha ficado com Anabel, quando vi o castelo.

A intensidade do meu sentimento me espantou e assustou. Estava enfeitiçada pelo castelo. Jamais desistiria voluntariamente. Se desistisse, ficaria eternamente ansiosa por voltar.

Ele me havia seduzido. Vi que devia ter tido o mesmo efeito sobre Susannah. Tinha-se prontificado a casar-se com Esmond para tê-lo e, pelo que tinha ouvido do rapaz, tornava-se cada vez mais claro para mim que ela nunca o amara. Devia ter uma afeição calma por ele, a mesma que eu tinha associado entre ela e Philip.

Fiquei imaginando-a entrando no quarto de Esmond, nua embaixo do robe. Senti o encantamento e prazer dele. Pobre Esmond!

E Susannah? Ela queria ser admirada, adorada, percebi isso desde o início. Fiquei imaginando por que teria ficado tanto tempo na ilha. Por causa de Philip, é claro.

De alguma forma, senti-me segura na sombra da mata. Era como se o espírito de meu pai e minha mãe flutuassem sobre mim. Voltei ao meu primeiro instante de tentação e fiquei pensando como é que eu, até então respeitadora da lei, podia ter-me envolvido naquela trapaça. Tentei em vão criar desculpas para mim mesma. Perdera todos aqueles que amava. Não tinha como me manter. A vida me preparara um golpe cruel e então... isso se tinha apresentado a mim. Levar aquilo adiante me havia possibilitado tirar da depressão na qual me encontrava e da qual não conseguia sair. Fizera-me esquecer por uns momentos meus pais e tudo o que perdera. Mas não havia desculpa, disse a mim mesma.

E ainda assim, quando me encontrava deitada à sombra das árvores, sabia que, se tivesse oportunidade de recuar no tempo, faria tudo de novo.

Levei um susto com o estalo da folhagem da mata. Havia alguém perto. Meu coração começou a bater descontroladamente, quando Malcolm apareceu por entre as árvores.

— Alô — disse. — Vi você vir para cá. — Atirou-se no chão a meu lado.

— Está abalada, não está? — Continuou a me examinar rigorosamente.

— Bem — contemporizei —, foi uma experiência um tanto aflitiva.

Ele me olhou com um jeito irônico.

— Antigamente... — continuou e parou. Esperei apreensiva, que ele continuasse.

— O quê? — Não podia deixar de encorajá-lo a continuar, embora me sentisse muito inquieta.

— Oh, Susannah, sabe como você era. Bem insensível e cínica também. Pensei que acharia tudo uma espécie de brincadeira de mau gosto.

— Uma brincadeira! Aquilo!

— Bem, talvez até mesmo você pudesse ficar abalada com aquilo. Mas não teria esperado que se entristecesse.

— Não foi isso.

— Um exagero. — Riu. — Mas Garth costumava dizer: "Susannah é toda coberta de armadura. Ela vai passar pela vida ilesa às pedradas e flechadas do destino atroz, e não vai deixar que ele seja atroz com ela." Lembra-se disso?

— Oh, Garth — falei, evasivamente.

— Você sabe que eu concordava com ele. Mas agora parece que o que aconteceu no celeiro rompeu aquela armadura.

— Acho que devemos voltar — falei, com um bocejo.

— Bem, você nunca foi muito entusiasta da minha companhia, não é?

— Será que tem de voltar sempre ao passado?

— Tenho tendência a voltar, porque você parece estar diferente, sob alguns aspectos.

— As pessoas parecem sempre diferentes, quando não são vistas por algum tempo.

— Eu também?

— Digo-lhe mais tarde, quando tiver tempo de formar uma opinião sobre isso. — Fiquei de pé.

— Não vá ainda, Susannah — disse ele. Aguardei, enquanto ele me olhava

com aquela expressão intrigada nos olhos que destruía minha paz de espírito.

— Quero falar com você — acrescentou.

— Sobre o quê?

— A propriedade, é claro. Você tem de ficar séria agora.

— Estou séria.

— Desde que foi embora, tenho estado muito aqui com Jeff... e Esmond. Esmond me pediu para ajudar. A propriedade precisa de muito cuidado e atenção... principalmente cuidado, se entende o que quero dizer. Você está lidando com pessoas... Tem de cuidar delas e dos seus problemas.

— Sei disso.

— Pensei que nunca tivesse percebido isso.

— Parece que você pensava muitas coisas estranhas a meu respeito.

Ele se levantou de um salto e ficou muito perto de mim. Achei sua proximidade claramente perturbadora.

— Agora que está de volta, quer que eu vá embora? — perguntou.

Não sei o que tomou conta de mim naquele momento. Pode ter sido um espírito de aventura. Sabia muito bem que a chegada dele tinha-me colocado num perigo iminente, mas ele me excitava. Talvez eu fosse uma verdadeira aventureira e a idéia de perigo acrescentasse um sabor à minha vida. De qualquer modo, ouvi-me dizendo:

— N-não. Não quero que vá... ainda.

Ele agarrou minha mão e segurou-a com força por um momento.

— Muito bem, Susannah. Vou ficar. Quero ficar, você sabe, mesmo agora que você voltou.

Afastei-me. Tentava lutar contra uma emoção boba que não conseguia afastar. Era extraordinário o efeito que aquele homem causava em mim.

Voltamos para o castelo juntos e entramos conversando sobre a propriedade.

Ele não apareceu para jantar naquela noite. Avisou que jantaria com Jeff Carleton. Fiquei desapontada e, ao mesmo tempo, aliviada. Era tranquilo ficar sozinha com Emerald, pois ela exigia pouco de mim. Ela estava um pouco mordaz em relação a Malcolm.

— Ele está tirando tudo do Jeff — falou. — Criou o hábito de agir como se o castelo fosse dele, nos últimos anos, quando meu pobre e querido Esmond estava tão doente.

— Pobre Esmond — falei. — Nunca chegou a se recuperar daquela primeira enfermidade.

Ela fez que sim.

— Nunca me esquecerei como meu pobre filho ficou doente da primeira vez. Mas você se lembra tão bem quanto eu.

— Oh, sim...

— Estava tão doente que eu não via como ele poderia sobreviver; era triste vê-lo assim. Fiquei com ele tanto quanto minha saúde permitiu. E depois melhorou... e o caso terrível de Saul Cringle que abalou a todos nós. Depois você... foi embora ver seu pai.

— Você traz tudo de volta com tanta vida — falei.

— É uma coisa da qual nunca me esquecerei. Creio que depois daquela doença de Esmond, Malcolm ganhou esperanças. Realmente acreditava que seria o próximo. Seu avô era um homem maldoso. Creio que se divertia em deixar Malcolm ter esperança. Sempre odiou o irmão e disse uma vez que Malcolm era igual a ele. Não sei o que dizia a Malcolm, quando estavam a sós. Não me surpreenderia se ele alimentasse as esperanças... então, quando Esmond ficou doente o rapaz naturalmente pensou...

— Deve ter pensado — falei.

— Ele vinha muito aqui, quando você estava fora. Trabalhava mais na propriedade do que Esmond. Meu filho gostava de passar as coisas para ele. Pobre cordeirinho, já devia estar-se sentindo fraco então.

— Pobre Esmond — falei novamente.

— Você não devia tê-lo deixado por tanto tempo, Susannah.

— Não, não devia.

Mudei de assunto, perguntando sobre a dor de cabeça dela; como de hábito, aquilo nunca deixava de absorver seu interesse. Quando fui para o quarto, não tinha sono.

Havia uma coisa que eu precisava realmente fazer. Tinha de deixar de lado meus escrúpulos e ler o que Esmond escrevera sobre o período em que ficara

doente, Saul Cringle morreria e Susannah deixara o castelo para ir procurar seu pai.

Mudei de roupa, fui para a cama e levei os diários comigo.

Encontrei o que precisava. Estava datado de dois anos. Comecei a ler:

Uma noite sem sossego. Esperei S. Ela não veio. Queria que ela concordasse em se casar. Ficava dizendo: "Ainda não." Garth está aqui. Ele e S. estão brigados. Tentei protestar mas ela o chama de novo-rico. Fico confuso com S. Ela se toma de tanta raiva... por Garth e, naturalmente, por Saul Cringle, por exemplo.

Malcolm chegou. Ele e S. parecem detestar-se, de uma forma fria. Ela é arrogante com ele, e ele a ignora, ou finge que o faz. Não creio que alguém possa realmente ser indiferente a S.

S. saiu toda a tarde. Não sei para onde. Não adianta perguntar. Detesta ser espionada, como diz. Eu a vi montando mais tarde. Veio da estrebaria e encontrou Garth. Conversaram um pouco. Olhei da minha janela. Fico sempre inquieto quando estão juntos. Tenho sempre medo de que ela diga alguma coisa imperdoável a ele e que surja um problema. Eles pareciam estar em melhores termos, porém. Depois, ela entrou e ele continuou. Desci para encontrá-la. Parecia estar com calor, pensei. Comentei sobre isso e ela falou: "Ainda nem estamos em pleno verão!", naquela voz cortante que tem quando fica zangada. "Vigiando, não é?", disse ela. "É", respondi, "vi você encontrar Garth. Fiquei contente de você parecer um pouco menos irritada com ele do que o habitual." "Oh, parecia?", ela respondeu. "Parecia", falei, "bem afável." "Afável!", gritou para mim. "Nunca seria afável com aquele homem." Depois, riu e me beijou. Quando S. me beija não penso em mais nada. Gostaria que tudo fosse sempre assim.

S. veio na noite passada. Nunca sei quando devo esperá-la. Ela faz coisas tão extraordinárias. Trouxe uma garrafa de sidra que Carrie Cringle lhe tinha dado. "Pobre Esmond, acho que você se sente péssimo quando venho para seu quarto assim. Você sabe que não virei, se não quiser." Susannah é assim. Ela sabe que eu a quero mais do que qualquer coisa no mundo e, às vezes, isso lhe parece dar prazer, outras vezes a irrita. Ela falou: "Isto vai despertar seu ardor. Vai sufocar seus escrúpulos. Venha. Vamos beber os dois." Despejou a sidra em dois copos que tinha trazido. Deu-me um e me fez beber, segurando-o junto à minha boca e tomando um golinho do copo também. Fiquei embriagado. Quando acordei no dia seguinte, ela tinha ido embora. Há um poema de Keats que me faz lembrar dela. *La belle damme sans merci*, S. me escraviza. Não há dúvida sobre isso.

Na manhã seguinte, estava-me sentindo doente. Pensei que fosse da sidra. S.

veio ver-me e ficou desanimada. "Não pode ter sido a sidra", falou. "Eu não tive nada." Lembrei-lhe que ela só tinha provado um gole do meu copo. "Nada disso!", falou logo. "Tomei um copo também."

Só um mês depois Esmond escreveu no seu diário de novo.

Melhor hoje. Menos fraco. S. se preparando para ir embora. Disse que tem de ir ver seu pai. Creio que ficou abalada com Saul Cringle, que foi encontrado enforcado no celeiro logo depois que fiquei doente. Houve muito falatório e alguém insinuou que S. tinha tornado a vida dele um inferno e que ameaçava persuadir-me a tirar a fazenda dele. Não é verdade. Ela nunca fez isso. Mas sempre ia à fazenda dos Cringles. Muita gente a viu passando a cavalo por lá. Foi tudo muito desagradável. Posso entender que ela queria ir embora; além do mais, sempre ficou intrigada com o desaparecimento do seu pai.

As anotações depois dessa eram esparsas.

Uma carta de S. hoje. Através de um dos advogados, ela descobriu o paradeiro do pai. É em algum lugar numa ilha remota, escreveu ela, onde ele é uma espécie de grande chefe branco. Está ansiosa por ver o lugar. Garth esteve aqui hoje. Malcolm ontem. É bom tê-los por aqui.

Estou-me sentindo Um pouco doente hoje. Faz-me lembrar da doença que tive há uns meses. A mesma tonteira e câimbra. Eu devia ter saído a cavalo com Jeff. Malcolm foi no meu lugar.

Um pouco melhor hoje, mas não tão bem à noite. Creio que terei de chamar o médico.

Gostaria que S. estivesse aqui. Quando será que vai voltar? Malcolm disse que viria morar no castelo, se eu precisasse de alguma ajuda. Vejo que ele acha que sou uma pessoa doente. Agradei seu oferecimento. Ele vai ficar por algum tempo. Quando S. voltar, vamo-nos casar. Ela não vai querer Malcolm aqui. Preciso tomar cuidado para arrumar as coisas.

A próxima anotação foi uma semana depois.

Doente demais para escrever antes. Cansado demais para escrever muito agora. Penso todo o tempo em S. Malcolm e Garth têm sido bons. Gostaria de me livrar dessa apatia.

Esta foi a última anotação. Vi pela data que ele morreu logo depois.

Fechei o diário e deitei pensativa. Explicava pouco, e não me dava margem a solucionar o mistério dos Cringles, mas eu tinha uma idéia mais completa de

Esmond e Susannah.

Lembrei-me do que Cougabel tinha dito dela. Era uma feiticeira. Era uma bruxa. Talvez Cougabel tivesse razão.

Não conseguia dormir. Pensava no papel perigoso que eu estava interpretando.

Como iria acabar?, perguntava a mim mesma.

CAPÍTULO 8

Cartas do passado

No dia seguinte, Jeff Carleton veio ao castelo. Sua casa ficava a cerca de dois quilômetros dos muros do castelo. Era residência do administrador da propriedade há várias gerações, um lugar muito agradável, pois Jeff sabia morar com conforto. Ele era solteirão e tinha um casal muito eficiente tomando conta de sua casa. Janet dizia que morava melhor do que nós no castelo, pois não tinha de agüentar tantas correntezas de ar.

Jeff era um homem bastante satisfeito com a vida. Era muito ligado ao castelo, sem chegar ao ponto de idolatrá-lo. Se fosse para outra propriedade, em pouco tempo estaria preso a ela como era preso a Mateland. O fato é que Jeff era um homem bastante normal, que gostava de adaptar a vida a seu gosto. Tínhamos sorte de ter um administrador tão bom.

Tinha vindo dizer que estava providenciando o homem para consertar o telhado de Granny Bell no dia seguinte. Falei que iria até lá para contar-lhe.

— Isso vai agradá-la — falou. — Ficaré contente que a senhorita lhe dê a notícia. Esse pessoal gosta de saber que os outros se interessam por eles.

Era em ocasiões como essa que me sentia quase feliz. Queria fazer o máximo que pudesse por aquela gente, tornar suas vidas mais fáceis. Queria poder dizer a mim mesma: posso estar-me passando por outra pessoa, mas pelo menos estou fazendo melhor do que ela.

Não me desculpava, sabia, mas era uma coisa que contava a meu favor.

Então, saí muito animada, e tive vontade de cantar quando olhei as sebes e os campos verdes e senti a brisa suave no rosto.

Cheguei ao chalé de Granny Bell, prendi meu cavalo e bati na porta. Não houve resposta; então entrei, pois a porta estava destrancada.

Fiquei na sala. Achava-se tudo quieto. A mesa estava coberta com uma toalha de lã; o relógio fazia seu tique-taque sobre a lareira, ao lado da qual se via o forno.

— Sra. Bell — chamei —, a senhora está em casa?

A sala dava para o quarto. Sabia a distribuição das casas agora e sabia que

Granny Bell usava o quarto de trás do andar térreo como quarto de dormir, pois não podia subir as escadas com facilidade.

Bati na porta que separava a sala do quarto. Ouvi um som baixo e, empurrando a porta, entrei. Granny Bell achava-se deitada na cama; estava branca e tensa e apertava o peito.

— Sra. Bell — gritei —, o que aconteceu?

Ela virou os olhos para mim e pude ver que estava com dor.

— Vou buscar um médico imediatamente — falei, saindo.

Fui o mais depressa que pude ao Dr. Cleghorn. Sabia onde era, pois tinha passado várias vezes por sua casa. Anabel e meu pai tinham falado daquela casa; era a mesma onde ele tinha trabalhado há muito tempo atrás. Por sorte, encontrei o Dr. Cleghorn e voltamos os dois para o chalé.

Granny Bell estava sem dor agora. Ele a fez deitar e ficar em repouso e disse que não deveria mexer-se. Iria pedir à enfermeira do distrito que viesse vê-la.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntei.

— Nada, realmente. Só cuide para que ela não se levante. Não pode mexer-se. A enfermeira virá ficar aqui, e a melhor coisa a ser feita é darem atenção a ela.

Quando estávamos lá fora, ele disse:

— Creio que não há muita chance de melhorar. Ela tem um problema cardíaco há muito tempo e está velha. Dou-lhe no máximo alguns meses, e ela não vai sair daquela cama.

— Pobre senhora — respondi. — Precisamos esforçar-nos para que nada lhe falte.

O médico me olhou de modo estranho.

— É muita bondade sua, Srta. Mateland — falou. — Se as pessoas vierem vê-la vai ser-lhe de grande ajuda. Ela precisa de atenção. Precisamos muito de um hospital; o mais próximo daqui que sei fica a trinta e cinco quilômetros. Andaram dizendo uma vez que haveria um aqui...

Sim, pensei, eu sabia. Mas o hospital fora construído numa ilha a milhares de milhas de distância e destruído pelo Gigante Resmungão.

Voltei para o chalé e esperei pela enfermeira do distrito. Quando ela chegou, saí e voltei para o castelo para almoçar. Malcolm estava lá, e me esqueci do meu

nervosismo. Falamos de Granny Bell.

— Cleghorn me disse que você tinha ido a ele — falou Malcolm. — Disse que ela teria morrido se você não tivesse ido lá.

Fiquei imensamente gratificada.

— Vou passar lá para vê-la hoje de tarde — falei. — Terão de deixar o telhado de lado até que ela melhore. Não podemos mandar consertá-lo enquanto estiver doente.

— Vou avisar Jeff para suspender o trabalho — disse Malcolm.

— Faça-me este favor — respondi.

Naquela tarde estava indo para a casa dos Bells, quando Malcolm se encontrou comigo a cavalo.

— Estou indo ver Granny Bell — expliquei.

— Vou com você.

— Como quiser — respondi, tentando não parecer muito entusiasmada.

— Você levou mesmo a sério o que eu lhe disse — comentou ele.

— O que foi que me disse?

— Que as pessoas precisam de um toque pessoal. Precisam saber que você as considera seres humanos.

— Tinha bastante consciência disso antes — repliquei.

— Nunca deu sinal disso antes de viajar.

— A gente cresce, não é? Até mesmo você era um pouco descuidado, quando era mais moço.

— Fico pensando no que lhe aconteceu enquanto estava viajando — falou, olhando-me atentamente.

— Vi um pouco do mundo. Viagens alargam os horizontes, dizem.

— E mudam o caráter, parece.

— Você guarda mesmo ressentimentos, não é?

— Nem um pouco. Estou pronto a perdoar à nova Susannah os pecados do passado.

Pensei, então: ele suspeita. Deve suspeitar. Olhava-me de perto e eu sabia que estava ficando corada com seu exame. Falei, rapidamente:

— Vamos ter de fazer alguma coisa por Granny Bell.

— Não se preocupe — disse ele, sorrindo. — Tentaremos juntos.

Chegamos à casa, mas Granny Bell estava muito doente para prestar atenção a nós; mesmo assim, pareceu confortada com nossa presença.

A enfermeira do distrito disse que achava que alguém deveria ficar no chalé o dia todo.

— Talvez os Cringles pudessem dispensar Leah — acrescentou ela.

— Oh, sim, é uma boa idéia — falei, cheia de entusiasmo. Reparei que Malcolm me observava atentamente. — Não concorda? — perguntei, a fim de esconder meu embaraço.

— Excelente idéia — falou.

— Se os Cringles criarem alguma dificuldade, diga-lhes que Leah será paga por seus serviços — continuei. — Poderá ir buscar o dinheiro no castelo.

— Isso é um grande alívio — falou a enfermeira. — Posso vir duas vezes ao dia, mas na condição dela é preciso alguém aqui pelo menos durante todo o dia. Obrigada, Srta. Mateland. Vou agora mesmo falar com Leah.

— Ficarei aqui até a senhora voltar com ela — falei.

— Ficaremos — corrigiu Malcolm.

Quando a enfermeira saiu, eu disse:

— Você não precisa ficar.

— Eu quero — respondeu. — Estou interessado.

— Gostaria que não ficasse olhando-me como se eu fosse um monstro.

— Um monstro não — retrucou ele. — É que não consigo conformar-me com esta transformação miraculosa. Gosto dela, é claro. Gosto muito, mas me deixa intrigado.

Encolhi os ombros com visível impaciência.

— Tenho responsabilidades agora — falei.

Leah chegou timidamente ao chalé. Eu gostava dela; era diferente do resto da

família. Tinha previsto que ela se encontrava com "problemas", e agora estava certa disso.

— Entre, Leah — falei. — Você sabe o que queremos que faça?

Ela olhou de mim para Malcolm, e percebi que ela tinha mais medo de Malcolm do que de mim, o que me agradou.

— A enfermeira me disse — falou ela.

— Então, sabe que queremos que fique aqui e dê o remédio à Sra. Bell que o médico receitou. Se ela piorar, pode conseguir ajuda rapidamente. Tem algum trabalho de agulha para fazer?

Ela fez que sim, e pus a mão no ombro dela. Tinha vontade de pedir-lhe que confiasse em mim. Imaginei que poucas pessoas confiariam em Susannah, embora houvesse horas em que me esquecia de quem eu devia ser, o que era errado de minha parte, pois Malcolm a cada dia que passava ficava mais desconfiado. Percebia o modo com que ficava olhando-me. Muito em breve me faria perguntas que eu não saberia responder. Ele, às vezes, dava a impressão de que sabia que eu estava enganando a todos, e que ele aguardava uma boa oportunidade, esperando que eu me traísse completamente.

— Bem — disse ele, quando saímos do chalé —, você levou a coisa muito bem. É como se tivesse administrado propriedades por toda a vida.

— Estou contente que pense assim.

Pegou no meu braço, quando fomos na direção dos cavalos. Fiquei dura e tive vontade de me esquivar dele, mas pensei que não devia fazer isso para que o incidente não parecesse importante demais.

— O terreno aqui é acidentado — falou, para explicar seu gesto afetuoso. — É fácil escorregar.

Não falei nada, e quando chegamos aos cavalos ele deu um apertão no meu braço quando me ajudou a montar, sorrindo calorosamente, mas com os olhos mais intrigados do que nunca.

Malcolm jantou conosco naquela noite. Jeff Carleton também.

A conversa girou em torno de problemas do castelo, o que aborreceu Emerald. Ela tentou conversar com um de nós sobre suas interessantes doenças e sobre o tratamento que o Dr. Cleghorn lhe prescrevera, mas quando alguém lhe dava atenção podia-se ver facilmente que só estava ouvindo com um ouvido.

— O Dr. Cleghorn disse que a Sra. Bell não vai sobreviver — falou Jeff. — Teria morrido, se não tivesse chegado a tempo, Srta. Susannah. Ele foi chamado bem na hora, Entretanto, falou que ela está mal há tempos e não vai durar mais do que uns meses, nem que tenha toda a assistência possível. A casa dela ficará vaga. Teremos de saber quem irá para lá.

— Quem você acha que tem mais direito a isso, Jeff? — perguntou Malcolm.

— Bem, temos os Baddocks. Querem sair da casa do pai dela, pois lá não há lugar suficiente para eles. O chalé viria bem a calhar para eles, e Tom Baddock é um bom trabalhador.

— Já lhe falou alguma coisa sobre isso? — perguntou Malcolm.

— Não, mas sei que ele quer. Ninguém pode falar nada antes de Granny Bell morrer.

— Claro que não — falei. — Pareceria que tínhamos vontade de tirar a velha senhora do caminho.

— Os chalés são realmente destinados aos trabalhadores — lembrou-me Jeff.

— Bem, o marido da Sra. Bell trabalhou para nós. Deve ser duro ter de perder a casa e o marido.

— É uma questão de negócio — demonstrou Jeff. — A casa é parte do salário. O Sr. Esmond deixou a Sra. Bell ficar e ela ficou.

— E foi muito certo — falei, calorosamente.

— É claro — disse Malcolm, apoiando-me.

— Está certo — falou Jeff —, mas eu não poderia fazer muito pela propriedade, tendo os chalés ocupados por mulheres que perderam o marido.

— Bem, segundo o médico, a pobre Sra. Bell não estará aqui por muito tempo — disse Malcolm — e a questão é se os Baddocks deveriam ficar com a casa.

— Vamos deixar a questão de lado até que esteja realmente vaga — falei, com firmeza. — Não gosto dessa conversa sobre Granny como se ela já tivesse morrido.

Estava corada e sei que falei com muita veemência.

Fiquei pensando na pobre velhinha incomodando a todo mundo.

— E — continuei — não digam uma palavra aos Baddocks. Eles vão comentar, e não gosto disso. Esqueçamos do assunto do chalé até que esteja realmente pronto a ser passado a alguém.

Falamos de outros problemas. Uma ou duas vezes, peguei os olhos de Malcolm em mim. Ele sorria, e tive uns breves momentos de felicidade.

Visitei Granny Bell no dia seguinte. Leah estava lá costurando. Guardou rapidamente seu trabalho por baixo do avental e fingiu estar mexendo na roupa. Ficou muito corada, e notei como ela era bonitinha.

— Como é que ela tem passado? — perguntei.

— Ela não faz nada, senhorita. Só fica deitada lá.

— Vou sentar-me com ela um pouco — falei. — Ponha seu trabalho de lado e vá até a fazenda. Traga um pouco de leite. Diga-lhes para mandarem cobrar na conta do castelo. Assim, você pode esticar as pernas um pouco.

Leah levantou-se obedientemente e pôs o trabalho em cima da mesa, saindo em silêncio rapidamente. Ela me fazia lembrar uma gazela.

Granny Bell estava deitada quieta, com os olhos fechados. Olhei à volta do chalé e pensei nela lá com o Sr. Bell há anos, recém-casada, começando vida nova, criando dois filhos que se tinham casado e ido embora. O relógio fazia um tique-taque barulhento, e Granny respirava pesadamente. Levantei-me e fui ver o trabalho de agulha que Leah deixara em cima da mesa. Virei-o e vi o que esperava ver. Ela tinha escondido a roupinha de neném que estava fazendo quando entrei.

Oh, pobre criança! Dezesseis anos e prestes a ter um filho. Sem marido e ligada a uma família terrível.

Pobre Leah! Como gostaria de ajudá-la! Prometi-me que a ajudaria. De alguma forma.

Fui até a cama, e Granny abriu os olhos e olhou para mim. Um indício de agradecimento apareceu neles.

— Senhorita Su... Su... — murmurou.

— Sim — falei —, estou aqui. Não tente falar. Estamos tomando conta de você.

Ela olhou para mim com os olhos expressando a alegria que a voz não podia demonstrar.

— Deus... Deus... — sussurrou.

— Não fale — implorei.

— Deus a abençoe.

Peguei a mão dela e beijei-a, e uma tentativa de sorriso passou por seus lábios.

— Não... não, S-senhorita.

Não, Srta. Susannah. Era isso que queria dizer. Susannah nunca se teria preocupado com velhas doentes. Não se sentaria à beira de suas camas. Eu sabia que estava agindo de forma pouco própria, mas não ligava. Queria muito confortá-la, queria dizer-lhe que tinha pedido ao homem para vir consertar o telhado, que tudo seria providenciado e que os últimos anos de sua vida transcorreriam sem preocupação.

Creio que minha presença lá fazia subentender isso.

Ficou segurando minha mão, e permanecemos assim até que Leah voltou com o leite.

— Pode esquentar um pouco — falei — e ver se ela consegue tomar alguma coisa.

Leah foi até a cozinha e acendeu o fogareiro a álcool. Granny tinha caído no sono e eu saí do quarto, indo para junto da jovem.

— Muito bem, Leah — falei.

Ela levantou os olhos, aqueles olhos de corça cheios de medo.

— A senhorita é boa — falou —, não importa o que eles digam. Não é mais como era... Não é mais a mesma...

Ela não sabia como aquelas palavras me afligiam.

— Obrigada, Leah. Gostaria que me dissesse se tem algum problema. Se está precisando de ajuda... Quero ajudar a todos da propriedade... Compreende?

Ela fez que sim.

— Então, Leah, o que está acontecendo? Esta preocupada com alguma coisa?

Ela meneou a cabeça.

— Estou bem, senhorita.

Deixei-a dando o leite a Granny Bell, e voltei para o castelo.

Eu era diferente. Preocupava-me com os outros. Susannah nunca se preocupou com ninguém a não ser com ela mesma, e as pessoas estavam notando essa diferença.

No jantar, naquela noite, Emerald disse que precisava escrever para Garth. Fazia muito tempo que não tinha notícias dele.

Pensei em Garth. Tinha ouvido várias referências sobre ele. Tudo o que sabia dele é que era filho de Elizabeth Larkham, que tinha sido acompanhante de Emerald por muito tempo. Ela era viúva, e Garth era seu filho único.

Em seguida, esqueci-me dele. Estava absorvida com o problema de Granny Bell, sua casa, e Leah Cringle com suas preocupações.

Tinha medo de Leah cometer um ato violento. Não via como a jovem poderia enfrentar uma família como aquela, e não parecia estar preparada para se rebelar contra eles. Vinha-me a idéia de ela se afogando no riacho que corria pelas terras do castelo, parecendo Ofélia com as flores no cabelo, ou encontrando outro meio de acabar com a vida. Tinha tentado conversar com ela por diversas vezes, mas não consegui nenhuma abertura. Insistia em dizer que não havia nada de errado.

Dois dias depois, fui de manhã ao chalé e encontrei Granny Bell morta.

Ninguém falava em mais nada que não fosse Granny Bell. A enfermeira do distrito veio prepará-la, e Jacks, o coveiro, cavou sua sepultura. Fui ao enterro e Malcolm foi comigo. Percebi que lá também eu tinha surpreendido a todos. Susannah nunca fora a nenhum enterro de pessoas da propriedade, embora Esmond comparecesse de quando em vez. Sempre prometia ir e, quando não ia, passava mais tarde na casa da família consternada para dizer-lhes a razão de sua ausência. Podia não ser verdade, mas os agradava de certo modo, pois mostrava que sabia reverenciar os mortos.

Então, criei uma grande celeuma indo lá, com o que fiquei contente, pois minha presença juntamente com a de Malcolm prestigiou a cerimônia simplesmente porque os que estavam lá pensavam assim.

Fiquei com lágrimas nos olhos ao ouvir os blocos de terra caindo por cima do caixão, e pensei na pobre Granny. Pelo menos, estava finalmente em paz. Malcolm me tomou pelo braço e saímos.

— Você ficou realmente comovida — falou ele.

— Quem não ficaria? — respondi. — Morte inspira respeito.

— Sei de umas pessoas que não ficariam e que acham que a morte daqueles com quem não são pessoalmente envolvidas é uma coisa muito aborrecida. É exatamente assim que você era antes, Susannah.

Pegou no meu braço com força e virou-me, de modo a eu ficar de frente para ele. Aqueles momentos eram realmente assustadores. Achei que se achava prestes a me dizer que eu estava mentindo e que era uma fraude.

— Fico pensando... — começou ele.

— Em quê? — perguntei, baixinho.

— Susannah, o que *aconteceu* que a fez mudar? Você ficou tão... humana.

— Sempre, fiz gênero, você sabe.

— Não é hora de brincadeira.

— Bem, vou dizer-lhe que sou a mesma que sempre fui.

— Então, está representando muito bem o papel de alguém que mudou.

— Oh, eu era jovem e despreocupada.

— Não é uma questão de juventude e despreocupação. Você era... um monstro.

Fingi ignorar aquilo e continuei:

— Pobre Granny! Ela era uma mulher boa. Cumpriu suas obrigações aqui todos esses anos e era tão grata por viver naquela casa escura e acabar seus dias lá.

Ele ficou em silêncio e pareceu estar pensando profundamente, o que era muito preocupante.

Na volta ao castelo, nenhum de nós falou muito.

Na manhã seguinte, apareceu alguém para me ver. Era um rapaz chamado Jack Chivers. Ele se empregava em várias fazendas, quando seu trabalho se fazia necessário.

Fui encontrá-lo na pequena sala de visitas que saía do *hall*. Ele ficou de pé na minha frente, muito nervoso, dando volta no boné.

— Preciso falar rapidamente com a senhorita — disse. — Quero saber se tenho alguma possibilidade de ficar com a casa da Sra. Bell.

— Oh, mas... — comecei. — Bem, já está quase resolvido.

Ele ficou de cara no chão.

— Sinto muito tê-la incomodado, senhorita — falou, dando meia-volta para sair.

Havia um tal desespero no modo com que deixou cair os ombros que o detive. Notei que devia ter uns 18 anos e que era bonito.

— Um momento, não vá embora ainda. Por que está tão ansioso por conseguir a casa?

— Quero casar-me, senhorita.

— Bem — disse-lhe —, você pode esperar um pouco, não pode? Outras casas vão vagar no devido tempo.

— Não podemos esperar — murmurou. — Obrigado, senhorita. Só queria saber se eu tinha uma chance.

— Não pode esperar — falei. — Diga-me, com quem vai casar-se?

— Leah Cringle, senhorita.

— Oh — falei. — Sente-se um pouco.

Ele se sentou e me olhou com firmeza.

— Leah vai ter um bebê, não é? — perguntei.

Ele corou até a raiz dos cabelos. Depois, deu um sorriso reforçado, não um sorriso de prazer. Embaraço e pânico seria uma melhor descrição.

— Sim, senhorita, é isso. Se tivéssemos um lugar para ir, poderíamos casar.

— Não podem casar-se sem ter o chalé?

— Não haveria lugar para ela... Leah teria de ficar na fazenda dos Cringles, e a vida dela seria um inferno. Nossa única saída é casarmos escondido... e depois irmos morar juntos num chalé.

— Compreendo — falei. — Sim, estou compreendendo. O telhado tem de ser consertado, você sabe. Certamente, vai querer dar uma ajeitada na casa.

Ele me olhou fixamente, sem acreditar.

— Entendo como seria difícil para Leah na fazenda dos Cringles — continuei. — Acho que vocês deveriam ter pensado nisso antes...

— Eu sei, senhorita. Sempre se deve... mas por algum motivo não se faz. Ela

é muito bonita e um dia estava chorando. Tinha acontecido alguma coisa. Sempre acontece alguma coisa nos Cringles... Tudo é reza, fazer o bem e tornar os outros infelizes. E então... antes de perceber o que estava acontecendo... e depois de começado, continuamos. Amo Leah, senhorita, e ela me ama, e não há nada que queiramos mais do que ter nosso bebê...

Senti um nó na garganta. Não importa o que Jeff diga, pensei. Não importa o que Malcolm diga. Sou a Rainha do Castelo.

— Muito bem — falei. — Vocês terão a casa. Não vale a pena esperar; casem-se e mudem-se. Você pode limpá-la, não pode? É melhor não dizer nada até que você e Leah se casem. Os Cringles são pessoas esquisitas.

— Oh, senhorita, está falando sério?

— Estou. O chalé é seu. Vá dizer a Leah e não se esqueça de que é segredo... por enquanto.

— Oh, senhorita — falou. — Não sei o que dizer.

— Então não diga nada. Sei como se sente, não precisa dizer-me.

Fui direto à casa de Jeff. Malcolm estava lá. Sempre estava lá. Parecia que o castelo era dele, pelo modo como se preocupava com os problemas da propriedade. Fui logo dizendo:

— Resolvi o assunto da casa de Granny Bell. Jack Chivers vai ficar com ela.

— Jack Chivers! — gritou Jeff. — Ele é apenas um menino. Os Baddocks estão na frente.

— Os Baddocks terão de esperar. Jack Chivers vai ficar com ela.

— Por quê? — perguntou Malcolm.

Virei-me para ele.

— As terras do castelo são minhas — falei. — Sou eu quem toma as decisões. Já disse a Jack Chivers que pode ficar com o chalé.

— Mas não é razoável — disse Jeff, com calma.

— Na verdade há uma boa razão para isso. Leah Cringle vai ter um bebê. Eles querem casar-se imediatamente e precisam da casa.

Os dois homens ficaram olhando-me.

— Imaginem a vida de Leah Cringle vivendo com aqueles pais horríveis — continuei, apaixonadamente. — Para não falar no avô. É claro que não é possível. Tenho o pressentimento de que, se alguma coisa não for feita, ela acaba com a vida. Cabe a mim cuidar dessas pessoas. Leah e Jack Chivers irão para o chalé, e o problema ficará resolvido.

Pude ver que os dois homens pensavam que não deviam permitir que uma mulher tomasse decisões. Ela era levada pelo coração, e eles, como homens de negócio, sabiam que a razão é que sempre deveria ser a regra.

Fiquei rindo por dentro. Eles tinham de lembrar-se de que era eu que dava as ordens.

No dia seguinte, fui até o chalé; quando estava no quarto, ouvi a porta se abrindo cuidadosamente. Desci as escadas, Jack Chivers estava lá com Leah, olhando à volta, maravilhados. A transformação de Leah era milagrosa. Nunca tinha visto alguém tão feliz.

E era eu a responsável por isso. Experimentei um instante supremo de felicidade, que é raro e geralmente muito rápido quando acontece.

— Vieram inspecionar a casa nova? — perguntei.

Leah correu para mim e fez uma coisa estranha. Ajoelhou-se e, pegando a bainha da minha saia, levou-a aos lábios e beijou-a.

— Leah — falei, lutando contra minha emoção —, levante-se, já. Você vai mudar o papel de parede?

Nas próximas semanas, fiquei realmente feliz, o que significava que podia passar várias horas sem me lembrar da ilha devastada e do terrível sentimento de perda dos meus entes queridos; e ao mesmo tempo não ficar remoendo sobre minha farsa e me perguntando por que tinha sido levada a ela.

O fato é que estava começando a ficar cada vez mais envolvida nos assuntos do castelo. Tinha prazer em me envolver. Sentia que tinha nascido para aquilo. Se ao menos fosse a verdadeira Susannah, como poderia ser feliz!

Fiquei encantada em ver a mudança em Leah; ela era uma menina bonita e a felicidade acentuava sua beleza. Ela e Jack Chivers estavam em estado de graça. Passavam todo minuto de que dispunham trabalhando no chalé; o telhado tinha sido consertado e o lugar começava a parecer diferente do que era quando a Sra. Bell morava lá. Achei umas cortinas no castelo que podiam ser cortadas e adaptadas às janelas. A gratidão de Leah brilhava em seus olhos.

Naturalmente, houve alguma oposição, particularmente por parte dos Baddocks. Parecia, segundo se comentava, que umas pessoas eram recompensadas por seus crimes e que a justiça não contava.

Jeff Carleton concordava com aquilo. Não creio que Malcolm fosse da mesma opinião. No entanto, era minha vontade, e o que quer que pudessem pensar não podiam *fazer* nada.

Tentei acalmar os Baddocks, prometendo-lhes a próxima casa que ficasse vaga, e eles de certa forma se conformaram.

Estava descobrindo um novo talento em mim. Sempre tinha-me interessado por pessoas; compreendia-as porque me colocava no lugar delas, e isso me dava grande vantagem. Estava começando a ganhar a confiança delas, o que era grande façanha, pois Susannah era muito imprevisível: mostrava-se amiga um dia e parecia desligada da existência dos outros no outro. Mas eu estava vencendo. Sabia pelo modo com que discutiam seus problemas comigo, e sabia que começava a apagar a impressão que Susannah causara neles e substituí-la pela minha própria.

Não só me dava prazer ser capaz de ajudar, como pensava sempre do fundo da alma: Será tão errado se eu puder fazer o bem a eles? Se puder torná-los mais felizes do que eram com Susannah, será tão mau? Nada mudava o fato de eu ser uma fraude, mas podia fazer o bem através dela. Susannah não estava ali para gozar aquilo, portanto, não estava tirando nada dela. Mas aquilo pertencia a Malcolm.

Malcolm! Ele estava constantemente em meus pensamentos. Desde o dia em que dissera a Jack Chivers que ele ficaria com a casa, Malcolm e eu passávamos grande parte do tempo juntos.

Jack Chivers e Leah Gringle se casaram. Fui ao casamento e, para minha surpresa, Malcolm também foi.

A igreja estava quase vazia. Ninguém da família Cringle achava-se presente. Mostravam sua desaprovação por causa das circunstâncias.

— É bom que estejam longe — murmurei para Malcolm. — É uma ocasião mais feliz sem eles.

— Como sempre, você tem razão — respondeu ele. Fiquei encantada de ver Leah passando pela nave da igreja nos braços de Jack, seus olhos de corça radiantes de felicidade. Quando me viu, seus olhos se encheram de lágrimas. Pensei que iria parar a fim de beijar a bainha da minha saia. Após a cerimônia, já do lado de fora da igreja, fomos cumprimentá-los.

— Oh, Srta. Susannah — disse Leah. — Nada teria acontecido sem sua

interferência. Nunca poderei fazer o bastante pela senhorita.

— Bem, cá está você, Leah. Sra. Chivers agora. Vai viver feliz para sempre.

— É uma ordem — acrescentou Malcolm. — Uma ordem da Srta. Susannah, e você sabe que as ordens dela têm de ser sempre obedecidas.

Leah mal olhava para ele; era muito tímida. Mas seus grandes olhos de corça estavam fixos em mim.

Quando ela e Jack foram de braços dados para o chalé, deixei-me ficar por alguns momentos olhando-os. Malcolm, percebi logo, estava-me observando.

— Susannah — falou ele, com suavidade.

Tinha medo de olhar para ele, pois achava que iria trair a emoção que estava sentindo.

— Você realmente tomou a causa deles nas mãos, não foi? — continuou ele. — Creio que irão convidá-la para ser a madrinha da criança.

Não respondi. Ele chegou mais perto.

— Parecem felizes da vida — cismou. — Há muita coisa a favor do casamento. Concorda comigo, Susannah?

— Oh, sim... é claro.

— Você o aceitou uma vez... você e Esmond.

Fiquei em silêncio. Estava consciente de que pisava em solo perigoso.

— Acho que devíamos ir voltando para o castelo — falei, rapidamente.

Ele tinha pegado em meu braço.

— Qual é o problema, Susannah? — perguntou. — De que está com medo?

— Com medo? — Ri, esperando que minha risada parecesse convincente. — De que *está* falando? Vamos. Preciso voltar agora.

— Há alguma coisa que preciso descobrir — acrescentou ele.

Fiquei certa então de que suspeitava de mim. Comecei a andar muito depressa, e ele ficou muito perto de mim, sem dizer uma palavra.

Quando estava pronta para dar minha volta naquela tarde, ele se achava à minha espera.

— Importa-se se a acompanhar? — perguntou.

— Claro que não... se você quiser.

— Quero muito — respondeu.

Por incrível que pareça, ele não disse nada que me incomodasse e me senti realmente feliz naquela tarde. Achei muito bom andar a cavalo a seu lado com o Sol brilhando. Tentei esquecer-me de que estava ali num papel falso. Tentei acreditar que era realmente Susannah, uma Susannah que se preocupava em ajudar os outros e que ficava feliz em poder fazer isso.

Passamos pela casa dos Thorns, mas não paramos.

— A Srta. Thorn passou muitos anos cuidando daquela mãe desagradável — falei.

— Um destino reservado para muitas mulheres.

— Não é justo — retruquei. — Vou fazer alguma coisa por ela se puder.

— O quê?

— Descobri que a Srta. Thorn é cheia de angústia. Pense na vida que ela leva! Oh, gostaria muito de fazê-la feliz!

Tínhamos rodado um pouco pela propriedade e entramos na mata. Para mim ela seria sempre encantada por causa daquele episódio da minha infância.

— Vamos descansar um pouco — falou Malcolm. — Aqui sempre foi meu lugar favorito.

— O meu também — disse.

— A vista do castelo é linda daqui. Parece uma pintura.

Prendemos nossos cavalos e nos esticamos na grama.

Esse foi o máximo da minha alegria desde que meus pais tinham morrido, e de repente pressenti que poderia ser feliz de novo. Tinha aprendido ainda uma outra coisa. Minha felicidade não era inteiramente devida às coisas que tinha conseguido fazer na propriedade. Era por causa de Malcolm.

Ele me fazia lembrar meu pai. Afinal de contas era um parente distante. Havia um forte traço dos Matelands nele. Disse a mim mesma que aquela amizade com Malcolm me supria de uma coisa de que precisava para preencher o terrível vazio da minha vida.

Ele falou, de repente:

— Que bonito! Sabe, Susannah, este é o lugar mais bonito do mundo para mim.

— Você gosta muito do castelo.

— Sim. Você também.

— Há alguma coisa de mágico no castelo — acrescentei. — A gente pensa em tudo o que já aconteceu aqui. Só de olhar para ele a gente se transporta para o século doze e para centenas de anos depois, quando os primeiros Matelands chegaram aqui.

— Você é bem versada na história da família.

— Você não é?

— Sou. Mas você... Susannah... você era tão diferente!

Aquela frase sempre me enchia de apreensão.

— Era? — perguntei, de mansinho.

— Tinha muita raiva de você quando era criança. Era uma pestezinha egoísta.

— Algumas crianças são.

— Mas você era demais... Acreditava que o mundo inteiro existia para alimentar os caprichos de Susannah.

— Eu era assim tão má?

— Pior — disse ele, enfaticamente. — Mesmo mais tarde...

— O quê? — falei ansiosa, com o coração batendo mais depressa.

— Desde que voltou da Austrália que estou pasmo. Todo aquele drama em relação ao chalé dos Chivers e a pobre Leah.

— Não há nada de muito especial nisso — retruquei. — É uma triste história humana, que se repete a toda hora.

— A participação de Susannah nela é que é fora do comum. Realmente se preocupou, não foi? E ganhou a gratidão eterna da pequena Leah.

— Fiz tão pouco!

— Você mostrou a Jeff Carleton que estava dando as ordens.

— Bem, eu dou, não dou? Ele sabe disso.

— Sabe agora.

— Acho que vocês pensam que uma mulher não deveria estar numa posição dessas!

Ele ficou em silêncio por um tempo. Depois, falou:

— Depende da mulher.

— E você acha que *esta* mulher deve estar nesta posição?

— Completamente — respondeu, com gravidade. Ficamos quietos por alguns minutos, e depois falei:

— Malcolm... você pensou quando Esmond morreu que isto seria seu...

— Pensei — respondeu. — Pensei que seria provável.

— Sinto muito, Malcolm.

— Sente muito. — Riu. — É claro que não tem de sentir. É o chamado destino. Nunca pensei realmente que seu avô deixaria a administração do castelo a uma mulher. Devia gostar muito de você.

— Você fez muito pelo castelo. Gostaria...

— Sim, de que você gostaria?

Não respondi. Não podia dizer-lhe *o que* se estava passando por minha cabeça. Então, falei:

— Imagino que esteja indo embora. Sentiremos falta de você... Jeff e eu.

Ele se encostou em mim e pôs a mão sobre a minha.

— Obrigado, Susannah. Eu podia ser persuadido a ficar.

Meu coração começou a bater depressa. O que estaria ele insinuando? Seria possível que quisesse dizer que ele e eu nos casaríamos... como Susannah e Esmond tinham pretendido?

Ele me observava atentamente. Pensei. O momento chegara. Se ele me pedir para casar com ele, terei de contar. E o que pensaria, se soubesse que eu era uma fraude, uma impostora?

— Mas você tem sua própria vida. O que faz quando não está aqui? — ouvi-me dizendo.

Ele me olhou intrigado, e percebi imediatamente que cometera um erro. É

claro que Susannah teria sabido o que ele fazia.

Depois de uma pausa, ele disse:

— Bem, você sabe que Stockley tem de ser administrado. Tom Rixon é felizmente um bom administrador e é por isso que posso deixar as coisas com ele. Se houver uma decisão mais séria a ser tomada, ele pode entrar em contato comigo. No mais, é totalmente capaz.

Então a casa dele era Stockley. Fiquei pensando onde seria. Precisava ter cuidado para não me trair. Era fácil dar um passo em falso, e vi que tinha dado um. Eu detivera a fluidez da conversa. O que será que ele ia dizer? O que quer que fosse, não diria mais agora.

Falou de Stockley e da diferença entre a propriedade dele e o castelo.

— Não tem o fascínio deste castelo, é claro, mas gosto muito daquele lugar. Afinal de contas é meu.

E enquanto achava-me deitada lá ouvindo Malcolm, percebi que tornava minha situação mais complicada do que nunca, porque me estava apaixonando por ele.

O idílio continuou. Toda manhã andávamos a cavalo juntos. Houve um dia em que meu cavalo perdeu uma ferradura e tivemos de levá-lo ao ferreiro. Enquanto esperávamos que o cavalo fosse ferrado, entramos numa hospedaria próxima, tomamos sidra e comemos pão quente com queijo. Poucas vezes desfrutei um lanche tão bom, e mais uma vez fiquei comovida ao me lembrar do dia do piquenique na mata com meus pais quando fiz os três pedidos. Se ao menos pudesse fazer três pedidos agora. Pediria que... não, não que eu fosse Susannah mas que pudesse transformar-me na herdeira verdadeira do castelo, que Malcolm se apaixonasse por mim e que eu pudesse esquecer da tragédia da Ilha Vulcão.

Aquilo era absurdo. Nunca poderia esquecer-me, mas podia, com muita sorte, superpor outra imagem à do passado. Poderia achar o presente e o futuro tão fascinantes que não seria tentada a olhar para trás e ter saudades daqueles dias anteriores ao desastre.

Por que pediria que aquelas coisas acontecessem comigo? Eu não as merecia. Tinha cometido uma grande fraude e não devia queixar-me de ter de pagar por minha maldade.

Mas como eu seria feliz, se as coisas fossem diferentes!

Naquele dia, lembro-me, discutimos o caso de Emily Thorn.

Eu tinha finalmente rompido sua reserva e feito com que ela admitisse seu medo.

Tinha-a pressionado na cozinha uns dias antes. Ela ficara muito nervosa. Disse que ia fazer uma xícara de chá e eu me sentei na cozinha conversando com ela. Assim que abriu a lata, ouvimos uma batida lá em cima, que a deixou zonda, frustrada e angustiada.

Deixou cair a lata e o chá derramou por cima da mesa.

— Oh, meu Deus — disse — que idiota eu sou! Mamãe tem razão.

— Não foi nada — falei, tirando a lata de sua mão e juntando um pouco do chá que tinha derramado na mesa.

— Vá ver o que sua mãe quer — falei. — Eu faço o chá.

Ela saiu e quando voltou eu fiz o chá.

— Alguma coisa errada? — perguntei.

— Não. Ela só quer uma limonada. Deve ter ouvido alguém aqui embaixo, Srta. Susannah.

Eu acreditava que sim. Se ela achasse que a filha estava com visita, iria interrompê-la.

Pelo fato de a Srta. Thorn estar muito agitada, consegui aproximar-me mais dela naquela manhã, com uma xícara de chá, do que teria conseguido em qualquer outro dia.

Ela tinha sido acompanhante de uma senhora. Gostava daquilo.

— A senhora para quem eu trabalhava era muito bonita — falou. — Tinha um cabelo lindo e eu sabia exatamente como fazê-lo ficar melhor. Estava sempre muito contente comigo. Dava-me seus vestidos e fitas e outras coisas assim. Depois, casou-se e eu poderia ter ido em sua companhia, mas mamãe queria que alguém cuidasse dela e eu tive de vir para casa.

Pobre Srta. Thorn, cujo vislumbre de felicidade tinha sido arrumar o cabelo de outra mulher e ganhar suas roupas usadas.

Então, descobri a verdadeira fonte de sua ansiedade. Que sua mãe tornava a vida dela difícil estava claro, assim como o fato de ela estar condenada a tomar conta dela para o resto da vida. Aquilo ela aceitava, mas para onde iria depois que a mãe morresse? Teria de encontrar uma colocação e um lugar para morar. Como faria isso? Ela própria estaria ficando velha. Falei:

— Não precisa preocupar-se. Enquanto sua mãe viver as coisas ficam como estão, mas não precisa ter medo de ser mandada embora da casa antes de encontrarmos alguma coisa para você. Quem sabe? Eu poderia decidir querer ter uma acompanhante.

E quando estávamos sentados na hospedaria, contei a Malcolm o que eu dissera. Ele ficou examinando-me por algum tempo.

— Esse não é o modo certo de cuidar de uma propriedade, você sabe, Susannah.

— É o modo de cuidar dela de uma forma feliz — respondi. — A mudança da Srta. Thorn foi milagrosa.

— Está-se comportando como uma fada madrinha.

— O que há de errado com as fadas madrinhas?

— Vai tudo bem quando elas têm mágica na ponta dos dedos.

— Eu tenho... até certo ponto. Quero dizer que tenho meios para ajudar essas pessoas a solucionar seus problemas.

Então ele se inclinou para a frente e beijou a ponta do meu nariz.

Eu me encolhi. Ele levantou as sobrancelhas e disse:

— Não pude evitar. Você estava tão bonita, brilhando de virtude. — Pôs o cotovelo na mesa e me olhou intrigado. — Diga-me, Susannah, o que aconteceu na Austrália?

— Por que pergunta?

— Deve ter sido uma coisa tremenda. Como São Paulo na estrada de Damasco. Você mudou. Você mudou totalmente.

— Sinto muito, mas...

— Sente muito! Não é uma questão de sentir. É uma questão de ficar exultante. Tornou-se uma nova Susannah. Tornou-se consciente... Tornou-se vulnerável. Sempre pensei que você tivesse uma casca igual à de um tatu. Tudo o que queria tinha de ser a seu modo. Mas alguma coisa aconteceu na Austrália...

— Encontrei meu pai, é claro.

Olhava-me insistentemente e eu ficava cada vez mais aflita.

— Pensando bem, você nem ao menos *parece* a mesma. Podia quase

acreditar... Mas não acredito em contos de fadas. Você acredita?

Pensei nos três desejos numa mata encantada e hesitei.

— Você acredita! — gritou ele. — Uma bruxa velha a viu, não foi? E falou: "Vou transformá-la no que gostaria de ser e em troca vou levar sua alma." Oh, Susannah, você não vendeu sua alma, não é?

Não podia olhar seus olhos. Mas fiquei pensando. Sim, talvez tenha vendido.

— Não deixe que nada a mude de volta, Susannah. Por favor, fique como está.

Fiquei lá olhando para ele e finalmente soube que estava apaixonada por Malcolm Mateland. Senti-me extasiada e depois enlouquecida pela desesperança da minha situação.

Eu era uma fraude. Estava com medo. Isso nada mais era do que uma impostura. Não devia deixar-me ficar muito envolvida.

Mas o que adiantava? Eu já estava.

Mais uns dias se passaram. Eu via Malcolm constantemente. Janet reparou. Acho que devo ter traído meus sentimentos por ele. Ela era observadora e, às vezes, deixava-me muito intranquã, pois achava que ela me observava de perto; mas tinha de admitir que me ajudara mais de uma vez com sua tagarelice.

Janet não tinha nada de subserviente. Considerava-se uma pessoa muito especial e se dava ao direito de expor sua opinião.

— Você e o Sr. Malcolm estão ficando muito amigos. Acho que é uma boa coisa, se me perguntar.

— Não lhe perguntei, Janet — retruquei. — Mas creio que toda amizade é uma boa coisa.

— Você me faz lembrar uma pessoa que conheci muito bem. Tinha sempre uma resposta. Bem, reconheço que amizade é uma boa coisa, mas quando é entre você e o Sr. Malcolm é um pouco melhor do que a maioria delas.

— Oh! — exclamei.

— Bem, o que quero dizer é que você tem o castelo e ele o queria, e que ele poderia ser de grande ajuda para administrá-lo... e vejo que vocês gostam bem um do outro.

— Janet, você presume demais.

— Está bem, está bem — retrucou. — Talvez eu fale fora de hora, mas poderia ser uma boa coisa e eu não ganho nada com isso.

Então, Janet tinha reparado. Fiquei pensando se os outros também tinham.

Estava em tal estado de espírito que me fiquei apegando a uma mudança otimista da situação. Pensei comigo mesma: se Malcolm me amasse, se eu me casasse com ele, se ele vivesse no castelo comigo, que mal faria? Eu poderia deixá-lo a cargo das coisas. Poderia sempre me lembrar de que ele era o verdadeiro herdeiro. Será que poderia, em tais circunstâncias, esquecer minha culpa? Um erro seria corrigido. Ficaria a seu lado, ajudando-o no que ele quisesse fazer. Seria como deveria ter sido, com a morte de Susannah. Apenas o herdeiro do castelo se teria casado comigo e por isso eu me tornara dona do castelo.

Parecia que os deuses da boa sorte estavam-me oferecendo o perdão numa bandeja.

Era uma ótima experiência de euforia. Fazia-me sentir livre para me apaixonar por Malcolm, casar-me com ele, se me pedisse, e viver em paz para o resto da vida.

Talvez dentro de 10 anos, quando houvéssemos vivido mais tempo juntos e tivéssemos nossos filhos, eu me confessasse a ele. Àquela altura, não haveria mais possibilidade de ele não entender e teria de me perdoar prontamente.

Oh, era uma solução feliz. Parecia possível que pudesse vir a acontecer.

Nós ríamos juntos, trabalhávamos juntos, e eu era feliz. Discutíamos constantemente sobre o castelo — o que deveria ser feito e como o faríamos. Era quase como se tivéssemos uma sociedade. Certo dia, ele me disse:

— Já pensou em se casar, depois que Esmond morreu?

Eu me virei. Não ousava olhar para ele. Sabia que seus sentimentos em relação a mim eram bem diferentes dos que tinha por Susannah, mas sempre que chegávamos a ponto de um entendimento mais íntimo, ele se sentia repellido por um mistério que pressentia haver entre nós. Ele não podia acreditar na mudança aparente de Susannah e, conquanto suas emoções o levassem a mim, seu bom senso o prevenia contra mim. Creio que, às vezes, ele acreditava que eu voltaria a ser o que era antigamente e perguntava-se se eu estava fazendo um jogo falso. Como estava certo! E quantas vezes considerei fazer uma confissão. Mas tinha medo de perdê-lo. Queria prendê-lo tão próximo a mim que ele não pudesse escapar, mesmo que o que eu tivesse feito o enchesse de horror. A força de minhas emoções era forte, como acreditava que as dele fossem, mas minha culpa e a falta de confiança nele ficavam

entre nós como uma faca de dois gumes.

— Casamento não é assunto para ser levado sem seriedade — murmurei. — Você, que nunca se casou, concorda comigo, não é?

— É certo que sempre pensei que é uma coisa na qual não se deve entrar sem seriedade. A morte de Esmond deve ter sido um golpe terrível para você, não foi?

Virei minha cabeça, fingindo emoção.

— Ele era louco por você — continuou. — Sempre tive pena dele, pois você era tão indiferente naquela época. Como se fosse outra pessoa. Eu ficaria com inveja... agora.

Levantei meus olhos. Queria tanto que ele pusesse seus braços à minha volta e dissesse que me amava. Segurou-me pelos ombros e me sacudiu suavemente.

— Alguma coisa aconteceu, Susannah! — gritou. — O quê? Pelo amor de Deus, diga-me.

Quis confessar então, mas não tive coragem. Estava insegura sobre ele como ele estava sobre mim.

— Meu pai morreu — falei, devagar. — Foi um choque muito grande...

Ele deixou cair os braços. Não me acreditava. Não era isso que queria ouvir. Com um gesto de irritação, ele me soltou.

Não falou mais nada, mas fiquei certa de que um dia... em breve... ele diria. Talvez me pedisse para casar com ele, e então o que eu faria? Teria coragem de confessar?

Assim, comecei a raciocinar comigo mesma. Por que haveria necessidade de confessar? Casando-me com Malcolm, automaticamente ele teria o castelo.

Por que não seria aquela a resposta? O destino estava-me oferecendo uma saída.

Talvez eu devesse saber que era bom demais para ser verdade. A vida não transcorre tão facilmente assim.

Encontrei as cartas na escrivaninha de Susannah. Era um móvel bonito do século XVIII que admirei no primeiro momento em que vi. Tinha diversas gavetas que eu usava para guardar os papéis e os diários que tinha tirado do quarto de Esmond.

Sempre dava uma lida neles. Tinham sido de valia inestimável para eu aprender sobre as pessoas da propriedade, e achava muito útil examiná-los.

Estava eufórica, pois havia passado quase que o dia inteiro com Malcolm. Tinha ido à cabana dos Chivers para saber se estava tudo bem lá. Vi que as cortinas do castelo ficaram muito bonitas e notei que elas eram uma fonte de alegria para Leah, embora soubesse que o que a alegrava mais era meu interesse por ela. Via-me como uma espécie de protetora, e aquilo me tocava profundamente.

Estava pronta para ir para a cama, e fui até a gaveta tirar os papéis. Pretendia sentar-me na cama e lê-los, o que se tinha tornado um hábito para mim. Abri a gaveta e, quando tirei os papéis, vi que alguns haviam ficado presos. Puxei-os mas eles não saíram; então me ajoelhei apoiada nas mãos e nos joelhos para ver se conseguia descobrir o que os estava prendendo.

Puxei devagar e, ainda assim, não saíram. Pus minha mão para ver se conseguia sentir o que os prendia. Eles estavam em desordem. Então percebi que havia uma gaveta secreta atrás daquela onde os papéis estavam guardados. Coloquei minha mão lá dentro e puxei-a. Dentro dela havia um rolo de papéis amarrado com uma fita vermelha, que desamarrei, desdobrando os papéis. Vi que eram cartas. Meu coração começou a disparar, pois notei que eram escritas a Susannah.

Fiquei ajoelhada lá por um instante com elas na mão. Não era por natureza uma pessoa que ouvia por trás das portas ou lia correspondência dos outros, e hesitei dessa vez como tinha hesitado com relação aos diários de Esmond.

Um instinto me disse que aquelas cartas poderiam conter informações vitais e que eu não devia ter escrúpulos. Coloquei de volta a gaveta secreta e empurrei a outra para seu devido lugar em frente a ela, censurando-me por ser tão boba em hesitar, e levei as cartas para a cama.

Fiquei lendo-as lá, e quando terminei permaneci acordada considerando o conteúdo delas. Aquelas cartas tinham-me arrasado. Só podia adivinhar quem as tinha escrito, mas me parecia que apenas uma pessoa poderia tê-lo feito.

Estavam datadas em ordem, portanto soube que tinham sido escritas para Susannah logo antes de ela partir da Inglaterra para a Austrália.

A primeira dizia:

Querida e muito maravilhosa (daqui por diante escrito Q. M.M.). Que alegria estar com você como estivemos na noite passada. Nunca sonhei que isso pudesse acontecer. E o melhor ainda está por vir. Você tem de fazer sua parte, embora não vá ser por muito tempo. Os sinos do casamento e nós dois lá — O Rei e

a Rainha do Castelo. Você sabe como lidar com S.C. Ele fará tudo o que você pedir. Está apaixonado. Inteligente de sua parte tê-lo reduzido a esse estado. Mantenha-o assim. Não vou perguntar agora, mas compreendo e tento não ficar com ciúme do seu amor rural. Precisamos da ajuda dele para conseguir o que necessitamos, pois terá de vir de alguém que não possa ser descoberto... por garantia. Se ele lhe der, estará envolvido. Não que tenha de chegar a isso. Cuidaremos para que tudo corra bem.

Q.M.M., tenho de lhe escrever pois não poderei estar por aí nessa hora. Nunca se sabe. Podemos deixar escapar alguma coisa. Então, queime as cartas assim que as tiver lido. Desse modo posso escrever abertamente. Avise-me quando S.C. lhe der o que precisamos. É uma pena que ele tenha de entrar nisso, mas cuidaremos disso mais tarde. O Rei e a Rainha vão agir.

Até outro dia, meu amor.

Dedicado Escravo e Amor Constante (daqui por diante D.E.A.C.)

Li a outta.

Q.M.M.

Então S.C. está tirando o corpo fora. Não tem, disse ele. Você vai ter de conseguir com ele. Diga-lhe que precisa para usar no rosto. Têm de usá-la para alguma coisa na fazenda. Convença-o com carinho. Estou ficando ciumento. Acho que você gosta bem dele. Estou certa de que desempenha seu papel bem, mas vamos acabar com isso e depois ponto final, hem? Gostaria de poder casar-me com você, mas você não pode, imagino, até que a barra esteja livre. Sempre foi um diabinho, Q.M.M. Quer manter um pé em cada campo, não é? Não vai abrir mão do Primo E até que ele descanse. Quer ser suprema, não quer? Lembre-se de que tenho o mesmo sangue. Você sabe que somos uma raça arrojada, ardilosa e ambiciosa. Mateland de Mateland. Queime esta carta e todas as outras minhas. Consiga a coisa de S.C. e depois use-a mesmo. Estou ficando impaciente para vê-la. Estou ansioso pelo dia em que estaremos juntos, você sabe onde.

Minha Q.M.M. Seu D.E.A.C.

E a última:

Q.M.M.

Estou desesperado por notícias. O que saiu errado? Sua mistura não foi forte o suficiente. É claro que sei que teve de evitar suspeita. Próximo da morte... isso não basta, não é? E S.C. tirando sua vida daquele modo melancólico. Uma pena termos tido de usá-lo. No entanto, você tem razão. Não devemos tentar de novo por

algum tempo. Sim, concordo... digamos um ano. Então ele pode aparecer com a mesma doença. Isso parece plausível. Quem pensaria que S.C. seria tão tolo? Vamos torcer para que não tenha falado. Esse tipo de pessoa às vezes fala. Fazem confissões. Gostaria de ter conseguido a coisa sem ele. Mas seria muito estranho... comprar... ou conseguir de algum outro lugar. Cobrimos bem nossos rastros e depois aquele tolo chama a atenção para si dessa maneira!

Agora, preste atenção, Q.M.M. Gosto do seu plano. Você vai embora para algum lugar. Vai procurar seu pai, já que descobriu o paradeiro dele. Muito justo. Não deveria estar aí quando a coisa acontecesse. Está certo. Mas não posso ficar sem você todo esse tempo. Vou com você e depois volto... e dentro de um ano teremos todas as coisas acertadas. Temos de ser pacientes. Temos de pensar na recompensa que teremos... você e eu, onde pertencemos juntos.

É realmente bobagem pôr tudo isso no papel, mas sou tolo no que diz respeito a você... como você é comigo. Enganamos todos eles com nossas brigas. Continuaremos enganando. Você vai saber quando acontecer e então voltará para casa, e você e eu descobriremos que nossa antipatia era um erro. Todo o tempo nos gostávamos. Sinos de casamento e o castelo nosso. Mateland para sempre.

Queime isso e todo o resto. Pode imaginar que estas cartas nos podem condenar? Mas confio em você. Em todo caso, estamos juntos nisso.

Estarei no castelo muito em breve agora, e você se estará preparando para partir. Seja carinhosa com Esmond. Mas vá embora. Os Cs. podem criar problemas.

Com você em breve,

Seu D.E.A.C.

Fiquei arrasada. Aquelas cartas diziam tudo. Esmond fora assassinado. Fora vítima de Susannah e de seu amante. Susannah tentara matá-lo e seu amante conseguira fazê-lo, tornando assim Susannah dona do castelo. Susannah seduzira Saul Cringle e ele lhe dera o veneno que matou Esmond... possivelmente arsênico, uma vez que mencionaram um cosmético. E ela fora despreocupada o suficiente para deixar aquelas cartas — incriminadoras como eram — na gaveta secreta de sua escrivaninha, apesar do pedido constante do seu amante de queimá-las. Então, eu as encontrara. Como ela tinha sido descuidada! Mas talvez tivesse algum motivo posterior ao preservar as cartas.

Eu estava tentando afastar o fato esmagador que acontecera em conseqüência. Não queria examiná-lo. Não ousava.

Pensei no dia em que fui fechada no celeiro e que vi aquela coisa horrível

pendurada dos caibros. Um fato era óbvio. Os Cringles sabiam que Susannah tinha andado envolvida com Saul e, pensando que eu era Susannah, tinham-me feito confrontar com aquele horror. Era uma situação explosiva.

Mas estampado no meu rosto estava o medo do qual não podia mais me livrar. Uma frase ficava dançando na minha frente: "Lembre-se de que tenho o mesmo sangue."

Só havia uma pessoa que poderia ter escrito aquilo. Malcolm!

Então ele deve saber que sou uma impostora. Deve, pois sua carta mostra como ele era íntimo de Susannah. Não poderia ter-me tomado por ela. Além do mais, considerando a relação deles, estava bem claro que ele sabia que eu me estava passando por ela. Então, por que não me desmascarava? Se me desmascarasse, o castelo seria dele. Por que me deixava continuar com meu fingimento? O que queria dizer aquilo? Em que eu me tinha envolvido? Eu era uma farsa, sabia. Estava-me fazendo passar por outra mulher. Mas Malcolm, o homem por quem tinha-me apaixonado, era um criminoso.

Não podia ver outra possibilidade.

Malcolm era o dedicado escravo de Susannah, e seu amor constante. Estava fazendo algum jogo. Qual?

Fiquei doente de medo.

Ele devia saber que Susannah estava morta e que ele era um criminoso. Era um ator inteligente. Devia ser para poder iludir-me como fez. Ele gostava do castelo. É claro que foi pelo castelo que fez o que fez.

E por que não o reivindicava agora?

Com Susannah morta ele poderia herdar. Por que não me tinha desmascarado?

Os pensamentos davam voltas em minha cabeça. Não dormi a noite toda. Fiquei virando-me para um lado e para o outro, esperando a madrugada chegar.

Estava tomada de medo. Sabia que um clímax terrível estava a ponto de estourar.

Não vi ninguém na hora do café da manhã. Saí para a mata. Não podia enfrentar Malcolm. Parecia que ele, não menos do que eu, vinha usando uma máscara. Quando o rosto forte e agradável fosse retirado, o que estaria por baixo? Uma coisa fria e astuta, sabida, cruel, sensual e criminosa.

Não podia suportar. Tinha sido profundamente enganada. Queria parar de pensar nele e não conseguia. Já tinha permitido que meus pensamentos ficassem envolvidos demais. Além disso, eu não era apenas uma moça que tinha confiado num homem — um homem cínico, capaz das ações mais vis —, era uma pessoa que também estava tingida de desonestidade.

Que tola tinha sido! Que teia emaranhada havia tecido, e agora me encontrava no centro de mistério, intriga e assassinato.

Devia fazer com que as coisas parecessem normais.

Voltei ao castelo na hora do almoço. Malcolm, graças a Deus, não estava lá. Tinha deixado recado de que ia almoçar com Jeff Carleton.

Emerald e eu almoçamos sozinhas.

Ouvi-a contar que tinha passado a noite sem dormir e que não podia descansar as costas. Depois, ouvi-a dizer: Escrevi para Garth para lhe contar que você estava aqui. Faz tanto tempo que ele esteve aqui. Provavelmente não tem vontade de voltar, agora que a mãe dele morreu.

Depois do almoço, saí de novo. Fui até a mata e deitei-me lá, olhando para o castelo e pensando de novo no dia mágico da minha infância. Creio que foi naquela época que tudo começou.

Mas como eu era diferente agora daquela menina pequena e inocente!

Quando voltei para casa, Janet estava no meu quarto guardando na cômoda umas coisas que tinha lavado.

— Meu Deus — falou. — Você está com ar de quem perdeu um dinheiro grande e encontrou um centavo.

— Estou bem — respondi. — Só um pouco cansada. Não dormi bem a noite passada.

Examinou-me com aquele seu modo que me aborrecia.

— Parece que não dormiu mesmo! Alguma coisa de errado, Srta. Susannah?

— Não —, respondi jovialmente. — Nada de mais.

Ela fez que sim e continuou a guardar as peças de roupa.

Ouvi uma pessoa chegando a cavalo a distância. Fui até a janela e vi Malcolm. Ele refreou o cavalo e parou um instante para olhar o castelo. Podia ver a satisfação estampada em seu rosto. Ele gostava do castelo como Susannah tinha

gostado e como eu também começava a gostar. Este castelo era mal-assombrado pelas pessoas que tinham vivido lá — principalmente a família Mateland, a quem Malcolm, Susannah e eu pertencíamos.

Gostávamos do castelo por uma série de razões, não somente porque era da família há gerações, mas também pelo feitiço que exercia sobre nós, fazendo com que mentíssemos e trapaceássemos para obtê-lo, alguns até mesmo cometendo crimes em nome disso.

Não desci para jantar, pretextando dor de cabeça. Não podia enfrentar Malcolm... ainda.

Janet trouxe a sopa para mim numa bandeja.

— Não quero nada — falei.

— Um pouquinho — disse ela, como se eu tivesse dois anos de idade. — Qualquer que seja o problema é melhor não o enfrentar de estômago vazio.

Ela me observava com ansiedade. Às vezes, achava que Janet realmente gostava de mim.

A noite não me trouxe qualquer melhora.

Quando finalmente peguei no sono, fui assaltada por sonhos de terror em que Esmond, Malcolm, Susannah e eu estávamos envolvidos.

De manhã, acordei cedo e desci para tentar comer alguma coisa. Enquanto brincava com a comida, Chaston entrou para me dizer que Jack Chivers achava-se lá para falar comigo. Estava esperando do lado de fora e parecia muito preocupado.

— Eu lhe disse, Srta. Susannah, que não a incomodaria na hora do café da manhã — disse Chaston —, mas ele falou que era muito importante, um problema com a mulher dele, e me convenceu a vir falar com a senhorita.

— A mulher dele! — falei. — Oh, é claro que você tinha de me chamar. Vou ver Jack Chivers imediatamente.

— Muito bem, Srta. Susannah. Posso dizer para ele entrar?

— Sim, por favor. Imediatamente.

Jack veio até o *hall*. Levei-o imediatamente para uma das pequenas salas de visitas. Pensei que tivesse vindo dizer-me que as dores de Leah se tinham iniciado, e fiquei preocupada porque ainda não era época de o bebê nascer.

— O que aconteceu, Jack? — perguntei.

— É Leah, senhorita. Ela está muito aflita.

— O bebê...

— Não, não o bebê, senhorita. Ela disse que precisa vê-la. Pediu para a senhorita dar um pulo até lá assim que puder.

— É claro que vou, Jack. O que foi?

— Ela quer contar-lhe pessoalmente, Srta. Susannah. Se pudesse ir até lá...

Vesti minha roupa de montaria e disse que iria imediatamente, e fui até o chalé com ele.

Leah estava sentada do lado da mesa, muito pálida e assustada,

— O que aconteceu, Leah? — perguntei.

— É meu pai — disse-me. — Ele conseguiu saber tudo de mim.

— Saber o quê, Leah? O que está dizendo?

— Ele ameaçou bater em mim, Srta. Susannah. Nunca lhe teria dito... especialmente agora... Não teria, mas fiquei assustada... não tanto por mim, mas pelo bebê. Conte-lhe tudo, e ele disse que vai ajustar contas...

— O que você lhe contou?

— Conte-lhe sobre a senhorita... e Saul.

— O que sobre mim... e Saul?

— Srta. Susannah, ele estava a ponto de me matar, se eu não contasse. Tive de falar, senhorita. Tive por causa do bebezinho.

— É claro que teve... mas o auê?

— Não consigo entender, senhorita. É como se fosse outra pessoa no lugar dela. É como se a senhorita não fosse mais a Srta. Susannah. A senhorita é boa, sei disso. Deve ter sido o demônio que a possuiu, mas ele já foi mandado embora, não foi, senhorita? Sei que eles podem fazer isso. A senhorita é boa agora. Nunca me esquecerei do que fez por mim e Jack... e pelo bebê. Jack também não se esquecerá. Mas tive de contar-lhes... Tive de dizer-lhe como a senhorita era, quando estava possuída pelo demônio.

— Mas o que você lhe contou, Leah?

— Tudo o que sabia... Tio Saul estava atormentado, isso estava. Disse que a alma dele estava perdida, que iria para o inferno. Costumava conversar comigo,

ele me salvou de muita surra. Tio Saul era bom... mas não se pode lutar contra o demônio, senhorita... e a senhorita estava possuída.

— Por favor, Leah, quer dizer-me o que contou a seu pai?

— Foi o que Tio Saul tinha-me dito. Eu tinha visto a senhorita... eu a tinha visto junto com ele no celeiro... os dois saindo de lá rindo. Era o diabo que estava rindo, sei agora, mas naquele tempo pensava que a senhorita fosse uma feiticeira... feiticeira má. E Tio Saul vinha com o rosto brilhando de alegria como se tivesse estado com os anjos... até que ele se lembrou, e então se preparou para acabar com a vida.

— Ó, Deus, ajude-me — murmurei.

— Ele costumava falar comigo. Falou comigo certa noite antes de ter feito aquilo. Estava trabalhando no campo, e levei para ele o chá frio e sanduíche de *bacon*. Ficamos sentados ao lado da sebe e ele me disse: "Não suporto mais, Leah. Tenho de sumir... eu pequei. O mais terrível dos pecados. Não vejo saída. O pagamento do pecado é a morte, Leah, e eu recebi esse pagamento." Foi isso que ele me disse, senhorita. "O demônio me tentou", falou. E eu disse: "Sim, a Srta. Susannah é o demônio." Então, ele começou a tremer e falou: "Não consigo afastar-me dela, Leah. Quando não está perto de mim, percebo o mal, e quando está, só existe ela." Eu lhe disse: "Peça perdão e não peque de novo." Ele disse: "Mas eu pequei, Leah. Pequei de forma que você não sabe." Eu falei: "Sim, você pecou, mas as pessoas pecam assim. Veja Annie Draper. Ela teve o bebê e depois casou-se com o fazendeiro Smedley; vai à igreja regularmente agora e é considerada muito boa. É o que chamam de arrependimento dos pecados. Pode arrepender-se, Tio Saul." Ficou meneando a cabeça e depois falou que tinha ido longe demais. Tive de encontrar alguma forma de consolá-lo, e disse: "É a mesma coisa, Tio Saul, se foi com a Srta. Susannah ou com você... ou com uma vendedora ambulante como Annie Smedley." Mas ele não aceitou isso. Depois, me disse uma coisa terrível: "É pior do que isso. É pior do que fornicação, e isso já seria suficiente para me mandar para o inferno. É assassinato. Leah, é isso. Ela me pediu para ajudá-la a acabar com o Sr. Esmond. Ela não o suporta, não vai casar-se com ele. Você entende? Ela quer o castelo, mas não o quer." Eu falei: "O que você está dizendo? O que você tem a ver com os problemas do pessoal do castelo?" E ele disse: "É a Srta. Susannah. Tenho de fazer o que ela me pede. Você não entende. Tenho de fazer e fiz. E só existe uma saída." Não entendi bem o que ele quis dizer, senhorita... só no dia seguinte quando o encontraram enforcado no celeiro.

— E foi isso que contou a seu pai? — perguntei, com voz fraca.

— Não teria contado, senhorita. Não depois do que fez por Jack e por mim. Não teria contado... se não fosse o bebê. Sei que era o demônio que estava na senhorita. Agora sei. Sei que sem ele a senhorita é gentil e bondosa. Não teria contado... se não fosse prejudicar o bebê. Mas tive de dizer à senhorita o que fiz.

— Obrigada, Leah — Falei. — Obrigada, fico muito agradecida.

— Srta. Susannah — perguntou ela, com insistência —, a senhorita estava possuída pelo demônio, não estava? Não vai ser má de novo: Será sempre sua própria pessoa, não é?... gentil e bondosa para que nos possamos sentir seguros com a senhorita, não é?

— Leah — falei —, você não deve ficar aflita. Pense no bebê.

— Oh, eu penso, senhorita. Penso em tudo o que a senhorita fez por nós. Foi terrível quando ele veio aqui. Mas eu estava com medo, senhorita, não por mim, mas pelo bebê.

— Não se desgaste. Tudo vai acabar bem — falei. Queria ir embora para poder pensar.

Saí do chalé e fui para a mata. Estava numa enrascada.

Tinha pensado em ficar com a custódia do castelo e, ao fazer isso, tinha colocado a máscara de assassina.

Estava paralisada de medo, incapaz de fazer planos. Não sabia para que lado me virar.

O vingativo Jacob Cringle sabia que seu irmão Saul tinha cometido suicídio. Sabia que um assassinato fora planejado no castelo e que mais tarde tinha sido levado a cabo.

Não deixaria o assunto morrer. Iria perseguir os assassinos e levá-los à justiça, vingando-se assim da morte do irmão.

Eu sabia que o crime tinha sido planejado. Tinha provas nas cartas que encontrara na gaveta secreta. Tudo começava a se encaixar.

Sem saber, tinha assumido a responsabilidade da criminosa.

Tinha caído numa armadilha no Castelo Mateland.

Como Cougaba dissera: "Aquele diabo velho!" estava nos meus calcanhares. Tinha-me tentado. Tinha-me mostrado a glória do castelo e prometido que ele seria meu... em troca da minha aliança com ele.

E eu sucumbira à tentação. Agora estava ali numa situação que se tornava mais perigosa a cada instante. Presa numa armadilha preparada por mim mesma.

Não sei como atravessei o dia. Como não conseguia comer nada, passei o dia fora e disse que ia resolver problemas da propriedade, e que já tinha comido numa hospedaria.

Voltei no fim da tarde. Teria de pretextar outra dor de cabeça. Não conseguia enfrentá-los naquela noite. Não queria ver Malcolm. Ele estava tão envolvido naquilo quanto eu, e quando pensei nas cartas fiquei nauseada. Estava claro nelas o relacionamento dele com Susannah; e o que não podia entender era que ele me deixasse crer que me aceitava. Devia saber desde o começo que eu era uma impostora. Que papel *ele* estava desempenhando? Eu precisava de tempo... muito tempo para tentar encontrar algum sentido naquilo.

Janet entrou com uma bandeja.

— Eles estão preocupados — falou. — Há duas noites que você não desce para jantar. O que aconteceu?

— É só uma dor de cabeça.

— Não é natural que moças tenham dor de cabeça. É melhor ir ver um médico.

Sacudi a cabeça e ela foi embora.

Quando voltou para buscar a bandeja, viu que eu não tinha comido nada. Entrou e ficou ao pé da minha cama olhando-me.

— É melhor me contar — disse. — Posso agüentar um pouco de problema.

Não respondi.

— É melhor me contar, eu poderia ajudar. Já ajudei bastante, creio, desde o começo, quando chegou aqui fingindo ser Susannah.

— Janet! — gritei.

— Pensou que eu não sabia? Pensou que podia enganar-me? Poderia enganar a pobre Sra. Emerald com a vista dela como está e pelo fato de ela não prestar atenção a nada que não se refira a ela mesma. Mas você não me engana. Sabia que era a filha da Srta. Anabel desde o primeiro instante em que a vi.

— Você... sabia!

— Suewellyn! — disse ela. — Eu a vi uma vez, quando você era

pequenininha. Anabel e Joel estavam lá. Eles eram dois imprudentes. Sim, vi logo quem você era. Parece-se um pouco com Susannah... mas há todo um mundo de diferença entre vocês duas. Tive de fazer o máximo pela filha de Anabel. Gostava muito dela; ela era um encanto. Seria exatamente o que ela própria faria, imagino. Oh, sim, sabia quem você era.

A única coisa que consegui dizer foi:

— Oh, Janet!

Chegou perto de mim e pôs os braços à minha volta. A demonstração de emoção e carinho foi muito verdadeira, considerando-se que ela era sempre tão fechada.

— Está bem, minha menina. Farei o que puder. Você não devia ter fingido ser Susannah. É como que uma pomba fingindo ser um gavião. Ela tinha o diabo no corpo; tinha mesmo. Eles viam e sabiam disso e ainda assim não conseguiam resistir a ela.

— Tudo foi muito longe... — comecei.

— Tinha que ir. Não se pode fazer este tipo de coisa sem enfrentar problemas mais cedo ou mais tarde. A vida não é um jogo de máscaras e fingimentos.

— Não sei o que fazer. Terei de ir embora.

— Sim — concordou ela. — Vá embora e comece uma vida nova. Mas eles irão procurá-la. O Sr. Malcolm iria querer saber por onde você andava, não é? Vocês parecem gostar um do outro.

— Por favor... — murmurei.

— Muito bem. Muito bem. É engraçado. Ele não suportava Susannah. Era o mesmo com Garth. Creio que eram os únicos dois homens que não caíram nos braços dela. E talvez caíssem se ela os tivesse encorajado um pouco. Oh, ela tinha uma lábia e tanto. Mas tinha o demônio dentro dela... e eu falei isso desde o começo.

Não podia contar a Janet sobre as cartas. Não lhe podia contar a confissão de Leah.

Já era bastante ela saber quem eu era. Já me sentia um pouco confortada.

Podia pressentir um desastre no ar. Não tinha certeza do que fazer, do que dizer. Tinha sido totalmente iludida por Malcolm. Ele sabia todo o tempo. O que

estaria planejando para mim? Tinha fingido acreditar que eu era Susannah. Por quê? Tinha atuado maravilhosamente. Mas talvez eu também tivesse.

Estava tonta. Pensei em fugir, em me esconder, em ir para a Austrália... trabalhar para pagar minha passagem... ir para onde estava Laura ou para a fazenda e pedir abrigo. Não, iria falar com Malcolm. Diria:

— Sim, sou uma fraude e uma mentirosa, e você faz bem em me desprezar. Mas você *é* um criminoso. Planejou com Susannah matar Esmond, e então ela foi embora e você levou o plano avante. Pelo menos, eu não matei. Apenas tomei o que teria sido de Susannah, se estivesse viva. E sou meia-irmã dela. Sei que o que tomei é legalmente seu agora... mas você matou para conseguir isso.

Não podia ir ainda. Tinha de ver Malcolm primeiro. Tinha de explicar-lhe por que tinha feito o que fizera e queria saber por que ele fingira acreditar que eu era Susannah.

Passei o dia nervosa. Foi logo antes do jantar que a coisa desabou.

Íamos jantar na sala pequena como sempre fazíamos, quando não tínhamos visitas. Quando estava descendo as escadas, vi um homem no *hall*.

— Susannah! — gritou, parando de repente.

— Alô! — disse, sorrindo. Era evidentemente alguém que eu deveria conhecer.

Ele ficou simplesmente olhando fixo para mim. Dei um passo na escada. Ele tomou minha mão e seu rosto ficou próximo ao meu.

— Que bom vê-lo aqui — gaguejei.

Naquele justo momento, Emerald apareceu no alto da escada.

— Que bom você estar de volta, Garth — disse ela.

Agora eu sabia.

— Não vejo Susannah desde que ela voltou da Austrália — disse Garth.

— É mesmo, não é? — falei baixo.

— Vamos jantar — disse Emerald. — Oh, lá está Malcolm. Malcolm, Garth está aqui.

— Estou vendo — disse Malcolm.

Olhei para ele com cautela. Ele era o mesmo de sempre. Ninguém diria que

seria capaz de planejar um crime a sangue-frio.

Tentei lembrar-me do que ouvira falar sobre Garth. Era filho de Elizabeth Larkham, que tinha sido acompanhante de Emerald quando Anabel vivia no castelo. Ainda fazia visitas periódicas ao castelo.

Fomos jantar.

— Gostou da Austrália? — perguntou Garth. Disse-lhe que tinha gostado até que aconteceu a tragédia.

— Tragédia? — É claro, pensei, que ele não tinha sabido.

— A ilha onde meu pai morava foi destruída por um vulcão em erupção.

— Foi muito dramático, não foi?

— Foi trágico — respondi, consciente do tremor da minha mão.

— E você escapou por sorte.

— Estava na Austrália, quando aconteceu.

— Que bom — disse Garth.

— Agora, Garth — disse Emerald —, nada de brigas. Sei como vocês dois são depois de ficarem juntos cinco minutos.

— Nós nos comportaremos, não é, Susannah?

— Vamos tentar — falei.

Ele fez várias perguntas sobre a ilha e eu respondi com uma emoção que não consegui deixar de lado. Então, Malcolm mudou de assunto para falar sobre o castelo, e nós todos fizemos coro. Achei que Malcolm não gostava muito de Garth, e que o sentimento era mútuo. Uma ou duas vezes peguei os olhos de Garth em mim, olhando-me como se estivesse intrigado.

Estava cada vez mais aflita, pois ele não parava de me examinar.

— Ela está mudada — disse, enfim. — Não acha, Malcolm?

— Susannah? — respondeu Malcolm. — Oh, está mudada sim. A visita à Austrália teve um efeito marcante nela.

— Foi uma aventura considerável — lembrei-lhes. — E em face do que aconteceu...

— Sim, em face do que aconteceu — disse Garth, lentamente.

— Susannah está provando ser uma ótima administradora... ou deveríamos dizer uma senescal — disse Malcolm, olhando para mim e sorrindo. — Devo confessar que fiquei um pouco surpreso.

— Você não tinha uma opinião muito boa sobre mim então? — murmurei.

— Não posso dizer que tivesse. Nunca achei que se preocuparia ou usaria seu tempo nesse trabalho. Achei que não ficaria interessada o bastante nos colonos.

— Então ela está provando ser um modelo de virtude, não é? — disse Garth. — Devo dizer que isso me comove.

— Garth, por favor... — falou Emerald.

— Tudo bem, tudo bem — continuou Garth. — Só que vou dizer que a própria idéia de Susannah deixando crescer asas me diverte. Acho que terei de me habituar a isso. O que foi que você fez, Susannah? Virou uma nova página, arrependeu-se de seu modo de ser louco... ou o quê?

— Naturalmente, estou interessada nos assuntos do castelo.

— Sim, você sempre esteve... de certo modo. E agora... ficando de posse dele... imagino que seja diferente.

De alguma forma, consegui agüentar aquela hora aflitiva durante o jantar. Quando nos levantamos da mesa, Malcolm disse:

— Não a tenho visto muito nesses últimos dias. Onde tem-se escondido?

— Não me tenho sentido muito bem — respondi. Um olhar solícito surgiu em seus olhos.

— Você se envolve demais com essas pessoas. Um pouco já é suficiente...

— Estou bem — insisti. — Só um tanto cansada.

Subi para o quarto.

Fiquei pensando: não posso continuar assim, alguma coisa vai ter de acontecer. Pensei em descer e falar com Malcolm naquela hora, dizendo-lhe tudo o que sabia. Talvez pudesse confessar-me a Emerald.

Tirei meu vestido e botei uma camisola. Sentei-me na frente do espelho olhando meu reflexo como se fosse dar-me alguma inspiração sobre o que fazer. A máscara de Susannah ainda estava em meu rosto, mas acreditei que já a tinha tirado um pouco.

Ouvi passos no corredor, que pararam na minha porta, e ela se abriu... Era

Garth.

Estava rindo para mim. Veio em minha direção, e seus olhos não deixavam meu rosto ao se aproximar de mim.

— Não sei quem você é — disse —, mas só sei que não é Susannah.

Fiquei de pé.

— Quer fazer o favor de sair do meu quarto? — falei.

— Não — respondeu. — Que diabo, quem é você? O que está pretendendo, fingindo ser Susannah? Parece um pouco com ela sim, mas não pode enganar-me. Você é uma fraude. Quem é você, pergunto eu?

Não respondi. Pegou-me pelos ombros e forçou minha cabeça para trás, chegando o rosto perto do meu.

— Se há alguém que conhece Susannah sou eu. Conheço cada minúcia dela. Onde é que ela está? O que fez com ela? De onde você veio?

— Solte-me — gritei.

— Depois que me disser.

— Eu... eu sou Susannah.

— Você é uma mentirosa. O que aconteceu com você então? Virou santa, é? Tão boa para todos. Ganhando a aprovação de primo Malcolm. Que idéia é essa? Você diz que é Susannah. Então, continuemos onde paramos, está bem? Venha, Susannah, você nunca foi tão reservada assim. Já pensou quanto tempo faz que não estamos juntos? — Tinha-me puxado para ele e começou a me beijar... de um modo selvagem e violento, rasgando minha camisola. Parecia estar entrando em frenesi.

— Pare — gritei.

Ele parou e percebi um tom demoníaco em sua risada.

— Se você é Susannah, mostre-me. Você nunca foi exatamente encabulada. Era insaciável, Susannah. Sabe que me queria tanto quanto eu a queria. Por isso é que era tão divertido.

— Solte-me — gritei. — Não sou Susannah.

Ele me soltou.

— Ah, agora vai contar-me a verdade. Onde está Susannah?

— Susannah está morta. Morreu na erupção vulcânica na Ilha Vulcão.

— E quem é você, em nome de Deus?

— Sua meia-irmã.

— Valha-me Deus. Você é a filha de Anabel. De Anabel e Joel.

— Eles eram meus pais.

— E você estava com eles naquela ilha...

— Sim. Susannah chegou lá. Fui à Austrália ao casamento de uma amiga e, enquanto estava em Sydney, o vulcão entrou em erupção. Matou todos que se encontravam na ilha.

— E então... você tomou o lugar dela. — Olhou para mim com um pouco de admiração. — Menina esperta! Menina espertinha!

— Agora, imagino que você lhes vá contar. Confessei e estou contente. Não posso mais levar isso avante.

— Um bom plano — disse ele, olhando-me indagadoramente. — Você tomou posse do castelo, não foi? Passou a perna em Malcolm. Que graça! — Começou a rir. — Esmond morreu e com isso o castelo ficou para Susannah... e então a irmãzinha bastarda veio e decidiu ficar com ele. Acho isso uma glória. De certo modo, até gosto. Mas não é perfeitamente seguro, é? E quando o dedicado escravo e amor constante de Susannah aparece, encontra um cuco no ninho.

Então, descobri que era ele quem tinha escrito aquelas cartas. Ele me dava medo.

— Foi uma maldade da minha parte — falei. — Vejo isso agora. Vou contar tudo a eles e vou-me embora.

— Você pode ser processada por fraude, sua criminoso. Não, não deve confessar, é bobagem. Eu não a delatarei. Pensarei em alguma coisa para ajeitar a situação. Então ela está morta, não é? Susannah! Ela era uma bruxa, era uma feiticeira. Você nunca será isso, minha cara impostora. Você não tem o que ela possuía. Que outra pessoa teria? Oh, Susannah... Pensei que essa noite seria como costumava ser. Por que ela teve de querer ir para aquela ilha desgraçada?... — Ele estava realmente comovido, mas de repente ressurgiu. — Não deixe nunca que a desgraça tome conta de você — continuou. — Não chore nunca pelo que passou e acabou. Não vou chorar, prometo-lhe. *Você é* dona do castelo agora. Muito bem então. Posso deixar que fique com ele... se o dividir comigo.

— O que você quer dizer?

— Susannah e eu íamos casar, quando Esmond morresse.

— Você... você matou Esmond.

Ele agarrou meu pulso.

— Nunca diga isso alto. Esmond morreu. Teve uma recaída da doença anterior.

Era tudo verdadeiramente terrível. Eu estava aprendendo muita coisa, mas havia uma coisinha que alegrava meu coração: tinha cometido um erro em relação ao homem que escrevera aquelas cartas; não era Malcolm e sim Garth.

Misturada ao terror que Garth produzia em mim, sentia alegria de Malcolm nunca ter sido amante de Susannah e de não estar envolvido no assassinato de Esmond.

Garth chegou perto de mim e pôs as mãos em meu ombro.

— Você e eu sabemos demais um do outro, sua imitadorazinha de Susannah. Teremos de trabalhar juntos e estou vendo como. Sim. Estou vendo. — Levantou meu queixo com uma de suas mãos e olhou meu rosto. Encolhi-me toda. Tinha medo do brilho daqueles olhos. — Vim para cá pensando que hoje à noite Sussanah e eu ficaríamos juntos. Estava louco de desejo por Susannah. E ela está morta... aquela bruxa linda, desejável e má está morta. A feiticeira dos homens desapareceu. O demônio levou de volta o que lhe pertencia.

Ele quase me empurrou para longe dele, atirando-se no fundo da cadeira e dando um murro na penteadeira. Depois, olhou a esmo. Fiquei pensando no que faria em seguida. De repente, começou a rir.

— Então você morreu, Susannah. Afastou-se de mim morrendo... Não faz mal. Vou arranjar-me sem você. Mandou uma pessoa que se parece um pouco com você. Posso fingir que ela é você... às vezes. — Olhou para mim e disse: — Venha cá.

— Não vou fazer isso. Por favor, vá embora.

— Quero olhar para você. Tem de fazer-me esquecer que perdi Susannah.

— Vou-me embora do castelo — falei. — Você tem de ir amanhã.

— Verdade! Falou a Rainha do Castelo! Não importa que ela tenha usurpado a coroa e que eu saiba. Acha que vou receber ordens de você, acha? Não, Rainhazinha sem direito à coroa, *você* vai fazer o que eu mandar. Depois, poderá continuar a ser Rainha durante o tempo que eu permitir.

— Ouça — insisti. — Vou contar a eles. Vou-me embora daqui. Você pode fazer o que quiser.

— Engenhoso! — exclamou ele. — É de se esperar. Se não tivesse espinha dorsal não estaria aqui nunca, não é? Estou preparando um plano em minha cabeça que poderia ser bom para nós dois. Faça uma idéia, menininha. Você é como Susannah... de certo modo, e isso é estimulante. — Pegou minha mão e puxou-me para ele. — Vamos testar o assunto. Vamos ver se funcionaria. Se eu gostar de você, casamo-nos. E reinaremos juntos como Susannah e eu nos prometemos reinar.

— Por favor, tire as mãos de mim — gritei. — E vá embora. Se não for, toco a sineta para pedir socorro.

— E se eu contasse a eles que menina má você é?

— Pode contar. Pretendo dizer-lhes eu mesma.

— Acredito que o faria. Seria bobagem. Estragaria tudo. Malcolm seria declarado o herdeiro verdadeiro e nós não queremos isso, não é? Não. Fique calada. Vou fazer um plano. Será como estar planejando com Susannah.

— Não farei planos com você.

— Você não tem saída. Ou é boazinha comigo, ou sua brincadeira acaba.

— Minha brincadeira acabou agora.

— Não precisa acabar.

— Se a única alternativa é comprometer-me com você, está definitivamente acabada.

— Belas palavras. Ditas com nobreza. — Deu a volta nos calcanhares, olhando para mim. — Gosto mais de você a cada minuto que passa. Foi um choque descobrir que você não era Susannah. Mas não adianta olhar para trás não é? Irei agora... se você quiser. Mas estou arquitetando planos em minha cabeça. Vamos tirar proveito disso... você e eu juntos.

Só consegui dizer:

— Por favor, vá... agora...

Ele fez que sim.

Depois, chegou perto de mim e beijou-me com força na boca.

— Oh, sim — murmurou —, gosto de você, imitaçãozinha de Susannah. Você vai chegar ao mesmo modo de pensar que eu. Vamos arranjar uma saída para

isso juntos.

Então, ele se foi.

Tirei a camisola pelos ombros, que estavam vermelhos onde ele me havia apertado.

Estava-me sentindo doente de medo. O que poderia fazer agora?

Enquanto permanecia sentada ali, ouvi uma batida na porta. Dei um pulo, com medo que ele tivesse voltado.

— Quem está aí? — murmurei.

— Janet.

Abri a porta.

— Cristo! O que aconteceu?

— Nada... nada... Está tudo bem, Janet.

— Não fique dizendo que não foi nada. Sei que não é isso. Garth esteve aqui. Eu o vi sair. O que ele está querendo?

— Ele sabe, Janet.

— Pensei nisso. Estava com medo de ele vir. Havia alguma coisa entre ele e Susannah. Havia sempre alguma coisa entre ela e muitos deles. Ela não podia resistir a homens... e não há nada que os homens gostem mais do que isso.

— Oh, Janet — gritei, extenuada —, o que vou fazer? Nunca deveria ter feito isso.

— Bem, mas já fez e o que está feito está feito. Trouxe-a de volta ao castelo e é aqui que você pertence por direito. Deveria ter voltado e dito quem era. Duvido que fosse rejeitada.

— Janet... Garth... quem é ele?

— O filho de Elizabeth Larkham. Costumava vir aqui muitas vezes quando era garoto. Costumava vir porque sua mãe estava aqui.

— Sim, eu sei disso. Mas *quem* era seu pai?

— David, claro. Elizabeth passava por viúva, mas era amante de David antes de vir para cá... e Garth foi a consequência. Ela se dizia viúva e veio para viver sob o mesmo teto como amante dele. Eles são assim, esses Matelands. Sempre foram ao longo do tempo, presumo. Os leopardos não mudam as pintas, e os

Matelands não podem mudar seu modo de ser tampouco.

Fiquei pensando: sangue de Mateland! Garth, é claro. Não Malcolm. Estava profundamente aliviada por Malcolm estar completamente isento.

Vi-me contando a Janet o que tinha acontecido. Foi um alívio despejar tudo. Pelo menos sabia que ela era amiga. Disse-lhe tudo sobre o encontro de David comigo, quando vinha da escola para casa, e quando Anabel foi buscar-me e partimos juntas.

Ela ouviu atentamente. Queria saber como Anabel tinha vivido na ilha, se tinha sido feliz lá.

— E ela algum dia mencionou meu nome? — perguntou.

— Mencionou — respondi —, e com carinho.

— Devia ter-me levado com ela — disse Janet. — Mas então eu teria ido para os ares e não teria podido tomar conta de você.

— O que farei, Janet? — perguntei. — Tenho de lhes contar, é claro. Vou contar a Malcolm amanhã.

— Sim — respondeu Janet. — Mas vamos pensar a respeito primeiro.

Ela ficou comigo até tarde e depois fui para a cama. Estava tão exausta que, para minha surpresa, dormi direto até a manhã seguinte.

Quando me levantei, soube que Malcolm tinha saído e que passaria o dia todo fora.

Isso me deu um dia de descanso, pois tinha chegado à conclusão de que seria a Malcolm a quem confessaria em primeiro lugar.

Desci para tomar o café da manhã. Fiquei contente de não encontrar ninguém lá, pois só consegui tomar uma xícara de café. Enquanto o tomava, Chaston apareceu, Jack Chivers tinha vindo ver-me de novo.

Levei-o à pequena sala que saía do *bali* principal, onde o tinha visto antes.

— É Leah novamente — disse-me.

— O bebê...?

— Não, o pai dela. Ela pediu para a senhorita ir até lá assim que puder.

Subi, vesti a roupa de montaria e fui até o chalé.

Leah estava esperando, com os grandes olhos denotando muita preocupação.

— É meu pai de novo. Deixou isto para a senhorita. Disse que eu devia entregar-lhe em mãos.

Peguei o envelope que me dava, rasguei-o, tirei uma folha de papel e li o seguinte:

Tenho uma coisa a lhe dizer, Srta. Susannah, e quero dizer rapidamente. A senhorita tentou assassinar o Sr. Esmond e meu irmão a ajudou. Ele era um homem bom, mas a senhorita é uma bruxa e não há muitos que resistam a bruxas. Agora, terá de pagar por isso. Quero um arrendamento para a fazenda por toda a vida e que seja renovado para Amos e Reuben. Quero um equipamento novo e tudo o que possa fazer a fazenda produzir novamente. Pode chamar a isso de chantagem. Talvez seja. Mas não poderá trair-me sem trair a si própria. Venha ao celeiro... àquele onde o pobre Saul se enforcou. Venha às nove horas desta noite e traga um papel consigo prometendo-me o que pedi e darei minha palavra de que guardarei segredo em relação ao que sei. Se não fizer assim, no dia seguinte todos saberão o que consegui de Saul e a razão real de ele ter-se matado.

Fiquei olhando fixo para o papel. Leah continuava a me observar com os olhos cheios de ansiedade. Coloquei a carta no envelope e enfiei-a no bolso.

— Oh, Srta. Susannah — disse Leah. — Espero que não seja nada muito ruim.

Olhei para ela com tristeza, e pensei: Jamais verei esse bebê. Estarei longe. Onde? Não sabia. Nunca mais veria o castelo. Nunca mais veria Malcolm.

Não sei como consegui passar o dia. Janet veio a meu quarto de manhã. Num impulso, mostrei-lhe a carta de Jacob Cringle.

— Parece-me um pouco de chantagem — falou.

— Ele odeia Susannah — respondi. — Compreendo. Acha que ela é responsável pela morte de Saul.

— Você não deve ir lá hoje à noite.

— Vou contar a Malcolm quando o vir.

— Sim — disse Janet. — Desabafe tudo com ele. Não creio que ele vá ser muito duro. Acho que é um pouco complacente com você. Você é uma tal mudança... depois de Susannah. Ele não a suportava.

— Terei de ir embora, Janet. Terei de deixar tudo...

— Você voltará. Sinto na pele. Mas espere e conte a Malcolm. Isso é o

melhor que tem a fazer.

— Também pensei nisso.

Saí para que não precisasse voltar para o almoço. Passaria outro dia ali, já que Malcolm só voltaria tarde. Não falaria com ele naquele dia. Seria no dia seguinte.

Voltei e fui para meu quarto. Estava no meio da tarde. Peguei a carta de Jacob Cringle e li-a de novo.

O estranho era que tinha em mente a possibilidade de dar o novo equipamento à fazenda dos Gringles, dar a Jacob incentivo para que ele trabalhasse mais, pois sabia que ele era um bom fazendeiro. Teria, com o tempo, dado tudo o que ele exigia. Mas ele me detestava... porque pensava que eu era Susannah. Queria dizer-lhe que entendia que ele desejasse vingar-se. Mas como poderia?

Enquanto estava sentada ali, com a carta na mão, a porta se abriu e, para meu terror, vi que Garth estava lá.

— Ah, sua impostorazinha — falou. — Está contente de me ver?

— Não — respondi.

Ele arrancou a carta de mim, e quando a leu sua expressão mudou.

— Homem idiota! — disse. — Ele sabe demais.

— Não vou vê-lo — respondi.

— Mas você precisa ir.

— Vou contar a Malcolm assim que tiver oportunidade. Não precisarei ir ver Jacob Cringle.

Ele ficou pensativo, olhando-me com os olhos apertados.

— Se não o for ver, ele virá ao castelo. Gritará a verdade para que todos ouçam. Você deve vê-lo e explicar-lhe quem é. Diga-lhe isso e o caso acabará. Susannah está morta. É o fim da coisa. É a única saída.

— Acho que deveria contar primeiro a Malcolm.

— Ele só vai voltar tarde da noite. Você tem de ver Jacob primeiro.

Fiquei pensativa.

— Vou com você para protegê-la — falou.

— Não preciso de você comigo.

— Muito bem. Mas não vai ser bom que ele fique por aí contando tudo isso — falou, indicando a carta.

— Vou vê-lo hoje à noite para me explicar.

Ele fez que sim.

Para minha surpresa, não me atormentou mais.

Tinha-me decidido. Iria ver Jacob Cringle. Contar-lhe-ia que não era Susannah, que nunca tinha conhecido seu irmão e que Susannah estava morta. Talvez aquilo o satisfizesse e aplacasse sua ânsia de vingança.

Depois, voltaria e contaria a Malcolm a verdade.

Senti uma sensação de alívio. Minha mascarada estava chegando ao fim. Qualquer que fosse o preço, teria de pagá-lo e enfrentar o que me esperava, pois eu merecia.

O dia parecia não acabar nunca. Fiquei contente quando chegou a hora do jantar, embora não conseguisse comer. Garth, Emerald e eu mantivemos um pouco de conversação. Não consigo lembrar-me do que disse, mas, o que quer que fosse, foi muito vago, tenho certeza. Estava todo o tempo pensando no que iria dizer a Jacob Cringle e, principalmente, como diria tudo a Malcolm depois.

Temia a noite e ainda assim não agüentava esperar que ela chegasse.

Quando a refeição terminou, apressei-me até o quarto e vesti minha roupa de montaria. Eram oito e meia e meu encontro com Jacob Cringle seria às nove horas. Levaria dez minutos para chegar ao celeiro.

Janet entrou. Estava apavorada.

— Você não deve ir — falou. — Não estou gostando disto.

— Preciso ir, Janet. Tenho de falar com Jacob Cringle. Ele merece uma explicação. Seu irmão morreu e ele culpa Susannah. Tomei seu lugar... e acho que lhe devo uma explicação.

— Escrever uma carta como essa... não é pequena chantagem, e chantagistas são pessoas más.

— Não creio que seja tão simples assim. Acho que há uma diferença neste caso. De qualquer forma, já me decidi.

Quando estávamos lá, ouvimos o barulho de cascos de cavalo lá embaixo.

— Deve ser Malcolm — disse Janet, olhando-me prolongadamente.

— Vou contar-lhe hoje à noite. Assim que voltar, lhe contarei.

— Não vá — implorou Janet.

Mas sacudi a cabeça.

Ela ficou quieta, olhando para mim enquanto eu saía.

Na estrebaria, montei meu cavalo. O de Malcolm estava lá. Então era ele que acabara de chegar. Um dos empregados viria logo cuidar do seu cavalo, portanto, tinha de sair rapidamente.

Saí da estrebaria. O celeiro parecia lúgubre à luz do luar. Não me tinha refeito do meu horror ao lugar desde que vira aquela coisa horrível pendurada lá.

Amarrei meu cavalo e enquanto fazia isso, ouvi um cavaleiro se aproximando. Pensei que fosse Jacob. Olhei à volta e uma pessoa pulou do cavalo, ficando a meu lado. Era Garth.

— Vou com você — disse.

— Mas... — comecei.

— Sem mas — ordenou ele. — Não pode arrumar-se sozinha. Precisa de ajuda.

— Não quero ajuda.

— Mas vai ter, quer queira quer não.

Tomou-me pelo braço. Tentei soltar-me, mas ele me segurou com força.

— Venha — falou.

A porta do celeiro rangeu quando a abrimos. Entramos. Jacob se encontrava lá com a lanterna. Vi que o espantalho estava ainda pendurado dos caibros.

— Então a senhorita veio — disse Jacob, assustando-se quando viu que eu não estava sozinha.

— Sim — respondi. — Vim dizer-lhe que está enganado.

— Eu não, senhorita. Não vai convencer-me... Meu irmão Saul se matou, dizem, mas foi a senhorita que o levou a isso.

— Não, não. Não sou Susannah Mateland. Sou sua meia-irmã; tomei o seu lugar.

Garth apertava meu braço com tanta força que machucava.

— Cale a boca, sua idiota — falou ele. Então, ele disse alto, num estrondo:

— O que está acontecendo, Cringle? Está tentando fazer chantagem com a Srta, Mateland?

— A Srta. Mateland nos arruinou, quando levou meu irmão à morte. Perdemos o pé naquela época. Quero uma chance para recomeçar de novo... é só isso... reconstruir a fazenda... como ela o tirou de nós, deve dar isso a nós.

— E o que você fará, meu bom homem, se lhe disser que esse seu trabalho noturno vai custar-lhe a fazenda?

Prendi minha respiração:

— Não... não, não é isso...

— Vou dizer-lhe o que faria — gritou Jacob. — Tornaria este lugar quente demais para abrigar vocês dois. Levaria vocês à Justiça.

— Sabe o que fez Cringle? — murmurou Garth, suavemente. — Acabou de assinar sua condenação à morte.

— O que quer dizer...? — começou Jacob.

Eu gritei, pois Garth tinha tirado uma pistola do bolso e apontava para Jacob. Mas este era rápido demais para ele. Arremessou-se contra Garth e agarrou a mão que segurava a arma.

Os dois homens lutaram. Fiquei encolhida contra a parede.

Então, a porta se abriu e alguém entrou assim que a pistola disparou. Olhei com terror para o sangue espalhado na parede.

A pistola tinha caído no chão, e Jacob Cringle olhava para o corpo que jazia lá.

Era Malcolm que tinha entrado, e ao vê-lo fiquei aliviada. Ele se ajoelhou ao lado de Garth.

— Está morto — disse, calmamente.

Houve um silêncio horrível no celeiro. A luz da lanterna iluminava a cena macabra. Dos caibros, dançava o terrível espantalho, com o rosto na nossa direção... com o talho vermelho na cara em lugar da boca.

E no chão jazia Garth.

Jacob Cringle cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar.

— Eu o matei. Eu o matei. Cometi um crime. Foi obra de Satã.

Malcolm não disse nada por um instante. Pensei que o terrível silêncio fosse continuar para sempre. Era como que um pesadelo. Não podia acreditar que fosse realidade. Desejava desesperadamente acordar em breve. Então, Malcolm falou:

— Temos de fazer alguma coisa... e depressa.

Jacob baixou as mãos e olhou para ele. Malcolm estava pálido; tinha um ar feroz e determinado.

— Ele está morto — falou. — Não há dúvida sobre isso.

— E eu o matei — sussurrou Jacob. — Serei amaldiçoado para sempre.

— Você o matou para se defender — disse Malcolm. — Se não o matasse, ele o mataria. Isso é legítima defesa, e não crime. Temos de agir rapidamente. Agora, ouça-me, Jacob. Deixou que sua ânsia de vingança tomasse conta de seu bom senso. No fundo, você é um bom homem, Jacob, e seria um homem melhor, se não tivesse tanta mania de autovirtude. Temos de agir rapidamente. Pensei em tudo isso muito rapidamente, por isso poderá haver falhas. Em face da situação, pode ser que funcione. Você terá de me ajudar.

— O quê, senhor?

— A partir desta noite você terá um arrendamento da fazenda para você e seus filhos, e terá o equipamento para que a fazenda prospere novamente. Esta moça não é a Srta. Susannah Mateland. Vem-se disfarçando de proprietária do castelo. Você entenderá tudo no tempo devido. Mas poderá haver problemas. Um homem foi morto esta noite e, não importa como aconteceu, farão perguntas e levantarão culpas. Você e eu atearemos fogo ao celeiro, Jacob. Limparemos todos os vestígios do que aconteceu hoje à noite. Deixaremos a lanterna aqui entre o feno. O fogo tem de parecer accidental. Todos devem pensar que duas pessoas morreram no fogo. Garth Larkham e esta senhorita. Será o fim de Susannah Mateland, assim como de Garth Larkham.

Virou-se para mim.

— Ouça com atenção. Você vai voltar ao castelo e pegar todo o dinheiro que puder. Leve meu cavalo, não o seu. Deixe o seu aqui. Tente não ser vista, mas, se for, aja com naturalidade. Não deixe que vejam que está montando meu cavalo, portanto não o leve à estrebaria. Prenda-o na mata, quando estiver voltando para o castelo. Quando houver apanhado o dinheiro, volte onde está o meu cavalo e vá até

a estação Denborough. Fica a trinta e cinco quilômetros. Fique na hospedaria de lá e deixe meu cavalo. Irei buscá-lo amanhã. Tome o trem para Londres. Há um que parte às seis horas da manhã. E quando estiver em Londres, assumo sua própria identidade... e sumo.

Senti-me desesperadamente infeliz. Minha mascarada tinha terminado, assim como tudo o que me era precioso. Podia perceber a frieza em sua voz. Ele me desprezava.

Tinha, naturalmente, toda razão para isso. Mas, pelo menos, estava-me dando uma oportunidade para escapar.

— Passe-me este anel que está usando.

— Meu pai me deu — gaguejei.

— Dê-me — continuou de modo severo. — E também o cinto e o broche.

Com dedos trêmulos, tirei-os, entregando-os a ele.

— Esses objetos poderão provar a evidência de sua presença aqui no celeiro arrasado pelo fogo, embora não encontrem seu corpo. Bem, Jacob, o que me diz disso?

— Vou fazer como o senhor falou. É verdade que não tinha intenção de matar ninguém. Aconteceu.

— Acho que ele tinha intenção de matá-lo, Jacob, para silenciá-lo para sempre. Dê-me a pistola. Ela é do castelo. Vou levá-la de volta. — Virando-se para mim, disse: — O que está esperando? Dê-se por muito feliz. Esta na hora de ir embora.

Saí e ele me chamou.

— Você sabe o que fazer. É importante que não cometa erros. Saia... sem ser vista, se for possível... e não se esqueça, tome o trem das seis horas para Londres.

Saí aos tropeções, como se estivesse tonta. Levei o cavalo dele e fui na direção do castelo.

Ninguém me viu quando entrei no quarto. Janet estava lá, com um ar bastante agitado.

— Mande-o atrás de você — disse. — Mostrei-lhe a carta de Jacob e lhe disse quem você era.

— Oh, Janet — falei. — Chegou o fim. Vou-me embora... esta noite.

— Esta noite! — gritou.

— Sim. Você vai ouvir o que aconteceu. Garth está morto. Mas vai parecer tudo diferente do que na verdade aconteceu. E preciso ir imediatamente... para longe de vocês, Janet.

— Vou com você.

— Não, não pode. Não funcionaria, se fosse. Tenho de desaparecer e as pessoas terão de pensar que morri queimada no celeiro com Garth.

— Não estou compreendendo nada — disse Janet.

— Vai compreender... e saberá a verdade. É o fim. Tem de ser o fim. Tenho de obedecê-lo. Ele disse que não me demorasse e partisse depressa. Preciso ir. Vou para Londres. Tenho de iniciar vida nova para mim.

Janet saiu correndo do quarto enquanto eu juntava todo o dinheiro possível. Não era muito, mas, economizando, poderia durar uns meses. Ela voltou com uma sacola cheia de moedas e com um broche de camafeu.

— Leve isso — falou. — E avise-me sobre o que acontecer. Escreva para mim. Prometa. Não... jure. Sempre me ponha a par de onde você vai estar. O broche foi Anabel quem me deu. Deve valer algum dinheiro.

— Não posso aceitar isso, Janet.

— Pode e ficarei mortalmente ofendida, se não aceitar. Leve tudo... e avise-me onde vai estar... sempre.

— Avisarei, Janet.

— É um juramento solene.

Ela pôs os braços à minha volta e ficamos abraçadas por um momento. Era a primeira vez que via Janet demonstrar grande emoção.

Depois, saí do castelo. Fui ao lugar onde tinha prendido o cavalo de Malcolm. Parei só por um instante para voltar a ver o castelo brilhando como um fantasma ao luar.

Quando estava indo embora, vi um tumulto do outro lado da mata. Podia sentir o cheiro acre do fogo e sabia que o celeiro estava agora queimando. Destruía a evidência do que acontecera naquela noite. Garth estava morto; Susannah estava morta. A mascarada havia terminado.

CAPÍTULO 9

Depois da mascarada

Três meses se passaram.

Não me considero infeliz. A Sra. Christopher é boa para mim. Levanto-me todos os dias às seis e meia, faço chá, levo-o para ela, puxo as persianas e pergunto se ela teve uma boa noite. Depois, tomo meu café, que uma das empregadas me traz com um pouco de má vontade, pois não vê por que tem de servir uma acompanhante. Depois, ajudo a Sra. Christopher a fazer a toalete. Ela tem reumatismo e sente dores quando anda. Depois disso, levo-a para dar uma volta de manhã na cadeira de rodas. Sigo pelo passeio público, pois estamos em Bournemouth, e ela para e conversa com os conhecidos enquanto fico de pé, e às vezes recebo um frio bom-dia dirigido a mim.

Depois, levo-a de volta. De tarde, enquanto ela descansa, dou uma volta com o cachorro pequinês, um animal mal-humorado, que gosta tanto de mim quanto eu dele, o que significa haver um estado de neutralidade armada entre nós que pode tornar-se guerra a qualquer instante. Vou à biblioteca pública e escolho uns livros — românticos contos de amor e de paixão — que agradam à Sra. Christopher. No devido tempo leio-os para ela.

Assim, transcorrem os dias.

A Sra. Christopher é bondosa e tenta tornar a vida fácil àqueles que estão à volta, e aprecio isso, depois de ter passado umas semanas a serviço de uma viúva rica em Belgrave Square. Eu era o que se chama de "secretária social", o que consistia em uma variedade de tarefas, todas a ser executadas com o máximo de pressa e eficiência de uma só vez. Creio que teria agüentado o trabalho, mas o que não suportava era o temperamento autoritário da viúva. Então, despedi-me e por grande sorte encontrei a Sra. Christopher.

Passei da humilhação ao tédio, e creio que o tédio era mais suportável, porque já tinha experimentado a humilhação.

Mantive minha promessa e escrevi regularmente a Janet, dando-lhe detalhes da viúva e da Sra. Christopher, e estou certa de que ela ficou chocada que uma Mateland tenha tal destino, mesmo sendo ilegítima.

Soube por ela o que tinha acontecido.

Imaginou-se que Garth e Susannah foram ao celeiro por alguma razão e tivessem levado a lanterna com eles. A lanterna tinha sido derrubada e ateado fogo ao feno seco, que se fez em chamas num minuto. Não tinham conseguido sair do celeiro e foram incinerados. Encontraram restos do corpo de Garth e, embora não houvesse vestígios de Susannah, algumas de suas jóias e um cinto, que sabiam que ela estava usando naquele dia, foram identificados.

Malcolm tinha assumido o castelo. A fazenda dos Cringles estava começando a ter o aspecto que tinha antigamente, antes da morte de Saul. Leah teve o bebê, um menino. Ficara muito aflita com a morte de Susannah.

Essas eram as notícias que eu tinha do castelo.

Quanto a mim, devia ser grata por ter-me livrado tão bem. Tudo o que tenho de fazer agora é levar adiante a vida que estou vivendo e, à medida que o tempo passar, aquela mascarada arrojada vai ficar para trás, no passado.

Quando andava pelo passeio público com o pequinês tentando morder meus calcanhares, quando me afundava nos livros da biblioteca, pensava muito em Malcolm.

Naturalmente, ele ficara desgostoso com a minha impostura. Tive consciência disso no celeiro. Ainda assim tentara salvar-me. Tinha livrado Jacob Cringle de coisas desagradáveis, pois, embora ele fosse inocente do assassinato, teria dificuldade em prová-lo. E o que poderia ter acontecido a mim? Se Garth tivesse matado Jacob, eu teria ficado numa posição muito perigosa. Poderia ser implicada no crime. Ficava gelada de frio quando pensava nisso. Poderia ter sido acusada. Poderia ter havido uma razão forte, certamente, para eu querer ver-me livre de Jacob. O que Garth teria feito e teria dito então? Ele era totalmente sem escrúpulos, eu sabia. Teria fugido e me deixado ser acusada?

Mas eu tinha sido salva... por Malcolm. Ele tornara possível que a Susannah que eu criara morresse, deixando a mim, Suewellyn, livre para enfrentar a vida.

Tento não pensar nele, mas é impossível; está sempre em meus pensamentos. Às vezes, quando estou lendo, profiro as palavras sem pensar no seu significado, porque meus pensamentos estão no castelo, naqueles dias, parecendo agora tão distantes, quando Malcolm e eu andávamos a cavalo juntos e falávamos com tanta seriedade sobre os problemas do castelo.

Como tenho vontade de ir lá de novo! Quero passar sob o pórtico, olhar aqueles inexpugnáveis muros e sentir o brilho de orgulho na casa de meus ancestrais.

Mas tudo se foi. Está tudo perdido para mim. Nunca voltarei a vê-lo.

— Você está sonhando — costumava dizer-me a Sra. Christopher.

— Desculpe — respondia.

— Era um amante falso? — perguntava ela, esperançosa.

— Não... eu nunca tive um amante.

— Alguém que nunca se manifestou?

Ela dava uma palmadinha na minha mão. Era romântica. Vivia dos livros que líamos; chorava pelas pessoas boas que eram enganadas e ficava enraivecida com os maus.

— Você é jovem demais para ficar fechada aqui tomando conta de uma mulher velha — disse ela, um dia. — Talvez encontre uma boa pessoa no passeio público um dia desses.

Comecei a gostar dela e creio que ela gostava de mim, embora achasse que não queria perder-me, sabia que ficaria feliz se um herói bonito se apaixonasse por mim quando estivesse dando meu passeio e me levasse embora para se casar comigo.

Assim é que não podia queixar-me. Quando pensava na viúva, ficava muito grata à boa sorte que me trouxera até onde estava a Sra. Christopher.

Era um dia frio e ventoso de outubro. Era sempre muito frio por onde caminhava e ficava difícil segurar meu chapéu e controlar o cachorro na coleira. Ele sabia da minha dificuldade, tenho certeza, e a toda hora se sentava, recusando-se a sair de onde estava, de forma que eu tinha quase que arrastá-lo.

Quando cheguei em casa a empregada me disse que a Sra. Christopher queria ver-me.

Ela estava agitada, com as bochechas rosadas e o cabelo ligeiramente despenteado, pois tinha o hábito de puxá-lo, quando ficava excitada.

— Uma pessoa veio procurá-la — disse-me, com os olhos arregalados de curiosidade.

— A mim? Tem certeza?

— Tenho. Disse seu nome com muita clareza.

— Um homem... ?

— Oh, sim. — A Sra. Christopher fez uma covinha no rosto. — Um homem de aspecto muito distinto.

— Onde está ele?

— Ficou aqui. Está na sala de visitas. Não o deixei ir embora. Disse-lhe que você voltaria logo e fecheio-o lá dentro com a *Lady's Companion*.

— Oh, muito obrigada...

— É bom se arrumar primeiro, hem? Seu cabelo está despenteado... e talvez devesse vestir uma blusa mais bonita.

Arrumei-me um pouco e fui para a sala de visitas. Malcolm se levantou, quando eu entrei.

— Alô — disse ele.

— Alô — respondi. Ficou de pé olhando-me.

— Então você mora aqui. Acompanhante de uma senhora idosa?

Fiz que sim.

— Eu deveria ter vindo antes — falou.

— Oh, não... não... foi bom ter vindo agora. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Está tudo bem.

— Tenho notícias através de Janet.

— Sim, encontrei você através dela. Funcionou como eu esperava. Aceitaram que Garth e Susannah tivessem ido ao celeiro juntos. Havia boatos quanto à ligação deles, portanto deu certo. Fez-se uma busca para encontrar o corpo de Susannah, mas ficaram satisfeitos com os restos carbonizados do cinto e com as jóias que foram encontradas. Janet identificou-os, e outras pessoas também. Deixei seu cavalo lá para ser encontrado com o de Garth e fui buscar o meu no dia seguinte. Tudo funcionou exatamente como planejei.

— Foi um plano inteligente.

— Assim, Susannah está morta agora — continuou. — Leah Chivers ficou muito triste, mas agora tem o bebê e parece contente.

— E o castelo?

— Vai tudo bem. Deixei-o a cargo das mãos capazes de Jeff Carleton. Ele se arrumará enquanto eu estiver fora.

— Então você vai viajar?

— Creio que para a Austrália.

— Vai ser interessante.

Antes ele não tivesse vindo. Trazia-me de volta minha casa e meu sentimento por ele, e meu desejo de estar com ele.

— Tenho uma boa razão — falou. — Estou pensando em me casar.

— Bem... boa sorte. É alguém da Austrália?

— Não... Mas iremos para lá depois da cerimônia... se ela concordar.

— Imagino que vá convencê-la. — Tinha vontade de gritar para ele: "Vá embora. Por que vem aqui rir de mim?" Porém, falei: — Suponho que tenha ficado muito chocado com o que fiz. Deve desprezar-me por isso.

— Fiquei chocado num certo sentido... mas creio que devia ter sabido que você não podia ser Susannah.

— Então... realmente não o enganei.

— Eu tinha uma grande aversão a ela. Sempre tive... desde o tempo em que éramos crianças. A mudança... era milagrosa demais para ser real. — Fez uma pausa. — Creio que subconscientemente senti que estava acontecendo alguma coisa... alguma coisa estranha. Susannah não poderia ter mudado tanto.

— Oh, então... desejo-lhe tudo de bom... no seu casamento.

— Suewellyn, você certamente está vendo onde quero chegar. Tudo depende de você.

Fiquei olhando para ele.

— Queria vir antes. Tive pena de mandá-la embora assim. Parecia a única saída para uma situação difícil. Então, descobri que a querida Janet sabia onde você estava.

— Querida Janet — ouvi-me dizendo.

— Agora fiz um plano.

— Você é bom para fazer planos.

Então, de repente o mundo todo pareceu estar cantando, pois ele tinha posto minhas mãos na sua.

— O plano é o seguinte — falou, com seriedade. — Vou à Austrália e lá, por uma coincidência milagrosa, encontro minha parente perdida há tanto tempo...

prima de segundo ou terceiro grau... ou qualquer coisa assim... de qualquer forma, Suewellyn. Ela vivia na Ilha Vulcão com os pais, mas estava visitando uns amigos em Sydney, quando houve a erupção vulcânica. Ficou em Sydney e, quando eu estava lá, encontrei uma moça que me chamou atenção por sua semelhança com minha própria família. Apaixonamo-nos e casamos. Persuadi-a a deixar Sydney, e é claro que você sabe quem era ela. Há um problema nesse plano.

— Qual é?

— Casaremos antes de ir, mas terá de ser em segredo. Iremos para a Austrália *depois* do nosso casamento. Talvez visitemos a Ilha Vulcão. Ou seria muito triste para você? Não queremos mais tristezas. Então, voltaremos para casa... para o nosso castelo. Só há uma coisa que preciso descobrir.

— O que é?

— Se você concorda.

Sorri para ele e disse:

— Não estou sonhando, estou?

— Não. Está muito bem acordada.

Então, ele me abraçou com força e eu gostaria que aquele instante durasse para sempre. A sala de visitas da Sra. Christopher, com os seus retratos de cachorrinhos que a tinham encantado no passado, pareceu-me o lugar mais bonito do mundo.

Depois, fomos falar com ela, e a boa senhora ficou radiante, dizendo-nos que era como nos romances que eu lia para ela, e que estava feliz por nós dois. Não se importou nem um pouco em ter de colocar outro anúncio na *Lady's Companion*, pedindo alguém que passeasse com o cachorro e buscasse os livros na biblioteca.

Dentro de um mês, estávamos casados. Partimos da Inglaterra no *Ocean Queen* e atravessei os mares para o outro lado do mundo na maior alegria. Estávamos tão felizes... ainda mais porque tínhamos perdido um ao outro por algum tempo.

Ficamos em Sydney entre os criadores de gado e os mineiros bem-sucedidos, e fomos à Ilha Vulcão. Foi muito comovente ver as canoas em forma de lua crescente vindo até o navio. Fiquei de pé na areia da praia e olhei para o Gigante que tinha feito tamanha destruição. Estava quieto agora. Tinha terminado seu resmungo. Já havia algumas choças aqui e ali, e os coqueiros que escaparam ao holocausto estavam frescos e verdes e carregados de frutos. Outros seriam

plantados. Talvez Vulcão viesse a ser habitada novamente.

No tempo devido, voltamos para a Inglaterra e lá estava o castelo, o mesmo de há centenas de anos.

Os empregados vieram cumprimentar o mestre e a nova noiva Mateland que tinha sido encontrada na Austrália e que acontecia ser uma parenta, uma verdadeira Mateland.

Janet estava lá.

Assim que cheguei ao quarto, veio ver-me. Pela segunda vez, ela deu vazão à emoção. Foi quando preendi na sua blusa o broche de camafeu que tinha guardado para ela.

Então, ela me olhou e disse:

— Está tudo bem. Você conseguiu vencer, hem? Depois de todos os seus pecados...

— Sim, Janet — falei. — Depois de todos os meus pecados, eu venci.

FIM

ePub:



Doc:
Marina

Revisão:
Marlene C